

VICTOR LODATO

Mathilda  
Savitch



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

VICTOR LODATO

# Mathilda Savitch

TRADUÇÃO DE VERA RIBEIRO



Copyright © 2009 Victor Lodato

TÍTULO ORIGINAL

Mathilda Savitch

CAPA

Denis Hoch Graphic Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Editoriarte

PREPARAÇÃO

Ana Julia Cury

REVISÃO

Bruno Fiuza

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

E-ISBN

978-85-8057-167-7

Edição digital: 2012

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



*Para minha mãe, Sophie, sempre presente*

*Porque as crianças são inocentes e amam a justiça,  
enquanto a maioria de nós é má e, naturalmente, prefere  
a misericórdia.*

G. K. CHESTERTON

# PARTE UM



Quero ser horrível. Quero fazer coisas horríveis, por que não? Chatice, chatice, minha vida é uma chatice. Como agora: é noite, ainda não está na hora de dormir, mas é muito tarde para ir para a rua, e eles dois lendo, lendo, lendo, com os olhos se mexendo feito as luzes dentro de uma máquina copiadora. Quando ajudei a pôr a louça na lavadora mais cedo, quebrei um prato. E disse: desculpe, mamãe, ele escorregou. Mas não escorregou, é que às vezes eu sou assim, e quero ser pior.

Já machuquei criaturas, os garotos me mostraram como fazer isso. Arrancar pernas de aranhas e coisas do gênero. Kevin Ryder, vizinho aqui do lado, e seus amigos me deixaram entrar no forte deles. Mas isso foi há muitos anos, eu era pequena, não fazia diferença se era menino ou menina. Agora seria contra a lei entrar no forte deles, eu acho. A lei da minha mãe. Por que você não fica em casa?, ela pergunta. Tome cuidado lá fora, é o que diz toda vez que saio pela porta. Mas será que são só palavras?, fico pensando. Até onde ela se importa de verdade? Em quem ela pensa, realmente, quando pensa em mim? Tenho minhas suspeitas. E, de qualquer modo, será que os garotos ainda têm um forte? É provável que tenha sido tudo destruído, há muito tempo. Era um forte no bosque, feito de gravetos, cobertores e folhas. Essas coisas não duram para sempre.

E, além disso, agora eu sei coisas sobre o meu corpo que não sabia naquela época. Não sou a inocente de ontem, isso é certo.

Ser horrível é fácil quando a gente faz disso a única coisa que importa. Às vezes eu belisco o Luke. Luke é o nosso cachorro. Não se pode beliscar todos os cachorros, alguns mordem. Mas o Luke é um cachorrão velho e

meloso, só quer saber de amor, amor, amor, e por isso nunca morde. Passo uns minutos fazendo carinho nele, toda boazinha e cheia de ternura, e de repente lasco-lhe um beliscão, e ele dá um latido e sai andando em círculos pelo cômodo, procurando o beliscador misterioso. Ele nem sequer suspeita de mim, para ver como o amor o deixa cego. Mas acho que, se você me encostasse um revólver na cabeça — você gosta ou não gosta dele? —, eu teria de dizer que adoro aquele cachorro idiota. Faz uma eternidade que ele está conosco, e ele dorme na minha cama.

Se quer saber, eu nasci nesta casa, com esse cachorro e com aqueles dois ali, que tinham de ser justamente professores. Uma casa triste. Se a visse de fora, você juraria que ela tem um rosto, pelo jeito como são as janelas. Olhos de janela, nariz de janela e uma porta no lugar da boca. Oi, casa, eu digo toda vez que chego. Digo isso desde que me entendo por gente. Há outras coisas que eu digo, melhores do que essa, mas não conto a ninguém. Tenho segredos, e terei ainda mais. Uma vez, li a história de uma garota que morreu e, quando abriram a barriga dela, encontraram um medalhão de ouro e as penas de um passarinho. Ninguém conseguiu entender. Bem, eu sou assim. Esta é a minha história, só que, o que vão encontrar na minha barriga, quem sabe? Decididamente, é uma coisa para se pensar.

Por um segundo, vendo-os ler, tenho a impressão de que mamãe e papai viraram pedras. Então, onde está aquela mulher cheia de cobras no cabelo?, pergunto a mim mesma. Será que sou eu? Depois, vejo os livros se mexerem um pouquinho, pra cima e pra baixo, e sei que mamãe e papai estão respirando, graças a deus. Luke é uma grande poça de pelos no tapete, perdido na terra dos sonhos. De repente, ele solta um pum e abre um olho. *Oh, o que foi isso?*, pensa, intrigado. *Quem está aí?* Grande cão de guarda! Não sabe a diferença entre um pum e um ladrão. E é preguiçoso demais para investigar. Desde que não tirem o tapete de debaixo dele, Luke não está nem aí. Praticamente sei ler seus pensamentos. Médiun de animais, esse seria o trabalho perfeito pra mim. Os únicos bichos que não sou boa em compreender são os pássaros. Os

pássaros são os lunáticos do mundo animal. Você já os observou? Nossa, eles são malucos! Nem quando cantam eu confio neles cem por cento.

Detesto esse silêncio. Um pum fedorento de cachorro e, depois, nada; a gente quase chega a pensar que ficou surda. Uma pessoa na minha situação começa a pensar em muitas coisas, até na morte. Na morte e no tempo, e em por que às vezes sinto medo à noite, sentada vendo os dois lerem, quase sem respirar, a não ser pelos livros que se mexem pra cima e pra baixo, feito uma boia na superfície do mar. E mamãe bêbada de novo é outra questão, mas quem é que quer saber disso? Cale a boca e cuide da sua vida, penso eu. Ela é um homem livre em Paris. Que é uma música que mamãe costumava cantar quando havia música aqui em casa. Bota tempo nisso.

Ah, e o infinito! Está de novo na minha cabeça. É capaz de manter a pessoa acordada a noite inteira, a ideia disso. Você já experimentou? Pensar no infinito? Não dá. É pior do que pensar nos passarinhos. Você diz com seus botões: está bem, imagine que o espaço termina, o universo termina, e bem no fim há uma parede. Mas aí a gente pergunta: o que há atrás da parede? Mesmo que fosse sólida, ela seria uma parede sólida que continuaria para sempre, uma parede sólida para o infinito. Quando me atolo pensando nisso, o que eu faço é arrancar uns fios de cabelo do alto da cabeça. Arranco um de cada vez. Não dói. Você precisa ter dedos de cirurgião para separar os fios e ter certeza de que há apenas um entre os dedos, antes de puxar. Tem que se concentrar muito nessa operação, e por isso ela impede você de pensar em outras coisas. Acalma.

Ele está lendo um livro sobre a China e ela está lendo uma coletânea da prosa de Ezra Pound, esse é o resumo da história. Ela está descalça e ele, de sapatos. Vênus e Marte, se você quer saber. E eu sou a Terra, embora eles nem saibam.

Quando junto um montinho de cabelo, o que costumo fazer é jogar uns fios no vaso sanitário e guardar o restante num pote. Sei que isso é perigoso, porque, se alguém achasse o cabelo, poderia usá-lo para fazer uma boneca que me representasse, e então eu ficaria sob o seu poder para sempre. Se queimassem a boneca, eu morreria, desapareceria. No infinito.

— O que você está fazendo? — pergunta mamãe. — Pare de puxar o cabelo — diz, e cruza as pernas. — Você não tem nada para ler?

Livros de novo. Dá vontade de gritar. Quer dizer, gosto de livros e tal, mas não quero fazer disso uma carreira.

— Eu só estava pensando — respondo.

Ela diz que a deixo nervosa, encarando-a desse jeito, e pergunta por que não vou dormir.

Mamãe já foi bonita, antes que eu a conhecesse. Tem fotografias que comprovam isso. Era de uma beleza ímpar, diz meu pai. Agora tem cara de quem andou chorando, mas é só a leitura, e também a redação. Corrigir provas o tempo todo e redigir suas anotações. Se ela chora, não estou sabendo de nada, não é a mim que devem perguntar. Se ela quisesse chorar, eu não a censuraria. Ela tem uma porção de razões pra isso.

"O que você está escrevendo?", perguntei-lhe uma vez. "O grande romance", ela disse. Não sei se estava brincando. Durante muito tempo, achei que talvez estivesse mesmo escrevendo o grande romance, e me perguntei que tipo de papel eu teria nele.

— Suba — diz ela. — O seu cabelo está merecendo um xampu, quando foi a última vez que o lavou?

Mamãe gosta de me constranger diante de papai, que conseguiu conservar sua beleza sabe-se lá como. Ele não se importa se o meu cabelo está sujo ou limpo, mas, mesmo assim, ninguém quer ser apontado como seboso diante de uma pessoa como ele. Impecável, é assim que ele é, como um gato.

— Eu o lavei ontem.

Mamãe vira-se para mim e faz aquele negócio de semicerrar os olhos, que quer dizer: você é uma grande mentirosa, Mathilda.

— Boa noite, papai — digo, correndo escada acima.

— Boa noite, sonhe com os anjos — responde ele. É seu cumprimento-padrão, mas, mesmo assim, é gostoso de ouvir. Pelo menos é alguma coisa.

— E lave essa cabeça — vem o finalzinho da voz de mamãe, acompanhando-me escada acima.

Mamãe é engraçada; ou não diz nada, ou precisa dizer a última palavra. Nunca sei qual mãe esperar, e não consigo decidir qual delas é pior. Nos últimos tempos, tem sido quase sempre a mãe calada. Amanhã vou quebrar outro prato. Isso já está planejado.

\* \* \*

No meu quarto, eu me olho no espelho. É incrível como a gente tem a mesma cara o tempo todo. Ou será que é só um truque? Porque é claro que a pessoa muda, o rosto e tudo o mais. A cada segundo que passa, você é outra pessoa. Isso é incontrolável. O relógio bate, está tudo normal, mas há uma sensação de expectativa na barriga. *O que vai acontecer, quem você se tornará?* Às vezes eu gostaria que o tempo se acelerasse, para poder ter agora o rosto do meu futuro.

Depois de largar o espelho, arrumo uns papéis e livros na escrivaninha, até alinhá-los com a borda. Também me certifico de que nada encoste em nada e de que tudo fique a uma distância igual. É só uma aproximação, não uso régua nem nada. Faz mais ou menos um ano que venho fazendo isso, alinhando as coisas. É como arrancar o cabelo. Basicamente, é uma mágica contra a infinitude.

Quando papai entra no meu quarto, eu estou sentada na cama. Talvez eu tenha passado uma hora ali, quem sabe.

— Eu ia tomar banho — comento. — Esqueci.

Ele se senta a meu lado e tenta me olhar, só que agora já não é tão bom nisso. Seus olhos ficam oscilando, quase como se ele tivesse medo de mim. Papai costumava afagar meu cabelo, mas isso faz praticamente um milhão de anos, eu era um bebê. Ainda assim, é um momento agradável, só nós dois, sentados lado a lado. Mas aí, de repente, lá está ela, enfiando a cabeça na porta.

— Eu sei — digo, sem que ela precise falar nada. — *Eu sei, mamãe.*

— Você está bem? — ela pergunta. Mas não é uma pergunta de verdade. Eu gostaria que fosse, mas não é.

Papai se levanta e dá um tapinha no meu cabelo sujo, e suponho que eu devesse ficar envergonhada, mas afinal, que importância tem? Isso faz parte de ser horrível, não dar importância a nada. E o que também faz parte é uma ideia que de repente me veio à cabeça. A ideia de que poderia ser a própria mãe de uma pessoa a fazer uma boneca com seu cabelo e jogá-la numa fogueira. Ela a veria ser devorada pelas chamas e depois iria dançando para a cama, rindo, fazendo sexo e derramando gotinhas de perfume pelos lençóis, como se nada tivesse acontecido. Eu não duvidaria de que ela fosse capaz disso.

Mas não me entenda mal. Eu amo minha mãe. Este é outro dos meus segredos.

A questão é que *não posso* amá-la, não na vida real. Porque seria degradante para mim. Amar alguém que me despreza, e é bem possível que ela me despreze. Você devia ver o olhar dela para mim, às vezes. E depois, ela já nem é mãe, é só um planeta com um rosto. O papai tem mãos, pelo menos.

— Boa noite, mamãe. Boa noite, papai — digo. E eles simplesmente me deixam, sem fazer a menor objeção. Saem, *puf*, e para onde vão? Só sei que não estou cansada, e não vou tomar porcaria de banho nenhum, nem vou ler um livro idiota pra escola sobre o rei e a rainha da Espanha. Vou só ficar sentada nesta cama e, se quiser arrancar uns fios de cabelo da cabeça, vou arrancar, e ninguém pode me impedir.

\* \* \*

Seis fios. Castanhos, mas, quando examino de perto, vejo que são quase vermelhos na parte mais próxima da raiz. Como o cabelo de outra pessoa. Como outra pessoa dentro de mim, que está só começando a se contorcer

para sair, feito uma planta brotando. Não assusta nem um pouco. Na verdade, tenho esperado por ela.

Sei que você não pode ver nada, aí de onde está.

Tem só que acreditar em mim.

As aulas recomeçaram há uma semana e tenho o grande prazer de informar que Anna McDougal, minha melhor amiga, está na minha turma. De modo geral, temos uma combinação interessante de pessoas este ano. Ninguém, exceto Anna, tem qualquer importância para a história da minha vida, mas uma lista é sempre algo bom. Vou fazer uma para você, com breves comentários.

Libby Harris tem uma verruga desastrosa na ponta do nariz. É realmente uma pena, porque ela é muito quieta e boazinha. Seu pai é advogado, de modo que, conseqüentemente, ela vai acabar fazendo uma cirurgia plástica.

Sal Verazzo é basicamente a pessoa mais gorda da escola. Cabelo preto, possivelmente graxa de sapato. Acha que é um astro do rock. Completamente perturbado.

Sue Fleishman é alta e tem o cabelo ondulado. Não anda, meio que desliza pelo chão, como se estivesse de chinelos. É um jeito idiota de andar, mas os garotos babam por ela.

Barbara Bradley sempre carrega petiscos. Tem permissão para comê-los durante as aulas. Parece que tem uma doença.

Jack Delaney é meu admirador, mas nunca nos falamos. Tem uma camisa com o desenho de um macaco grosseiro. É viciado em sexo, ou será.

Mimi Brockton é aleijada! Vivo olhando para ela, não me canso de olhar. Cabelo ruivo. Sei que eu não devia dizer "aleijada", mas na verdade é a melhor palavra.



Donna Lavora vomitou várias vezes desde que entrou na nossa escola. Não vai se dar bem na vida.

Max Overmeyer tem cara de quem vive num barraco. Tem um cheiro estranho. Provavelmente, vítima da pobreza.

Eyad Tayssir tem dentes brancos perfeitos, mas a gente quase nunca os vê. Ele não é de sorrir muito. É do Oriente Médio, não sei exatamente de que país.

Dizem que Mary Quintas tem grande talento pra cantar, mas já ouvi melhores. Ela quer fazer dupla comigo, feito irmãzinhas esnobes, mas não estou interessada.

Lonnie Tyson ainda pensa que vai ser astronauta. Tem belos músculos.

Carol Benton é a pior. Pedante, espalhafatosa e com peitões. Sem atrativos, mas adorada pelos homens. Parece não gostar de mim.

Bruce Sellars é engraçado e ouvi dizer que sabe fazer mágicas. Já o vi conversando com Carol Benton, infelizmente.

Chris Bibb, conhecido como Babão, voltou bronzeado para a escola, mas isso não combina muito com ele.

A encantadora Anna McDougal, é claro. Com quem tenho uma relação importante, mas tempestuosa. Falo mais disso depois.

Kelly Graber tem dentes horríveis. Desconfio que é mal-amada. Boa nos esportes.

Lisa Mead come salsichão de fígado. Todo dia!

Lucas London é muito branco, mas acho que não é albino. Quando ele fala, as mãos tremem. Parece um cordeirinho. É tão pequeno que a gente chega quase a ter vontade de carregá-lo.

Avi Gosh é a única pessoa mais inteligente que eu. Tem olhos de menina, mas é muito seguro de si. Rico. Às vezes, usa sandálias.

Provavelmente eu estou esquecendo alguém, mas, se estiver, com certeza há uma razão para isso. Algumas pessoas parecem fantasmas, não se consegue captá-las, ou então, quando se consegue, elas não passam de um borrão.

Mas, na verdade, é incrível estar, todos os dias, perto de tipos tão diferentes. Às vezes, observá-los é como assistir ao Animal Planet. Todo

mundo vivo e faminto, e de vez em quando Sal Verazzo fica tão doido pra contar uma história que começa a voar cuspe da sua boca. E de manhã, pouco antes de começar a aula, quando todos falam ao mesmo tempo, parece um rádio sintonizado entre duas estações. Só que não são duas estações, é mais parecido com cem. O que as pessoas dizem não tem pé nem cabeça. Nem parece inglês, tem um som de bolhas saindo de lama fervendo. E se eu escuto por muito tempo, aquilo começa a me incomodar. Provavelmente, o som do inferno deve ser assim. Uma vez eu vi o inferno num filme e era bem incompreensível. Tive que desligar.

Tenho uma irmã que morreu. Já lhe contei isso? Contei, mas você não se lembra, não entendeu o código.

O nome da minha irmã era Helene. Helene e Mathilda. Todos diziam que éramos o oposto uma da outra. Noite e Dia, essa era a expressão famosa. Sou a mais nova, mas ainda não me parece normal que Helene tenha morrido primeiro.

Ela morreu há um ano, mas às vezes, na minha cabeça, foi há cinco minutos. De vez em quando, de manhã, ainda nem aconteceu. Por um segundo eu fico confusa, mas aí volta tudo. Acontece de novo.

Helene tinha dezesseis anos quando se foi. Praticamente dezessete, faltavam poucos meses. Mas às vezes, pela forma como ela se vestia, a gente achava que era até mais velha. Além disso, também tinha um jeito deslumbrante de andar. Quem não a conhecesse podia achar que ela estava se exibindo, mas a verdade é que ela simplesmente tinha um balanço natural. E a isso é preciso acrescentar as pernas. Iam daqui até Las Vegas, foi assim que mamãe descreveu o comprimento delas uma vez.

Algumas lembranças que tenho de Helene são do começo da minha vida, quando eu era um bebê. Mamãe me olha como se eu fosse maluca quando digo que me lembro do dia em que Helene estava me carregando, começou a correr e trepou numa cerca ainda comigo no colo.

— Que cerca? — mamãe pergunta.

— Uma cerca branca — respondo.

Quando digo isso, meu pai põe a mão no meu braço.

— Pare — ele diz. Ultimamente, essa vem se tornando sua palavra favorita.

Penso muito em Helene, mas, basicamente, não tenho permissão para falar dela. Com mamãe e papai, quero dizer. Não que isso seja uma regra. É mais parecido com uma lei, eu acho.

A outra lembrança que tenho é de Helene comigo num buraco escuro e úmido. Por algum motivo, estávamos de cabeça para baixo. Lembro-me da água entrando na minha boca. Talvez estivéssemos num poço, essa é a primeira ideia que me ocorre.

— Vocês nunca caíram num poço — diz mamãe.

— E numa sepultura, ou numa vala? As pessoas vivem caindo em valas — argumento.

Mamãe fica branca, como se eu fosse o vampiro das perguntas. Meu lindo papai me olha e eu paro.

A questão é que Helene morreu por causa de um trem. O problema é esse. Ela não pulou, um homem a empurrou. Não sabemos quem era esse homem, e a polícia diz que, a esta altura, provavelmente nunca saberemos.

Eu não estava lá quando isso aconteceu. Nem mamãe ou papai. Por que motivo ela estava na estação de trem ainda é uma grande questão. Um namorado, é isso que eu acho. Helene tinha muitos namorados, às vezes até garotos de outras escolas, em outras cidades. Ela era bem popular. Tinha cabelo ruivo, o cabelo mais incrível do mundo.

Aconteceu numa quarta-feira, um dia supercomum. Foi no meio da tarde. Um homem empurrou Helene na frente de um trem, é inacreditável. Sempre acho que houve um engano. Mas aí fica confirmado que foi isso mesmo.

Você acredita em maldições? Acredita que possa haver uma maldição contra uma pessoa, ou um bando de gente ao mesmo tempo, como uma maldição familiar? Como é que todos vamos morrer? É o que eu me pergunto. E quando?

Helene ia ser cantora. Era cantora. Existem gravações. Papai as fez em seu gravador antigo. Agora ninguém consegue ouvi-las, elas são a coisa mais perigosa do mundo. Numa das fitas, papai canta uma música boba

com Helene. Os dois riem e cantam ao mesmo tempo. Se você a ouvisse agora, seria papai cantando com um fantasma. As risadas deixariam qualquer um arrasado.

Mamãe diz que perdeu as gravações, mas eu sei onde ela as guarda. Além do mais, também tenho coisas escondidas. No meu quarto, embaixo da cama, tenho uns cadernos escolares de Helene. Tenho cartas, desenhos e cartões de aniversário. Também tenho uns e-mails que ela imprimiu. E ainda existem toneladas de coisas que ficaram no quarto dela. Uma pessoa, mesmo aos dezesseis anos, deixa muita coisa quando se vai. Durante um longo tempo, não consegui olhar para nada daquilo, mas depois me dei conta de que poderia haver pistas. Comecei a passar mais tempo no quarto de H, mas só quando estou sozinha em casa. O quarto é melhor do que o meu e eu não me incomodaria de ficar com ele. Mas mamãe nunca permitiria. Às vezes eu deixo a porta do quarto de H aberta, mesmo sabendo que isso irrita mamãe.

Lembro-me de uma vez, quando eu era pequena, em que eu estava olhando pela janela de H e vi um beija-flor. Depressa, eu disse, mas, quando Helene chegou, ele tinha ido embora. Talvez ele volte, ela disse, e ficamos na janela por quase um minuto, esperando. Acho que não tínhamos nada melhor para fazer. Quando penso em nós duas paradas lá, esperando por aquele passarinho idiota, isso me deixa louca, por alguma razão. Sinto vontade de gritar.

Por que uma pessoa empurra outra para debaixo de um trem? Será que isso tem algum significado para a pessoa que empurra? A explicação de quase todo mundo é "louco". Vozes de demônios mandando-o fazer aquilo. Mas a minha pergunta é como foi que ele fugiu. Não faz sentido. Dois homens da estação de trem disseram que tentaram agarrá-lo, mas ele escapuliu. Apenas empurrou minha irmã e se mandou. A polícia diz que isso vive acontecendo.

Na minha cabeça, é quase como se o homem houvesse desaparecido depois do que fez. Como se só tivesse uma tarefa na Terra: matar Helene. E, feito isso, não lhe restou mais nada senão sumir.

Eu o odeio. É um sentimento monstruoso. Nunca senti nada igual. Se soubéssemos quem ele é, estaria na cadeia. Poderíamos ir até lá e lhe fazer perguntas. Mamãe e papai não iriam, mas eu sim. Eu o atacaria por todo lado. Mesmo que a culpa fosse das vozes de demônios, eu arrancaria os demônios dele e faria com que se explicassem. Usaria todos os recursos da minha magia.

A próxima quinta-feira será de novo o dia em que Helene morreu. Vai fazer um ano exato. Marquei a data no meu calendário assim: H.S.S.H., que são as iniciais da Helene, de frente para trás e de trás para a frente. Se você olhar bem para as letras, é quase como se alguém mandasse a gente fazer silêncio. Mamãe e papai não disseram nada sobre o grande dia. Quero que o H.S.S.H. seja um dia do qual todos nos lembraremos. Se mamãe e papai estão pensando que vou ignorá-lo, eles não sabem o que os espera.

O negócio é que era para Helene viver eternamente. Porque esse era o tipo de pessoa que ela era. Daquelas que nos fazem acreditar que, possuidoras de um poder secreto, se tornariam imortais. Eu gostaria de poder descrever a cor do cabelo dela, mas não há nada com que seja possível compará-la.

Se apanhassem o homem, provavelmente ele seria eletrocutado. Mas, até onde eu sei, a eletricidade não mata demônios.

As pessoas diziam que o cabelo dela era parecido com moedinhas de cobre, mas era melhor do que isso.

E ela cheirava a limão. Quando eu disse isso em voz alta, uma vez, mamãe desviou os olhos, mas papai disse que era obrigado a concordar. E cochichou no meu ouvido. Disse que eu tinha razão. Disse que era limão purinho.

Contei a minha amiga Anna quanto quero ser horrível, e ela retrucou:

— E a sua alma?

— O que tem ela? Por que devo me importar com minha alma? — perguntei, acrescentando: — Se é que eu tenho uma, e ninguém sabe isso ao certo. Não existem provas — concluí.

Fiquei meio zangada por Anna ter levantado o assunto das almas, considerando-se tudo o que ela sabe a meu respeito.

— E, se ela é real, *onde* está? — perguntei. — Enfurnada dentro de mim, como um bebê todo branquinho e rechonchudo, feito um pedaço de massa? E o que ela faz, afinal, senão ficar a vida inteira dentro da gente e só nascer depois que a gente morre?

Eu disse tudo isso a Anna e ela não teve resposta. Mas ficou pensando. Percebi pelo jeito como seu rosto (que, só para deixar registrado, é muito bonito) se enfeou, enchendo-se de rugas. Pensar é difícil para Anna, é como escalar uma montanha. Ela está no grupo de recuperação em leitura e em matemática.

Por fim, passado um minuto, seu rosto se recompôs e ela declarou:

— Mas o bebê é você, Mattie, a sua alma é você, não existe diferença.

E em seguida ela disse achar que a alma não se parecia nem um pouco com um pedaço de massa, que era mais parecida com um vestido de seda no formato do corpo, da cabeça, das mãos, dos pés e de todo o resto.

— E transparente — ela acrescenta. Quando ela diz coisas desse tipo, a gente percebe como é infantil. A religião tem um jeito de transformar as pessoas em idiotas, é o que diz meu pai.

— Se é transparente, isso quer dizer que posso ver seus peitinhos?

— Não — responde Anna, transformada numa perfeita freira. — O vestido fica do lado de dentro, logo, quem pode olhar através dele? Ninguém, a não ser deus.

Se Anna ficar muito inteligente, talvez eu tenha que espetar uns alfinetes na cabeça de um boneco moldado com a forma dela. Se acrescentassem um cérebro à beleza de Anna, seria insuportável.

E, a propósito, ela nem tem peitinhos. Basicamente, tem dois montinhos tipo formigueiros no peito.

— Você não quer viver eternamente? — ela pergunta. — O paraíso e tudo o mais? Uma pessoa como você tem que acreditar no paraíso, não é, Mattie?

Eu tinha ligado a máquina pensante da Anna, e agora ela não queria calar a boca. Além disso, eu não estava gostando do rumo que ela estava dando à conversa. Tentando me fazer falar de coisas particulares.

Pessoalmente, não acredito em deus. Nunca tive nenhuma aula sobre ele, ao contrário de Anna. Ela recebeu uma porção de informações da família e da escola dominical. Tenho minhas próprias crenças, que eu mesma inventei. Acredito que existem pessoas que zelam por nós; não sei quem são, elas não me disseram seus nomes. Os vigias, é assim que os chamo. Pode se tratar de qualquer um. Quem saberá dizer se eles sequer são humanos?

Anna continuou a falar, mas parei de ouvir e fiquei contemplando a magia azul de seus olhos. Anna tem olhos, o que não acontece com todo mundo. A maioria das pessoas tem apenas buracos no rosto, aquilo é só uma coisa biológica, feito os porcos ou os peixes. Olhos simples e comuns, que não significam muita coisa. Os olhos da Anna são do espaço sideral; não são animais, e também não são humanos. Tem horas em que eu seria capaz de beijar essa menina, de tão bonita que ela é. E o cabelo também é louro. Só quero amigas bonitas, apesar de eu mesma não ser bonita. Mamãe diz que sou vistosa. Meio parecida com um filhote de cavalo. Marcante, é isso que sou.



Fiquei olhando para Anna, que falava sem parar sobre sua alma, porém na minha cabeça continuava aquela palavra. Horrível. Horrível Horrível Horrível Horrível. Levirroh, se a gente a escrevesse de trás para a frente. Saquei isso na minha cabeça e disse:

— Anna, cale a boca e escute. De agora em diante, quero que você me chame de Levirroh.

Será que ela entendeu? É claro que não.

— Por quê? O que isso quer dizer?

— Só me chame assim, está bem?

— Mas o que isso quer dizer? — ela repete.

Se ao menos ela houvesse adivinhado, teria sido a perfeição do momento. Na minha fantasia, a lâmpada se acenderia em sua cabeça e o rosto dela começaria a irradiar luz, pelo milagre da compreensão. Levirroh, ela diria, dando-me uma piscadela com seus olhos mágicos. *Levirroh*.

E, por falar nisso, não sou sapatão. Já me disseram que tenho um "temperamento artístico", o que significa que minhas ideias estão por todos os lados, e não há motivo para preocupação, Sr. e Sra. Savitch, que são os meus pais. O médico que disse isso era velho e parecia uma árvore, e é famoso na faculdade em que meus pais lecionam, de modo que eles tiveram que lhe dar crédito. Meus pais também tentaram ser famosos, mas não chegaram muito longe. Cada um deles escreveu um livro (acadêmico, não ficcional), mas nenhum dos textos causou grande sensação. Ambos pretendiam escrever um segundo livro, porém nunca o fizeram. Ao que parece, eles tinham muitas esperanças e sonhos nos velhos tempos.

Quando meus pais me levaram para consultar o Árvore, não falei muito. Mantive o que chamam de perfil discreto.

— Ela é filha única? — perguntou o Árvore.

Papai não disse nada e mamãe indagou:

— E quanto à medicação?

A preocupação era com meus magníficos pensamentos mágicos. E com os pesadelos.

— Parece francês — comenta Anna.

— O quê? — pergunto.

— Essa palavra — diz Anna. — Isso de que você me pediu para chamá-la.

— Não parece francês. Não seja burra.

Anna fecha a cara por causa do meu comentário.

— Bem, não parece inglês — insiste.

— Não é inglês. Há mais línguas no mundo além do francês e do inglês.

— Então, que língua é?

Nem consigo responder quando ela fica desse jeito.

— Provavelmente, nem é uma língua de verdade — diz.

— É provável que não. Você nunca saberá.

Há muito pouca imaginação no mundo. Uma pessoa como eu fica basicamente sozinha. Se eu quiser viver no mesmo mundo que as outras pessoas, tenho de fazer um esforço especial.

Seguro a mão de Anna. Isso a confunde, porque ela achava que estávamos tendo uma discussão.

— O que foi? — pergunta. Ela não confia em mim.

— Nada. Não tenha medo.

— Não estou com medo.

— Ótimo — retruco, olhando bem dentro dos olhos dela.

— É só dizer a palavra, está bem? Por favor — insisto.

Anna fecha os olhos. Faz uma pausa que é capaz de matar alguém.

— Levirroh — diz ela.

Quando ela fala, tenho que rir.

— Ah, meu deus! — exclamo. — Parece mesmo francês!

Anna abre os olhos e sorri como se a tivessem premiado com o segundo lugar:

— Eu disse que parecia.

— Levirroh — repito. De repente, virei o rei da França. — *Le viraux* — digo. — *Le viraux!*

Ambas rimos, e é quase como voltar a ser criança. Anna é apenas oito meses mais nova que eu, mas às vezes parece um ímã me puxando para trás. Para o glorioso passado da infância em que ninguém jamais morrerá.

Nem tem importância que Anna seja meio lerda. E, na verdade, ela não é muito mais lerda que a maioria das pessoas.

Além disso, pouquíssima gente tem olhos de espaço sideral, e não importa se essas pessoas são inteligentes ou não. Aposto que os anjos não são inteligentes. Aposto que são burros. Mas nem é relevante a inteligência dos anjos. O que importa sobre os anjos, até onde eu sei, é algo ainda maior do que a inteligência. Parece que tem mais a ver com o brilhantismo. Que é uma luz que vai além de tudo que podemos compreender. Como diamantes por toda parte, em cada pedacinho de ar, e cores para as quais nem haveria nomes.

Anna para de rir e enxuga as lágrimas do rosto.

— Tenho que ir para casa — disse.

É a coisa completamente errada para se dizer.

Estávamos naquele ponto em que duas pessoas poderiam ficar para sempre, fitando os olhos uma da outra. Quantas vezes isso acontece? E será que algum dia vai tornar a acontecer?

Hoje na escola, logo na chegada, disseram para eu ir ao gabinete da Srta. Olivera. Ela é a diretora da penitenciária, mas, pelo jeito de se vestir, você não adivinharia. Colares e pulseiras e lenços no cabelo. Ela devia mesmo era ficar na rua vendendo incenso.

— Olhe para mim — diz a Srta. Olivera.

Só olho para sua boca.

— Como você tem andado ultimamente? — pergunta a boca.

Ai, caraca, penso, agora vamos ter que passar por toda a história da minha vida, quando tudo que ela realmente quer saber é por que foi que eu dei uma bofetada em Carol Benton ontem. O que fiz sem ter realmente a intenção de fazer. Na verdade, fiquei surpresa quando a coisa se revelou uma bofetada de verdade, e não apenas a ideia de uma bofetada.

— Por que você está com tanta raiva? — pergunta O. Quem ela pensa que é? O Árvore?

— Não estou com raiva — retruco. E me pergunto se ela estaria gravando o que eu digo.

— Você esbofeteou uma pessoa, Mathilda. Isso é um ato de raiva — diz a boca.

A verdade é que Carol Benton é o tipo de pessoa que inspira violência. Só pelo tamanho do rosto. E em mais de uma ocasião eu a vi cochichando com as amigas, e depois elas olharam para mim. Qual é o grande segredo? Como se todos já não soubessem.

— Mathilda — diz O. — *Mathilda*. Você está me ouvindo? Eu estou lhe dando uma oportunidade — insiste ela, e estende a mão para pegar a

minha, feito uma pervertida. Afasto o braço e finjo estar com coceira.

— Está tudo bem em casa? — quer saber. As mesmas velhas perguntas.  
— Como vão sua mãe e seu pai? Sua mãe melhorou um pouco?

— Está ótima — respondo.

O me encara com seus olhos de raios X, mas não a deixa entrar. Não sei se posso confiar nela. Gostaria de lhe dizer que faz quase um ano e que ainda não vi minha mãe chorar do jeito que se espera que as mães chorem depois da morte de um filho. Desde que Helene morreu, é como se mamãe tivesse entrado para o Exército. Isso é normal? É o que eu gostaria de perguntar.

— Posso usar seu banheiro, por favor? — pergunto.

O assente com a cabeça e eu me levanto e cruzo a porta.

O tem seu próprio banheiro. Não está tão limpo quanto deveria. Há um fio de cabelo na pia. Pego-o com um pedaço de papel higiênico e o ponho no bolso, por via das dúvidas. Numa prateleirinha há um odorizador, uma lata de balas de hortelã e uma barra de chocolate. Quem guarda comida no banheiro? É nojento, se você quer saber.

A banheira também é interessante, cheia de vasos de plantas. Tudo folha, nem uma flor. Com jeito de selva. Tenho que me esforçar bastante para não fazer sons de macacos e pássaros tropicais.

Puxo a descarga, para não despertar suspeitas. Abro o armário de remédios. Dentro há uma escova de cabelo, batom, um vidro de comprimidos, uma escova e pasta de dentes. Pego os comprimidos, que se chamam Exhilla, e os ponho no bolso. De acordo com o comercial, o Exhilla ajuda a pessoa a enfrentar o dia com muito menos preocupações. Mas o negócio é que eu me lembro que, no ano passado, logo depois da explosão na Opera House de Nova York, que matou uma porção de figurões, inclusive um senador, a Srta. O fez uma palestra especial para a escola inteira e, no fim do discurso, estava chorando em suas echarpes.

Quando saio do banheiro, O está sorrindo. Tanto quanto posso perceber, não é fingimento.

— Desculpe — digo. — Não farei isso de novo — acrescento. E lhe peço que, por favor, não conte aos meus pais.

— Você precisa ignorar as pessoas — diz a Srta. Olivera. — Não pode deixar que a afetem a ponto de irritá-la tanto.

Ela dá um sorriso triste. Como o do meu pai.

— Você é uma menina inteligente — ela continua. Levanta-se, e fico com medo de que tente me tocar outra vez. — Vá para sua aula.

— Sim — respondo, mas não me mexo. Faz uns dez anos que não me mexo. Pelo menos, essa é a sensação. O tempo anda engraçado ultimamente, não tem nada a ver com os relógios.

\* \* \*

Depois da aula, Anna e eu resolvemos ir à lanchonete do Mool tomar um refrigerante com batata frita. No caminho, Anna não comenta nada sobre Carol Benton, o que é um grande alívio. Em vez disso, pergunta o que eu acho dos garotos da nossa turma deste ano.

— Para mim não servem — digo.

— Nenhum? — insiste ela. É óbvio que deve estar de olho em alguém.

Anna e eu ainda não estreamos com os rapazes, pelo menos não oficialmente. Mas notei que ela está começando a flertar de leve. Tem uma coisa nova que ela faz com o cabelo, uma espécie de balançada. É bem impressionante, na verdade. Se há um ponto em que Anna está à minha frente, é nesse departamento. Flertar não é uma coisa racional, é algo instintivo. Mas esbofetear gente também é, eu acho. Logo, se posso esbofetear pessoas, devo ser capaz de flertar com elas. Provavelmente, eu deveria dar alguma atenção a isso. Aprendi umas coisas nos e-mails de Helene, cuja maioria foi enviada por rapazes. Às vezes a linguagem fica bem explícita. Mal posso acreditar que ela os imprimiu, considerando-se a possibilidade de mamãe encontrá-los. Estou acrescentando coragem à lista de virtudes de Helene.

Quando a gente pensa sobre o corpo, mal sabe por onde começar. Até mesmo pelas simples palavras ligadas a ele. Bumbum é traseiro e é bunda.

Ou rabo, se você quiser usar uma linguagem nada refinada. Há uma tonelada de expressões para tudo, nessas regiões baixas. Vagina é perereca e xoxota. Ou boceta, se você estiver mesmo no clima, ou se for uma piranha, ou se alguém estiver querendo insultá-la. Os meninos têm mais palavras para a genitália deles que as meninas, segundo meus cálculos. Pênis, pau, pica e peru, mas não existem apenas nomes com P. Há também cacete, vara, caralho, jeba, linguixa, e seria possível continuar indefinidamente, se a gente tivesse o dia inteiro. E seios e tetas e maminhas e peitos e, se for uma senhora idosa, você tem busto, o que é hilário. Se um dia eu disser *busto* pra Anna, ela faz xixi nas calças.

Uma vez, faz muito tempo, vi meu pai sair do chuveiro e ele estava nu. Mamãe estava com ele no banheiro. Vi o órgão do meu pai e aquilo parecia uma cenoura arrancada do chão com todas as raízes e fiapos. Pensei naquela coisa dentro da minha mãe, como se alguém repusesse uma cenoura no solo, tornasse a enfiá-la na terra. A mulher é um jardim, dizem. Eu costumava pensar em flores, mas agora penso em legumes.

— Lonnie não é mau — diz Anna.

— O astronauta?

— Ele não quer mais ser astronauta. Isso foi há uns três anos — diz ela, e me agarra pelo braço e me puxa para dentro da lanchonete do Mool. Não há ninguém lá dentro além de nós, e pegamos a mesa privativa do canto, que é a nossa favorita.

— O que vai ser? — pergunta Mool, mesmo sabendo que pedimos sempre batatas fritas com Coca-Cola. Ele se aproxima de nós praticamente dançando, pelo prazer da nossa companhia. Mool é o velhinho mais feliz que eu já conheci na vida. Os idosos são engraçados: ou são lagartos, ou são passarinhos. Mool é um passarinho. Quando mergulha a cesta de batatas no óleo, ele imita o chiado da fritura, *tschh-tschh*, não consegue evitar.

Para falar a verdade, eu não me incomodaria de morar na lanchonete do Mool. Fico pensando se existe uma Sra. Mool escondida nos fundos. Nunca a vi. Talvez ela seja a razão da felicidade dele. Talvez os dois tenham o tipo de amor que dura para sempre. Você já leu *O presente dos*

*magos*? Imagine aquele casal uns cinquenta anos depois; assim seriam Mool e sua mulher.

— Quer dormir lá em casa no fim de semana? — pergunta Anna. Essa é outra de suas habilidades. Adivinhar pensamentos.

A casa de Anna não é tão feliz quanto o restaurante de Mool, mas não é infeliz, tem lá seus encantos.

— Sim, eu adoraria — respondo. E de repente passo a me sentir tão bem que penso em falar com Anna sobre o H.S.S.H., mas, por alguma razão, as palavras não me saem da boca. Talvez eu conte a ela amanhã. Dizem que o momento certo é tudo. Quero que o aniversário da Helene seja um dia especial. Quem sabe, talvez eu dê uma festa surpresa para mamãe e papai, só para acordá-los. Mamãe e papai precisam de uma bofetada na cara, mais ainda que Carol Benton.

Mool traz as batatas fritas e tenho um desejo súbito de beijá-lo. Eu quero atirar os braços em volta dele e lhe dar o beijo mais estalado de todos os tempos. Sei que isso não é do meu feitio, mas a questão é que provavelmente é melhor eu reservar minha conduta horrível para as pessoas que a merecem. Ela só ficará mais e mais forte, como o veneno das cobras. Não convém desperdiçá-la com a pessoa errada.



Quando cheguei da escola, mamãe estava na cozinha, olhando pela janela. Usava seu quimono chinês cheio de pontes e dragões.

— O que você está olhando? — indaguei.

Havia um bolo de nozes-pecãs sobre a mesa. Mamãe já tinha comido um bom naco. Ela sempre foi magra, e quero que continue assim. Gordura não combinaria com ela, que não tem ossos para isso. Além do mais, os gordos são mentirosos, você já notou? Eles escondem coisas.

— O que você está fazendo? — pergunto. Ela só estava parada ali.

— Bolo de nozes-pecãs. — digo. — É da confeitaria Kroner?

— Quer um pedaço? — oferece ela.

Respondo que não, embora fosse adorar um pedaço. Os bolos de nozes-pecãs da Kroner são incríveis. Meu plano é comê-lo mais tarde, quando mamãe tiver apagado.

Sento-me à mesa e espero para ver o que acontece. Leva umas duas horas, mas mamãe finalmente se aproxima de mim.

— Seu cabelo está ficando comprido — diz, tocando-o. A sensação é de eletricidade, calor, e talvez não fosse nada má, se a droga das mãos de mamãe não estivessem tremendo. Além disso, a cozinha cheira a cigarro, o que significa a volta de um velho hábito dela.

Tiro uma noz do bolo, mas não a como. Examino-a como um cientista, até mamãe se afastar. De repente, só consigo ouvir o zumbido da geladeira. Como a trilha sonora do infinito. Levanto-me e lasco um tapa no aparelho idiota. Mamãe se encolhe um pouco, é quase engraçado.

— Seu pai e eu vamos ao teatro na semana que vem — ela anuncia de repente, lá do canto esquerdo. Os dois nunca mais saíram, de modo que isso é meio suspeito.

— Que dia vocês vão?

— Quarta-feira — mamãe responde.

O que seria a véspera. O dia anterior ao H.S.S.H.

— É uma ocasião especial? — pergunto. Talvez mamãe e papai também tenham marcado o dia em suas folhinhas, talvez eu os tenha subestimado.

Mamãe faz uma cara enojada e espanta com o dorso da mão uma mosca invisível.

— Alguém deu os ingressos a seu pai — explica.

Pergunto se eu posso ir, mas ela responde que só tem dois ingressos.

— Vocês não podem comprar mais um? — pergunto.

— Você não gostaria da peça — é a resposta.

Pergunto como se chamava e mamãe me responde *Luas de Plutão*, o que pronuncia como se fosse o pior título do mundo.

— Eu quero ir — insisto.

Aposto que mamãe nem se lembra de que os planetas já foram uma de minhas grandes obsessões. Eu tinha o sistema solar inteiro no teto. Estrelas fosforescentes também.

— Eu quero ir — torno a dizer, mas mamãe não me responde. Provavelmente quer que eu implore, mas eu não estou no clima. Farei as rotineiras súplicas depois, com papai.

— Vou dormir na casa da Anna no fim de semana — anuncio. — Você não é a única pessoa que tem planos — eu lhe digo.

Mamãe apenas balança a cabeça. Ela volta para a janela. Não sei para o que está olhando. Será que agora é pelas árvores que ela se interessa?

O silêncio de novo, acredite em mim, você nem pode imaginá-lo. Subitamente, desejo não ter socado a porcaria da geladeira. É o momento perfeito para uns gritos do refrigerador.

Quando me dou conta do que estou fazendo, vejo-me comendo o bolo de nozes-pecãs. Eu meio que me transformo num porco. Como mais do

que pretendo. Mamãe ainda tem o rosto voltado para longe de mim e, quando respira, isso faz com que o dragão em suas costas pareça estar se preparando para soltar uma grande cusparada de fogo. Queria eu saber o que havia dentro da cabeça dela. Por alguma razão, minha percepção extrassensorial não funciona quando se trata de mamãe. Fico contando quantas vezes o dragão respira e, quando ouço o carro de papai, é como música para meus ouvidos.

Mamãe desloca-se para o fogão, fingindo ser normal. Mexe alguma coisa numa panela. Jantar, imagino, embora ela não venha sendo muito criativa ultimamente. Ela tem sido a maravilha de uma panela só. É só jogar tudo lá dentro e torcer pelo melhor.

A porta da frente se abre. Luke late de algum lugar na casa.

— Estamos na cozinha — digo, tomando o cuidado de não gritar. Mas depois não posso me conter e torno a falar, dessa vez gritando: — *Estamos na cozinha, papai.*

Fazê-lo vir até aqui, é essa a minha ideia. Para me salvar do dragão.

\* \* \*

Em uma ou duas ocasiões, escutei minha mãe e meu pai tendo relações sexuais no quarto, mas faz algum tempo que isso não acontece. Mamãe faz uns barulhos de coruja e papai parece uma ovelha. Quando a Helene e eu éramos pequenas, pegávamos os dois se beijando por todo canto da casa. Papai dava uns beijos demorados em mamãe, e depois ela ficava com cara de quem tinha acabado de sair do banho. Ultimamente, meu pai anda tentando pôr as mãos nela de novo, mas ela não está muito interessada. Ele faz piadas e tenta tocá-la, mas quase sempre não consegue. Mamãe sabe ser bem rápida quando quer.

Toda noite, depois do jantar, papai dá uma volta com Luke. "Alguém me acompanha?", ele sempre pergunta. Minha desculpa de praxe é o dever de casa, e mamãe é mamãe. Exceto para trabalhar, ela raramente sai de

casa. Nos últimos tempos, nem responde ao papai. Mas ele não consegue deixar de perguntar, sempre foi o otimista da família. Decididamente, é a pessoa que poderia salvar o mundo, mas a questão é saber se mamãe vai deixar que ele faça isso. Talvez ela queira ver tudo se acabar em chamas.

Hoje à noite, quando papai perguntou se alguém queria acompanhá-lo, eu disse que sim. Mamãe me olhou como se eu fosse uma impostora.

— O que foi? — pergunto a ela. — Eu vivia levando Luke pra passear quando era pequena.

Eu queria que ela soubesse que algumas pessoas podem fazer mais do que apenas ficar sentadas, fumando cigarros. As pessoas podem acordar, se quiserem.

— Então, pegue o casaco — disse papai. Não pareceu tremendamente empolgado com minha companhia. Ocorreu-me que talvez ele fosse a algum lugar particular em suas caminhadas e que, agora que eu ia junto, ele não poderia ir até lá. Ou talvez fossem só os seus pensamentos particulares que eu interromperia.

Andamos apenas pela vizinhança, nada de especial. Algumas pessoas acenaram para nós, ao que retribuímos. Luke latiu para alguns cachorros. Uma casa ainda tinha no jardim uma placa com os dizeres TRAGAM NOSSOS SOLDADOS DE VOLTA, e nem consegui me lembrar se ainda tínhamos tropas em algum lugar. Acho que sempre temos tropas por aí, por estarmos numa era de terrorismo. E então, o engraçado foi que me deu um branco completo a respeito de onde era "o tal lugar". Helene saberia, era muito politizada para alguém da idade dela. Mamãe e papai também já foram politizados, houve época em que eram assíduos frequentadores de passeatas. Mas acho que agora estão mais egoístas. A morte faz isso com as pessoas, parece.

Quando papai se abaixou para recolher o cocô do Luke, notei um pequeno sinal de calvície no alto de sua cabeça. Percebi que não sabia com exatidão a idade de papai. Sei que ele não é muito velho, mas um pequeno sinal de calvície, mesmo minúsculo, decididamente é um indício da passagem do tempo. Tentei imaginar papai careca, mas tive que parar, porque isso pareceu um filme de monstros na minha cabeça.

O Luke parou para farejar alguma coisa e papai e eu esperamos. Parecíamos dois estranhos num ponto de ônibus. Por fim, dei um chute no Luke, não com força, só uma cutucada amorosa.

— Ande logo — falei.

— Seja boazinha — disse papai, e logo dei um beijo de reconciliação bem em cima do focinho de Luke, o que fez seu rabo balançar. Então balancei o traseiro do mesmo jeito e papai riu. Quando passou um avião, Luke latiu. Estava escuro e as luzes do avião estavam acesas. Isso é uma coisa que ainda me assusta. Eu não me incomodaria se nunca mais visse um avião em toda a minha vida. No nosso livro de história há uma fotografia das torres pegando fogo. Eu era apenas uma garotinha quando isso aconteceu, mas não nos deixam esquecer algo assim.

Perguntei a mim mesma o que mamãe estaria fazendo, se já estaria deitada, sã e salva. Imaginei-a sob as cobertas, nua. E imaginei papai se esgueirando feito um camundongo para debaixo delas, mais tarde. Mamãe dorme à esquerda e papai, à direita, e há uma comodazinha de cada lado da cama deles. Em cima de cada uma fica um abajur, para eles lerem. E há também a parte interna da cômoda, para seus pertences pessoais. Quando a pessoa é casada, não pode mais esconder coisas embaixo da cama, porque a cama é propriedade comum.

Na comodazinha do papai há livros e umas fotografias de uma viagem que todos fizemos à Fazenda Concórdia para colher abóboras. E volta e meia há uma revista de sacanagem lá dentro, quase sempre sobre seios. As mulheres aparecem basicamente sozinhas e, quando acariciam o próprio corpo, ficam com cara de quem sente dor. Às vezes elas olham direto para a gente. Algumas parecem loucas. Na da mamãe há cigarros, cadernos e, de vez em quando, uma garrafa. Não sei por que eles não põem cadeados em suas cômodas idiotas, para impedir os outros de bisbilhotarem.

Quando as pessoas foram ver Helene exposta em seu caixão, não viram minha irmã, porque o caixão estava fechado. Trancado. Fico pensando em quem teria a chave. Aparentemente, mamãe e papai chegaram a olhar para ela antes de fechá-lo, mas não fui convidada. Tudo leva a crer que o corpo estava em péssimas condições. Não sei se estava ou não. Todo mundo se

aproximou daquele caixão idiota, como se Helene estivesse lá dentro. Mas não fiquei convencida. A morte é uma piada, quase. Não se pode acreditar sinceramente nela.

Mamãe usou batom vermelho no funeral, porque era a única cor que tinha. Sentei-me a seu lado e ela ficou repetindo a mesma coisa, sem parar, mas pra mim não tinha pé nem cabeça. *Ah meu deus ah meu deus ah meu deus*, pode ter sido isso. Mas é provável que não, porque ela nem acredita nele. N'Ele, com E maiúsculo.

Engraçado, nem choveu no dia do enterro. Nada funcionou direito no funeral. O irmão do papai fez um discurso, mas mal havia decorado sua fala, ficou olhando para um pedaço de papel. Pode crer, o dia inteiro foi completamente inacreditável. Sei pelos filmes como são os funerais, e o da Helene foi uma farsa total. Se chover no H.S.S.H., ficarei contente.

Bem, não exatamente contente. Apenas terei a sensação de que alguém me escutou. Um dos vigias, talvez. A chuva é o mínimo que eles podem me dar. Não estou pedindo um milagre, só uns raiozinhos, meia dúzia de trovoadas. Será que é pedir demais?

Hoje de manhã, depois do café, vou para fora fumar um cigarro. Era do estoque secreto da mamãe, que ela guarda em vários esconderijos espalhados pela casa. Mamãe não está mais fumando, é nessa história em que devemos acreditar. A grande mentira do universo, uma entre muitas. Mamãe também não bebe, se você quiser tapar os olhos com a peneira toda.

O cigarro é extralongo. Resolvo não acendê-lo, mamãe sentiria o cheiro. Mas é gostoso segurá-lo na mão. Ainda não fumei um cigarro pra valer, mas em algum momento vou fumar, e o jeito de segurá-lo é importante. O meu, segundo decidi, será segurá-lo entre o indicador e o polegar, feito um homem. Quando a pessoa segura o cigarro desse jeito, detém uma espécie de poder.

A família vizinha, os Ryder, está construindo uma piscina nova. Não sei qual era o problema da antiga. Há uma escavadeira funcionando, o barulho é impressionante. Quando o sol atravessa a poeira, é esquisito, parece gás venenoso.

Na pequena elevação depois da piscina há um gazebo branco. Pertence aos Ryder, mas uma vez eles me deixaram fazer uma festa de aniversário lá. Quando fiz dez anos. Usei um vestido azul com fitas amarelas. O gazebo não tem paredes, só colunas e telhado, e com a poeira da escavadeira voando por dentro dele, parece um cartão-postal da Grécia Antiga. Espero que não o derrubem também.

Kevin Ryder está em sua porta dos fundos, observando a destruição. Vou até a cerca para que ele me note, mas ele não nota. O irmão do Kevin

foi um dos namorados da Helene. Os dois costumavam se agarrar no gazebo.

— Kevin!

Praticamente tenho de gritar pra chamar sua atenção. Ambos chegamos um pouco mais perto da cerca.

— Você tem fogo? — pergunto.

Ele põe a mão atrás do ouvido. *Não consigo escutar.*

Bato com o cigarro na boca, para fazê-lo entender.

Kevin parece confuso. Balança a cabeça. Está usando uma grande corrente de prata pendurada no pescoço e o cabelo azul. Ele é uma pessoa completamente diferente de quando era pequeno. Também pinta as unhas de preto. Mas o rosto ainda é de bebê, embora ele provavelmente já tenha treze anos. Eu gostaria de saber o que a mãe dele acha do seu cabelo. Deve ter desmaiado quando o viu. Nossa, eu adoraria ver mamãe desmaiar. Só uma vez, só para ela aprender uma lição. Mas a verdade é que as pessoas já não desmaiam tanto quanto desmaiavam. Antigamente, viviam desfalecendo.

De repente, a escavadeira para, e é como uma catarata de silêncio. Kevin e eu ficamos parados sob o rugido dela.

— Você fuma? — pergunta ele. — Tem permissão pra fumar?

— Ah, sim — respondo —, só não fumo dentro de casa.

Kevin faz que sim com a cabeça, talvez ele me houvesse subestimado.

— O que você fez com o cabelo? — pergunto.

— Não vou ficar com ele — ele responde.

Digo a ele que gosto.

— Sei lá — ele fala. Desvia o rosto de mim e torna a olhar para a destruição. Começa a brincar com a corrente no pescoço.

— Tenho que ir andando — diz.

Pergunto se ele quer dar um pulo no gazebo. Finjo tragar o cigarro. Kevin só faz me olhar.

— Vamos — insisto —, como nos velhos tempos.

— Não posso. Tenho que fazer o dever de casa.



Dever de casa?, penso. Um garoto de cabelo azul não deveria ter que fazer dever de casa.

— Como vai o seu irmão? — pergunto.

Kevin balança a cabeça, depois olha para as botas. Pergunto-me se ele teria medo de mim. Há uma porção de gente que fica de um jeito engraçado quando está perto de nós, de mamãe, papai e eu. Essas pessoas não querem chegar muito perto da maldição dos Savitch.

Tenho uma carta do irmão do Kevin embaixo da cama, um e-mail que ele mandou pra minha irmã.

— Ele está com uma namorada nova? — pergunto.

— Você não devia fumar — aconselha Kevin.

Finjo dar uma tragada no cigarro e sopro a fumaça invisível no rosto dele.

— Até logo, Mathilda — diz ele, e se afasta feito um caubói.

*Quero trepar com você, é uma das coisas escritas da carta.*

*E também estou apaixonado por você.*

Não é incrível a linguagem? Ela não cansa de me surpreender. Às vezes você pode simplesmente dizer umas coisas e elas são como uma bomba, que arranca toda a sua roupa, e de repente você está ali, nu. Não sei se é enojante ou lindo.

A escavadeira volta à vida e, quando levanto os olhos, vejo que há um homem lá dentro. Eu nem tinha reparado nele. Está numa gaiolinha, feito um rato ou um astronauta. Quando olho para ele, ele dá uma piscadela para mim.

Viro-me de costas, mas continuo a sentir seus olhos em mim. Provavelmente por eu estar de saia. Jogo o cigarro no chão e o esmago com o pé. Arrasto o pé para a frente e para trás três vezes. É a maneira clássica de apagar cigarros. Observe as pessoas, se não acredita em mim.

\* \* \*

Muitos namorados de Helene pareciam iguais. Tinham cabelo escuro. Eram magros, mas tinham ombros. Quase todos altos, de pele clara. Nunca carregavam livros. Gingavam. A gente tinha que admitir que eram bonitos.

Helene não era santa. Eu lhe dei essa impressão? Decididamente, ela tinha um corpão. É esquisito pensar que um morto é a mesma pessoa que um dia foi cheia de desejo. É estranho porque você não quer pensar muito em corpos de gente morta.

Nos últimos meses, antes do trem, ela sempre voltava da escola mais tarde que o normal e, à noite, chegava quase sempre depois do horário-limite. Sabia como entrar e sair de fininho. Ela era esperta. Conseguia entrar em bares simplesmente por usar a saia certa e pelo jeito de andar. O engraçado é que ainda fazia todos os deveres de casa e passava em todas as provas na escola. Acho que era por isso que mamãe e papai não podiam falar muito do que ela fazia à noite, não podiam provar de verdade que aquilo a estava prejudicando. Além disso, ninguém jamais pôde dizer não a Helene. Imagine a beleza da Anna e some a isso um cérebro.

*Sexy* e inteligente, essa é a melhor combinação. Essa era Helene, com certeza, e aposto que um dia mamãe também foi assim. A bibliotecária que tira os óculos e solta o cabelo. Usa uma blusa branca abotoada até o pescoço, mas de repente abre-a um pouquinho e é um arraso. A gente a vê sob um prisma inteiramente novo, enquanto ela se ajeita na cama. Até sua voz fica mais grave.

Mamãe e papai eram muito bons de sono, e por isso era sempre eu que acordava se houvesse um rangido na hora que Helene saía sorrateiramente. Uma vez, por volta das três da manhã, ela se deitou na minha cama. Quando acendi o abajur, vi que ainda estava de vestido e com a cara borrada, como se alguém tivesse tentado apagá-la. E a boca parecia a de uma criancinha que comeu geleia demais. Perguntei o que tinha acontecido e ela disse: nada, volte a dormir. Mas continuei a olhá-la, porque tinha certeza de que ela queria me dizer alguma coisa. Helene ficou me encarando e, por fim, meio que sorriu e disse *salagadula, mexegabula, bibidi-bobodi-bu*, que é a canção mágica de *Cinderela*. A letra não faz grande sentido, mas, durante muito tempo, foi minha música

favorita no mundo inteiro. Helene me abraçou com tanta força que achei que não conseguiria dormir de novo, mas dormi. Acho que a letra dessa música faz alguma coisa com a gente, especialmente tarde da noite, quando a pessoa está deitada na cama com a irmã e, de repente, ela a ama. O que nem sempre era o caso.

Às vezes, Helene parecia zangada com todos nós, e nem tínhamos feito nada. Em outras ocasiões, tinha crises de choro. Era muito emotiva. Ela e mamãe costumavam ter brigas enormes. Por algum motivo, mamãe não gostava quando Helene se apaixonava, o que ela fazia com muita frequência. Acho que mamãe não queria que ela fugisse e estragasse sua vida. "Eu não sou você", Helene berrou com ela, uma vez, e mamãe berrou de volta, na mesma hora: "É, sim!" As brigas me davam medo, mas agora, quando penso nelas, eu daria um Oscar a cada uma. Na minha cabeça, essas brigas são como um lindo filme que eu gostaria de poder rever. Às vezes Helene acabava chorando nos braços da mamãe. E volta e meia eu flagrava as duas no sofá do térreo, cochichando e rindo. Metade das vezes, elas ficavam mudas quando eu entrava na sala. Isso me deixava doida. O que elas achavam que eu era? Uma espiã, tentando descobrir seus segredos? "Venha cá, sente-se aqui conosco", mamãe dizia, e é claro que eu ia, mas isso sempre parecia ser um teste. Eu tentava inventar alguma coisa engraçada para valer, só para impressioná-las.

Hoje em dia, quando tenho um ataque, minha mãe simplesmente se retira. Não revida como fazia com Helene. Algumas vezes meus ataques são de verdade, outras vezes eu os invento, mas acho que mamãe não sabe a diferença. Os pesadelos foram de verdade, nos primeiros meses, mas era sempre papai que ia ao meu quarto. Ainda tenho sonhos ruins de vez em quando, mas meus pais não sabem, porque não grito mais por eles. O *Árvore* me ensinou a respirar quando acordo de um sonho ruim, e a treinar meu pensamento. Quando a pessoa aprende esse tipo de coisa, basicamente pode se virar sozinha. Não precisa dos outros para ajudá-la o tempo todo.

Passo muito tempo no quarto de H. Às vezes me imagino dormindo lá, e mamãe chegando à porta e me vendo embaixo das cobertas, e por um

segundo ela não sabe que sou eu. Acha que é você-sabe-quem. Se um dia isso realmente acontecesse, eu não diria "buuu" nem nada, não ia querer que ela tivesse um infarto. Apenas ficaria deitada lá, cobrindo a cabeça, e deixaria mamãe resolver a situação sozinha.

Umás semanas depois da morte de Helene, uma noite nós estávamos jantando, mamãe, papai e eu, e o telefone tocou. Só que não foi na cozinha, foi lá em cima. Era o telefone do quarto de Helene. A linha da princesa, como mamãe a chamava. Tocou umas vinte vezes, mas ninguém se mexeu. No dia seguinte, mamãe mandou desligá-lo. Você já viu aquele filme em que uma mulher adulta volta no tempo à casa em que cresceu, o telefone toca e é a avó dela? E as duas conversam, não sobre nada especial, mas a gente vê a mulher chorando, porque, no futuro de onde ela veio, a avó já morreu. Os filmes podem fazer essas coisas, é por isso que são tão importantes. Os filmes não têm problema com o tempo e o espaço. Não são tão restritivos quanto a vida real.

Até o telefone celular de H morreu, porque foi esmagado pelo trem. Aparentemente, foi entregue a mamãe e papai num saco plástico. Pelo menos tenho as cartas de amor, se é que se pode chamá-las assim. Com base nos meus cálculos, houve uns dez rapazes com quem Helene esteve envolvida. Não todos ao mesmo tempo, é claro, mas nos últimos anos. A maioria eu consigo visualizar, porque eles estiveram lá em casa. Porém o mais interessante é um garoto que nunca vi, o dos últimos seis meses. Ele escreve frases completas, e são frases boas, na minha opinião. Seu nome é Louis. LDM@florestaazul.com. Quase me sinto um pouco apaixonada por ele, e nem sei quem ele é. Não consegui encontrar um único Louis nos anuários da H, de modo que, provavelmente, ele é de outra escola. É meio atrapalhado nas mensagens, mas também tem senso de humor. Gosto muito dele, mesmo.

Fico pensando em lhe escrever do meu e-mail, mas nunca o fiz. O engraçado é que o e-mail de H continua ativo. Mamãe e papai puseram Helene e eu na mesma conta. Quando entro na minha caixa de mensagens, sempre vejo o nome de usuário de H logo acima do meu, mas

não posso ler as mensagens dela porque não sei a senha. Tentei um milhão de palavras. Mas não desisti. Ainda faço listas de palavras nas horas vagas.

O nome de usuário de Helene é HeyGirl. O meu é MattieSays. Estamos no mindfield.com. Se um dia você quiser nos encontrar, provavelmente essa será a melhor maneira.

Anna e eu estamos sentadas na sala dela. A televisão está ligada, porém mal a olhamos. Anna tenta tirar uma farpa do dedo e eu tatuo uma cobra em seu tornozelo com esferográfica azul.

— Não aperte com tanta força — diz ela.

Helene costumava desenhar tatuagens em mim. Uma vez, fez uma obra-prima de lábios vermelhos na lateral do meu ombro. Durante um tempo eu era realmente louca por tatuagens e obrigava Helene a fazer uma nova em mim toda semana. Quase sempre fazíamos isso em segredo, porque mamãe ficava preocupada com o envenenamento do sangue. Mas uma vez, no verão, eu estava tomando banho de sol no jardim e ela desenhou uma flor gigantesca bem na minha barriga, com as pétalas saindo do meu umbigo. Quando terminou, fechou o desenho com um beijo. "Você é uma estrela do rock", ela disse, e eu quase acreditei.

A cobra que estou desenhando em Anna está saindo uma bela porcaria e penso em transformá-la num polvo. Na televisão, um homem conversa com um garoto surdo. O menino faz sinais com as mãos e solta grunhidos. Anna dá um suspiro e troca de canal com o controle remoto. Passa por umas cem coisas, até chegar a uma cirurgia plástica. No começo, nem entendo o que é; por um segundo, pensei que fosse um programa de culinária.

— Olhe — diz Anna, mas eu já estou olhando. Um médico está puxando um pedaço solto do rosto de alguém, nem dá pra saber se é homem ou mulher.

— Que nojo — comenta ela, mas não muda de canal. — Ai, meu deus — diz. Um assistente do cirurgião está sugando sangue com um tubo. Tenho uma sensação estranha no estômago. Antigamente eu conseguia assistir a umas nojeiras, mas, nos últimos tempos, elas não me atraem tanto.

— Vou lá pra cima — digo.

Anna não se mexe, não consegue tirar os olhos da porcaria da televisão.

Realmente não suporto quando outras pessoas ficam de posse do controle remoto. Ninguém nunca assiste ao que a gente quer ver. E depois, sempre desligam a televisão na hora errada. Quando assisto à televisão sozinha, minha regra é só desligar depois que acontece uma coisa boa ou quando as últimas palavras ouvidas não vão nos magoar. Não se deve desligar no meio de uma briga entre duas pessoas, ou quando alguém está dizendo *porco*, ou *morte*, ou *meu carro enguiçou*. A gente deve se certificar de que as últimas palavras sejam alguma coisa do tipo *seria ótimo*, ou *o mundo dos seus sonhos*, ou *magicamente delicioso*.

Ao subir a escada na casa da Anna, você passa por uma porção de quadros de jardins, pintados pela mãe dela. As flores são bacanas, mas as pessoas são só uns borrões ao longe, nem rosto têm. Os borrões ficam embaixo de árvores ou sentados, fazendo piqueniques de borrão. Para que pintar pessoas, afinal, se não se pretende dar a elas nenhuma peculiaridade?

O quarto de Anna é o perfeito quarto de menina, cor-de-rosa, branco e fofo. Tudo está em seus devidos lugares. É fácil imaginar pessoas visitando aquele quarto daqui a cem anos. Seria como um museu. QUARTO DE MENINA, seria esse o nome da exposição. Isso no futuro, quando as pessoas dormirem em casulos e viverem para sempre. Mas aposto que o quarto ainda as deixará com inveja. Há uma vespa enorme batendo na janela. Chuto meus sapatos para longe e me esparramo na cama.

— O que você está fazendo aí em cima? — grita Anna. — Vai descer?

— Não, suba você — respondo.

Ajeito-me na cama numa posição pornográfica, mas, ao me ver, Anna não entende.

— Por que você está deitada desse jeito? — pergunta.

— Não sei — respondo, e fecho as pernas.

A vespa continua batendo na vidraça, dando cabeçadas. A gente é forçada a sentir pena de bichos como esse, de verdade.

Anna vem sentar-se perto de mim na cama. Inclina a cabeça feito uma boneca. De repente, vira minha enfermeira. Afasta o cabelo do meu rosto. À nossa volta, na cama, há travesseiros em forma de coração. É realmente outro mundo.

\* \* \*

Você provavelmente está se perguntando como uma pessoa como eu pode ter uma amiga como Anna. Por que não me cerco de outras pessoas inteligentes? Por que Anna havia de escolher a mim é que é a questão. Mas nem é a pergunta certa.

A beleza não manda. A mente, sim. A verdade é que fui eu que escolhi a Anna.

Nosso começo foi histórico. O lugar foi o clube aquático do Parque Randolph. A data, apenas cinco meses atrás.

Eu estava sentada numa espreguiçadeira, lendo um romance. *O hotel de palha*. Ele não constava na lista de leituras do verão, achei-o numa venda de garagem. A história diz respeito a uma mulher com amnésia que talvez também seja assassina, mas não vou contar, para o caso de um dia você querer ler o livro. Altamente recomendável.

Enfim, Anna estava na piscina. Usava um maiô amarelo. Batia com os pés na água e conversava com outra menina. Acho que era Cheryl List, mas essa outra menina não é importante. As duas estavam cochichando e rindo. Com o cabelo perfeitamente seco.

Parado junto à piscina estava um grupo de meninos, também cochichando. Há sempre muita fofoca no clube aquático, se você é chegado a esse tipo de coisa.



Aquela foi a primeira vez em que reparei nos olhos de Anna. Eram uma coisa que a gente tinha vontade de roubar.

De repente, um dos garotos, Michael Flatmore, o "Dentão", pulou na piscina. Seu pulo fez espirrar água em Anna, e por isso ela a espirrou de volta. Aí Michael se aproximou dela e lhe deu um caldo. Deixou-a subir pra respirar e a afundou de novo. Tinha controle absoluto sobre ela, era enojante. É claro que Michael estava apaixonado pela Anna, mas só conseguia pensar em empurrá-la pra debaixo d'água. Os meninos são assim. Provavelmente, ele é sexualmente frustrado.

Anna estava ficando sem ar. Cheryl List nem sequer ajudou. Quando pulei na água, Michael Flatmore virou-se e eu o puxei pra longe de Anna. Chamei-o de idiota de merda, embora essa não seja uma expressão do meu vocabulário. Simplesmente saiu. Arranhei o rosto dele sem querer. Anna estava tossindo e eu a levei até a borda. De repente, fiquei com mais raiva do que eu já tinha sentido em toda a minha vida.

— Idiota de merda! — gritei para Michael.

O salva-vidas gordo finalmente acordou e soprou seu apito prateado:

— Parem com isso — disse.

Ajudei Anna a sair da piscina. Perguntei-lhe se estava bem e ela fez que sim com a cabeça. Mas percebi que desconfiava de mim. Por que eu a estava ajudando? Ela não conseguia entender.

Nessa hora, Michael Flatmore saiu da piscina e passou por nós. Completamente humilhado. Estava até um pouco vermelho de vergonha.

Anna e eu ficamos lá, pingando, durante muito tempo.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntou ela, enfim. — Lá na lanchonete?

Em *O hotel de palha*, Beatrice, a mulher com amnésia, só come frutas.

— Vamos tomar um smoothie — respondi.

— Eu já volto — disse Anna.

Ela entrou no banheiro e fiquei pensando se ela realmente sairia de novo. Vi Cheryl List do outro lado da piscina, conversando com Michael Flatmore. Inacreditável. Eu continuava a pingar e isso quase fazia parecer que eu estava fazendo xixi. De repente, achei que talvez houvesse alguém

me pregando uma peça. Comecei a ficar com náuseas. Aquele ainda não era o meu melhor momento, como você pode imaginar.

Mas Anna saiu do banheiro. Seu cabelo molhado estava repartido e penteado. Ela até sorriu para mim. Quando penso naquele dia, é como se Anna tivesse simplesmente *aparecido*. Alguém tinha que aparecer, e foi ela.

\* \* \*

Quando durmo na casa da Anna, sempre durmo na cama dela. É enorme. Os lençóis cheiram a leite. Horas depois do vespão, era lá que estávamos de novo, conversando com a luz apagada. Notei que entrava muita luz do luar pela janela, formando uma bela faixa no tapete. Conversávamos sobre os projetos de outono na escola, mas nenhuma de nós tinha uma ideia brilhante. Sugeri que tirássemos a roupa e nos deitássemos ao luar.

— Como projeto de outono? — espantou-se Anna. Ela fica confusa quando a gente muda de assunto muito depressa.

— Não, só hoje.

— Por quê? — ela perguntou.

Mas eu não tinha nenhuma razão, na verdade.

— Não vou tirar a roupa — disse ela. Mas riu.

— As ninfas fazem isso — comentei.

— Fazem o quê?

— Tomam banho de lua.

Os olhos de Anna brilhavam no escuro.

— Nem sei o que são ninfas — disse.

Expliquei-lhe que as ninfas eram lindas mocinhas que viviam na floresta.

— Espíritos — acrescentei.

Anna respondeu que não queria ser fantasma e eu expliquei que as ninfas não eram exatamente fantasmas. Mencionei que eram parentes dos deuses gregos.

— Elas são imortais? — perguntou Anna. Cara, ela sabia me irritar!

— Às vezes — respondi. — Nem sempre.

— A maioria delas vive muito tempo — expliquei —, a menos que tenha uma briga com um dos deuses. E elas nunca perdem a beleza ou envelhecem.

Também afirmei que os seios femininos foram feitos para viver ao luar. Exagerei pra valer, até deixar Anna ruborizada e rindo. Eu sabia que ela queria tirar a roupa.

— Só por um minuto — ela disse.

E foi o que fizemos. Tiramos a parte de cima da roupa e nos acomodamos no chão, deitadas de costas. Aninhamo-nos no quadradinho de luar.

— Acho que a porta não está trancada — disse Anna. Ela começou a se levantar, mas segurei sua mão.

— Não se preocupe, ninguém pode entrar — afirmei. — E, se alguém entrar, será castigado por olhar para nós. Só os bichos podem olhar para nós — acrescentei. E, de fato, era exatamente isso que o gato de Anna estava fazendo. Olhando para nós da cama.

O luar entrava pela janela e parecia quase palpável. Não era apenas ar, tinha dedos, prendia-se a nossos corpos. Notei que a pele de Anna era muito mais branca que a minha, mas procurei não olhar, porque não queria deixá-la nervosa.

Disse a ela que, um dia, não seria só o luar que ficaria em cima de nós.

— Eu sei — ela falou. — Às vezes eu penso nisso. Penso nisso quase como se já estivessem em cima de mim — acrescentou.

Uma vez, tentei fazer o Luke deitar em cima da minha barriga, para ver qual seria a sensação. Não me refiro a sexo. Eu não estava nua nem nada. Só queria compreender o peso de outra pessoa. Mas não funcionou. Luke apenas pôs a cabeça na minha barriga e eu lhe fiz festa até pegarmos no sono.

— Vai doer — disse Anna.

— Provavelmente — concordei.

De repente, caímos na gargalhada. Depois veio um período de silêncio, exceto pelo meu coração, que batia a mil por hora.

— O que você acha do Kevin Ryder? — perguntei.

— Arrgh! — disse Anna. — Horrível.

— Por quê?

Ela me olhou como se eu tivesse ficado maluca.

— A roupa — respondeu. — O *cabelo*. Quem ele pensa que é? O diabo? — perguntou.

— Ele é muito legal — retruquei.

Anna apenas deu de ombros e bocejou. Estava ficando muito à vontade no chão, por isso dei outra espiada em sua barriga. Cara, eu não parava de me surpreender com aquela alvura. Ela parecia coberta de pó de arroz. Parecia mesmo.

O aquecimento estava funcionando a todo vapor na casa, mas eu sentia a friagem do luar na pele como se fossem dedos invisíveis de alienígenas. E umas outras coisas, também invisíveis, aconteceram entre o corpo da Anna e o meu. Aposto que eu seria capaz de engravidar com alguma coisa saída dela, parte daquele pó branco. Os dedos dos alienígenas moviam-se para lá e para cá entre nós, feito abelhas.

Se ao menos eu conseguisse juntar a barriga branca com o cabelo azul, teria o monstro mais lindo do mundo.

De repente, notei que Anna estava chorando. Não era um soluçar, eram apenas fios silenciosos que lhe desciam pelo rosto. Olhei para ela e ela olhou para mim.

Isso está acontecendo, pensei. Anna está chorando. Por alguma razão, aquilo me deixou feliz.

— Eu não sei — disse Anna consigo mesma. — Eu estou sangrando.

Não entendi, e então ela pôs a mão na barriga.

— Começou hoje de manhã — disse.

Perguntei se era a primeira vez e ela respondeu que sim.

Enxugou os olhos.

— Talvez a gente deva fazer um pouco do trabalho de casa — ela sugeriu. — Ainda não estou com sono.

Levantou-se e vestiu a blusa. Pegou os livros e os trouxe para o luar. Era o mesmo mundo em que estivéramos vivendo, mas estava diferente. Tudo começou a brilhar. O gato viu. Ele viu o milagre. Aproximou-se e se esfregou na perna de Anna. Ela abriu um livro e dentro estava o desenho de um pássaro, e também dos ossos de um pássaro.

Horrível, eu disse comigo mesma. *Levirroh*.

Anna pôs o livro entre nós e começamos a fazer o dever dentro do milagre. Não estávamos com pressa. Tínhamos todo o tempo do mundo. Éramos como as secretárias de deus.

Na primeira vez que menstruei, pensei que fosse morrer. Também chorei.

Quando eu soube da morte de Helene, não chorei na mesma hora. Estava ocupada demais em notar quantas pessoas berravam no espaço sideral e em me perguntar por que eu nunca as tinha ouvido antes.

Há uma porção de mundos dos quais nem sequer tomamos conhecimento.

Ao luar, lembro-me de ter pensado: hoje Anna está sangrando. Daqui a quatro dias será o H.S.S.H.

Hoje eu tentei todos os planetas. Depois, tentei umas cem novas palavras em espanhol, porque era a língua que ela estudava na escola. Ainda há um dicionário de espanhol no quarto dela. E é provável que os planetas tenham surgido na minha cabeça por causa da peça. *Luas de Plutão*. Esta é a grande noite, meu grande compromisso com mamãe e papai. Ontem tive um ataque pavoroso, com lágrimas e tudo, e papai telefonou para comprar mais um ingresso.

Mas, quanto aos planetas e ao espanhol, nada funcionou. Senha incorreta, veio a resposta, em todas as tentativas. Depois de um tempo, comecei a me sentir uma criminosa. Por fim, passei para o *Bhagavad Gita* em busca de inspiração. Você conhece esse livro? Eu me lembro do dia em que Helene o comprou. Estávamos saindo do mercado Greenways com mamãe e uma senhora cheia de panos coloridos se aproximou de nós no estacionamento. Acho que era uma espécie de vendedora de livros religiosos. Mamãe disse não, obrigada, mas Helene quis dar uma olhada. Helene era muito generosa em matéria de pessoas em estacionamentos. Além disso, o livro só custava cinco dólares e tinha ilustrações em cores. Assim, experimentei Krishna, Sanjaya, Arjuna e uma porção de outros nomes interessantes. Senha incorreta, todas as vezes.

Você já viu uma imagem de Krishna? Ele tem a pele azul e nasceu assim mesmo, não é pintura. Ora tem dois braços, ora quatro. Usa uma coroa de ouro com uma pena de pavão no alto. É bem atraente, mas de um jeito meio exótico. Na introdução do *Bhagavad Gita* está toda a história da vida dele. Quando novinho, ele ficava com as vacas e as moças

que faziam a ordenha e era muito travesso. Uma vez, roubou uma porção de queijo e o enfiou nas bochechas, mas, quando sua mãe lhe abriu a boca, não viu o queijo, viu o universo inteiro. Quase se borrou nas calças. Essa não é uma citação literal, a parte do borrar-se. Só pensei em modernizá-la um pouquinho para você, dar um pouco mais de tempero. Aposto que eu poderia ser uma excelente tradutora, se quisesse. Basicamente, esse trabalho é fingir que você é estrangeira, mas na sua própria língua.

Mais tarde, quando me viu com o livro, papai perguntou o que eu estava fazendo com ele. Eu disse que só estava olhando as figuras. Papai não é muito chegado a livros religiosos. Além disso, é provável que esse livro o lembre de você-sabe-quem. No dia em que o comprou, ela o levou para a mesa do jantar e leu uma passagem para todos nós. Consegui encontrar a frase, porque é a que ela sublinhou. *Quando Arjuna viu muitos de seus amigos e parentes no exército adversário, ficou atônito, confuso e cheio de compaixão.* O grifo torto a lápis embaixo da frase está tão pálido que dá vontade de chorar. Passei horas carregando o livrinho pela casa, como se fosse uma bolsa cara que combinasse perfeitamente com a minha roupa. Mamãe ainda não o notou, ou, se notou, está mordendo a língua.

Não sei exatamente o que eu quero.

Acho que, de certo modo, gostaria de vê-la. Uma porção de gente já viu mortos, isso é bastante bem documentado. Uma das principais maneiras de eles voltarem é nos sonhos. Por alguma razão, antigamente as pessoas os viam muito mais. Parece que os pobres os veem mais do que os ricos. E os velhos mais do que os jovens. Os cachorros os veem o tempo todo, segundo consta. Li um montão de informações na internet.

Às vezes, quando se vê um morto, ele quer nos dar alguma coisa, mas, se for comida, você não deve comê-la. Mesmo que os mortos tentem lhe dar dinheiro, a regra geral é: não aceite. É que as coisas vindas da terra dos mortos podem ser venenosas, ou dar azar. De repente, você pode ser sugado para outro mundo e nunca mais conseguir voltar. Se Helene quisesse me dar uma maçã ou uma nota de dólar, eu decididamente aceitaria. Nem ia hesitar.

Mas eu nunca vi Helene. Ela não me apareceu em sonhos nem uma vez, não do jeito certo, inteira. Nunca parou embaixo de uma árvore do quintal ou de um poste de luz à noite. Não apareceu dentro de casa, flutuando pelo corredor e me incitando a segui-la. A única pessoa que já me apareceu em sonhos foi o homem que a empurrou, mas ele nem sequer tem um rosto. Às vezes, são apenas sonho com trens.

Uma das coisas que eu me pergunto é: os mortos querem que a gente morra também, ou querem que a gente fique vivo? Às vezes me pergunto se Helene tem inveja de mim. Será que se zanga comigo, será que gostaria que pudéssemos trocar de lugar? Depois me pergunto se ela sequer ainda tem inteligência para pensar em mim. Restou alguma coisa dela, lá onde está? Fico feliz por ter as cartas, os e-mails e os desenhos. Mas a senha é o mais importante, é como uma porta trancada, e talvez haja fantasmas atrás dela. Pode ser que sejam apenas fantasmas antiquados, daqueles que tentam oferecer maçãs. Provavelmente, os fantasmas modernos têm novos modos de fazer as coisas. Não se oporiam a fazer contato conosco por meios eletrônicos.

Também acho que Helene pode estar brincando comigo. No último ano que viveu, ela me ignorou o tempo todo, de modo que talvez esteja fazendo o mesmo jogo agora. Mas, depois de mortas, as pessoas deviam ser diferentes. Depois de mortas, deviam ser cheias de amor e paixão. Não deviam ser tão frias.

Por exemplo, Helene nunca me deixou usar as roupas dela. Tinha umas coisas bem bonitas. Amanhã, já decidi, vou usar um de seus vestidos. Isso faz parte do meu plano. É provável que o vestido não sirva perfeitamente, mas não importa. Eu quase poderia *ser* Helene, se quisesse. Talvez desse um pouco de trabalho, mas e daí? É uma ideia interessante. O que pensaria mamãe, se Helene aparecesse subitamente na sala?

Amanhã é o grande dia. Exatamente um ano.

É engraçado, dentro de poucos anos serei mais velha do que Helene. A não ser que os mortos também envelheçam. Não sei exatamente como isso funciona. Lembro que, há muito tempo, mamãe tinha um cartão de caixa eletrônico com uma senha secreta. Às vezes ela deixava Helene e eu



teclarmos os números, quando estávamos na mercearia ou no banco. Mamãe nos fez prometer nunca dizer a ninguém os números mágicos. E nos ensinou um jeito inteligente de lembrá-los. Quando Helene tiver vinte e seis anos, ela nos disse, eu terei quarenta e seis.

2646.

Fico pensando se mamãe ainda tem esse cartão. Se tiver, precisa trocar a senha.

Para 1646, por exemplo. Na verdade, mamãe poderia pôr a idade que quisesse no lado correspondente a ela, sem nunca ter de se preocupar em fazer as contas relativas a Helene. Mesmo que os mortos envelheçam no espaço sideral, na Terra eles ficam onde pararam. Ponto-final, acabou-se a história. Na Terra ela sempre terá dezesseis anos.

*Querida Helene,*

*Domingo seria bom para mim, depois das quatro. Tenho uma coisa para você, você vai dar risada quando a vir. Tô trabalhando numa nova canção, bem que você poderia me ajudar, está uma puta confusão, ahhhhh. Avise sobre o domingo.*

*Com amor, Louis.*

Helene tinha uns esconderijos engenhosos para as cartas e os e-mails. Faz poucos meses que achei os do Louis. A maioria das mensagens estava dobrada e enfurnada num compartimento secreto com zíper na barriga de um urso de pelúcia. Acho que sou a única pessoa que já as viu. Nem mesmo a polícia as notou quando veio à minha casa e vasculhou grosseiramente o quarto de H, como se fosse ela a criminosa.

Agora eu guardo as cartas no porão, que é basicamente uma terra de ninguém desde que Helene morreu. Mamãe e papai nunca descem lá. É onde Helene costumava fazer seus exercícios de canto quando não queria ser perturbada. Às vezes, quando ela cantava alto e estávamos na cozinha, dava para ouvir sua voz subindo direto do chão.

E acho que ela cantava com o Louis. O que é de cortar o coração, se a gente pensar muito nisso. O que eu não faço!

\* \* \*

Tentei telefonar para Anna durante cerca de uma hora, mas ninguém atendeu. Eu queria a opinião dela sobre o que usar no teatro hoje à noite. No fim, liguei apenas para Kevin Ryder, porque tinha que telefonar para alguém. Meu coração estava disparado por alguma razão. Ler cartas de amor sempre me deixa num estado de espírito engraçado.

Kevin e eu não tínhamos muito o que dizer um ao outro. Perguntei se ele ainda estava com o cabelo.

— O que você quer dizer? — ele perguntou.

— O azul.

— Estou, é permanente — disse ele, e então perguntei se sua mãe tinha desmaiado.

— Praticamente.

Ambos rimos um pouco, o que foi legal.

— Também andei pensando em mudar meu cabelo — comentei. — Talvez pôr uma cor diferente.

Perguntei se ele podia recomendar um bom colorista.

— Você mesma pode aplicar a tintura — ele me informou.

Perguntei se um dia, quem sabe, ele poderia me mostrar como era, e ele disse "Claro".

— São produtos químicos — informou.

— Não tenho medo de produtos químicos.

— Não use azul — disse ele.

— Não, eu não usaria. Essa é a sua cor.

Às vezes eu sei exatamente o que dizer às pessoas.

— Azul não cairia bem em mim, de qualquer jeito — emendei.

— Você podia pintar de preto — disse ele.

Preto. A simples palavra me dava um ataque cardíaco.

— Vou ter que pensar nisso.

E aí, esse foi basicamente o fim da conversa.

— Tenho que desligar — disse eu.

Não contei que ia ao teatro com meus pais. Não quis dar a impressão errada. Como se eu fosse algum bebezinho, com medo de ficar sozinha em casa.

Queria que ele pensasse em mim como a garota do cabelo preto, embora não fosse exatamente essa a cor em que eu estava pensando. Vermelho era mais a minha ideia. Mas, se eu usasse vermelho, é provável que fosse atingida por um raio. Os vigias talvez não ficassem muito satisfeitos. Ou então, quem sabe, pode ser que ficassem extasiados. Uma coisa que eu posso lhe dizer é que, definitivamente, eles notariam, isso é certo. *Olhem só para ela, a mocinha ruiva, é melhor ficarmos de olho nessa aí.* Praticamente já posso ouvi-los.

A peça não tinha absolutamente nada a ver com o espaço, nada a ver com planetas. Era toda sobre Joe e Judy Moon — os Lua! — e sua filha retardada mental, que moravam... adivinhe onde!? Em Plutão, no Missouri. Que nem sequer é um lugar real.

Definitivamente, a peça *Luas de Plutão* não fazia o meu gênero. Você acreditava em tudo, mas era chata. A gente ficava torcendo para que, em segredo, a garota retardada soubesse voar ou ler o pensamento das pessoas, mas não era o caso. Ela era apenas retardada e quase não tinha nenhuma fala. Que papel para uma atriz! Era praticamente só babar.

Mamãe usou um vestido preto com flores prateadas. Eu tinha esquecido quanto ela sabe ser maravilhosa, quando se esforça. Ela prendeu o cabelo no alto e deixou umas mechas parecidas com cobrinhas caídas na nuca. Papai vestiu um terno preto que o fez ficar com jeito de milionário. Eles deviam ser assim antes de eu existir.

Usei apenas jeans e um suéter. Estou guardando a exibição espetacular de moda para amanhã. Já escolhi um vestido da Helene. O meu vestido. Tomara que na hora eu esteja me sentindo melhor. Meu estômago ainda está meio esquisito por causa de tudo que aconteceu naquela peça idiota. Minha cabeça também não está nenhuma maravilha. Que noite, vou te contar! Abominável. Mas bota abominável nisso!

Nossos lugares eram bons, mas, numa peça ruim, bons lugares são a última coisa que se quer. São como o corredor da morte. Papai sentou-se na poltrona junto ao corredor, mamãe ao lado dele, e depois eu. A certa

altura, papai segurou a mão de mamãe. Foi no pedaço triste da peça, em que Judy Moon fala de sua vida antes de Joe, quando ela era atleta profissional de patinação no gelo. Os cartazes na parte externa do teatro diziam "engraçada e comovente", mas não ri nem uma vez. Papai riu exatamente três vezes, mas só pelo nariz.

O interessante foi pensar que aquelas pessoas não eram realmente Joe e Judy Moon. Não eram casadas na vida real, porque na vida real eles eram atores. Na vida real o nome dele era William Miller e o dela, Cynthia Callis. Fiquei com pena deles, só que não sabia de quem sentia pena, se de Joe e Judy, se de William e Cynthia.

No intervalo, mamãe correu para o banheiro. Papai e eu esperamos no saguão. Ele tomou uma taça de vinho e eu, um suco com um cookie.

— O que você está achando? — perguntou papai.

— Pensei que era para ser engraçado.

— É um tipo de graça diferente — ele disse.

— Que tipo? — Mas ele não respondeu. Bebericou o vinho e olhou para as pinturas no teto.

— Que tal aquilo? — perguntou, e meio que se perdeu lá por cima.

Nos últimos tempos, notei que papai está começando a desaparecer. Basicamente, está seguindo mamãe, mas para onde é que ela vai?

— Como está o seu cookie? — indagou ele.

— Horrível.

Dei uma olhada em volta para o grupo elegante espalhado pelo saguão e pensei nas pessoas que tinham morrido na ópera no ano passado. Tomando vinho e comendo cookies, assim como nós. Papai ficou olhando para o banheiro. Parecia nervoso.

— Faz um bom tempo que ela está lá, não é? — comentou, com jeito de quem talvez quisesse ajuda.

Perguntei se ele queria que eu fosse buscá-la. E, justo nesse momento, as luzes piscaram algumas vezes, o que significava "volte para o seu lugar".

— Vá sentar-se — disse papai.

Fiquei parada. Por alguma razão, senti que nós três devíamos permanecer juntos.

— Vá indo — disse papai. — Assim você pode nos contar o que aconteceu, se perdermos alguma coisa. Você sabe onde ficam as nossas poltronas, não é?

Fiz que sim e o deixei parado lá, com a taça de vinho brilhando na mão. Não olhei para trás. Sou supersticiosa quanto a olhar para trás, para alguém de quem a gente está se afastando, por causa daquela história do músico que meteu os pés pelas mãos quando ia saindo do inferno. Ele teve uma chance que só pinta uma vez na vida, mas ficou nervoso e estragou tudo.

No teatro, a cortina estava fechada, mas dava para sentir as pessoas respirando atrás dela. Quando cheguei à minha poltrona, a mulher ao meu lado me olhou e sorriu:

— Está se divertindo, meu bem?

Era velha e cheirava a pot-pourri.

— Eu adoro essa menininha — comentou. — É de cortar o coração.

— A senhora acha a peça engraçada? — perguntei.

— Ah, sim. A mãe é uma figura.

Eu disse à tal senhora que não a tinha ouvido rir, e ela retrucou que estava rindo por dentro. O que me pareceu um comentário interessante. Ela bateu no peito para me mostrar onde estava escondido o riso secreto. Em seguida, as luzes se apagaram e ela disse "Psiu", como se tivesse sido eu a começar aquela conversa idiota.

Quando a cortina se abriu, era um mundo completamente diferente. A sala havia desaparecido e o palco inteiro estava branco. Era impossível dizer se aquilo pretendia ser o polo norte ou o paraíso, ou se estavam só tentando nos cegar. A luz era loucamente brilhante.

Lucy Moon estava no palco sozinha. Lucy era a filha. Ficou lá parada e, durante muito tempo, não aconteceu nada. Como se fosse um erro. Depois, ela finalmente começou a produzir uns sons. Metade bicho, metade bebê. Achei que isso talvez pretendesse ser a parte engraçada. Olhei para a senhora a meu lado e ela estava com a mão na boca e os olhos esbugalhados.

Quando tornei a olhar para o palco, tinha começado a nevar. Era neve de mentira, mas, de algum modo, era até melhor do que a neve real. Incrível mesmo, na verdade. Lucy Moon olhou para a direita e para a esquerda e, de repente, deu um grito. Um grito selvagem.

Quando parou de gritar, Lucy fitou a plateia. Olhou diretamente para mim. Eu estava na terceira fila, bem perto.

— Ajude-me — disse.

Não gostei de como aquilo soava. Virei para os lados, mas não vi mamãe nem papai em parte alguma. Quando tornei a virar para o palco, Lucy continuava a me encarar.

— Quero ir para casa — ela disse, mas com um ar retardado. Estava praticamente chorando.

Senti o calor subindo pelo meu pescoço.

Virei-me para a senhora ao lado. Ela fez um gesto, como se eu devesse me levantar e fazer alguma coisa.

— É uma peça — eu disse.

Não fazia ideia de que diabo estava acontecendo. Era como se eu estivesse sonhando.

A senhora encostou a boca no meu ouvido:

— Participação da plateia — explicou.

Lucy estendia a mão para mim.

— Eu não sei as falas — objetei. Meu pescoço queimava de verdade. Até minha garganta estava pegando fogo.

— Leve na esportiva — disse a velha senhora. E me deu um empurrãozinho.

Olhei para Lucy e balancei a cabeça. Todo mundo olhava para mim. Senti o cookie dar voltas no estômago. Por fim, Lucy virou-se para outra pessoa, graças a deus, um homem de camisa vermelha. Ele se levantou da poltrona e subiu a escada do palco. A senhora idosa estalou a língua para mim. Foda-se, eu disse. Só que não disse de verdade. Disse por dentro, rá-rá-rá, que nem a risada estúpida dela.

E nem sei o que o homem de camisa vermelha fez por Lucy, porque me virei de novo para procurar mamãe e papai. E então, quando percebi, a

neve tinha parado e Lucy estava beijando o rosto do homem. Obrigada, disse. *Bigada*. Vi o homem voltar para sua poltrona, sorrindo e sacudindo dos ombros a neve de mentira, como se fosse algum tipo de herói. Quando tornei a olhar para o palco, lá estava toda a mobília de novo, não sei como. E lá estava Lucy, sã e salva, bem no meio da sua sala. E então Joe e Judy entraram, como se nada houvesse acontecido, e recomeçou a conversinha idiota.

Foi nessa hora que vomitei no lugar vazio de mamãe. Mantive a cabeça baixa, para o caso de acontecer de novo. Senti um tapinha no ombro. Mas não eram eles. Era a velha senhora.

— Tome — disse ela, tentando me passar um lençinho. — Limpe o assento.

Quando tornei a erguer o corpo na poltrona, não vi mais nada da peça. Fechei os olhos e comecei a contar. Tinha a sensação de que meu rosto estava derretendo. Quando enfim aquilo acabou, saí correndo pelo corredor enquanto todos batiam palmas. Notei que ainda estava com o lençinho da tal senhora idosa e o joguei no chão. Mamãe e papai estavam junto à porta dos fundos e tive vontade de me agarrar a eles, mas apenas passei voando.

— Ei, ei — disse papai —, devagar!

Corri para o lado de fora. Havia esfriado e o vento sacudia umas bandeiras.

— Eles não nos deixaram entrar — papai explicou.

Olhei para minha mãe.

— Você não viu aquilo? — perguntei. Fiquei doida ao pensar que ela podia não ter visto a neve nem a gritaria, nem eu vomitando em sua poltrona.

— Nós assistimos lá dos fundos — disse papai.

— Você não pode simplesmente desaparecer — falei.

— Do que você está falando? — disse mamãe.

Papai me perguntou qual era o problema.

— Não estou me sentindo bem.



Mamãe pôs a mão na minha testa, mas isso não significou nada. Não manteve a mão nela por mais de um segundo.

— Você não está com febre — comentou.

— Como é que você sabe? — gritei.

Papai tossiu e disse:

— Vou buscar o carro.

Fixei o olhar mais duro que pude em minha mãe.

— Pensei que seria sobre o espaço — disse eu.

Mamãe riu.

— Não seja ridícula.

Meus velhos sentimentos voltaram e eu a odiei com mais intensidade do que nunca.

— O trabalho dos atores foi bom — disse mamãe.

— Um bando de babões — retruquei.

Mamãe deu um meio sorriso, mas percebi quanto era falso. Cynthia Callis teria feito coisa melhor. Seu vestido esvoaçou ao vento e eu pensei: pode sair voando, se é isso que você quer.

— O que você disse? — ela perguntou.

— Nada — respondi. Senti como se os postes de luz me esmurrassem o rosto.

— Tome — disse mamãe, pondo seu suéter nos meus ombros.

— Não estou com frio — declarei, mas estava congelando.

Percebi o medo que mamãe sentiu de que eu começasse a gritar. Como havia gritado nos primeiros meses, quando acordava dos pesadelos. De certo modo, pensei, tenho mamãe na palma da mão. Imaginei quebrá-la em um milhão de pedaços. Tive vontade de apertar seu pescoço e fazê-la começar a cantar.

— Aí vem seu pai — ela disse.

Papai chegou com o carro e corri para ele. Deitei no banco traseiro e enrolei o suéter da mamãe na cabeça, o que queria dizer *Não entre: propriedade particular*.

Ninguém disse nada em todo o trajeto para casa. Havia perfume no suéter da mamãe, do tipo que eu adoro, que tem cheiro de pó de arroz,

mas nessa noite ele só me fez ficar mais enjoada. Em certo momento, pensei ter ouvido mamãe e papai cochichando, mas, quando tirei a cabeça do suéter, vi que era só o rádio. Papai o havia ligado bem baixinho. Eram vozes de estranhos.

Tenho que sair daqui, pensei. Comecei a chorar, mas engoli o choro.

— O que você está comendo? — mamãe perguntou.

Foi quando parei de respirar. Transformei-me num morto.

Mas aí, tive que respirar de novo, não pude evitar.

Quando íamos entrando na garagem, vi os olhos de papai no retrovisor. Acho que ele também me viu. Olhamos um para o outro por um segundo e, com o espelho entre nós, foi quase como se a verdade estivesse vindo à tona.

Foi tão intenso que baixei a cabeça. Vomitei no carro. Tudo começou a rodar, e aí o tempo ficou esquisito outra vez. Passaram-se alguns anos, ou talvez eles tenham andado para trás, porque, quando dei por mim, papai estava me carregando para dentro de casa e me pondo na cama. O que é uma coisa que ele costumava fazer há milhões de anos, quando eu era bebê. Quando eu era o anjinho do mundo. Quando éramos as pessoas mais afortunadas que já viveram na face da Terra.

Papai disse que eu estava gritando. Delirando, afirmou.

— O que eu disse? — perguntei.

Ele respondeu que não conseguira entender.

Perguntei que horas eram e ele disse que eram três da manhã.

— Durma — falou. Sua voz era boa. Ele era meu pai, sem sombra de dúvida.

Eu havia chutado as cobertas para longe da cama e ele as repôs em volta de mim.

Perguntei se eu tinha dito o nome de alguém.

— Não. Feche os olhos.

E foi embora. Nem sei como desapareceu do meu quarto. Durante a noite inteira, ficou indo e vindo, feito os golfinhos do Sea World. Mamãe entrou uma vez. Não chegou propriamente a entrar, apenas parou junto à porta.

A maior parte das visitas foi de papai. Num dado momento, ele pegou uma boneca na minha estante e a pôs na cama comigo.

— Você não está velha demais para a Polly, está?

— Essa não é a Polly. É a Grace.

— Qual delas é a Polly? — ele indagou.

— A Polly morreu — respondi. — A Polly está morta.

— Ah. Então, está bem. Grace.

Quando papai a pôs do meu lado, apenas a deixei deitada ali. Não a peguei no colo. Fingi que era uma estranha, que eu não gostava dela. Quando invento uma história, sei me prender a ela direitinho. Uma vez o

Árvore me disse que eu tinha uma bela imaginação. Mas você tem que ter cuidado, acrescentou. Precisa ter cuidado para não levá-la longe demais.

Quanto vem a ser longe demais?, fico pensando. Quando existem homens que empurram garotas na frente de trens, nada parece ser longe demais.

O sol ainda não despontou, mas já posso dizer.

H.S.S.H.

Vi a luz começando a entrar pela janela, os primeiros raios.

Por favor, me ajude, eu disse. Nem sei com quem estava falando. Será que estava falando com ela? Estou falando com você?

E a verdade é que nem sei quem você é.

Você é um dos vigias? Eu pergunto.

Você está aí?

No aniversário de quatorze anos da Helene, mamãe a levou comigo a uma fazenda para que pudéssemos andar a cavalo. Mamãe costumava cavalgar quando menina. Isso parece ter sido uma parte importante da vida dela. No começo, eu não queria chegar perto dos cavalos. Mamãe perguntou se eu estava com medo e eu disse que sim, e ela falou para eu não ficar, porque eram os animais mais meigos do mundo. O que me preocupava era a cabeça comprida deles. E os dentões, que também eram um problema. Do jeito que a boca tremia e se deslocava pro lado quando comiam, parecia que eles tinham problemas mentais.

Mamãe apontou para um enorme cavalo castanho e disse que ele parecia perfeito para mim.

— Vá em frente — disse-me —, pode fazer festa nele.

Olhei para os olhos do cavalo, que pareciam mesmo muito inteligentes. Quando o toquei, ele mexeu o rabo de um jeito que me fez pensar numa rainha. E então jogou a cabeça para trás e soltou ar pelo nariz, e saí correndo de perto dele e mamãe riu:

— Ele só está animado — afirmou ela. — Gostou de você, Mathilda.

Mamãe sorria e tinha as bochechas vermelhas por causa do ar frio.

— Por que você não o monta primeiro? — perguntei.

E foi o que ela fez. Montou o cavalo castanho e acenou para mim de cima dele. Eu nunca tinha visto mamãe cavalgar, apesar de já ter ouvido um milhão de histórias. Sobre saltar cercas e sobre as fitas azuis e os troféus, que agora estão em caixas no porão, mas antes decoravam as

paredes do quarto da mamãe na casa em que ela cresceu. Pelo menos, é o que diz a história.

Helene também montou nesse dia. Só havia cavalgado uma vez até então, mas tinha um talento natural. Seu corpo sabia exatamente o que fazer. Ela se aproximou de mamãe num cavalo cinzento e as duas partiram em direção a umas árvores ao longe, que pareciam ter dez centímetros de altura. As duas podiam ser irmãs, e eu, a mãe, de tanto que me orgulhava delas. Foi basicamente um dia perfeito.

Esse é o tipo de coisa sobre a qual devíamos estar sentados à mesa conversando. Contando histórias sobre Helene, dos melhores dias de que pudéssemos nos lembrar. Isso é tido como um dos modos de as pessoas normais viverem o luto.

Em vez disso, tive de acordar, um ano depois de minha irmã ter chegado ao fim, e pôr o vestido dela e marchar para a sala feito um fantasma. E, ainda que fosse terrível, era o único jeito.

Quando me levantei da cama, senti-me meio zozza. Mesmo depois, se eu me movimentasse muito depressa, ficava com a respiração engraçada, feito um cachorro.

O vestido estava estendido na minha cama. Era amarelo. Cor de manteiga. E havia uns pespontos verdes na saia. Mamãe se lembraria desse vestido. Era incrível mesmo. Os pespontos verdes rodopiavam por todo o amarelo, quase como música. Um rapaz o dera de presente a Helene. Ela nunca dissera quem. Mas, quando um rapaz lhe dá um vestido pela primeira vez, isso significa que você é uma mulher. Assim que Helene desceu usando esse vestido, todos soubemos que ela não era a mesma pessoa.

Provavelmente, papai e mamãe se acharam espertos por me deixarem dormir. Talvez sua esperança secreta fosse que eu passasse o dia inteiro de cama, doente, e acordasse amanhã. Ouvi a televisão ligada lá embaixo. O que foi estranho, porque eles não costumam assistir à televisão de manhã. Era incrível ainda nem terem subido pra dizer bom-dia ou pra me perguntar como eu estava. Tinham passado a noite inteira entrando e

saindo feito golfinhos, mas, de manhã, eram seres humanos de novo. Mantenha a distância!

Vesti parcialmente o vestido, mas tive que tirá-lo.

Tranquei a porta.

Agora o vestido estava amassado no chão, e eu o apanhei e alisei em cima da cama. Arranquei dois fios de cabelo do alto da cabeça, só para dar um tempo.

Depois, respirei fundo e pus o vestido. O sol se derramava pela janela, o que foi outra bofetada no rosto. Olhei para mim mesma no espelho e quase perdi a coragem. E não foi por estar horrorosa, mas por estar bonita. O vestido servia perfeitamente. Escovei o cabelo. Belisquei as bochechas para avivar a cor. Cheguei quase a me sentir uma noiva.

Estava basicamente pronta. Ia descer e não me importava se essa fosse a última coisa que eu faria na vida. Beije-me no espelho e me assustei, porque meus lábios estavam frios. Ou talvez os lábios do espelho é que estivessem frios. Era impossível saber a diferença.

Não conheço nenhuma oração. Nem saberia por onde começar. Alguém devia ter me ensinado pelo menos uma, para situações como essa.

Desci; foi a primeira coisa que fiz.

Desci e a casa cheirava a cigarro. Tudo quieto, exceto a televisão, e por isso fui em direção a ela. Na sala.

Mamãe estava lá. E papai também. Ele em pé, ela sentada, mas ambos olhando para o televisor. O corpo de mamãe bloqueava a imagem. Ela estava de sutiã, o que não é seu jeito normal de andar pela casa. Vi as sardas em suas costas. Por que eles estavam assistindo a um filme?, pensei. Eles estavam totalmente absortos. Era de enfurecer.

Depois, ouvi uma voz na televisão dizer "não identificado" e pensei imediatamente em discos voadores. Tossi para me anunciar.

Quando mamãe se voltou para mim, estava com lágrimas nos olhos. Ficou me olhando, e eu me mantive perfeitamente ereta. Esperei que ela dissesse alguma coisa. Ela abriu a boca, mas não saiu nada, e apenas tornou a se virar para a televisão.

Com papai foi a mesma coisa. Calado, com lágrimas nos olhos.

Está acontecendo, foi minha primeira ideia. Eu fiz acontecer. O luto.

Mas a parte confusa era a televisão.

Talvez eles estejam tentando me deixar com raiva, foi minha segunda ideia. Contornei minha mãe, para ver a que programa os dois estavam assistindo. Era um filme sobre um terremoto ou um incêndio. Havia gente gritando e pessoas correndo. Parecia um filme sobre desastres, só que não era. Era o noticiário.



Papai se aproximou e apertou meu ombro.

— Houve outro ataque — informou.

Tornei a olhar para a televisão, mas a coisa não fazia muito sentido. Havia muita fumaça e destroços. Também havia pessoas deitadas no chão, e não estavam se mexendo.

— Onde é isso? — perguntei. — Em que país?

E então, de repente, a imagem da televisão mudou. Veio uma espécie de videoteipe caseiro do mesmo lugar, só que antes do incêndio. Via-se um grande prédio branco, em perfeitas condições. Uma porção de gente entrava nele, a maioria homens de terno escuro. A pessoa que estava filmando havia parado a mais ou menos um quarteirão de distância e devia estar tremendo, porque a imagem pulava de tudo quanto era jeito.

E então veio a explosão. O edifício começou a oscilar como uma miragem no deserto. E aí houve um som ainda mais alto, e foi nessa hora que o prédio inteiro se estilhaçou, com pedaços voando para todo lado.

— Ah, meu deus — disse mamãe.

Alguns pedaços caíram em cima das pessoas que ainda estavam do lado de fora. Tudo virou fumaça. Foi pior do que o teatro de ópera. Foi quase tão ruim quanto os aviões de quando eu era pequena.

E então a imagem mudou outra vez. A pessoa que segurava a câmera virou-a e a apontou para o próprio rosto. Era um homem qualquer, de olhos azuis e barba.

— Vocês todos vão morrer — ele disse.

E então se matou com um tiro, e tudo ficou imóvel.

— Ah, meu deus — mamãe repetiu.

Foi quando me lembrei de que eu estava doente e queria que alguém pusesse uma toalha fria na minha cabeça.

— Provavelmente não é de verdade — comentei.

A essa altura mamãe começara a soluçar. Mas estava tudo errado.

— Mamãe, é um filme — eu disse. Sentei-me a seu lado, porque achei que eu talvez fosse desmaiar. Meu corpo todo queimava.

O que está acontecendo?, pensei. Qual é a grande piada?

Na televisão, a imagem voltara à cena da fumaça e da gritaria.

— Tenho que ir pra escola — eu disse, mas as palavras soaram engraçadas, porque eu estava batendo os dentes.

— Está tudo bem — disse papai, que se aproximou e me abraçou.

— Ela não devia estar vendo isso — disse mamãe.

— Onde é isso? — tornei a perguntar. Mas eles não me responderam, e por isso me levantei pra olhar pela janela e me certificar de que não estava acontecendo ali perto.

Quando olhei de novo para a televisão, havia uma mulher negra que tinha ficado branca. Não conseguia recobrar o fôlego, e um policial branco magrinho a ajudava a andar pela rua. Ela fazia sons parecidos com os de Lucy Moon.

— Terrorista — disse uma voz na televisão.

O vestido amarelo estava morrendo em cima de mim.

Marchei pela sala e desliguei a televisão.

— O que está fazendo? — perguntou papai. — Ligue isso de novo.

Os dois ficaram me olhando como que desamparados, as caras suspensas no ar. Pareciam os filhos de alguém.

— Ligue de novo a televisão — papai repetiu.

Mamãe apontava o dedo para o aparelho, feito uma idiota.

— Mathilda, não faça isso — disse.

Estivera cega, a princípio, mas nessa hora ela viu. Seu rosto inteiro mudou de cor.

— Que roupa é essa? — perguntou. Mal se conseguia ouvi-la, mas ela repetiu: — Que diabo de roupa você está usando?

Papai passou por mim e tornou a ligar a televisão.

— Saia da frente, meu bem — disse. — Eu sei que isso é muito inquietante.

Continuei olhando para mamãe. Ainda havia lágrimas em seus olhos, mas eu não tinha como saber quais eram pelo edifício e quais eram por Helene.

— Vá trocar de roupa — ela ordenou, sem sequer me olhar.

Fiquei parada. Não me mexi. Vi que mamãe estava tremendo.

— Não — retruquei.

Mamãe se levantou do sofá e caminhou na minha direção. Parecia precisar de muletas.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou. E me agarrou pelos ombros com tanta força que eu me assustei. — Você se acha engraçada?

— Michele — disse papai, e tentou afastá-la de mim.

Mas mamãe era mais forte e o repeliu com um safanão.

E então fomos só mamãe e eu, olho no olho, como as duas últimas pessoas no mundo. Vi que ia acontecer, como um acordo feito entre nós havia muito tempo. A mão dela descreveu uma curva e me esbofeteou. Outra pessoa sentiu a dor.

Papai não tinha nada a ver com isso, e sabia que era assim. Era só com mamãe.

— *Vá trocar de roupa* — ela mandou, as palavras saindo de sua boca feito uma cobra.

De repente, papai se interpôs entre nós e mamãe deixou que ele a levasse para o sofá. Ele a impediu de cair. Era óbvio que mamãe era sua preocupação número um.

E então foi ela quem bancou a morta. Não queria abrir os olhos. Papai me olhou como se eu tivesse partido o seu coração idiota. Balançou a cabeça.

Desculpe, tive vontade de dizer. Quando passei a seu lado, ele não me tocou.

— Centenas de mortos — dizia a televisão.

Papai desabou ao lado da mamãe no sofá. Passei por trás deles, mas não saí da sala. Fiquei parada à porta. Observando os dois. Mamãe de roupa de baixo e papai de short e sem camisa. Na televisão continuava o filme da fumaça preta e dos escombros, mas não olhei para lá. Olhei para as sardas nas costas da mamãe, que dançavam feito micróbios sob um microscópio. Papai enlaçou os ombros dela como se fosse seu namorado. Não tinha nem penteado o cabelo, que estava espetado por toda parte. Não gosto deles. Não gosto.

Fiquei parada atrás dos dois feito um fantasma.

O corpo do papai e o da mamãe se mexiam para cima e para baixo, como se os dois estivessem rindo. A mão dele acariciava o lindo pescoço dela. Ficaram sentados ali, assistindo ao fim do mundo como namorados vendo um filme no *drive-in*. De roupa de baixo, como se houvessem acabado de transar.

E o meu lindo pensamento horrível foi: ainda nem fui gerada. Mamãe e papai são jovens e o sexo acabou de inventar a Helene.

*Vocês todos vão morrer.*

Não, não, não, eu disse, como se fizesse um trato com alguém. Deixe-me dormir de novo, pedi. Estava praticamente implorando. Deixe-me dormir de novo e, quando eu acordar, eu juro, *juro* que não vou me lembrar.

# PARTE DOIS

Somos um país em guerra, disse o presidente. Seus lábios estão de cabeça para baixo. O inimigo é invisível, ele declarou. Não faz sentido, mas, ainda assim, é apavorante. É fácil imaginar tudo pegando fogo, até nossa casa. Uma vez, na televisão, vi uma senhora vasculhando uma porção de tábuas quebradas à procura de seus pertences. Não era guerra, tinha sido um tornado, mas a sensação era a mesma. As tábuas quebradas eram tudo o que havia restado da casa dela. Seu vestido sujo esvoaçava ao vento, parecia a morte dos pioneiros. Onde é que eu vou morar?, ela ficava repetindo. Disse isso umas dez vezes, como se estivesse bêbada. Acabou encontrando uns pratos, mas estavam todos em cacos. Depois de uma guerra, às vezes é ainda pior. Milhares de pessoas vagando a esmo, procurando água. Às vezes acontece no inverno, mas o que é que se pode fazer? Uma casa, pensando bem, é uma coisa bastante frágil.

Há momentos em que fico pensando se o Eyad, da minha turma, é um deles. Terrorista, quero dizer. Sei que ele não é, mas, mesmo assim, às vezes alimento essa ideia. Alguém deu um empurrão na mãe do Eyad na semana passada, quando ela estava fazendo compras. Ela foi derrubada no chão. Não entendo por que ela não começa a se vestir como uma pessoa normal e tira aquela roupa de terrorista. Enquadrar-se, é isso que as pessoas assim deviam tentar fazer. Para que procurar encrenca? Eu noto que o Eyad mantém a cabeça baixa quase todo o tempo, o que imagino que seja o melhor. Ele não parece querer machucar ninguém. E, de trás para frente, o nome dele é Daye, o que é bem positivo.

Mas, mesmo que não seja terrorista, talvez ele seja parente de algum. Ontem ele estava usando uma camiseta com uma bandeira. A nossa bandeira, e acho que é a dele também. Mas, mesmo assim, foi constrangedor, de certo modo. Além de meio suspeito. É como usar uma camiseta com o nome da gente. Se eu visse um garoto com a palavra JOE impressa na camiseta, e se ele chegasse para mim e dissesse *Oi, eu sou o Joe*, bem, eu teria que me perguntar se ele era ou não era. Não ia acreditar completamente nele. Às vezes fico observando o Eyad e tento adivinhar seus pensamentos, mas ele é osso duro de roer. Eu já lhe falei dos dentes brancos dele? Incríveis. Imagine se eu me apaixonasse por ele. O que os outros iam pensar? Ele é uma gracinha de pessoa, na verdade, mas, não importa como se encare a questão, dizem os especialistas, não se pode confiar nele completamente.

FIQUE ATENTO, FIQUE SEGURO. É essa a expressão da moda. Está por toda parte na escola, em letras vermelhas. Toda vez que fazemos um treinamento contra ataques terroristas, sempre dou uma espiada no Eyad para ver sua reação. Mas, basicamente, ele parece tão assustado quanto qualquer um.

Às vezes penso nas bombas amarradas ao corpo de meninos e meninas. As crianças suicidas que dão a vida pela causa. Isso vem se tornando um grande problema lá num desses países problemáticos. Ainda na semana passada, foi uma garota de quinze anos que fez isso. Levou consigo vinte e oito pessoas. Eu a mencionei a Anna e ela comentou:

- Que desperdício!
- Desperdício de quê? — perguntei. E ela respondeu:
- Desperdício de vida.
- Vida de quem? — tornei a perguntar, e ela disse:
- Da menina.
- E quanto às vítimas?
- Delas também — disse Anna.
- Por que essas pessoas fazem isso? — perguntou ela. — É um absurdo.
- Você não compreende — retruquei. — Eles são fanáticos.

— O que são fanáticos? — perguntou Anna, e eu lhe expliquei que são pessoas movidas pela paixão.

— Não gosto deles — disse Anna.

— Bem, eles também não gostam de você. Não gostam de nenhum de nós.

— O que há para não gostar? Eles querem que todo mundo ande por aí com um lençol na cabeça?

Ri quando Anna disse isso, mesmo sabendo que ela estava confundindo as coisas. As crianças suicidas são diferentes das pessoas com lençóis na cabeça. Há mais de um país problemático no momento. Às vezes, até eu fico confusa.

— O lençol na cabeça é muito atraente, você não acha? — perguntou Anna.

— Com certeza — respondi. E então peguei a jaqueta e a enrolei na cabeça, deixando apenas os olhos de fora.

— Assim? — perguntei, e fiz uns barulhos matraqueados, como se falasse uma língua estrangeira meio gutural. Quase fizemos xixi nas calças. Anna desabou na cama, onde o gato claramente tomava banho. Estava se lambendo bem no meio das pernas. Parecia uma pessoa se acabando com um pedaço de fruta.

— Às vezes eu fico preocupada com meu irmão — disse Anna.

— Ele vai ficar legal — retruquei, mesmo não acreditando muito nisso. Há soldados morrendo a torto e a direito, e às vezes eles voltam sem um braço ou uma perna.

Anna me perguntou se eu rezaria por ele e respondi que sim. Não mencionei que não conheço nenhuma oração. Calculei que posso procurar uma na internet.

Depois, perguntei-lhe se ela se disporia a morrer por alguma coisa em que acreditasse.

Ela disse que não.

Então perguntei se estaria disposta a morrer para salvar a vida de alguém.

— De quem?



A minha, pensei, mas não disse isso.

— A vida da sua mãe — respondi.

— Não quero brincar disso — ela declarou, se levantou da cama e foi olhar pela janela.

Levantei e parei a seu lado. Ficamos apenas olhando lá para fora, obviamente à espera de alguma coisa, mas não era alguma coisa em que se pudesse pôr o dedo com exatidão.

— Você precisa ser forte — disse eu.

Pus a mão no ombro de Anna, porque era a coisa certa a fazer. Ouvi o gato continuar a se lambar na cama. Que bichano mais babento!

Você já notou que, no fim, tudo se resume aos animais? Esse é o tema número um na minha cabeça, ultimamente. Não só gatos e cachorros, mas terroristas e garotos em cima de garotas, e até a mãe da própria pessoa rastejando de quatro pela cozinha. Nem pude acreditar quando a vi, mas lá estava ela. Desde o H.S.S.H., ela anda numa confusão só. Quando as pessoas que a gente ama viram animais, é terrível. Dá medo até de chegar perto delas.

Eu a estava observando, mas ela nem percebeu a minha presença. Sempre dizia que tinha olhos nas costas, mas acho que eles não deviam enxergar mais. Ela está de quatro na cozinha, parecendo um perfeito cachorro, bufando e puxando coisas dos armários. Mal suporto olhá-la. Tem as solas dos pés pretas.

Quase pergunto o que ela estava procurando, mas ela acha. Uma garrafa. Saio da porta num pulo e me escondo no corredor, feito um policial do lado de fora de um cômodo em que há um perigo potencial. Ouço o glube-glube da vodca enchendo um copo. Ouço-a beber. Ela faz um barulhinho com a garganta. Seria o momento perfeito para entrar de supetão e lhe dar um susto.

Mas já não é isso que eu faço. Agora, apenas a deixo em paz. Observo de longe, não fico em cima dela. Bem que eu gostaria, mas, ultimamente, tenho medo de matá-la se fizer alguma coisa muito chocante. Quebrar pratos não é a maneira de eu me comunicar com ela, de qualquer modo. É preciso usar a psicologia quando se lida com um caso desses.

Agora mamãe está sempre em casa, quando devia estar na escola. Está dando um tempo, diz papai. A semana passada foi a pior. Encontrei-a no quarto com as cortinas fechadas e nenhuma luz acesa. Era dia, mas ela havia deixado tudo escuro. Estava nua, isso é o principal. Enrolara-se sobre si mesma, feito uma bola, com a mão entre as pernas. O som era o que eu chamaria de lamúria. Acho que talvez ela estivesse fazendo aquilo com ela mesma, como nas revistas do papai. Era isso ou ela estava chorando.

Comecei a pensar sobre a solidão de mamãe. Eu nunca tinha feito isso antes, por causa do meu pai. O significado do casamento é o fim da solidão, mas talvez não seja assim.

Agora ela está na cozinha, bebendo de novo, e logo irá dormir. Esse é basicamente o seu novo regime. E papai só vai chegar daqui a horas, porque tem muito trabalho para fazer na escola, pelo menos é o que ele diz. Às vezes ele chega antes de eu ir para a cama e comemos alguma coisa na cozinha.

— Como vai indo a sua mãe? — ele sempre pergunta.

— Com dor de cabeça — respondo.

— Dê uns dias a ela.

Esse tem sido essencialmente o nosso diálogo-padrão.

Às vezes acho que eu devia me aproximar dela, deitar na cama com ela. Mas a questão é que, depois que Helene morreu, passei meses e meses chorando, enquanto mamãe estava surda. Depois que Helene morreu, fiquei basicamente sozinha. Papai estava presente, mas não é essa a questão. Papai é papai, não é minha mãe. A mãe de uma pessoa é uma história totalmente diferente. A mãe de uma pessoa é para ser uma grande parte da vida dela.

— Por que você está parada aí? — diz mamãe, saindo da cozinha.

A bebida ainda está em sua mão, e o terrível é que, quando ela vem na minha direção, posso sentir seu cheiro. O terrível é que ela me beija. Sua boca encosta no alto da minha cabeça, mas não há emoção, é um beijo de zumbi. E em seguida ela desaparece na neblina. Mesmo que você não possa vê-la, persiste uma sensação de fumaça em toda parte, em todos os cômodos da casa.

Faz cinco semanas desde o ataque terrorista. Cinco semanas desde H.S.S.H. No dia seguinte ao aniversário de morte, papai trouxe flores para casa: lírios *stargazer*, os favoritos de Helene. Mamãe os colocou num vaso e ainda não os jogou fora. A esta altura, eles já nem são flores, são basicamente apenas cacos e farelos. Um horror, acredite.

Por sorte, agora tenho uma Bíblia. Foi Anna que me emprestou. Guardo-a na minha escrivaninha, onde os pagãos possam vê-la. Às vezes a

coloco bem no meio da mesa da cozinha.

*No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus.*

Mas a verdade é que o verbo, a palavra, não é deus. A palavra é Califórnia. Que é o lugar onde a H sempre disse que iria morar quando fosse mais velha. Quando a digitei no computador, houve um intervalo e, em seguida, ouvi a musiquinha que toca quando a gente abre a correspondência. *Bem-vinda, HeyGirl!*, veio a mensagem em lindas letras azuis na tela. Não sei se sou capaz de descrever aquela sensação. Foi como uma dádiva divina. Finalmente entrei no correio eletrônico da H. Mas, logo depois, a alegria foi arrancada de mim. É que dentro dele havia apenas o vazio. *Você não tem mensagens*, disse o computador. Quase comecei a gritar.

Não havia nem mesmo mensagens antigas. Passara-se tempo demais. Tudo havia desaparecido. Foi meio que a última gota. Perguntei a mim mesma por que deus abriria uma porta só para mostrar o vazio. Isso me fez questionar se, quem sabe, ele estaria em conluio com o infinito.

Anna diz que tenho que amar a deus, haja o que houver. Não se pode questioná-lo, afirma ela. E, para falar a verdade, invadir o espaço virtual da H realmente me fez sentir um pouco mais perto do paraíso. Quanto mais pensei nisso, menos me importei com o fato de ele estar vazio. Além disso, fez sentido não haver ninguém escrevendo para ela. Todo mundo sabe que ela morreu.

Mas então, pensei: e se eu lhes dissesse outra coisa? E se mandasse uma mensagem para alguém pelo e-mail da H? Porque talvez os mortos não possam fazer nada sem a ajuda dos vivos. Talvez os fantasmas não apareçam, pura e simplesmente; talvez a gente tenha que inventá-los. E aí, uma vez que tenham nascido, eles podem fazer o que quiserem.

Minha primeira ideia foi: mande uma mensagem para um dos namorados da H. E em seguida, pensei: não, mande uma para a mãe. Meu coração praticamente parou quando tive essa ideia. É brilhante, pensando bem. Fui dormir sentindo-me uma terrorista. Só que eu não ia matar ninguém, ia trazer gente de volta à vida. É um tipo de terrorismo totalmente diferente. É o terrorismo de deus.

Na escola, a Sra. Veasey nos obriga a fazer um minuto de silêncio. Todos os dias, às 8h48, que foi a hora da bomba. É sempre estranho parar, no meio de seja lá o que for, para ficar quieta, e depois recomeçar, no minuto seguinte. É como ficar embaixo d'água para ver quanto tempo a gente aguenta sem respirar. Quando fazemos silêncio, tenho sempre a sensação de que vai acontecer alguma coisa. Mas não acontece. Não há trovões nem relâmpagos, nem sequer um passarinho idiota que entre voando na sala. Nunca recebemos nenhum sinal de que o silêncio sequer nos escuta. É sempre decepcionante. Além disso, a gente fica sem jeito. A Sra. Veasey levanta-se e faz uma reverência com a cabeça, e todo mundo a imita. Na verdade, um minuto de silêncio é muito tempo. Daria para uma pessoa escrever um romance inteiro num minuto de silêncio.

— Não olhe para o relógio — a Sra. Veasey sempre diz a alguém.

Às vezes eu escuto o tique-taque e fico furiosa. Tenho que morder a bochecha.

Em algumas aulas, os professores leem longas listas de mortos. Esses mortos recebem um tratamento especial porque morreram numa tragédia nacional. Mas não vejo qualquer diferença entre eles e as pessoas normais que morrem. Às vezes, no silêncio, é difícil evitar gritar o nome dela. No silêncio, fico com raiva por não haver ninguém pensando em mim, na minha família.

Hoje, durante o minuto de silêncio, Bruce Sellars riu. Fiquei contente por ele rir. Quando ele riu, algumas outras pessoas fizeram o mesmo. Foi como se o diabo voasse pela sala. O rosto da Sra. Veasey ficou

completamente vermelho e ela apontou um dedo para Bruce Sellars como se fosse um revólver, mas não interrompeu seu silêncio. Bruce parou de rir, mas, terminado o minuto, a Sra. Veasey explodiu. Ela praticamente tremia. Eu me perguntei se, quem sabe, ela teria conhecido alguém que estava no edifício bombardeado. Ela passou uns bons cinco minutos gritando, falando do respeito aos mortos e ao país. Depois disso, voltamos para a matemática, mas a matéria foi basicamente incompreensível. Nem a Sra. Veasey sabia de que diabo estava falando. Ficou se repetindo e cometeu uns três erros de cálculo. Quase a corrigi, mas aí pensei: cale a boca, Mathilda, deixe a pobre mulher em paz.

Na hora do almoço, vi Kevin do lado de fora, no gramado. Perguntei se na turma dele também se fazia minutos de silêncio e ele disse que sim. Disse que hoje duas garotas tinham começado a chorar, sem conseguir parar. Conte-lhe que a mesma coisa havia acontecido na minha turma. E disse que eu tinha sido uma das choronas.

— Terrível — comentei.

— Horrível — disse ele. A palavra exata!

O cabelo de Kevin continuava azul, continuava bonito. Olhei em volta, à procura de Anna, mas não a vi. Tive vontade de ver os dois parados lado a lado. A loura e o azul.

— Andei pensando... — eu disse.

Kevin me olhou e não pareceu minimamente impaciente. Na verdade, tínhamos um contato visual muito bom. De repente me ocorreu que o cabelo do Kevin não era apenas azul, mas também raivoso, pelo jeito como algumas partes ficavam espetadas feito faquinhas.

— Andei pensando que talvez a gente devesse testar o meu porão — continuei.

— O que você quer dizer? — perguntou ele.

— No caso de um desastre. Para onde você iria? — indaguei. — Você tem um lugar pra se esconder?

Ele contou que tinha um sótão, mas eu lhe disse que os sótãos não eram os lugares ideais, na minha opinião.

— Não se trata de nazistas — comentei. — São bombas. Porão é melhor — afirmei.

— Se fossem armas biológicas, mesmo assim elas chegariam lá embaixo — disse Kevin.

— Só que mais devagar — contrapus. — Pelo menos, você teria uma chance.

Ele me olhou para ver se eu estava brincando, mas eu estava mortalmente séria. Conhecia todos os perigos potenciais, porque tínhamos estudado o material da FEMA, a Agência Federal de Administração de Emergências. Perguntei-lhe se já tinha lido "Hoje na história dos desastres" no portal fema.gov.

— Às vezes eu leio — disse ele —, quando estou sem nada para fazer.

No fema.gov, basicamente, você pode acessar um calendário e clicar num dia qualquer para ver se aconteceu algum desastre nessa data. E em geral encontra algum. Um incêndio, uma inundação ou um tornado, e às vezes, terrorismo. Não houve tantos ataques terroristas quanto inundações e incêndios, é claro. Mas outros serão planejados, diz o portal.

Eu disse ao Kevin que tinha começado a levar comida e água para o meu porão.

— Vou lá para baixo, haja o que houver — afirmei. — Ele precisa ser testado.

— Com os seus pais? — ele perguntou, e respondi:

— Não, sozinha. — E acrescentei: — Não vou nem contar a eles.

— Eles vão ouvi-la — disse Kevin.

Apenas sorri, como se eu fosse um gênio.

— Teremos de fazer silêncio — retruquei.

Disse-lhe que Anna também ia descer ao porão, embora a verdade seja que ainda não pedi isso a ela.

— Anna McDougal? — disse Kevin, praticamente levantando o rabo.

É melhor eu tomar cuidado, pensei.

— Quando vocês vão? — ele perguntou.

Chegou um pouco mais perto de mim.

— A gente devia fazer uma reunião — sugeri.

Nesse exato momento, um passarinho sobrevoou nossas cabeças. Por um segundo, achei que fosse mesmo um avião inimigo. Na verdade, meu coração deu um pulo. E o engraçado foi que, embora não tenha sido um avião com uma bomba na barriga, foi praticamente como se fosse. O passarinho pousou numa árvore e cocozou uma das mesas de almoço. *Cocozou* não parece uma palavra de verdade, mas é. Cocozou!

— Meu deus, que grosseria — comentei.

Kevin bateu palmas, gritando:

— Cai fora daqui, porra! — e o passarinho obedeceu. Levantou voo e pousou na árvore seguinte, no entanto continuou a nos observar pela lateral da cabeça. Imaginei quem o teria mandado. De quem seria aquele passarinho?

— Se você quiser ir lá em casa no sábado, meus pais vão sair — disse Kevin. — Para fazer planos — esclareceu, só pra eu saber que não era um encontro nem nada.

— Está bem — respondi, e aí começou o embaraço, acho que para nós dois.

Kevin meneou a cabeça e saiu andando, olhando para o chão. Pôs as mãos nos bolsos, depois virou o rosto e cuspiu. Foi nojento e genial. O sol brilhava em todas as direções. De repente eu me senti feliz, pela primeira vez em séculos. Tentei dar uma cusparada, mas só consegui babar.

— Está olhando o quê? — perguntei ao passarinho. Agitei o punho na sua direção, mas ele não se mexeu. Nem piscou.

\* \* \*

Há uma porção de maneiras de pensar nos terroristas. Você tem que se perguntar qual é o sentimento deles. É raiva, tristeza ou maldade? Foi a mesma pergunta que eu me fiz sobre o homem. O que empurrou Helene.

Se eles estiverem com raiva, pode ser que você consiga acalmá-los. É só lhes dar o que quiserem. Mas e se eles quiserem tudo? Se estiverem tristes,



será pior ainda. Sua tristeza é por coisas do passado, e existe há tanto tempo que agora está no sangue deles. Ela vai além da lógica. É biológica.

O mais provável é que os terroristas sejam maus e, nesse caso, não há muito o que se possa fazer. A maldade ultrapassa a razão. A maldade é o oposto de deus e, mesmo que você não acredite em deus, ainda tem que acreditar no mal.

Algumas pessoas dizem que devemos matá-los. Pois então, boa sorte. Aparentemente, os terroristas são espertos, sabem se esconder. Sabem viver em cavernas. Talvez sejam gênios, pelo que sabemos. Talvez tenham até lido o *Bhagavad Gita*. Fico pensando se ele foi traduzido para a língua dos terroristas. E será que todos eles falam a mesma língua? Se for o árabe, esse parece ter sido escrito por bichos usando as patas. Eu adoraria saber escrever daquele jeito, é melhor até do que o chinês.

O que eles fizeram conosco foi um grande sucesso, e quem sabe quando o farão outra vez. No momento, estão só esperando. Essa gente tem muita paciência. É como o homem do trem. Pode ser que ele tenha passado anos observando Helene, antes de finalmente pôr as mãos nela. E agora sempre temos que nos preocupar: quem será o próximo?

Matá-los é a minha ideia principal. Em outros momentos, não sei. Às vezes me pergunto se os terroristas estão tristes por causa de alguma coisa que fizemos. Mas o quê? Sei que uma porção de coisas são culpa minha, mas não *tudo*. O homem de barba e olhos azuis que se matou com um tiro, ele vem muito à minha cabeça. Não sei o que ele quer.

Um dia Helene me disse: "Estão matando pessoas inocentes, Mathilda." E ela não se referia a terroristas, estava falando de nós. Querendo dizer que os assassinos éramos nós. A H tinha um jeito engraçado de ver as coisas, às vezes. Quando tentava me explicar esses troços, segurava minha mão, como Anna faz quando assistimos a um filme de terror. Helene era muito dramática, mas não era mentirosa. Se pudesse adotar dez terroristas bebês, ela o faria sem pestanejar. Tinha verdadeiro amor pelos oprimidos.

A Sra. Frisk, da casa do outro lado da rua, é exatamente o inverso. Tem umas dez bandeiras no gramado. Quando os terroristas veem a nossa

bandeira tremulando ao vento, eu me pergunto se ela é como uma capa vermelha para um touro. Eu me pergunto se ela os deixa loucos. No fim, alguém morre. Em geral é o touro. Mas nem sempre. Às vezes morre o toureiro. Às vezes o touro o atravessa. Já vi imagens na internet. Você pode até assistir a uma tourada ao vivo na internet, se quiser. Mas eu não recomendo. É muito mais pavoroso do que você imagina.

O porão estava um chiqueiro antes de eu começar a cuidar dele. Uma camada grossa de poeira cobria tudo, feito veludo, e havia caixotes empilhados no chão. Velharias de que não precisamos, mas de que não conseguimos nos separar, por alguma razão. Livros, roupas e brinquedos quebrados. Algumas coisas da Helene também estão lá embaixo. Além de uma mesa de pingue-pongue, metade de uma bicicleta e uns móveis antiquados. Algumas caixas estão cheias do que papai chama de recordações e mamãe chama de porcaria.

Antes de ser nossa, esta casa foi dos pais do meu pai. Não os conheci, eles morreram antes de eu nascer. Meu avô parece ter morrido ao cair por causa de um cachorro. E então, depois que a mãe do papai morreu, ele herdou a casa. Minha herança podre, é assim que ele a chama, porque há sempre alguma coisa caindo aos pedaços. Mas pelo menos fica num bairro bom.

O porão é basicamente um cômodo grande, mas há também um cômodo menor nos fundos. Nessa salinha fica o aquecedor de água, assim como uma porção de prateleiras cheias de potes de vidro. Quase todos estão repletos de frutas, mas alguns também têm legumes. Isso foi obra da mãe do meu pai. Todos os potes estão cobertos de poeira e já nem se consegue ler o que está escrito nas etiquetas, tudo desbotado. Dá bem para distinguir o que são pêssegos e o que é milho, mas alguns vidros são um completo mistério de borbulhas e lascas. Num deles há uma coisa com caroços, mas os caroços parecem dentes. Aquilo me faz pensar em filhotes de jacaré.

"Jogue-os fora", disse mamãe certa vez, mas papai disse que não, que queria guardá-los. "Eles não têm mais como prestar", retrucou ela. E papai concordou em que não devíamos comê-los, mas falou para os deixarmos lá assim mesmo, porque não estavam incomodando ninguém.

Os potes dão uma sensação de laboratório do Frankenstein. Há também latas prateadas, sabe-se lá de quê. Dedos de pés e mãos e cérebros picados. Quem sabe o que minha avó aprontava lá embaixo? Talvez ela fosse maníaca. Talvez tenha sido ela quem matou o velho. Cair por causa de um cachorro é uma história muito improvável.

Também estou fazendo um estoque de água. Tenho uns dez galões encostados na parede, e também uma boa pilha de alimentos. Barras de cereais, frutas secas e caixas de suco para o café da manhã. E também pretzels, pasta de amendoim e um vidrão de vitamina C sabor cereja, para prevenir o escorbuto. Quem sabe quanto tempo ficaremos lá embaixo.

Tenho uma lanterna e pilhas de reserva. Tenho cobertores. Tenho um canivete que achei numa das caixas velhas. Ele cabe num estojo de couro que pode ser preso no cinto. Talvez pertencesse ao pai de papai, ou quem sabe fora da Sra. Frankenstein. Apenas achei que seria uma coisa boa para se ter à mão. Para o caso de haver intrusos.

A maior parte das coisas da H eu arrumei direitinho num canto e cobri com um lençol. Se Kevin e Anna vierem, não quero que isso fique bem no meio, à vista. Não é exatamente um bom assunto para puxar conversas.

Mamãe e papai não fazem ideia de que tenho estado aqui embaixo. Tentei falar com eles sobre a possibilidade de uma desgraça, mas eles não parecem particularmente interessados. A FEMA recomenda que conversemos com nossos pais sobre a angústia e outros sentimentos, e também sobre o estado de prontidão da família. Mas mamãe e papai nem conseguem me ouvir. É como se já estivessem em seus próprios abrigos antibombas, dentro de suas cabeças. Por mim, tudo bem. Se eles não querem compartilhar as coisas, também não vou querer.

Mas, enfim, o porão está começando a parecer um lugar onde eu poderia morar. Quando eu visitava o forte dos meninos no bosque, às vezes

eles não estavam lá e eu entrava e me deitava de costas, e tinha as melhores ideias que já tive na vida.

De vez em quando eu deixo o Luke descer comigo. Ele não me atrapalha. Esparrama-se no cimento, porque é gostoso e friozinho, e provavelmente porque ele pode cheirar a terra por baixo, e quem sabe também ossos. Ossos de índios e o que mais estiver enterrado lá — cães e gatos pré-históricos, de repente até ossos de dinossauros. Vá alguém saber o que existe embaixo de uma casa. A casa em que a gente mora é apenas um fenômeno recente na história do mundo. Antes de ser uma casa, pode ter sido uma floresta ou um deserto. Um milhão de anos atrás, pode ter sido o meio do oceano. A gente não sabe. Só conhece o aqui e agora. O resto, tem que imaginar.

\* \* \*

— Não posso ir, minha mãe não quer deixar — informou Anna.

— Mas por que você foi contar a ela? — perguntei. — Era pra ser segredo.

— Tive que contar — disse ela. — O que você espera que eu faça: simplesmente fuja? — acrescentou.

— Sim. Exatamente.

Sentei no sofá e Anna sentou-se a meu lado.

— Sinto muito — disse.

— Você vai me deixar ficar sozinha no porão? — perguntei. Ainda não tinha contado a ela sobre Kevin.

— E se acontecer alguma coisa comigo lá embaixo? — prossegui. — Você não pode ir, só por uma noite? — praticamente implorei. — Só uma porcaria de uma noite. Você pode dizer a sua mãe que vamos dormir no meu quarto.

— Não sei — retrucou Anna.

— Eu preciso de você — falei.

E olhei bem dentro dos olhos dela.

*Preciso de você.*

Palavras mágicas. Foram direto ao coração de Anna. Vi o sangue aflorar em suas bochechas.

— Talvez. Talvez, por uma noite — ela disse.

E depois sorriu, um sorriso pequenininho, mas eu o vi. Sei que ela quer o mesmo que eu. Alguma coisa nova. Uma coisa diferente. Às vezes Anna parece uma boneca, do jeito que inclina a cabeça, mas, olhando com atenção para os olhos da boneca, você percebe que ela quer ser dilacerada. Tal como eu, quer ser outra pessoa.

— Então, iremos juntas. Você e eu — eu disse. — Está bem? — conferi.

A boneca fez que sim.

— Sim — disse ela. *Sim!*

\* \* \*

Antes de me deitar, vou à cozinha e pego quatro potinhos de pudim e uma colher. Não posso comer no quarto, mas eu como. E não é para eu comer mais de dois potinhos de pudim por dia, porque parece que o açúcar me faz mal. E, de acordo com ela, eu estou virando uma bola. Quando ia subindo a escada de fininho, papai me vê. Seus olhos se levantam do livro. Não entro em pânico nem tento esconder os potinhos de pudim. Apenas paro, aguardando o veredito. Papai só balança a cabeça, não para dizer "não" ao alimento, mas para dizer: o que é que nós vamos fazer com você nesta vida, Mathilda? Mathilda e seus potinhos de pudim.

Pobre papai, penso, não se preocupe tanto.

Suponho que ele deveria ter me detido, mas papai é o tipo de homem que morreria se alguém achasse que ele não é uma boa pessoa. E isso é exatamente o que ele é. Cheguei à conclusão de que papai não tem um pingão de maldade. Pensando bem, eu seria obrigada a dizer que ele é o pai

da Helene e mamãe é o meu pai. Admitir isso não me agrada, mas é verdade. Sou tão voluntariosa quanto mamãe, e isso é grande parte do problema. Embora Helene às vezes bancasse a durona, na verdade era aquele tipo de pessoa meiga. Detestava filmes de terror e barulhos altos. Sob vários aspectos, parecia uma corça. Mas o engraçado é que confiava nas pessoas. Decididamente, herdou isso do papai. Uma vez, estávamos a caminho da escola e ela foi direto na direção de um sem-teto que tinha crostas nos pés e cheiro de cocô, e lhe entregou seu sanduíche. O homem podia tê-la estuprado, e ela toda cheia de gentilezas, tome um queijo com presunto, bem gostoso e farto. Helene dava mais coisas aos estranhos do que jamais deu a mim, mas a gente estaria mentindo se dissesse que ela não era uma boa pessoa. Gente de todo canto se apaixonava por ela. Professores, pais, os garotos, é claro, e também mamãe e papai, que lhe eram muito dedicados. E, embora isso às vezes me desse nos nervos, provavelmente eu era a sua fã número um. É difícil até imaginar por que alguém quereria ferir uma pessoa como Helene. Mas acho que o mundo está cheio de caçadores e de homens que querem fazer o mal, e nunca faltam pessoas fracas para eles escolherem.

Ao chegar ao quarto, pego um velho livro meu. *O diário de Anne Frank*. Dou uma folheada nele enquanto como meus pudins. Você já leu esse livro? É meio chato, mas, por outro lado, é o livro mais triste do mundo. Anne fica sempre escrevendo sobre isto e aquilo, blá-blá-blá, a comida e as roupas e sua família idiota, mas o tempo todo não faz ideia de que vai morrer. Porém, a pessoa que está lendo o livro sabe. A pessoa que lê o livro é como deus, enxerga o passado e o futuro. Mas o fato é que o leitor não pode fazer nada. É como ser deus sem ter nada do poder dele. A gente não pode impedir o que vai acontecer. Até as coisas mais simples, como Anne falando do vestido que vai comprar depois da guerra, nos deixam com a sensação de que alguém cravou um alfinete nos nossos pulmões. O que realmente faz uma bagunça danada na respiração. Quando peguei o livro, a ideia principal na minha cabeça era o sótão. O esconderijo. É um conceito interessante. E a grande pergunta era: quem

você vai deixar que fique lá na sua companhia? Não se pode convidar todo mundo. Eu precisava ser seletiva.

Anna e Kevin, é claro. Mas haveria mais alguém?, pensei.

E foi nessa hora que Louis surgiu na minha cabeça. LDM@florestaazul.com. Eu poderia convidá-lo, mas, na verdade, nem sabia quem ele é. E depois, tinha começado a me perguntar onde ele estava no dia da morte da Helene.

Já lhe falei de Desmond?

Quando recolheram o corpo da Helene, encontraram algumas coisas nos bolsos dela, inclusive uma passagem não utilizada para Desmond, que fica a mais ou menos uma hora de distância. É meio que nas montanhas, e há um lago lá em cima, segundo Anna me disse. O irmão dela foi acampar lá antes de entrar no Exército.

Mas Helene nunca chegou a pegar o trem, é claro. O trem para Desmond saía dez minutos depois de ela morrer. O trem que pegou a Helene tinha sido só um trem que passava pela estação. Nem era o dela.

Quando penso no cara que a empurrou, fico contente por ter o canivete.

A verdade é que, no momento, há homens demais nos meus sonhos. Primeiro era só um, e aí Louis começou a aparecer. Mas às vezes fica tudo uma bagunça. Ora Louis tem barba e olhos azuis, feito o terrorista que se matou com um tiro. Ora ele diz que me ama. Às vezes me diz as mesmas coisas que dizia a Helene. Procuro não escutar, mas escuto. Ele é muito convincente.



*Querida Helene,  
São tantas coisas acontecendo, e tão depressa,  
que mal consigo acompanhá-las. Semana passada foi um período terrível,  
terrível, por isso, desculpe se eu pareci esquisito na sexta-feira. Sei que você  
anda triste com as coisas em geral e quero conversar sobre tudo. Passe lá em  
casa na quarta-feira, ou então posso encontrá-la em Little Falls, no parque.  
Diga o que você prefere. A toda hora eu olho para a última fotografia que  
tiramos de você, você está incrível. Devíamos tirar outras. Conte ao médico  
que andava saindo com uma cantora e compositora famosa 😊 e ele disse que  
você era uma boa coisa, mas disso eu já sabia. Pense na quarta-feira.  
Com amor, Louis.*

É engraçado o jeito como ele escreve os e-mails, formais feito cartas. Provavelmente, deve ser um aluno de destaque que está fazendo o curso preparatório para a faculdade. Talvez até já esteja na faculdade a esta altura, porque o tempo não parou quando Helene morreu. *São tantas coisas acontecendo, e tão depressa, que mal consigo acompanhá-las.* O que praticamente resume os meus próprios sentimentos.

Além disso, é interessante o modo como ele repete a palavra *terrível*.

Quanto à tristeza da Helene, dessa eu sei tudo. Não é uma novidade nem nada. Não que ela vivesse triste o tempo todo, mas, quando ficava triste, era feito um campo de força em que ninguém conseguia penetrar.

Helene era famosa por dias inteiros de choro, sem sair do quarto. Às vezes, quando a gente passava por ela, parecia que alguém a estava estrangulando. Eu sabia que ela estava com a cara enfiada num travesseiro ou num de seus bichinhos de pelúcia. Helene tinha uma coleção enorme de ursos, coelhos e carneiros, e nem ficava constrangida por causa deles. Eram todos muito felpudos e acho que absorviam muitas lágrimas. Talvez fosse por isso que ela os guardava. De vez em quando eu entrava de repente no quarto dela, só para ter certeza de que ela estava legal. "Sai!", ela gritava, como se eu fosse seu pior inimigo na face da Terra. Depois, trancava a porta e mamãe ficava do lado de fora do quarto, tentando argumentar com ela. Durante todo o tempo em que mamãe falava, sua mão ficava afagando a porcaria da porta, como se fosse a cabeça de Helene.

E, justo quando a gente achava que não ia aguentar mais, *pimba!*, Helene voltava ao seu velho jeito de ser. Entrava passeando na cozinha, com o cabelo escovado para trás, sorrindo, dando gargalhadas e falando a mil por hora sobre seus planos para o futuro. Uma vez, mamãe e eu estávamos comendo tigelas de cereal, e Helene entrou e anunciou que tinha terminado de compor uma nova música, e que talvez ela fosse boa de verdade, e será que faríamos o favor de ouvi-la. Aí fechou os olhos e a cantou para nós, ali mesmo, na cozinha. Toda vez que cantava na frente de outras pessoas, o que não era lá muito frequente, ela sempre fechava os olhos. Nem me lembro qual era o tema da canção. Só sei que, quando ela terminou, mamãe e eu aplaudimos, e era impossível tirar o sorriso do rosto de Helene. Minha irmã tinha mesmo dois lados. A maioria das pessoas só via o lado ensolarado. O sombrio ficava basicamente dentro de casa. Embora me pareça que o Louis andou dando uma espiada nele.

*Posso encontrá-la em Little Falls, no parque.*

Incrível, porque Little Falls é a cidade em que nós moramos. O parque é um lugar que eu conheço há séculos. Ao que parece, Helene estava conduzindo seus romances secretos bem embaixo do nosso nariz.

Um outro e-mail do Louis, umas semanas depois, diz: *O que você quer de mim? O que é que eu devo fazer? Por favor, vá logo falar com essa gente, tenho certeza de que eles podem ajudar.*

A data das mensagens é de apenas uma semana antes do trem.

As mensagens de Louis me deixam louca, porque não consigo decifrar o que quer dizer grande parte delas. Às vezes ele é quase frio e faz a gente se perguntar o que será que ele traz de verdade no coração. Resolvi que não podia esperar mais. Decidi escrever para ele pelo e-mail da H. Não sabia ao certo como imitar minha irmã com exatidão, e por isso achei melhor manter a simplicidade.

*Querido Louis, estou com saudade. Com amor, H.*

Ainda não o mandei. Coloquei-o na caixa "enviar mais tarde". Também escrevi uma segunda mensagem:

*Querida mamãe, eu vejo você. Às vezes fico bem ao seu lado. Eu a vejo, mas não posso fazer nada. Você pensa muito em mim? Como vai papai? E Mathilda? Por favor me mande uma mensagem. Com amor, Helene.*

Também ainda não enviei esse e-mail.

Se eu remetesse as mensagens, o que elas significariam? E minha outra pergunta é se isso seria pecado. Não sei o que deus sente a respeito de as pessoas imitarem os mortos, mas minha ideia é que, provavelmente, não é muito chegado a isso. Quando escrevi a mensagem para Louis, foi tudo bem. Mas, quando escrevi a da mamãe, fiquei meio tonta. Depois, quase vomitei de novo.

O que quero fazer é encontrar as palavras certas. Dizer exatamente o que Helene diria se estivesse aqui. Ou o que ela diria de onde quer que esteja. É uma trabalhadeira tentar falar por um morto. A gente tem de encontrar o tom perfeito.

Quando mandei uma mensagem para Kevin, ele respondeu de imediato. Disse *OK, vejo vc mais tarde*.

*Venha às 4*, ele escreveu. *Ninguém estará em casa*.

É claro que, quando escrevi para Kevin, fiz isso pelo meu próprio e-mail, então foi sem estresse.

\* \* \*

As paredes são pintadas de preto. Uma loucura. Parece um quarto perdido no espaço sideral. Ali pode acontecer o impossível, é essa a sensação. Como se as leis pudessem ser diferentes, como são nos buracos negros. Enquanto tentava me situar, dei uma olhada nos pôsteres do Kevin. São todos de bandas de que eu nunca tinha ouvido falar. Human Oatmeal. Sado-Kitty. Ou ASTO, que Kevin explicou ser a sigla para Arnold Schwarzenegger é Tecnicamente Obeso.

Perguntei-lhe como tinha conseguido que sua mãe o deixasse pintar as paredes de preto. Parece que eles fizeram uma espécie de trato. Ela disse que Kevin poderia fazer o que bem entendesse com o quarto, desde que cumprisse sua promessa de "melhorar o desempenho acadêmico". Quando imitou a mãe, ele lhe deu um sotaque britânico. Foi bem engraçado, aliás.

A única coisa que não fazia sentido no quarto preto era o aquário. Um tanque enorme de espécies tropicais. Fica meio deslocado, mas, mesmo assim, é incrível. Basicamente, é uma cidade inteira de peixes. Eu não consigo parar de olhar. No fundo do reservatório há um baú do tesouro afundado, transbordando de moedas de ouro. Também há uma caverna onde os peixes podem se esconder, assim como uma miniatura de carro com um esqueleto preso lá dentro. O leito marinho é feito de um milhão de pedrinhas azuis. Alguns peixes parecem pintados à mão. Uns são praticamente transparentes. Também há iluminação no tanque e, quando Kevin apagou as luzes do quarto, o aquário pareceu se transformar em

outro mundo. No escuro, tive a sensação de que eu era a idiota e os peixes eram os gênios.

— Lembra do forte? — pergunto a Kevin. — No bosque?

— Isso foi há muito tempo — diz ele.

Torna a acender a luz e dá para eu perceber que ele não quer falar do forte. Por que remoer o passado?, provavelmente é essa a sua filosofia.

— Agora ele deve estar em ruínas, possivelmente — comento. — Aposto que com esqueletos lá dentro — acrescento. Mas ele não ri.

— Você quer dar de comer aos peixes? — pergunta ele. Era mesmo ligado nos bichinhos. Aquilo era meio piegas, mas também um pouco bonito, na verdade. Era o jeito de as crianças gostarem das coisas, como eu gostava do Luke.

— É claro — respondo.

Kevin me dá a comida e, quando salpico os flocos na água, é como se estivesse fazendo sopa de peixe. Quase começo a rir.

— Não coloque muito — avisa Kevin. — Se você der comida demais, eles podem morrer.

Nós dois observamos os peixes nadarem até a superfície. Eles aspiram os flocos com suas boquinhas em forma de beijinho.

— O que o seu irmão anda fazendo? — pergunto.

— Não sei — diz Kevin.

— Ele está pensando em entrar para o Exército?

— Não — vem a resposta. — Ele vai para a faculdade no ano que vem.

— Ah. Legal.

De repente, a imagem que surge na minha cabeça é a de todos os namorados de Helene sentados na mesma turma, na mesma faculdade idiota. Helene também estava planejando fazer faculdade!, eu tinha vontade de gritar para eles.

— Já chega — diz Kevin, tirando de mim a razão para peixes.

— Você não quer se sentar? — pergunta, apontando para a cama.

— Eu estou legal — respondo.

— Você tem cigarro? — indaga ele.

— Eu não fumo — declaro. Mas aí me lembro do cigarro no quintal, no dia da escavadeira. — Eu larguei.

Olho para Kevin, que também me olha. Acho que talvez haja uma tensão sexual entre nós. Dá uma sensação de estar na lama, feito andar num charco. Fico pensando se Helene teria feito mais do que flertar com os garotos, mais do que beijar e apalpar. Fico pensando se teria feito sexo de verdade, antes de morrer.

— Por que você tem essa corrente na porta? — pergunto.

— Privacidade — responde Kevin. — Meu irmão vivia entrando sem pedir licença — explica.

— Seu irmão é grande à beça — comento. — Parece um bicho.

Mentalmente, eu consigo imaginá-lo em cima de Helene.

Kevin levanta-se e se aproxima dos peixes. Dá uma batidinha no vidro. Os peixes se afastam em disparada, como se deus lhes tivesse dado um susto.

— E o porão? — pergunta Kevin. — Quando você vai para lá?

— Logo — respondo.

— Que tal no próximo fim de semana?

— Está bem — digo. Olho para os peixes e vejo que nenhum se mexe. Como se, de repente, a água tivesse virado gelo.

— Eu tenho comida no porão — informo.

Kevin e eu ficamos olhando fixo para os peixes congelados. Fazemos um minuto de silêncio, não conseguimos evitar.

— Você acha que todos nós poderíamos morrer? — pergunta Kevin. — Que todas as pessoas do mundo podem morrer?

— Acho — respondo. — Poderia acontecer amanhã — diz. — Pode acontecer quando estivermos dormindo.

— Meu pai disse que eles não terminaram — acrescenta Kevin.

— Quem?

— Os terroristas.

Ele dá uma batida no vidro e os peixes voltam à vida.

— E quem sabe qual será a próxima coisa que vão fazer — comento.  
— Não se pode prever o comportamento de gente assim.

O rosto de Kevin contorce-se um pouco, observando os peixes.

— Animais — diz ele.

*Animais.*

O telefone tocou quatro vezes antes de mamãe atender. Eu estava num telefone público, a seis quarteirões de casa.

— Alô? — disse ela.

Amarrotei um pedaço de folha de caderno perto do bocal do telefone para dar a impressão de estática.

— Alô — ela repetiu. — Há alguém na linha?

Pus o papel na boca para disfarçar a voz.

— Sou eu.

— Não estou conseguindo entender — disse mamãe.

Fiz a folha de papel estalar um pouco mais. Tentei dizer o que havia planejado, mas não consegui.

— Quem é? — perguntou mamãe.

*É a Helene*, eu quis dizer.

Em vez disso, apenas desliguei.

Tive vontade de socar minha cara. Às vezes não suporto a minha fraqueza. Tenho ideias geniais, mas aí hesito. Pelo menos estou preparando o porão, pensei. Repassei todos os planos na cabeça mais uma vez. O porão, mais os e-mails, mais visitar Desmond naquele trem. Por uns cinco minutos, fiquei parada junto ao telefone, mapeando as ideias. Elas vinham uma atrás da outra e tudo tinha uma clareza cristalina. Além disso, o tempo nublado me dava a sensação de que eu estava em meu mundo particular. Era de tarde, mas não havia muita luz. O sol estava tão longe que praticamente mandava cartas.



Foi então que notei que eu estava com os sapatos completamente errados. Sandálias. Com os dedos de fora, como se fosse verão. Bonita escolha, minha velha amiguinha Mathilda. Caramba! Só mesmo rindo de mim! Quando cheguei em casa, meus pés estavam tão frios que tive de dar pulos para degelá-los. Achei que talvez o barulho chamasse a atenção de mamãe, mas ela não saiu de sua toca.

Entrei na sala e havia um homem de cabelo branco falando na televisão. Numa tela acima dele via-se a fotografia do terrorista que se suicidara. Não consegui entender nada do que dizia o homem de cabelo branco. Só conseguia enxergar os olhos azuis do terrorista. Eram quase iguais aos de Anna. Pessoas de outros países não deveriam ter olhos azuis. Para que tornar as coisas mais confusas?

— O que você está vendo? — perguntou mamãe.

Às vezes ela faz isso, simplesmente surge do nada.

— Nada — respondi. E desliguei a televisão.

Mamãe estava com um pano de limpeza na mão, mas não acreditei naquilo.

— Fazendo faxina? — perguntei, e ela resmungou um pouco e foi até os armários, fingindo tirar o pó. Movia-se como um mamute peludo que tentasse sair de um poço de piche. Tive vontade de perguntar se ela havia recebido algum telefonema interessante, mas fiquei de boca fechada.

— Precisa de ajuda? — perguntei.

Ela não quis nem me olhar nos olhos.

Às vezes, o pensamento que tenho na cabeça são dois, e são o oposto um do outro. *Eu queria que minha mãe morresse* é o primeiro. O segundo é *Todo mundo está morto, menos ela*.

— Deixe eu ajudar — peço, e tento tirar o trapo da sua mão, mas ela rebate:

— Não toque nisso. — E o puxa como se eu estivesse tentando roubar seu anel de brilhante.

— Mamãe, eu vou ajudar você — insisto. E não estava brincando. O lugar estava mesmo uma bagunça, seria preciso um trabalho de equipe para arrumá-lo. Mas tudo que ela faz é balançar a cabeça e entrar na sua

rotina de resmungos. Essa é a sua grande novidade. Isso e as frases ditas pela metade. Ela começa a dizer alguma coisa, mas não conclui o pensamento.

— Vou pôr uma música para tocar — digo.

Antigamente, mamãe, Helene e eu ligávamos o som e trabalhávamos juntas, arrumando a casa toda. Tirávamos o pó dos pés da mesa, das volutas entalhadas nas cadeiras e das pregas da cúpula do abajur. Limpávamos o pó até das peças de xadrez. O jeito de mamãe limpar as coisas agora estava completamente errado, na minha opinião. Em síntese, ela apenas empurrava a poeira de um lado para outro. Só de olhá-la, eu sentia o sangue ferver. Tornei a tentar tirar o trapo de sua mão.

— *Pare* — ela pede. — *Pelo amor de deus, pare!*

Foi nessa hora que subi correndo e entrei no closet da mamãe. Achei o saco plástico escondido no fundo. Tirei uma das gravações feitas pelo papai, um milhão de anos antes, no seu velho gravador. Antes de saber o que estava fazendo, eu já tinha descido de novo, posto a fita no estéreo e apertado a tecla play. Pus o volume no máximo.

Quando a voz de Helene sai pelos alto-falantes, sou forçada a admitir que não fiquei segura de ter feito a coisa certa. Era uma voz de menina. Helene parecia ter nove ou dez anos. Mamãe parou de se mexer. Isso me fez imaginar como os mamutes peludos simplesmente afundavam no piche quando paravam de resistir. Mantive os olhos nas mãos de mamãe, para ver se elas começavam a tremer. Mas eram as minhas mãos que tremiam. Encostei-me no móvel do estéreo para não cair.

Mamãe me olhou e me sorriu com aquele jeito estranho dos alcoólatras, como se estivesse com dor de dente. Talvez nem fosse um sorriso. De qualquer modo, a expressão do seu rosto me deixou completamente confusa. Desliguei a gravação o mais depressa que pude.

Mamãe chegou perto de mim com aquele sorriso, ou o que quer que estivesse grudado em seu rosto. Ela vai me cobrir de porrada, pensei. Fiquei pronta para a explosão, para ver todas as paredes desabarem em volta de nós. Mas o que aconteceu foi pior ainda. Mamãe pegou minha

mão e a beijou. Encostou minha mão em seu rosto. Foi apavorante. Tive vontade de despencar por um buraco no chão.

— Não tenha medo — diz ela. Apertando minha mão de um jeito que parecia que ia esmigalhar meus ossos.

— Não estou com medo — retruco.

— É normal ter medo — diz ela.

E eu me pergunto: por que ela está me dizendo isso agora? Devia ter me falado isso um ano atrás, na época dos pesadelos.

Se estou com medo agora, isso não é da conta dela.

— Ninguém vai machucá-la — me garante mamãe. Seu rosto, com o sorriso torto, foi virando outra coisa. Os olhos dela se encheram de água, mas as lágrimas não caíram. Não eram lágrimas, oficialmente.

— Tenho que fazer o dever de casa — anuncio e me desprendo dela.

— Mathilda — diz mamãe. — *Mathilda*.

Por que ela tem que dizer meu nome desse jeito? Por que tem que dizer o meu nome, afinal? Sei que ela preferiria estar dizendo o nome de outra pessoa. Sei que gostaria que fosse outra garota naquela sala. Em vez disso, sou eu parada ali, e continuarei parada ali enquanto mamãe viver. A filha errada, para sempre. Sei o que há no coração dela. É uma coisa negra, pior do que lobos. Inventar o fantasma da Helene é simplesmente dar-lhe o que ela quer. E se isso a fizer despencar da borda, que me importa? Ela já está debruçada sobre o penhasco. Praticamente pedindo que alguém a empurre.

\* \* \*

Quando papai entrou no meu quarto, eu já estava deitada. Usava meu pijama vermelho, parecia a cena de um filme natalino.

— Está pronta para o Papai Noel?

— Ah, sim, papai, mal posso dormir.

Só que não foi isso que nós dissemos, não seja idiota.

Papai entrou, com o ar cansado de sempre. Cansado nem é a palavra certa. Ele parecia *exausto*.

— Oi, pai.

Ele se aproxima e se senta na minha cama.

— Eu estava lendo — explico, embora não houvesse nenhum livro por perto.

Sei que ele está se perguntando se eu o teria ouvido brigar com mamãe lá embaixo. Ele deveria ser o primeiro a tocar no assunto, por isso espero. É óbvio que está com a cabeça cheia. Apenas alisa meu cabelo, mas não consegue encontrar as palavras.

— Mamãe — acabo dizendo.

— Eu sei — faz ele. — Ela está atravessando um momento difícil. Temos que facilitar as coisas para ela.

— Eu não a tenho chateado.

— Preste atenção — diz papai, forçando meus olhos a encontrarem os seus, como se fosse um ímã. — Você tem que parar com essas baboseiras.

Segura minha mão e acrescenta:

— Você não vai querer perdê-la, vai?

Que espécie de pergunta é essa?, penso.

— A culpa não é minha. Não estou fazendo nada — protesto. — Uma porção de gente anda transtornada — completo. — É uma epidemia, é o mundo inteiro.

— Não estamos falando do mundo inteiro. Estamos falando da sua mãe.

— Eu sei. Mas Helene...

— O que tem ela? — pergunta papai. Olha para mim como se estivesse confuso, como se eu houvesse mudado de assunto. Na minha cabeça, porém, era disso que estivéramos falando desde o princípio. — Não há nada que possamos fazer a esse respeito. Não podemos passar por tudo aquilo de novo.

Mas nós não passamos nem um pouco por aquilo, penso. Passamos?

— Filhinha, todos sentimos saudade dela, todos... — mas ele não termina.

Vejo que papai está sofrendo e que a dor dele é diferente da minha. Dá para sentir um oceano entre nós, com a água escura e muito gelada. Será que alguém disse que o luto é uma ilha? Se não o disseram, digo eu. É minha invenção. Um dia você poderá consultá-la no livro de citações citáveis.

*O luto é uma ilha. — Mathilda Savitch.*

Papai me olha e eu estaria mentindo se dissesse que não havia amor em seu olhar.

— Você vai ser boazinha? — pergunta ele. — Será que pode ser boazinha, por favor?

A resposta franca seria *não sei*, mas eu respondo que sim. Não era o coração dele que eu queria partir. Eu gostaria de lhe fazer um milhão de perguntas, mas não queria magoá-lo com as ideias que estavam na minha cabeça. Queria perguntar-lhe que espécie de mãe deixava a filha sair de casa de sandálias, quando fazia um frio enregelante lá fora.

— Dê as fitas para mim — diz ele.

— Não. Por favor, papai.

— Me dê as fitas — repete, e dessa vez fecha os olhos ao dizê-lo.

Pego-as embaixo da cama. Um saco de plástico com a voz da Helene dentro. Por que eu não pudera simplesmente deixá-lo sossegado no closet da mamãe? Agora minha irmã era real de novo e mamãe não conseguiria conviver com isso. Eu a conheço. Vai mandar papai jogar as fitas no lixo. Vai fazer com que ele as destrua. Mesmo assim, entrego o saco a papai. Não impeço que aquilo aconteça. É um ponto contra mim no livro de alguém. Dos vigias, de deus, de Krishna. Todos se afastam de mim, envergonhados.

Ah, pai, eu quero lhe dizer tantas coisas! E não só sobre Helene. Eu gostaria de falar com você sobre os vigias e sobre Louis, e também sobre o que ouvi na televisão — que ainda estão encontrando gente nos escombros. Ora só acham sapatos, ora apenas um anel ou um dente. O presidente estreita os olhos. Não descansaremos enquanto não punirmos até o último assassino, diz ele.

Quando papai sai do quarto, penso na ilha do luto. Fico pensando em que tamanho ela deve ter e em quanto tempo vou levar para explorá-la. Pergunto a mim mesma há quanto tempo estou nela sem nem saber. E, quem sabe, talvez haja outras pessoas escondidas aqui. Talvez haja selvagens nas moitas. Pode ser que Louis esteja aqui. Ou talvez até o homem que a matou. A verdade é que estarei pronta se houver uma batalha. Ainda não acabou, Helene. Nem de longe.

Às vezes penso que eu gostaria de ter uma lesão cerebral, sem nada além de um caminhão de alegria sacolejando dentro de mim. Antigamente, faziam as pessoas esquecerem seus pensamentos ruins enfiando-lhes picadores de gelo na cabeça. Vi um programa só sobre isso no Science Channel. Foi uma prática muito popular em certa época, mas agora é ilegal. Agora tudo é feito com comprimidos, ao que parece. Mas é óbvio que os comprimidos não funcionam tão bem assim, porque, se funcionassem, todo mundo ia andar saltitante de alegria por aí. Experimentei uns dois comprimidos da O, aqueles que roubei do seu armário de remédios na escola, e tudo que eles fizeram foi me dar uma cólica danada.

O problema é que, a certa altura, a gente não consegue parar de pensar, mesmo que queira. Juro que há horas em que o sujeito gostaria mesmo é de voltar para o escuro, feito uma pessoa primitiva. Mas não pode, esse é o problema da evolução. Depois que se tem um tiquinho de conhecimento, ele continua chegando mais e mais, que nem passarinho em volta de pão doce. Às vezes, quando aprendo coisas, gostaria de não tê-las aprendido. Do tipo: eu precisava mesmo saber das revistas de papai ou das garrafas de mamãe, ou até das coisas que sei sobre o meu corpo?

Por exemplo, as minhas pernas são tortas. Meus joelhos viram para dentro no meio. É quase uma deformidade. Eu nunca tinha notado, até que um dia as comparei com as pernas de Anna e quase tive um infarto. Para ser sincera, às vezes eu gostaria de não ter perna nenhuma e de andar numa cadeira de rodas prateada. Isso é que chama atenção de verdade. As

cadeiras de rodas são que nem tronos de onde a gente nunca sai, exceto para ir ao banheiro e dormir. É uma coisa que engrandece, de certo modo. Na minha opinião, as pessoas entendem tudo errado quando falam na tristeza das cadeiras de rodas.

É claro que eu também gostaria de ter pernas postiças, para poder andar por aí de vez em quando. Dançaria com um garoto e depois levantaria o vestido e lhe mostraria minhas pernas de plástico, só para vê-lo cair para trás de susto. Faria isso com uma centena de garotos, até achar um que se prostrasse de joelhos e beijasse as minhas pernas postiças. Assim é que eu saberia ter encontrado a pessoa certa. Gostaria de saber se Kevin faria isso.

Eu não poderia sentir o beijo, é claro, porque não teria nenhuma sensação lá embaixo. Mesmo que Kevin mordesse minha perna, eu não sentiria. Poderia fingir que era sensacional, ou fingir que era doloroso. O que eu sentisse ou deixasse de sentir ficaria inteiramente a meu critério.

Kevin e Anna vão me encontrar hoje à noite no quintal. O plano é nos esgueirarmos para o porão no maior silêncio possível, e aí será o que deus quiser. O porão é a minha única realidade neste momento. É nele que estou depositando toda a minha atenção. Eu disse a papai que vou dormir na casa da Anna. E Anna conseguiu permissão para dormir aqui. Não sei o que Kevin disse à mãe dele, mas tenho certeza de que arranjou tudo.

Estou muito empolgada. Embora o porão tenha a ver com fugir do terrorismo, ele também diz respeito ao futuro. E no futuro há outras pessoas, não só mamãe e papai. Mamãe e papai podem ficar no seu próprio planeta. Praticamente dei o assunto por encerrado com eles. O porão é a fase um da minha vida nova.

Tenho razoável confiança em que Kevin e eu vamos transar em algum momento. Uma vez eu vi as coxas dele na aula de educação física e, apesar de serem magrelas, elas me impressionaram. Olhá-las me deu a sensação de que eu precisava fazer xixi, mas o engraçado é que na verdade não precisava. Aparentemente, isso quer dizer que a gente sente atração por alguém. Eu estava ansiosa por alguma orientação sobre o assunto e, por causa disso, ontem peguei a coleção inteira de e-mails da Helene. Reli



todos. Não só os do ursinho de pelúcia, mas também os que ela havia escondido em livros da estante e alguns que achei dentro das abas dobradas de um tabuleiro de Banco Imobiliário que encontrei no fundo do armário dela. Quando li esses e-mails pela primeira vez, no ano passado, minha vida ainda estava meio confusa e acho que não captei bem todos os detalhes. Mas, agora que estou de novo em plena forma, tenho uma visão inteiramente nova das coisas. E posso lhe garantir que, decididamente, Helene transou antes de morrer. Quanto mais leio os e-mails dos namorados dela, mais acho que talvez ela tenha transado à beça.

Antes do Louis, houve o jon@foozer.com, o B2@fatcity.com, o lastchance@bc.com, o friendguy@greenstripe.net, o billo@mssl.com e mais uma porção de outros. A maioria desses caras se correspondeu com Helene no ano anterior à morte dela. Nos últimos meses, foi só Louis. A questão é que eu achava que o sexo deixava as pessoas felizes, mas parece que não surtiu esse efeito na minha irmã. Nos últimos meses, ela mal falou com qualquer um de nós. Passava metade do tempo no quarto, com a porta trancada, e na outra metade saía correndo de casa com uma roupa toda sexy. Acho que talvez ela tivesse compulsões. Mas ninguém jamais pensou em mandá-la para o *Árvore*. Aparentemente, as pessoas bonitas podem fazer o que bem entendem e ninguém consegue impedi-las. Mamãe tentou, algumas vezes. De vez em quando, ela punha as duas mãos nos ombros da H e dizia *Tome cuidado, sim? Prometa*. E não a deixava sair enquanto ela não promettesse. Depois que Helene saía, mamãe ia para a varanda e fumava cem cigarros.

Espero que minha irmã tenha feito coisas geniais com o corpo antes de morrer. Às vezes a gente ouve falar de senhoras idosas que são virgens. Imagine morrer virgem! Imagine morrer sem ninguém jamais ter tocado em seus seios. Morrer sem que ninguém jamais tenha posto o dedo dentro de você, ou mais até. Sem nunca ter sido beijada ou derrubada numa cama, e não só beijada nos lábios, mas também nas coxas e nos pés. E aí a gente beija as coxas da outra pessoa. Cada um deve provar de tudo antes de morrer, até das coisas sobre as quais os padres dizem: isso é nojento, cuspa fora. Eva comeu a maçã, e eu também a teria comido. Se eu fosse uma

daquelas senhoras idosas que nunca transaram e estivesse morrendo numa cama de hospital, eu chamaria um dos médicos jovens e lhe diria: desculpe, mas eu tenho um último pedido, será que você pode me fazer um favor? Como ele poderia recusar? Teria que me dar suas coxas. Se eu tivesse conseguido resistir à maçã durante a vida inteira, eu a comeria antes de bater as botas.

Espero que Helene tenha comido a maçã.

Sei que comeu.

Espero que tenha tido um sabor gostoso em sua boca.

\* \* \*

*HeyGirl,*

*Tira essa bunda daí e vem pra cá, eu tô de pau duro, você tá molhadinha? B2.*

Oi, H,

Sim! Quando?

Seu "bom" amigo 😊 Jon.

*Querida Helene,*

*O poema sobre a montanha, aquele em que "você" está em pé no pedregulho, é incrível. Acho que daria uma música genial. Pra sua informação, não consigo achar aquele livro indiano que você me emprestou, será que por acaso você o levou para casa? Basicamente, só quero ver as fotos, ha-ha-ha, mas, se você disser que ele é bom, vou querer muito lê-lo. Acordei com vontade de te dar um beijo, e depois, que tal o jeito como ficamos da última vez? Telefone hoje à noite, por volta das dez. Esteja no seu quarto. Mamãe mandou lembranças.*

*Câmbio e desligo, Louis.*

É óbvio que ele é diferente. É óbvio que Louis é o cara com quem Helene teria se casado. Mas às vezes acho que ele força um pouco a barra. Depois, não se pode acreditar em tudo que as pessoas escrevem. Algumas exageram. Ontem eu redigi uns dez e-mails para ele, mas nenhum me pareceu exatamente perfeito. Aí me dei conta de que eu poderia passar um e-mail sem palavra nenhuma. Apenas uma mensagem em branco da HeyGirl. Só para ver como ele reagiria.

Mandei a mensagem hoje à tarde! Levei umas duas horas para apertar a tecla Enviar. Eu me senti como aquele cara com o dedo no botão vermelho que vai disparar os mísseis nucleares. Devo ou não devo? Quando finalmente apertei o botão, os vigias se animaram. Senti um deles bem atrás do meu ombro. O que foi legal, porque me deu a sensação de que o que eu estava fazendo era importante. De que eu não estava só de enrolação. Os vigias não observam a pessoa, a menos que ela esteja na pista de alguma coisa.

*Sua mensagem foi enviada com sucesso*, disse o computador.

Quem sabe, pode ser que Louis acredite em fantasmas. Gosto do jeito de ele escrever "você" ao falar da garota parada em cima do pedregulho. Ele é esperto o bastante para saber que a garota do poema pode ou não ser a Helene. Compreende que, às vezes, as pessoas fingem ser outras. "Você" pode significar "qualquer um". Do mesmo jeito que, quando jon@foozier.com escreve "bom", na verdade ele quer dizer "mau".

De repente, desatamos a rir e não conseguíamos parar. Tapamos a boca, mas o som escapa em espasmos e guinchos. Kevin rola no chão feito um paciente de hospício. Quando contei a história de que meu avô tinha morrido ao cair por causa de um cachorro, a casa veio abaixo. Cheguei até a representar um pouco. Encenei o ataque cardíaco e tudo o mais. Socorro!, eu disse. Ai, meu deusinho, me ajude! E depois simplesmente caí, sacudindo as pernas e soltando um último estertor, que soou mais ou menos como *rgah-rgah-aarrrrrrghhhh-kkkk*. Quando nos recompusemos, todos tínhamos lágrimas nos olhos.

— Você acha que eles nos ouviram? — murmura Anna.

— Não — respondo. — Se ouviram, é provável que achem que foram só ratos.

— Tem ratos aqui? — inquieta-se Anna, o que faz Kevin recomeçar a rir.

Mais cedo, quando Anna chegou ao quintal dos fundos para se encontrar comigo, Kevin já tinha chegado. Ela me olhou com raiva e me puxou de lado para conversarmos em particular. Disse que não ia descer ao porão com ele e então eu apenas retruquei em tom categórico que ela não tinha escolha, que era impossível voltar atrás. Transformei meus olhos nos do hipnotizador maléfico, controlador de vontades.

Além disso, Kevin foi inteligente. Percebeu que havia um problema, se aproximou de nós e perguntou se Anna queria que ele fosse embora. O que a deixou na berlinda.

— Não me importa — respondeu ela. Olhou para mim e tornou a olhar para Kevin. Vi que fora apanhada na armadilha. Não queria, de repente, ser a única puritana do grupo.

— Você pode ficar, se quiser — disse. Depois, ajeitou a jaqueta como se fosse a Miss Descontração da América. — É só que eu não sabia — completou.

Além disso, Kevin tinha penteado o cabelo para baixo e, no escuro, o azul não se destacava tanto. Ele praticamente parecia uma pessoa normal. Sorriu para Anna, e não foi com falsidade nem nada. E ele tem dentes lindos, tinindo de brancos. É como se um sininho tocasse toda vez que ele sorri.

Quando Kevin foi buscar sua mochila no gramado, Anna me lançou um olhar tipo *é melhor você saber o que está fazendo*. E eu retribuí com um olhar *eu sei*, porque sabia mesmo. Sabia exatamente o que estávamos fazendo. Estávamos construindo o futuro. E em parte dele as pessoas vão morar em porões, para se esconderem das bombas. Quando o mundo acabar, a única maneira de recomeçar será a partir dos meninos e meninas nos subterrâneos. Nós acabaremos saindo ao sol, se ainda houver sol, e teremos de recomeçar do zero. Não existirá nada. Tudo no mundo terá que ser reinventado.

\* \* \*

Depois das risadas, passamos um tempo calados. Distribuo os cobertores e os travesseiros e cada um organiza seu cantinho. Anna e eu ficamos perto uma da outra, e Kevin, a uma distância respeitável. Alguns lençóis são antigos, de quando eu era pequena. Um jogo é todo cheio de coelhinhos. É meio constrangedor, mas, por sorte, ninguém toca no assunto. Dou a Kevin os lençóis com o sistema solar, a Anna os azuis lisos e fico com os dos coelhinhos. Ao fazermos nossas camas, tenho a sensação de que nós três somos as estrelas de um filme sobre soldados numa guerra. Eu também

sou a diretora. Na verdade, não é um filme para meter medo, tem mais a ver com os laços entre os homens. É basicamente um filme para deixar a gente se sentindo de bem com a vida.

— Alguém está com fome? — pergunto, empurrando as comidas para o centro do cômodo.

— Eu também trouxe umas coisas — diz Kevin. Pega a mochila e tira três garrafas de cerveja. Anna me olha com cara de nossa senhora, mas eu a ignoro.

— Só três? — pergunto.

— Tenho mais — responde Kevin.

— Eu não bebo — interpõe Anna.

— Uma cerveja não vai lhe fazer mal — digo.

— Experimente — sugere Kevin. Abre a garrafa e a estende para Anna. Oferece a ela seu melhor sorriso. — É da Holanda — diz.

Anna aceita.

— Não precisa beber tudo — acrescenta Kevin.

A cerveja não tem exatamente um gosto bom, mas desconfio que a questão não é essa. Depois de algum tempo, ela realmente faz a gente flutuar acima das preocupações maçantes. O porão começa a cintilar como um pedacinho do céu. Tudo fica um pouco melhor do que a gente pensava. Até os lençóis de coelhinho se tornam, de repente, uma sacada genial. A cerveja é quase como gratidão engarrafada. Fico pensando em por que a vodka não faz a mesma coisa por mamãe.

Olho para Anna, que beberica a dela como um condenado à morte. Faço-lhe biquinhos zombeteiros, mas ela não reage, só joga o cabelo para trás. De repente, Kevin recomeça a rir.

— O que foi? — pergunto, e então, sem razão alguma, minha própria gargalhada também escapa.

— Você está engraçada — responde.

— Está, sim — concorda Anna. — Está parecendo um peixe.

— É verdade — diz Kevin, e me imita de boca aberta.

Anna também imita uma boca de peixe e é incrível eu não querer matar os dois. Apesar de gozarem a minha cara, eu me sinto um tanto

honrada. Com a sensação de que eles me conhecem. Talvez possam até ver o medalhão de ouro e as penas de pássaro na minha barriga. Talvez conheçam todos os meus segredos mortais. Por isso, apenas retribuo a boca de peixe. Faço boca de peixe para eles, em toda a sua glória píscea, e depois olho em volta, à procura das câmeras espiãs. Tenho certa esperança de que os vigias estejam vendo aquilo. Torço para estarem tomando notas. Nós três juntos, felizes em meio à guerra. É importante preservar momentos como esse. Um dia, se não sobrar nada de nós, quem vier depois poderá olhar para as gravações e dizer: *ah, então eles eram assim*. Não é a imortalidade para valer, mas pelo menos é um pedacinho.

— Tem um monte de coisas aqui embaixo — comenta Kevin.

— Cacarecos — digo.

— Posso dar uma espiada? — ele pergunta, enquanto abre a segunda cerveja. Não espera minha permissão. Levanta-se e vai andando em direção a umas caixas.

— *Merda!* — exclama, dando um pulo para trás. — *Rato!*

Anna se põe de pé num salto e Kevin dá uma bufadela.

— Estou brincando — diz.

— Talvez tenha sido um fantasma — comento.

— Pode ser — concorda Kevin, que começa a imitar a trilha de um filme de terror. Aquela música que vem logo antes do momento aterrorizante. Meu estômago dá uma pequena volta. Essa é a direção errada, pensei. Não convém começarmos a falar de fantasmas. Tenho vontade de me esmurrar por ter levantado o assunto.

— Cale a boca, eles vão nos ouvir — recomendo a Kevin.

Noto que Anna me olha, estreitando os olhos, surpresa, farejando meu medo.

— Me dê outra cerveja — peço.

— Diga por favor — responde Kevin, e assim faço.

Anna o fita e vê que percebeu a força dele. Prende o cabelo atrás da orelha.

— Também quero uma — diz, e Kevin se vira para ela. Apenas a encara, esperando.

— Por favor — acrescenta, enfim. — *Por favor.*

\* \* \*

— Não gosto das sirenes de teste — comenta Anna. — Às vezes elas me fazem ficar acordada de noite.

Estamos os três sentados em círculo, com as garrafas de cerveja à nossa frente, feito microfones. Curvados sobre elas como os homens da ONU na televisão.

— Nem sei pra que nós temos sirenes — diz Anna. — O terrorismo não aconteceu aqui. É uma estupidez. — E esse é seu resumo grandioso.

A cerveja a deixa mais falante que de hábito, é fascinante.

Kevin pergunta se vimos as fotografias do ataque ocorrido na Rússia. A bomba na escola. Eu respondo que sim, que vimos no computador.

— Você viu como as mães estavam chorando? — indago.

Conto a Anna e a Kevin que cliquei no videoclipe "Uivos de dor quando a cidade enterra as crianças". Foi incrível. As pessoas não choram daquele jeito por aqui. Aqui elas choram feito uma torneira pingando na pia. As velhas da Rússia ficavam de joelhos, com as mãos levantadas para o céu, que nem os fanáticos por Jesus. Vi também a fotografia de uma menina num caixão branco, forrado de um tecido branco que fora amontoadado para criar um ninho para ela. A menina usava um vestido cor-de-rosa e havia rosas em toda a sua volta e por cima dela. Parecia a Branca de Neve. O vestido rosa tinha babados. Ninguém havia de querer usá-lo para ir à escola, tampouco na vida real, mas era a roupa perfeita para uma morta. Especialmente para uma criança.

— Lá também foi terrorismo? — pergunta Anna.

— É claro que foi terrorismo. Agora só tem isso — respondo.

— Você viu a foto do garoto de cabelo preto e boca vermelha? — quer saber Kevin.

— Aquele pálido? — confiro, e Kevin confirma:



— É, o do caixãozinho de madeira.

— Ele parecia um bebê vampiro — comento. — Era lindo — acrescento, e Kevin balança a cabeça com ar tristonho, como se o bebê vampiro fosse seu filho. E em seguida todos baixamos os olhos e acho que isso é uma espécie de oração, porque sinto minha emoção aumentar.

Não conto a Kevin e Anna que, depois de ver "Uivos de dor quando a cidade enterra as crianças", eu não consegui parar o filme. Na minha cabeça, quero dizer. Os uivos de dor se infiltraram em tudo. Durante alguns dias, até os latidos do Luke pareciam uivos de dor. Até as risadas na televisão.

Depois de falarmos da Rússia, apenas bebemos as cervejas em silêncio. Foi nessa hora que a aranha apareceu. Desceu do teto em sua fiação invisível e ficou pendurada no ar, a poucos centímetros do chão. Quando finalmente aterrissou, saiu rastejando pela barra dos jeans de Kevin. Nenhum de nós se mexeu, e desconfio que a aranha simplesmente presumiu que éramos peças do mobiliário. Então Kevin levantou a mão para esmagá-la, mas eu disse "não, deixe-a em paz". Não que eu achasse que, de repente, essa aranha era um anjo da guarda ou coisa parecida, mas o jeito de ela aparecer do nada, quase como se a tivéssemos inventado, me deu a sensação de mais um milagre. Era uma dessas aranhas de perninhas finas feito cílios. Como é que algum dia pudéramos ferir criaturas assim?, pensei com meus botões. Nos velhos tempos, no forte. Fiquei pensando na nossa cegueira e o Krishna azul me veio à lembrança, com seu amor estupendo por todas as criaturas.

— Mata ela — disse Anna —, está esperando o quê?

A mão espalmada de Kevin baixou e a aranha passou a não ser mais do que uma manchinha cinzenta nas calças dele. Pensei na ponta preta do fósforo depois que a chama se apaga. Na minha cabeça, foi como se ele houvesse acabado de apagar uma chama. A morte é isso.

— Não posso dormir no chão se houver insetos — declara Anna.

— Eu durmo com você — respondo. Não pretendi dar a isso um sentido sexual, mas Kevin faz um som de arrulhos de pombo.

— Você não precisava matá-la — censuro-o.

— Ela podia ser venenosa — interpõe Anna.

E ela tem razão. Quer dizer, por que é que eu havia de me incomodar com a porcaria de uma aranha? Nem todos temos a pele azul e uma coroa de penas de pavão. Nem todos podemos ser amor, amor, amor o tempo todo. Não nos dias atuais, pelo menos.

\* \* \*

— O que você está fazendo com isso? — pergunto a Anna. Ela segura um vidro de esmalte de unhas.

— Preciso terminar de fazer as unhas — é a resposta. — Sempre as faço nas sextas-feiras.

Olho para Kevin e balanço a cabeça.

— Esmalte de unhas num abrigo antibombas — comento.

Mas Kevin não reage. Recomeçou a bisbilhotar o porão. Observo-o pelo canto do olho, só para ter certeza de que ele não mexerá nas coisas de Helene.

Anna já está passando o esmalte rosa nas unhas.

— Nem acredito que você trouxe esse treco para um abrigo antibombas — censuro.

— Pare de repetir isso, Mattie — retruca ela. — Não é um abrigo de verdade. Eu não o traria se fosse de verdade — completa.

Detesto quando ela fica assim. *Se fosse de verdade*. Imagino que ia querer assar marshmallows em seguida. Não que haja algo de errado em a gente se divertir um pouco, só não dá é para esquecer o panorama geral. Mesmo quando Anne Frank ria do feijão e de todos os puns que soltavam no sótão, ou brincava sobre o gato urinando nas batatas, aposto que nunca se esquecia inteiramente dos nazistas. Mas, quem sabe, talvez se esquecesse. Era uma época mais inocente. As crianças não pensavam tanto na própria morte.

— O que você está fazendo aí? — pergunto a Kevin. Nessa hora ele está no quarto dos fundos, com as compotas de frutas da minha avó. Ouço-o remexer nos potes de vidro e fazer sons de nojo.

Anna fazendo as unhas e Kevin na despensa das compotas: o que significa isso? Tomo minha cerveja e observo os dois, e de repente o filme dá um salto para o futuro, quando todos nós teríamos nos afastado. Anna está na rua, empurrando um carrinho de bebê, e topamos uma com a outra. Ela não me reconhece, mas eu a reconheço.

— Anna McDougal? — pergunto.

— Sim — responde ela. E então se lembra: — Oh, meu deus, Mathilda? — exclama, e começa a chorar. — Eu não sabia o que tinha acontecido com você — ela me diz. — Em toda a confusão do terrorismo, pensei que a tivesse perdido. Oh, Mathilda.

Passamos um minuto em silêncio. Nenhuma de nós olha para o relógio. Apenas fixamos os olhos uma na outra.

— Você está bonita — eu lhe digo. É o que se costuma dizer às pessoas que a gente fica um tempo sem ver.

— Você também está bonita — retruca ela. Isso tem que ser dito, mesmo que seja mentira. Mas é provável que eu esteja bonita no futuro. Imagino-me num terninho caro. Preto.

— Como vão seus pais? — indaga Anna.

— Estão mortos. Morreram.

— Sinto muito — diz ela, pegando minha mão.

— O que é essa porcaria toda? — pergunta Kevin, invadindo meu filme. Traz na mão um pote de lascas marrons. — *Hummmmmmm* — grunhe, tentando girar a tampa.

— Não abra isso — advirto, mas então ouço pipocar o lacre e o ar antigo escapar.

Kevin acha um balde num canto e vira as lascas marrons dentro dele.

— Que nojo! — comenta Anna. — Isso é comida?

Kevin suspende o balde e todos olhamos para dentro.

— Era da minha avó — respondo.

— O quê da sua avó? — pergunta Kevin.

E, apesar de estar nauseada de novo, desato a rir. Deixo o riso se apossar do meu corpo até todas as partes de mim sacudirem. Chego até a enfiar a mão no balde com o conteúdo da compota, só para provar como sou valente. Puxo uma lasca e a balanço.

— São os dedos dos pés dela — respondo.

Anna solta um grito estridente e Kevin geme.

Aí, largo a lasca no balde e, de repente, o cômodo parece estar a 38°C. Minha respiração fica esquisita.

— O que você tem? — pergunta Anna.

— Nada. Só preciso lavar as mãos — respondo.

Busco uma garrafa d'água para jogar um pouco nos dedos. Derramo água demais e faço uma poça idiota. De repente, tenho vontade de estar lá em cima, na minha cama com Luke. Desejo nunca ter descido ao porão.

Mas é tarde demais. Voltar atrás é impossível. No chão há um rosto me olhando. Meu próprio rosto na poça d'água. Hipnotizador, controlador de vontades.

*Fique onde está, garota burra.*

*Não se mexa, porra.*

O acontecimento mais importante da minha vida e eu nem estava lá. O que não quer dizer que eu não o veja. Eu vejo. O tempo todo. Sempre vejo o cabelo de Helene balançando ao vento. Às vezes ele é soprado sobre seu rosto e não consigo discernir a expressão dela. Sei que está usando o casaco azul. Sei que está de botas marrons. Sei que está com os brincos de pedra verde, cor de algas marinhas. Tudo isso são fatos, não é preciso imaginação para vê-los. O que não vejo é o momento exato. Tudo para no segundo em que as mãos tocam nos ombros dela.

O que aconteceu com o corpo da minha irmã foi um horror. Não o vi, só ouvi os boatos. Mamãe e papai o viram, e é por isso que às vezes a gente tem que ter alguma compaixão por eles. Tudo que eu vi foi uma caixa trancada. O caixão. Será que ao menos conseguiram pôr um vestido nela? Eu gostaria de saber. E que sapatos ela usou? No dia do enterro, olhei o closet dela para ver que vestido estava faltando, quais sapatos. Mas todas as suas roupas continuavam lá, pelo que pude perceber. Talvez ela estivesse descalça dentro da caixa. Talvez estivesse nua. Mas a mamãe nunca permitiria isso. Mamãe a teria coberto.

Quando assisto ao filme na minha cabeça, o final costuma ser logo depois que as mãos tocam nos ombros dela. Tudo fica preto. Mas às vezes o filme recomeça, só que não é mais um filme, é uma fotografia. Uma foto do corpo dela. A foto acontece depois, em separado. É o corpo de Helene depois do acidente. Mas nem parece real, sempre parece falso. Aquilo nunca parece sangue de verdade. Na minha cabeça, é só uma tinta vermelha que alguém derramou nela.

Kevin continua a remexer no balde de lascas, agachado sobre ele feito um homem das cavernas. Mantenho distância, para não ficar nauseada de novo. Anna está com um grande livro preto a sua frente. Apanhou um dos álbuns de fotografias de mamãe. Por sorte, é um álbum antigo, de antes de qualquer de nós duas nascer. Mamãe me mostrou esse álbum uma vez, fazia muito tempo. Dentro há uma porção de mulheres de rostos sisudos e nomes como Rose, Violet e Daisy. Mamãe nem sabe quem eram algumas delas. Só sabemos os nomes porque alguém os escreveu no verso das fotos. *Violet no jardim*, 1925. *Rose no carro de Joe Farrow*, 1936. Juro que às vezes quase chego a desejar que houvesse um grande incêndio ali embaixo e queimasse aquilo tudo.

— Você fez xixi no chão? — pergunta Kevin.

— Não — respondo, mas meu coração deu um salto, porque esse é meu grande medo. — É só água — explico. Eu continuo parada junto à poça, desde a hora em que lavei as mãos.

— Ai, meu deus — diz Anna.

— O que foi? — pergunto.

— *Onde é* que a gente vai ao banheiro? — diz ela.

— Foi para isso que eu trouxe o balde.

Kevin ri. Com um pedaço de pau, mexe a papa de frutas podres.

— Ai, meu deus — diz Anna de novo.

— Por quê, você está com vontade de ir ao banheiro? — indago.

— Não. Não vou usar balde nenhum.

Olho para ela e, subitamente, surge em meu coração um pensamento: quero ser forte. Quero ser mais forte do que os pioneiros, mais forte do que os índios. Quero atravessar o inverno inteiro sem nada além de um cobertor e uma caixa de fósforos. Acho que Anna não está à altura dessa tarefa. Volta-me à lembrança a imagem dela parada na esquina com o carrinho de bebê. Não parece estar muito longe.

Aposto que Rose, Violet e Daisy fariam xixi num balde. É provável que tivessem de fazê-lo, naquela época. Aposto que elas poderiam ter nos ensinado alguns truques sobre como viver em tempos difíceis. Elas teriam amarrado Helene numa cadeira e tirado de sua boca até o último resquício

de batom. Talvez tivessem conseguido salvá-la, de algum modo. Mamãe e papai são inteligentes demais para salvar alguém. As pessoas inteligentes sempre se revelam frouxas. Não são as pessoas inteligentes que vêm ajudar quando é preciso tirar um piano de dentro de casa. Quando mamãe e papai se desfizeram do piano da Helene, ele teve de ser retirado por profissionais. Aposto que Rose, Violet e Daisy o carregariam elas mesmas. O provável é que Rose, Violet e Daisy nem se desfizessem dele, para começo de conversa. Não quero ser fraca quando crescer e não quero viver cercada por fracotes.

Com seu cabelo azul e suas correntes, talvez Kevin pudesse ser um pioneiro. Aposto que faria xixi num balde sem pestanejar.

— Como está indo a sopa? — indago.

Ele mexe o balde de gosma e me lança um sorriso lunático.

— Preciso de outra cerveja — diz. Põe-se de pé num salto e desliza de meias pelo piso de cimento, como se fizesse mil anos que morava ali no porão. Está perfeitamente à vontade.

— Mais alguém? — pergunta, porém Anna e eu ainda estamos lutando com a segunda garrafa.

Aproximo-me de minha amada e me sento a seu lado. Seus olhos continuam no álbum de fotografias.

— Quem são todas essas pessoas? — pergunta ela. — São feias — afirma. — São da sua família?

— Não. Eu não as conheço — respondo.

Anna fecha o álbum e o joga de lado. Cruza os braços, como se estivesse com frio.

— Isso está muito chato — diz. — Seria bom se você tivesse uma televisão aqui embaixo.

Tento dar-lhe um abraço, mas ela contorce o corpo e se esquiva.

— Pare — sussurra, como se sentisse vergonha do nosso amor agora que você-sabe-quem está no recinto. Estende a mão para a pilha de comida e pega uma barra de granola. Parta-a ao meio. Anna nunca come nada inteiro. Seu limite é a metade.

Kevin está examinando uma pilha de jogos antigos de tabuleiro. Ludo, Jogo da Operação e Mousetrap, que era o meu favorito. Anna mordisca sua barra de granola como se fosse a rainha dos coelhos. Lá em cima faz silêncio. Lá em cima fica a um milhão de quilômetros de distância.

— Se houvesse uma bomba, ela poderia ser silenciosa — sugiro.

Anna me olha, mastigando, mas seus olhos escutam.

— A gente ouviria *alguma coisa* — afirma.

— Talvez não — diz Kevin. — Um clarão de luz.

— Mas nem o veríamos daqui de baixo — acrescenta.

Sinto-me tomada por uma onda de alegria, por Kevin estar do meu lado.

— Seus pais podem já estar mortos — digo a Anna.

— Não, não estão — rebate ela.

— Você não sabe — insisto. — Só saberá quando for para casa.

— Por que você está implicando comigo? — diz Anna.

— Não estou. Só estou sendo franca.

— Eles não morreram — insiste ela.

— Eu só disse que *podem* estar mortos. Não disse que *estão*.

— Nem todo mundo morre — afirma Anna.

O que queria dizer isso?

— Todo mundo morre, sim — retruco.

— Meninas, meninas — intervém Kevin. — Será que vou ter que separá-las?

Sua voz é a cópia exata da voz da Sra. Thorsland, a professora de educação física. Até Anna sorri. Levanta-se e se aproxima das coisas de Helene.

— Quer dizer que seu irmão está matando terroristas, né? — diz Kevin, chegando mais perto dela.

— Não sei o que ele está fazendo — responde Anna.

— Mas ele está lá, não está?

— Está — responde ela. Sua voz vacila um pouco.

— Isso é bom — comenta Kevin.



— É bom, eu concordo — grito para os dois. Mas nenhum deles me olhou.

— Se eu pudesse, eu iria — diz Kevin. — Iria mesmo, com certeza.

E talvez um dia vá, penso. E nesse momento me ocorre que talvez o bebê do carrinho da Anna fosse do Kevin. Talvez Kevin estivesse lutando por lá e Anna se encontrasse na esquina da rua, esperando por ele. A verdade é que eu nunca deveria ter juntado os dois.

Lá em cima, Luke late. É quase um grito de dor. Todos olhamos para o teto. Também há vozes, vozes humanas. Uma discussão. E aí a palavra sai. *Mathilda*. Foi dita pela mulher.

— É a sua mãe? — pergunta Kevin.

*Mathilda!*

— Ela não sabe que você está na minha casa? — indaga Anna.

Uma porta bate e meu nome vem de outra parte da casa. Levanto-me e vou mexer no balde de lascas para me distrair.

— Você não vai responder? — pergunta Anna.

— Ela parece aborrecida — diz Kevin.

— E daí? — retruco.

Anna começa a dizer outra coisa, mas mando-a calar a boca. Meu jeito de falar faz Kevin se calar também. Os dois me olham como se tivessem acabado de se lembrar a quem pertence aquela casa, de quem é o porão em que estão. Luke faz outro barulho, outra porta bate e pronto, acaba-se o espetáculo. Mamãe e papai voltam ao silêncio. A mão de Anna está apoiada no lençol branco que cobre as coisas de Helene, como se ela estivesse prestes a fazer um truque de mágica. Como se estivesse prestes a puxar o lençol e fazer tudo sumir.

— Corte o meu cabelo — peço.

Anna e Kevin me olham como se nem falassem a minha língua.

— Quero que alguém corte o meu cabelo — repito.

A pobre da Anna fica lá, perplexa, mas Kevin, como bom e velho pioneiro, acode em meu socorro.

— Eu corto — diz, e seu sorriso escapa, desonesto como o do diabo. — Cadê a tesoura? — pergunta.



Beberico outra cerveja enquanto as mãos de Kevin mexem no meu cabelo. De vez em quando os dedos dele roçam meu pescoço e a sensação desce direto para a minha barriga. Eu gostaria de saber se é por isso que papai corta o cabelo a cada duas ou três semanas. É quase como procurar uma prostituta. Aqueles dedos cheios de eletricidade na nuca. Sempre foi mamãe quem cortou o meu cabelo. No verão, antigamente, ela fazia isso do lado de fora, no gramado. Helene sempre ia na frente. Minha primeira vítima, mamãe dizia, enrolando a toalha nos ombros dela. Mamãe fazia uma cientista maluca bem legal naqueles tempos.

Mas é diferente quando se trata de um estranho. É mais perigoso. Não que Kevin seja propriamente um estranho. Os dedos dele é que eu não conheço muito bem.

— Que comprimento você quer? — pergunta ele.

— Curto. Mas não curto demais.

Kevin começa devagar e meu cabelo faz um som estalado no contato com a tesoura. Anna fica nos observando como se estivéssemos cometendo o crime do século.

— Por que você está fazendo isso? Seu cabelo mal estava recomeçando a crescer.

— Depois eu corto o seu, se você quiser — diz Kevin, dando um risinho afetado para ela.

— Você tem alguma ideia do que está fazendo? — ela lhe pergunta. — Primeiro você tinha que molhar o cabelo.

— Prometo que eu molho o seu.

Vejo o rubor aparecer nas bochechas de Anna.

— Vamos amarrá-la — proponho. — A gente a amarra e corta o cabelo dela até ela ficar careca.

Anna revira os olhos, mas percebo que ficou com medo de que estivéssemos falando um pouco a sério. A essa altura, Kevin dá tesouradas ligeiras, como se fosse o rei das lagostas.

— Carol Benton está com um novo corte de cabelo — comenta Anna.

— Quem? — indago. O nome devia estar errado, penso.

— Ela também fez umas luzes vermelhas — diz Anna.

— De quem você está falando? — pergunto.

— De Carol Benton — Anna repete, porém mais alto.

É quase como se Carol Benton estivesse escondida no porão atrás de umas caixas. Tenho uma sensação de cilada, como se houvesse câmeras escondidas em algum lugar. Você já teve a sensação de que há alguém tentando filmar suas reações às coisas? Será que ela vai se aborrecer, será que vai começar a chorar? Esse tipo de coisa.

— Beba a sua cerveja — retruco, mantendo o rosto o mais normal possível.

— Você não notou o cabelo da Carol? — pergunta Anna, com um brilho maldoso no olhar. — Eu achei bonito.

— Bonito como o da sua mãe? — pergunto.

— O que quer dizer isso?

— Nada. Só que é interessante. O formato do cabelo dela, feito um capacete.

— Aquele corte é caro — diz Anna.

A imagem da Sra. McDougal passa feito um raio pela minha cabeça.

— Pintora de borrões — comento.

— O quê? — pergunta Anna. Não capta a referência e não a explico.

A propósito de que estamos brigando? Seria do Kevin? Talvez seja só a chatice do cativo. Quando se põem animais em jaulas, às vezes eles se voltam uns contra os outros. Vi um experimento só sobre isso no canal Nature. Kevin está absorto no meu cabelo e não diz nada. No silêncio, era só o clique-clique-clique das suas garras.

— Já chega — diz Anna. — Mattie, já está bem curto — insiste.

Peço-lhe que traga o espelho. Aponto para o velho espelhão de corpo inteiro com rodinhas, enfurnado num canto.

— Não olhe até eu acabar — pede Kevin.

— Ela tem que olhar — objeta Anna. Afasta umas caixas do caminho e desliza o espelho grande e empoeirado pelo cômodo. É mais alto que ela, que o empurra por trás. Isso faz parecer que o espelho se move sozinho, magicamente.

Quando me olho, a coisa não faz um sentido completo. O espelho é preso em dobradiças e está balançando um pouco. Vejo meu rosto subir e descer, como se eu estivesse numa gangorra. Kevin também está no espelho, ainda com a tesoura reluzente na mão. Quase não me reconhece.

— Está torto — constata Anna. O que é o eufemismo do ano. De um lado, meu cabelo cai em mechas revoltas que mal chegavam à minha bochecha. Do outro, está tão curto que parece a pele de um animal.

— Está todo torto — Anna deixa escapar de novo.

— É para ser assim — diz Kevin. — O que acha? — pergunta-me.

— É uma mutilação — insiste Anna. É esse seu veredito puro e simples. Se tivesse um malhete de juiz, provavelmente ela o teria arriado na cabeça de Kevin.

Olho para o espelho e tento me concentrar. Por alguma razão, imagino minha mãe prostrada de joelhos. Imagino-a me implorando perdão. Quando a gente corta o cabelo, se o corte for feito direito, isso pode significar uma vida inteiramente nova. Fito os olhos de Kevin no espelho, mas não consigo decifrar seu desejo secreto. Seria o de me mutilar? Ou o de me tornar sua noiva? Para ele, vai ver que era a mesma coisa.

— Corte mais curto — instruo.

Monstro, é essa a ideia na minha cabeça. Quero ser um monstro.

— Ponha tudo como no lado esquerdo — peço. O lado esquerdo era o lado da pele felpuda.

— Mattie, você está maluca? — pergunta Anna, que de repente move-se em direção a Kevin. — Não! — exclama, num tom que eu nunca ouvi antes. Na verdade, ela tenta puxar a tesoura da mão de Kevin. Anna, a

heroína, vindo me salvar em um salto heroico. Mas Kevin é muito rápido. Dá um passo para trás, rindo.

— Está tudo bem — eu lhe digo. — Vai ficar igual ao cabelo da Phunka.

— Detesto a Phunka — rebate Anna.

— A Phunka é genial — argumenta Kevin.

Phunka, se você não sabe, é uma mulher que toca violino elétrico e tem voz de cana rachada. É africana. Ela tem uma música nova contra a guerra, mas não a tocam no rádio. Kevin a descobriu na internet e fez uma cópia para mim.

— Quer mesmo que eu continue? — pergunta ele.

Anuo com a cabeça para ele pelo espelho. E tiro o suéter, porque estou transpirando. Por baixo eu usava uma blusa tomara que caia. Quando Kevin recomeça a cortar, fico olhando o cabelo cair no meu corpo. Uns fios grudam nos meus braços, ombros e na parte superior do peito, como se eu fosse um homem ou um bicho. Anna perde todas as forças. Apenas senta-se no chão, vendo aquilo acontecer. Como se o corte do meu cabelo a estivesse matando. Entendo isso como um sinal do seu amor por mim. Havia até lágrimas em seus olhos e tive vontade de dizer: não se preocupe, minha querida. Quis lembrar-lhe a história da Bíblia sobre Sansão e Dalila, só que essa situação era o contrário. Porque a verdade é que eu estava ficando cada vez mais forte conforme Kevin cortava.

No espelho, fui virando outra pessoa. Uma pessoa num presídio, ou uma freira japonesa, e de repente eu era Anne num campo de concentração, porque nem sempre é possível controlar os pensamentos. Meu coração batia contra meu peito. Senti uma onda esquisita de poder.

— Vou matá-lo — sussurro.

Todo o meu cabelo sumiu. Agora é só penugem.

Havia uns sons engraçados vindo de algum lugar, talvez da minha garganta.

— Vou matá-lo — repito para mim mesma. Os olhos de Kevin encontram os meus no espelho.

— Quem? — pergunta.

— O homem que empurrou Helene.

Então levanto a cabeça e deparo com os olhos de Anna e percebo que tinha dito a coisa errada, por causa da minha felicidade. Ela desvia o rosto de mim, sem graça.

— Não, é só brincadeira — falo.

Foi como se eu houvesse acabado de acordar e estivesse parada ali, nua.

— Do que você está falando? — pergunta Kevin. — Ela não pulou?

— Anna — chamo, tentando trazê-la para o meu lado, mas ela apenas balança a cabeça.

— Você tem que parar de dizer isso — fala. Fita-me com seus lindos olhos azuis.

— Não faça isso — peço, adivinhando o seu pensamento.

Mas acontece. O rosto dela fica medonho.

— *Ela se matou, Mattie. Todo mundo sabe que ela se matou.*

A voz dela é a voz do Árvore.

*Ninguém a empurrou*, disse o Árvore. *Suicídio*, ele afirmou, como se falasse com uma pessoa retardada, como se eu não soubesse o significado dessa palavra idiota. De repente, o facão volta a atravessar meu peito, como acontecera ao recebermos a primeira notícia.

— Nunca conheci ninguém que tivesse se matado — diz Kevin, mas eu já nem o vejo mais. Só consigo enxergar meu cabelo. Todo espalhado em cima de mim e no chão. Uns fios dançando na corrente de ar que vem do alto da escada.

— O que você está fazendo? — pergunta Anna.

Eu estou de joelhos, tentando recolher o cabelo. Mas, toda vez que tento pegá-lo, ele escapa direto por entre meus dedos.

— Eu vou limpar. Deixe que eu varro — diz Kevin.

— Não, deixe-o em paz — retruco. — Não toque nele — repito.

— É só cabelo — observa Anna. — Por que você está chorando?

Mas eu não estava chorando, estava fazendo outra coisa. Uma coisa que os bichos fazem. Estava tentando me proteger. Depois, não podia

tornar a olhar para cima. Era melhor ficar de quatro, feito um cachorro. Se eu gritar, pensei, tudo desaparece. Se eu latir feito um cachorro.

— Mathilda? — Anna me chama. E sua mão valente tocou minhas costas peludas.



Todo mundo é criança quando dorme. Uma vez eu vi mamãe de boca aberta, com a cabeça inclinada para trás. Parecia um filhote de passarinho implorando por minhocas. Aquilo me fizera pensar em qual seria minha aparência quando eu partia para a terra dos sonhos. Perguntei a mim mesma se ficaria melhor ou pior do que na vida real. E sabe-se lá se algum dia eu vou dormir de novo, de qualquer modo. Não faz parte dos meus planos.

Anna fica diferente de olhos fechados. Perfeita, mas insossa. Claramente, são os olhos que lhe dão sua superioridade. Sem eles, ela é só uma ideia mal concebida. Do outro lado do cômodo, Kevin dorme um sono profundo; posso perceber pelo seu jeito de respirar. As poucas mechas compridas de seu cabelo caem-lhe por cima do rosto feito videiras. Lá em cima e ali embaixo, o mundo dorme. Eu ouço o vento lá fora, que está me deixando doida. *Ela eela eeela. Ela é uma mentirosa.*

Foda-se, eu digo para quem quiser ouvir.

De vez em quando, eu levanto a mão e toco minha cabeça. Os cabelos eriçados fazem com que eu me sinta mais perto de deus. Quanto mais perto a gente fica de deus, mais longe fica das outras pessoas. Ali embaixo faz frio, ainda por cima. Quando ponho a mão na minha nuca, ela está um cubo de gelo. Sem o cobertor de cabelos, fica completamente nua. Você já teve desses momentos em que não sabe onde está? O meio da madrugada é como estar na lua, às vezes. A noite vem depois do dia, é o que a maioria das pessoas lhe dirá. Mas às vezes não pego no sono, e aí é o contrário.

Não ouço as sirenes nessa noite, mas penso nelas. O bebê vampiro também me passa pela cabeça, além das pessoas da Inglaterra que morreram de uma doença posta dentro de uma carta. É uma doença nova, que transforma as pessoas em poças.

Eu não dormia principalmente por causa de Helene. Por causa da verdade idiota de como minha irmã tinha morrido. Isso aconteceu há mais de um ano, portanto, trate de se refazer, digo a mim mesma. Eu me refaria, muito obrigada, se o idiota do corpo dela não estivesse no meio do caminho; e o que é que eu vou fazer: pisar nele? Ignorá-lo? FIQUE ATENTO, dizem os cartazes, mas acho que não quando se trata de gente morta. Quando se trata de gente morta, é só enfiar um saco na cabeça, essa é a regra de etiqueta na minha família.

Mas em que sentido o que aconteceu com Helene é diferente da guerra? Pessoas morrendo e o mistério terrível do por quê. Só existe guerra, desde que nasci, e uma coisa eu posso lhe dizer: sempre há um inimigo. E, se você não lutar, eles tiram tudo o que é seu, até sua própria irmã. A verdade é que, mesmo que não tenha havido ninguém parado atrás dela, alguém a empurrou.

De repente, Kevin acende uma lanterninha e meu coração para. Fico me perguntando se eu teria falado sozinha em voz alta e ele teria ouvido. Por pouco eu não digo o nome dele. Em vez disso, porém, fecho os olhos e faço minha respiração se parecer mais com a de uma pessoa adormecida. Se você quer fazer um documentário sobre animais, tem que virar uma pedra no meio deles. Tem de fingir que não está interessada.

Kevin se mexe muito de leve e eu me pergunto se aquilo teria a ver com masturbação. Que é bastante comum entre os garotos de uma certa idade. De olhos fechados, eu consigo ouvir cada rangido e cada estalido. Ouço os sons suaves dos lençóis. Lá em cima também há sons, batidinhas ritmadas de alguém pisando de leve no chão. Eu não sei dizer se é a mulher ou o cachorro.

Kevin levanta-se, eu o ouço. Vem andando em minha direção, um passo de ladrão atrás do outro. Mesmo de meias ele soa como um gigante. Chega tão perto que começo a me preocupar. Até que ponto eu o conheço

de verdade? Faz anos desde os tempos do forte. E, naquela época, tínhamos praticamente o mesmo corpo. Posso senti-lo parado junto a mim. Posso sentir sua sombra azulada. E, apesar do meu medo, decido que está na hora. Eu tenho que fazê-lo. Tenho que abrir os olhos para ele. Tenho que dizer *sim, se você quiser, eu topo*. E me entregar, que é o que mamãe disse que nunca devemos fazer. Respiro fundo e começo a abrir as pernas devagarinho.

Então Kevin passa por mim e, quando entreabro os olhos, ele está de frente para outro lugar. Indo em direção a Anna. Com a lanterninha focada no piso. No escuro, o fecho de luz parece a bengala de um mago.

Às vezes as coisas acontecem e nos surpreendem. Mas, na maioria das vezes, o que acontece é exatamente o que a gente espera, como se a situação tivesse saído direto de algum filme idiota. Esta pessoa aqui vai se apaixonar por aquela, é óbvio desde o começo. Quanto mais diferentes elas são, quanto mais se odeiam, melhor.

Kevin senta-se ao lado de Anna. Põe-se a observá-la. Esfrega as mãos como se elas estivessem geladas e ali houvesse uma fogueira. Suponho que esteja apaixonado. Ou pior. Possivelmente, é só biológico. Mas ele não monta em cima dela, apenas dá-lhe um toque no ombro e, quando ela abre os olhos, diz "Pssiu". O primeiro gesto de Anna é olhar na minha direção. "Mattie", espero que me chame. Mas ela não chama. Fico pensando se consegue enxergar meus olhos, que olham diretamente para ela.

— Ela está dormindo — sussurra Kevin.

Anna vira-se para ele. Pela expressão de seu olhar, acho que o filme talvez seja diferente do que eu havia pensado. Se houvesse música, deveria ser música de filme de terror. Daquele instante que antecede imediatamente o terror. Espero Anna gritar. Sinto seu coração bater dentro do meu. Sua boca se abre e solta uma baforada de ar amedrontado. Eu diria que Kevin também está com medo. Sua mão não está cem por cento segura ao descer do ombro e deslizar pelo corpo dela. Ele o faz com um gesto lento, feito um médico. Anna continua a respirar aos bocadinhos, à espera de que ele descubra onde dói. Quando Kevin a toca na barriga, os

olhos dela tornam a disparar na minha direção. Não entendo. Ela quer ajuda ou só está se certificando de que estou dormindo?

Ela não consegue me ver, concluo, enquanto a mão do Kevin desliza para baixo dos lençóis. Anna faz sua mão disparar na mesma direção, presumo que para se cobrir. Balança a cabeça em sinal de não, enquanto Kevin se debruça sobre ela. O cabelo dele é a primeira coisa a tocá-la. O cabelo azul no pescoço branco. Ele paira sobre Anna feito um pássaro flutuando num rio secreto de ar. Suas narinas se abrem e fecham como flores. Os lábios de Anna continuam fechados. É incrível o que se consegue ver à luz de uma lanterninha de nada.

Não tenho medo do beijo. Um beijo não é nada. Mas a mão de Kevin embaixo das cobertas é outra história. Isso é mais complicado. Eu me pergunto se os dedos dele estão tentando penetrá-la.

Ajude-a, penso. Mas não pude. Por alguma razão, meus braços e pernas não queriam me obedecer. Minha voz também não funcionava. Nem as lágrimas no meu rosto eram minhas. Em uma ou duas ocasiões, eu soube que Helene tinha descido ao porão com um garoto. Para lhe mostrar uma música ao piano, era o que sempre dizia. Mas a música não era ininterrupta. Havia uma porção de pausas. De repente, é como se os vivos e os mortos estivessem transando ali, e não gosto disso.

Agora a mão de Kevin é um fantoche engraçado, um camundongo embaixo do cobertor. Sinto um bolo no estômago. Quem eles pensam que são? Acham que podem simplesmente entrar no futuro sem mim? Fico com tanta raiva que nem noto as vozes no andar de cima. Kevin olha para o teto e é nessa hora que ouço a comoção na cozinha. Mas ele não para. Sua mão continua a se mexer e Anna respira fundo quando a faca do dedo dele entra. Eu posso senti-lo. Por que ela não o detém? Por que não lhe arranha o rosto? Será que, secretamente, é uma prostituta?

Quem quer que estivesse falando lá em cima estava praticamente aos berros. Não era mamãe nem papai. "Sua filha", são essas as únicas palavras que ouço. *Sua filha*. É a polícia falando de Helene. Tudo se acende como um clarão na minha cabeça. A polícia tinha encontrado o assassino — e minha mentira perfeita voltou para mim, intacta. Por que Kevin não

parava com aquele absurdo? Nessa hora, Anna olha para cima, com a estúpida boca muda gritando aos céus. E, no instante em que ela começa a dizer alguma coisa, Kevin tapa-lhe a boca com a mão para silenciá-la. Os olhos de Anna ficam desvairados. A voz na cozinha é inconfundível.

— *Mamãe!* — grita Anna, afastando-se de Kevin. Agora está chorando, mas quem se importa? Kevin apaga a lanterninha idiota.

— Fique quieta — murmura ele, mas era tarde demais para isso.

— O que vocês pensam que estão fazendo, porra? — pergunto. Acendo minha lanterna e a foco bem no rosto dos amantes. Nojentos, é o que eles são, transando praticamente num cemitério.

— Vocês estão aí? — gritam os nazistas. Estão vindo nos pegar, finalmente. Um deles soca a porta com tanta força que achei que ia quebrá-la.

— *Mathilda!*

Sabem meu nome. Tiro o canivete do cinto.

— Anna? — pergunta outra voz.

— Abram já esta porta! — grita o que socava.

— Não! — grito.

Anna levanta-se de um salto, com seu pijama idiota. Sacode as mãos como se estivesse secando o esmalte nas unhas. Desloca-se um pouquinho em direção à escada.

— Não se atreva — advirto.

— Desculpe-me — diz ela, com a cara de choro mais feia que já se viu.

Kevin fica andando em círculos, sem olhar para mim. Os nazistas socam e gritam e, de repente, Anna corre para a escada. Vou atrás, mas ela é rápida demais.

— Vou arrebentar a porta! — ameaça papai.

— Pois arrebente — respondo. — Vá em frente! Eu gostaria de ver você fazer isso — acrescento.

Tento agarrar Anna nos degraus, mas tropeço. Dou com a boca no chão com toda força. Anna está na metade da escada quando a porta se abre e a luz inunda tudo. Os nazistas são imagens desfocadas pretas e sem

rosto. Anna corre para os braços de um deles. Kevin e eu nos olhamos lá de baixo, enquanto Anna afunda a cabeça no colo da mãe.

— Nojenta! — grito.

Viro-me para Kevin, que continuava a não olhar para mim.

— Você não vai dizer nada? — pergunta ele, com uma vozinha tão miúda que não valia nada.

Anna e a mãe continuam paradas no alto da escada, feito dois borrões, o borrãozão afagando o cabelo do borrãozinho. Por que ela não lhe dá uma bofetada?, penso.

— Mathilda? — chama papai, começando a descer a escada. Recuo dele e paro ao lado de Kevin. Vejo Anna e sua mãe desaparecerem do vão da porta, entrando na casa. Quando papai desce até o chão e me vê, não entendo a expressão em seu rosto. Depois me lembro do meu cabelo. Papai balança a cabeça e, uma vez começado esse gesto, não para mais.

— Dê isto aqui — diz, e tira o canivete da minha mão. Deixo que o faça, por algum motivo.

— É melhor você ir para casa — sugere, virando-se para Kevin. Sua voz está enterrada sob milhares de quilos de areia.

— Sr. Savitch — começa Kevin, mas papai o interrompe.

— Vá para casa — torna a dizer, e dessa vez não é uma sugestão.

Kevin pega suas coisas e sobe a escada correndo. Ouço a porta da frente bater. Papai me olha com o canivete na mão, e fico pensando se algum dia ele me mataria.

— Cadê a mamãe? — pergunto. Levanto os olhos pela escada, à procura de outro borrão na porta. — Papai, onde ela está?

Mas ele não responde, só fecha os olhos. Alguma coisa dentro de mim me diz para pegar sua mão, e é o que faço. Seguro a mão que não está com o canivete, e apenas ficamos parados assim, durante um longo tempo. Torno a olhar para o alto da escada e não vejo nem o cachorro. O que está acontecendo?

— Papai? — Puxo seu braço, mas ele não abre os olhos. — Papai?

# PARTE TRÊS

Quando conheceu o papai, mamãe tinha dezesseis anos, dá para acreditar? Papai diz que ela era tão tímida que nem conseguia encará-lo, vivia de olhos baixos. Segundo ele, a pessoa tinha que se agachar embaixo do rosto dela para lhe chamar a atenção, e, quando o sujeito fazia isso, ela dava risada e estava conquistada.

Papai fumava cigarros nessa época. Tinha dezoito anos. O amor dos dois foi instantâneo. Ao que parece, um dia papai roubou dinheiro do pai dele e comprou para a mamãe um casaco de pele, que depois se descobriu que era falso e nem serviu nela. Além disso, ela o achou vulgar. Já naquela época mamãe tinha gostos muito peculiares. Ela fez papai devolver o anel de noivado que comprara e os dois foram juntos a uma loja especial, a trezentos quilômetros de distância, para mamãe poder ganhar o anel que queria, na caixinha azul.

Eu costumava ouvir todas as histórias. Como a da lua de mel deles num hotel no alto da montanha, todo iluminado à noite que nem o céu, dizia mamãe. Ah, e a primeira noite deles no restaurante de teto dourado. Houvera champanhe e bolo de chocolate, levado para a mesa todo em chamuscas. Papai tinha se levantado e cantado uma música, e todo mundo achara que aquilo é que era vida. As pessoas falavam uma língua que eles não entendiam, mas nessa noite, disse papai, ele e mamãe entenderam tudo.

No mundo há coisas bonitas e coisas tristes e, quando elas se juntam, formam uma estrela. A luz é muito distante, e o mais estranho é que ela fica dentro da gente. Só que, por mais que a pessoa olhe, nunca pode ver a



estrela em si, vê apenas o reflexo dela num lago, que também fica dentro da gente. Quando eu disse isso ao Árvore, ele me olhou como se eu fosse um espécime estranhíssimo. Ela roda, roda sem descansar, ninguém sabe onde vai parar. Era isso que tinham dito no cassino, onde o casal apaixonado ganhara — dá para acreditar? — três mil dólares. Eu me pergunto se mamãe terá ficado nua na banheira do hotel, enquanto papai despejava os baldes de dinheiro nela. Posso até imaginar. Uma lua de mel cinco estrelas, melhor não poderia haver.

Naquela época, eu teria concordado com papai em que ela era a pessoa certa para ele se casar. Mas, se soubesse o que sei agora, eu o teria convencido a se casar com outra pessoa, uma bailarina ou uma cantora, uma policial, talvez. Alguém sólido. Não uma leitora de livros, não alguém que simplesmente desaparece. De agora em diante, se alguém me perguntar o que minha mãe faz, vou logo dizer que ela é um Houdini de saias. Não seria ótimo ter uma pessoa dessas como mãe? Já imaginou? Eu chegaria da escola e ela estaria de cabeça para baixo dentro de um tanque de água, se exercitando. Eu quereria ajudar, mas precisaria ter fé. Ajudá-la estragaria todo o propósito da coisa. Eu teria apenas que esperar e, mais tarde, depois que ela tivesse saído do tanque, eu lhe serviria um drinque. Ela se sentaria numa cadeira e eu secaria seu cabelo com uma toalha. Essa foi por pouco, eu diria. Você me deixou preocupada, mamãe.

Mas o negócio é que, quando um Houdini de saias desaparece numa baforada de fumaça, o truque só acaba quando ele volta. Se a pessoa deixa os outros esperando demais, eles ficam com raiva. E, se ela não volta nunca, é um fracasso como mágica, na minha opinião.

Quando papai e eu subimos do porão, sentamos na cozinha e ele deu uma porção de telefonemas sobre a situação. Ligou para todo mundo que conhecia, mas mamãe não estava.

— Você tentou o canil? — perguntei, mas tão baixo que papai não me ouviu.

Não sei por que eu disse isso, porque, para falar a verdade, estava meio assustada. Nunca se sabe se certas coisas são um mal de família. Depressão e sei lá mais o quê, e o resultado a que isso leva.

— Ela simplesmente saiu com o carro? Aonde você acha que ela foi?

— Não sei — respondeu papai, e deu para perceber que não sabia mesmo. Deu para perceber que essa pergunta o estava consumindo.

— Você acha que ela fez isso por minha causa? — perguntei. Não conseguia me lembrar da última coisa que dissera a mamãe. Mal conseguia visualizar o rosto dela. Continuei tentando, mas meu cérebro insistia em estragar tudo.

— Por que você não foi atrás dela? — indaguei, e foi nessa hora que papai me deu toda a sua atenção.

— Porque tive de procurar você — respondeu. Do jeito que falou, podia-se supor que procurar por mim era o pior castigo do inferno. — Mentir para todo mundo daquele jeito.

Eu sabia que ele estava falando do porão e da mentira sobre eu dormir na casa da Anna, mas tive medo de que, de algum modo, soubesse o que eu dissera sobre Helene. Era visível que estava zangado comigo por uma porção de razões, mais do que apenas pelo porão. O engraçado é que, mesmo assim, ele me fez um sanduíche.

Tudo teria sido ótimo se a mãe da Anna não houvesse telefonado para saber da preciosa filhinha. Poderíamos ter sumido para sempre lá embaixo. Agora eu tinha voltado ao ponto de partida, estava de novo no andar de cima, com mamãe tendo a última palavra, como sempre. Mamãe nem estava em casa, mas continuava em toda parte. Mãe é assim. Em termos biológicos, as mães são um verdadeiro problema. Grudam na gente, porque a gente tem uma porção de células delas e tudo o mais. É pior do que filme de monstros.

— Ela deve ter saído só para dar uma volta — sugiro. Quando Helene e eu éramos pequenas, mamãe não pensava duas vezes antes de passar duas horas dirigindo, só para nos levar a um zoológico ou a um museu, ou mesmo àquela sapataria elegante pela qual ela era maluca. — Você sabe como ela gosta de dirigir.

— O que você estava fazendo lá embaixo? — papai pergunta, mudando de assunto.

— Nada — respondo.

Não quero começar a falar de terrorismo, com todas as coisas que estavam acontecendo. Tento comer o sanduíche, mas não consigo. A cozinha ainda cheira ao cocô do Luke.

— Ele passou a noite toda cagando — diz papai, e fico surpresa ao ouvi-lo falar daquele jeito, porque essa não é a sua linguagem normal. Olho para Luke no seu canto, com a cara envergonhada, deitado na sua cama especial de jornais e sacos plásticos de lixo. Às vezes eu esqueço que ele é velho.

— Quanto tempo os cachorros vivem? — perguntei.

— Ele vai ficar bem — respondeu papai.

Levei metade do meu sanduíche para Luke.

— Não dê isso ao cachorro — retrucou papai, em tom ríspido. — Pelo amor de deus, Mathilda!

De certo modo, era um papai inteiramente novo. Com o cabelo em desalinho e a sombra preta da barba, parecia um astro de cinema num dia ruim. Mesmo depois da Helene, ele ainda continuara a pentear o cabelo e a se barbear todas as manhãs, e a exibir seu rosto perfeito. Nessa noite, parecia aquele tipo de pessoa que é capaz de jogar um casco de cerveja da janela de um ônibus. Fiquei esperando que ele me mandasse para a cama, porém, até aquele momento, isso não havia acontecido. Talvez, secretamente, ele desejasse a minha companhia.

Agora, papai estava de novo ao telefone e Luke gemia, querendo alguma coisa. Talvez só quisesse um afago, uma boa esfregada nas costas. Em geral, ele simplesmente se aproximava e empurrava a gente com a cabeça, quando era isso que queria, mas podia ser que estivesse muito doente. Ou isso, ou estava apavorado demais para sair do seu saco plástico, por medo de tornar a dar vexame.

— Luke, meu Lukinho — eu disse.

Isso despertou um minúsculo abanar do rabo. O relógio da parede mostrava 2h15. A cozinha já nem era uma cozinha, era uma sala de espera.

— Você ligou para os hospitais? — perguntei a papai.

Observando-o ao telefone, com as costas recurvadas feito um ponto de interrogação, pensei nos dois últimos beijos que mamãe me dera. Um

quando estava bêbada, o outro depois de eu tocar a fita da Helene. Apesar de eles terem sido terríveis, fiquei me perguntando se, quem sabe, eu teria reagido da maneira errada. O significado de um beijo nem sempre é cem por cento claro. Um beijo é algo complicado. Eu queria saber quando foi a última vez que mamãe beijou papai.

Finalmente, uma imagem dela me vem à cabeça, mas é a imagem errada. Era de um álbum de fotografias de quando mamãe era pequena. Estava de short verde e blusa amarela. E então, do nada, me lembrei da história que um dia ela me contara sobre quando havia tentado espantar um passarinho de uma toranjeira. Isso tinha sido no tempo em que ela era criança. O passarinho fazia um barulhão e a estava levando à loucura, porque ela queria ler. Ela acabara atirando uma pedra no bicho, e a pedra realmente o havia acertado na cabeça, o que nunca fora a intenção de mamãe. O passarinho tinha caído da árvore e batido no chão feito uma fruta. Mamãe entrara em casa correndo para contar à mãe dela, e quando as duas saíram, a ave tinha sumido. Ao que parece, minha avó riu e disse que não se podia matar passarinhos a pedradas. Mamãe ficou furiosa e, apesar de nunca ter querido usar pedras para matar passarinhos, foi isso o que tentou fazer nas semanas seguintes, só para poder levar um para casa e jogá-lo no colo da mãe, como um caçador contente. Perguntei a mamãe se ela achava que o passarinho tinha ficado com alguma sequela cerebral depois daquilo, e ela disse: não sei, espero que não. E aí nós duas começamos a rir. Eu adorava quando mamãe me falava da vida dela na minha idade. Isso me dava a sensação de que éramos grandes amigas, ou de que poderíamos ter sido, se eu soubesse disso naquela época. Ela seria exatamente o meu tipo. Uma garota tímida demais para olhar alguém nos olhos, mas que sabia atirar pedras. Era perfeito. No entanto, pensar nessa história idiota nesse momento só me deixou com mais raiva.

— Você ligou para a polícia? — perguntei.

Papai continuava parado junto ao telefone, praticamente dormindo em pé. Tinha os olhos fechados. Será que ao menos me ouvira? Era óbvio que estava pensando na mamãe, do mesmo jeito que Kevin provavelmente estava pensando na Anna nesse exato momento. *Será que ela vai voltar*

*para mim? Será que algum dia tornará a me amar? Se eu quisesse ser ouvida por ele, teria de gritar. Porque, quando duas pessoas se amam, a gente tem que se tornar um intruso se quiser a atenção delas.*

— Do jeito que ela bebe, é provável que sofra um acidente — digo. — E a culpa será dela mesma.

Papai abre os olhos e, pela primeira vez na vida, sinto medo dele. Parece um terrorista sem nada a perder. Abaixo dos olhos, a cor é quase como a de alguém que foi esmurrado.

— Do que é que você precisa? — pergunta ele. Como se eu fosse uma estranha esmolando na calçada. — Do que você precisa, Mathilda? — Ele aponta a pergunta para mim como se fosse uma bengala.

— De nada. De nada, pai.

*Bzzzzz*, resposta errada. Papai continuou a me encarar.

— Você tem que ir — diz ele, num tom baixo e terrível, e eu nem mesmo sei com quem está falando.

Ir aonde?, penso. O que ele quer dizer? Acho que talvez se referira a me pôr para fora de casa a pontapés e, de repente, uma grande onda de calor me sobe pelo pescoço.

— Eu não vou — respondo. Luke levanta a cabeça quando eu digo isso.

— Sente-se — ordena papai. — Você nem sabe do que estou falando.

— Não me interessa.

— Sente-se aí e pare de gritar. Sua mãe e eu achamos que você deve ir conversar de novo com o Dr. Milles — diz ele. Está falando do Árvore.

— Não — respondo, e Luke late.

— Só para conversar. Isso a ajudou da última vez.

— É mamãe que precisa dele. Vai ver que ela está com ele neste exato momento. Talvez eles sejam amantes.

Papai sentou-se à mesa e fingiu estar com dor de cabeça.

— Ele é perfeito para ela — falo.

Papai cobre o rosto com as mãos. De repente, compreendo que ele também está prestes a desaparecer. Os pelos junto aos nós dos seus dedos ficaram cada vez mais compridos, quanto mais eu olhava.

— É brincadeira, pai. Ela vai ficar legal.

Às vezes a gente tem que mentir para as pessoas. Respirei do jeito que o Árvore me ensinara. Seu único bom conselho.

— Eu estou respirando — comunico a papai.

— Isso é bom. Faça isso — retruca ele.

Mas ele continua no espaço sideral, dentro das mãos. Um suspiro lento sai dele, como se fosse um pneu perdendo ar.

— Nós não sabíamos onde você estava — diz ele, meio para si mesmo.

— Você não pode fazer isso com ela, filhinha. Não pode... — mas vem outra interrupção.

Há uma coisa parecida com gelo em todas as janelas. Eu não sei dizer se papai está chorando ou não.

— Talvez eu deva ir para a cama — anuncio. — Papai?

Suas mãos peludas estão frias quando as toco.

— Sim. Está bem.

Luke tenta sair da cozinha atrás de mim, mas eu lhe digo "Não. Fique".

— Boa noite, papai.

— Tenha bons sonhos — retruca ele, e acho que não está querendo ser engraçado.

— *Não!* — torno a dizer a Luke, que de novo tenta me seguir, aquele idiota dengoso.

Tranco a porta do quarto da H e ligo o computador. Enquanto ele inicia, fico olhando pela janela. Por entre as árvores, vejo luzes acesas na casa de Kevin. Penso no que ele teria dito aos pais, que história teria inventado para explicar sua chegada no meio da noite. Provavelmente, ele se safaria sem dificuldade. Quando os garotos mentem, ninguém acha que é grande coisa. Mas, quando é uma garota que mente, terá sorte se não a jogarem numa cela acolchoada de hospício.

Quando volto para a escrivaninha, flagro-me no espelho. Ainda é meio chocante. Sem o cabelo, meus olhos ficam umas dez vezes maiores. Pareço saída da selva. Penso em guerreiros com pedaços de osso atravessados no nariz, batendo tambores. Ainda sinto o tum-tum-tum na barriga quando digito CALIFÓRNIA. O cérebro do computador dá cliques e pios, e então acontece.

*Bem-vinda, HeyGirl! Você tem três mensagens novas!*

Quando vejo de quem tinham vindo, os tambores param. Tudo silencia. Três mensagens de LDM@florestaazul.com. Três mensagens do assassino. Mesmo depois de respirar fundo dez vezes, continuo incapaz de lê-las. Levanto-me e vou dar outra espiada em volta. Agora as luzes do Kevin estão apagadas. Fico pensando se os peixes teriam entrado na caverna de plástico para dormir. Isto é, se é que os peixes dormem. Não sei muito sobre seus hábitos noturnos.

*Toc toc toc.* Acho que é alguém vindo me chamar, mas, quando olho para baixo, vejo que são meus próprios dedos no parapeito da janela. Tamborilam a mil por hora, como se eu digitasse um S.O.S. para Kevin do

outro lado da escuridão. Não é algo que eu pretenda fazer, meus dedos simplesmente se movem sozinhos. Ordeno que parem e então abro a primeira mensagem.

*Helene, é você? O que está havendo? Você recebeu a porra das cem mensagens que eu mandei? Fiquei fora de mim. O seu celular, nada funcionava. No verão eu desisti. Por favor, por favor, me escreva, você não pode só mandar uma mensagem em branco, depois desse tempo todo, que porra é essa? Não brinque comigo. Eu te amo, puxa, isto aqui tem sido um inferno. Está tudo uma bagunça, mas vai melhorar. Por favor, por favor, escreva ou ligue para mim. Sei que, provavelmente, você está com raiva por eu ter sumido, mas é que eu precisava me afastar por um tempinho, minha mãe ficava pegando no meu pé por qualquer coisa. Falei do problema com ela. Você está tentando se vingar de mim? Eu te amo pra cacete, você tem que acreditar em mim! Fui a Little Falls nos primeiros dois meses em que você parou de escrever, e fiquei rodando, batendo perna por aí durante umas dez horas, todas as vezes. Nem sei onde é a sua casa, não há nenhum Savage na lista telefônica. Fui ao nosso parque e me sentei lá até escurecer. Desculpe-me, se é isso que você quer ouvir. Posso ir de carro até aí, me encontrar com você a qualquer hora, neste fim de semana ou em qualquer outro dia, depois das quatro. Ou então, você pode pegar o trem para me encontrar. Ainda está na escola? Fale comigo. Cacete, Helene, mal consigo digitar, de tanto que meus dedos tremem.*

Há um barulho de um carro e dou um pulo. Mas é só papai. Imagino que tenha saído à procura dela. Provavelmente, vai rodar para lá e para cá pelas ruas principais, onde ficam os restaurantes e os bares. E, se isso não funcionar, subirá as ruas escuras até o alto dos morros, talvez até fazendo todo o percurso até a cachoeira.



De repente, a única coisa em que consigo pensar é na maldição dos Savitch, e em mamãe e papai mergulhando o carro direto num precipício. Na minha cabeça, tento dirigir por eles e mantê-los em segurança, mas estou tão cansada que acabo perdendo o controle.

Apesar de ser tarde, telefono para Anna. A mãe dela atende e eu desligo. Só queria poder dormir na cama dela, com aqueles lençóis que cheiram a leite. Nem que fosse por apenas cinco minutos. Quarenta piscadelas, era só disso que eu precisava.

*Não consigo dormir. Tinha acabado de chegar quando recebi a sua "mensagem". Eu estava meio bêbado, portanto, desculpe se fui falando sem parar, mas você pode entender. Não durmo pensando em você. Escreva, por favor.*

Essa foi a segunda mensagem de Louis. A terceira tem apenas cinco palavras:

*Por favor. Eu te amo.*

O que ele quer? Isso não faz o menor sentido. Se foi ele que a empurrou, será que não sabe que ela está morta? A coisa me deixa meio zozona. Será que Helene Savage é outra garota? Como é que ele pode não saber nem o nome da minha irmã? Volto a me aproximar do espelho e a me estudar. Eu realmente não sou muito boa bancando Helene, concluí. Eu sou feia. Não sei por que minto para mim mesma. Umás duas lágrimas rolam por meu rosto, mas não têm nada de especial. Talvez não seja a pior coisa do mundo tornar a conversar com o Árvore.

Eu queria que papai estivesse aqui. Até ela eu queria que estivesse aqui.

*Querida mamãe, eu vejo você. Às vezes, fico bem ao seu lado. Consigo vê-la, mas não posso fazer nada. Você pensa muito em mim? Como vai papai? E Mathilda? Por favor, me mande uma mensagem. Com amor, Helene.*

Essa é a mensagem que redigi dias antes, mas que nunca enviei. Depois que a leio, arranco três fios de cabelo do alto da cabeça. Faço o sinal da cruz, como Anna me mostrou, e pronto. Aperto a tecla Enviar.

Depois, escrevo para ele.

*Querido Louis, vou passar na sua casa, me lembre de novo onde é. H.*

E aí, desligo o computador.

Tenho que descobrir quem é ele. Como foi que fez aquilo. Há toda sorte de maneiras de matar alguém. Não é preciso revólver nem faca, nem mesmo as próprias mãos. Algumas pessoas sabem fazer isso só com a mente. O que eu quero é justiça. Porque, não importa como a gente pense no assunto, houve um crime.

Não posso ficar sentada sem fazer nada. Alguém tem que terminar a história.

Quando deus apareceu para Joana d'Arc, chegou como um anjo de luz. Depois disso, ela fez tudo o que ele mandou. Quando se concorda em ser secretária de deus, não se pode simplesmente desistir. Quando há um trabalho a fazer, você faz. E daí se ficar com medo? Trate de superá-lo. *Vá até o fim, diz Phunka, até onde está o fogo, onde moram os grifos. Calce a porcaria das botas!*

Dizem que todo mundo tem um sócia exato. Mas não é de se supor que essa pessoa viva do outro lado do mundo? Podem as duas versões de uma pessoa morar na mesma cidade, frequentar a mesma escola? O duplo da Anna está conversando com Carol Benton na lanchonete. É estranho. As luzes de lá são tão fortes que a gente quase é obrigada a piscar. Anna está encostada na parede do lado oposto, com um pé fora do sapato. Desliza o dedão pela perna. É quase sexual.

Carol Benton segura os livros junto ao peito, de braços cruzados, como uma falsa estátua egípcia. Carol Benton é quem mais fala, grande surpresa. Anna fica prendendo seu cabelo idiota atrás da orelha, mesmo quando não há cabelo nenhum para prender. Eu me refiro a Anna, mas poderia estar falando do seu duplo. Além disso, Anna, de trás para a frente, é Anna, de modo que posso dizer Anna e querer dizer o inverso, de acordo com as minhas regras.

Carol Benton fala alguma coisa, arregalando os olhos, e Anna sorri e tapa a boca. Eu as observo do lado de fora da lanchonete, que tem grandes paredes de vidro, feito um aquário enorme. As pessoas passam por mim, esbarram em mim, mas eu sou uma pedra num rio. Não me mexo. Nem devia ter vindo à escola hoje, mas papai não se dera o trabalho de me prender em casa. Estamos ambos agitados por causa da mamãe, mas fingimos que está tudo normal. Não se preocupe, ele disse, provavelmente ela se perdeu. Você conhece a sua mãe, disse, e eu respondi que sim, conhecia. Carol Benton vira a cabeça e é possível que tenha me visto. Para

de falar por um segundo, depois volta direto para Anna, com a boca mexendo de novo.

Ainda não tive chance de falar com Anna sobre o porão. Quando liguei para a casa dela hoje de manhã, foi a Sra. McDougal que tornou a atender, e perdi a coragem. Além disso, eu estava atrasada para a aula. Quando cheguei à escola, Anna já tinha sido sequestrada. Um dos problemas é que a cabeça de Carol Benton é grande demais para o corpo. O mesmo acontece com os seios, que são errados para a idade dela. Quem precisa de seios daquele tamanho, afinal? Eu fico feliz com pequenas saliências. Seios grandes são quase uma deformidade.

De repente, vem uma onda gigante e eu voo de encontro à parede de vidro. Bato a cabeça com bastante força. Sabe quando falam em ver estrelas? Pois bem, eu vi mesmo. Quando me viro para descobrir quem tinha sido o autor do empurrão, tudo o que consigo discernir é um borrão de gente correndo para chegar à aula. Sinto uma coisa molhada no rosto e o toco. Sangue. Já havia umas gotas no chão, saindo do meu nariz. Grito com o autor do empurrão, fosse quem fosse, e sinto o sangue na garganta. Algumas gotas caem na minha blusa.

Nesse momento, quem havia de aparecer senão a Sra. Olivera? Ela vem saltitando em minha direção, estalando a língua como se fosse hora de dar milho às galinhas. Tira um lenço de papel do bolso e tenta colocá-lo em meu rosto.

— Não, não preciso disso — protesto. Ela não é minha mãe. Tapo o nariz com a mão.

— Pegue — diz ela, estendendo o lenço. É óbvio que já foi usado, e isso me dá vontade de vomitar.

O puxa minha mão do meu rosto e põe o lenço à força sob o meu nariz. Deixo que ela faça isso. Deixo-a segurar um lenço usado junto ao meu rosto, na frente de todo mundo. O sangue continua a escorrer, vermelho que só ele. O lenço fica encharcado. É como uma rosa na mão da O, que o segura junto ao meu nariz, forçando-me a cheirá-lo. Cheira a dinheiro, a moedas.

Por que O está aqui?, pergunto a mim mesma. Por que faz parte da minha vida? Eu não a escolheria como a pessoa a me salvar. Com a mão livre, ela toca minha cabeça com dedos de borboleta.

— Por que você está de chapéu? — indaga. Fico pensando em por que ela está me tocando. Pergunto a mim mesma se ela é o tipo de mulher que nunca conheceu o amor. Possivelmente, é lésbica. Quando a sineta toca, dou um pulo. Anna continua lá, do outro lado do salão envidraçado, e quando nossos olhos se encontram, ela baixa a cabeça. Tenho vontade de correr em sua direção, mas fico onde estou.

— Eu não fiz nada — afirmo.

— Eu sei — diz O. — Vi o que aconteceu.

Mas o que ela sabe, o que viu? Nada, se você quer saber. Ela não pode adivinhar meus pensamentos. De repente, tira a rosa do meu rosto e a esconde no punho. O que pensa que é: mágica?

— A senhorita viu quem me empurrou? — pergunto-lhe.

— Não se preocupe com isso.

— Foi o Michael Flatmore?

— Ninguém a empurrou, você foi apenas derrubada pela correria — diz ela. — Venha comigo — convida, os dedos novamente esvoaçando.

— Eu estou legal.

— É só para limpar seu rosto — diz ela.

Respondo que eu mesma posso fazer isso, obrigada.

— Como está o nariz? — pergunta O. Levanta meu queixo com delicadeza, para inspecionar os danos. Fico pensando em por que ela nunca teve filhos. Fico imaginando se os queria. Talvez haja alguma coisa errada com suas entranhas.

— Vá a minha sala quando quiser — diz ela. — Se tiver vontade de descansar. E tire esse chapéu antes de entrar para sua próxima aula.

— Está bem — respondo, e recuo para longe dela. Vejo a rosa espiando por entre seus dedos.

— Posso ficar com o lenço? — pergunto. Não quero O com mais poder sobre mim do que ela já tem. Sangue é ainda pior que cabelo, quando se trata de magia. Quando ela deixa a rosa cair na minha mão, está

pesada, molenga. Pior do que você imagina. Saio correndo pelo corredor com aquela coisa idiota, segurando-a na palma da mão feito um ovo.

\* \* \*

Eu não quero passar primeiro pelo meu armário. Vou para o lado de fora sem meu casaco. Não posso ficar na escola desse jeito, coberta de sangue. Sei que Kevin está na aula de marcenaria nesse horário, por isso me esgueiro para o lado norte do prédio, onde ficam as oficinas. A princípio não o vejo, porque não há trabalho de marcenaria, e sim garotos de capacete segurando maçaricos. Deve ser aula de soldagem, ou coisa parecida. Eu nem sabia que existia essa opção na escola, senão teria me matriculado. Com todo o metal e o fogo, é como olhar para um castelo medieval, para o aposento secreto onde os cavaleiros cometiam seus crimes.

Reconheço Kevin pela nuca. Além disso, dá para ver suas botas pretas com as correntes. Uma rajada de fogo irrompe do seu maçarico. As fagulhas dançam em volta dele feito vaga-lumes. O que ele está fazendo, não consigo desvendar. É uma torre inclinada de sucata, cheia de ferrugem. Mais parece um desastre que uma obra de arte.

Olhar para as pessoas pelo vidro é tão real quanto qualquer outra coisa. Não difere em nada de como normalmente me sinto perto delas. A gente pode vê-las, mas não tocá-las. Bato na janela, mas Kevin não pode me ouvir através do capacete. Quando torno a bater, um gordo surge do nada. Suponho que seja o professor, embora eu nunca o tenha visto. Seu rosto é coberto de pelos. Barba e, além dela, um corte de cabelo praticamente afro. O sujeito grita alguma coisa para mim pela janela, mas não consigo entender. O cabelo monstruoso apaga tudo. Ele parece o Pé Grande.

Correndo morro acima, quase começo a rir. Morro acima até as árvores que derramam folhas coloridas. É mesmo uma escola linda. Seria sorte sua frequentá-la, se você tivesse chance. Quase lamento estar dizendo adeus.

Eu praticamente voou. Meus pés fazem um som incrível contra o tapete quebradiço de vermelho e laranja. Ouço minha própria respiração, como numa cena de perseguição pela floresta. Melhor não tropeçar, penso. Tropeçar é sempre o grande problema num filme de terror. Se você tropeça, está praticamente ferrado. O mal o alcança em dois segundos.

Quando as árvores se tornam mais raras, eu estou no centro da cidade. Porém, continuo a correr. Meu plano é ir direto à estação ferroviária, mas, de algum modo, acabo diante de uma igreja. Nossa Senhora do Perpétuo Isto ou Aquilo. As pedras de cantaria têm praticamente mil anos. Parece o tipo de construção capaz de desabar em cima da gente. Parece mesmo. Mas bato na porta, ainda assim. Estou ficando com bastante frio sem o casaco. Após alguns minutos de espera, simplesmente empurro a grande porta rangente de madeira e entro. Não se precisa de convite para entrar numa igreja, segundo eu soube. Qualquer um é bem-vindo, ao que parece. O que significa que, provavelmente, o lugar fica cheio de criminosos e prostitutas e gente sem-teto. Mas, ao diabo, penso, é melhor do que morrer congelada.

— Olá? — falo, mas ninguém responde.

O mundo do Além, é assim que o chamam. É um lugar real, mas parece que você também fica na presença de deus. Fica em segurança, foi o que eu ouvi dizer. Mas, para falar a verdade, a primeira coisa que notei foi que não era muito aconchegante em matéria de temperatura. Alguém estava economizando para valer no aquecimento. Mas talvez isso fizesse parte do clima. A frieza de deus. O que faz sentido. O frio seria o oposto do inferno. Segundo os cristãos, é quente à beça lá embaixo.

O lugar tinha um cheiro parecido com o de uma biblioteca. Lá na frente, um homem numa escada consertava uma lâmpada. Não era padre, ou, se era, não estava vestido para os ofícios. Cristo na cruz era a atração principal. Era uma igreja de católicos. Esta cidade é abarrotada de igrejas. Há quase uma a cada morro, mas as católicas são poucas e distantes entre si. Quase todo mundo é protestante por aqui, além de uns tantos fanáticos que vão à igreja com um letreiro de néon que diz SALVE SUA ALMA.

Andei até a nave central para ter uma visão melhor de Jesus. Ele tinha os olhos fechados, mas não estava morto. Acho que não é essa a mensagem que eles procuram transmitir. Ele sofre. Essa é a sua principal tarefa, de acordo com Anna. Ao chegar mais perto, achei que talvez seus olhos não estivessem totalmente fechados. Por favor, não olhe para mim, pensei. Uma vez eu vi isso num filme, uma estátua abrindo os olhos, e Anna e eu gritamos. O engraçado é que, enquanto eu pensava *por favor, não olhe para mim*, parte de mim torcia para que ele olhasse. Foram dois pensamentos pelo preço de um só.



Dei uma olhadela de cima a baixo em Jesus, já que ele estava basicamente se exibindo. O corpo não era nada mau. Magro, mas musculoso. Dava para supor que a rotina dele era correr ou nadar. Ele vestia uma roupa bem sumária, parecida com um short frouxo. Não era um grande visual, parecia um pouco uma fralda. Havia o sangue e a coroa de espinhos, um bocado chocantes quando vistos em uma pessoa. Tirei o chapéu e parei diante dele. O homem da escada me ignorou, como se eu tivesse todo o direito de estar ali.

A luz das velas estava mesmo fazendo um show no local. A luz e as sombras, pulando sobre o corpo de Jesus, davam a impressão de que ele se contorcia. Além disso, a sensação era de que havia gente espreitando nos cantos. Eu me perguntei se os mortos ficavam circulando pelas igrejas.

Ajoelhei-me numa pequena área acolchoada de onde se podia olhar para o altar.

— Jesus — disse eu.

Primeiro eu só queria chamar a atenção dele. Depois, contei-lhe uma ou duas coisas sobre a minha vida e a minha situação. Procurei não mentir, mas pode ser que tenha exagerado um pouquinho. Achei que ele não poderia me castigar por isso, porque eu não lhe pertencia. A rigor, eu me senti bastante franca com ele, para dizer a verdade.

— Posso ajudá-lo, meu filho? — alguém perguntou.

Virei para trás e lá estava uma senhora. Deve ter entrado de fininho enquanto eu tagarelava.

— Oh, me desculpe. Senhorita — disse ela, corrigindo-se. Achei que era freira. Estava usando tudo, menos o chapéu de pelicano. — Eu não pude notar com você de costas — explicou.

Repus o chapéu na cabeça.

— Eu estava falando alto demais? — perguntei. Disse-lhe que estava rezando.

— Oh, tudo bem — fez ela. Mas me ofereceu o conselho de sussurrar da próxima vez, quem sabe.

Expliquei-lhe que eu só queria ter certeza de que ele me ouviria.

— Oh, ele a ouve. Ele pode ouvir os seus pensamentos — disse ela. Fiquei me perguntando se seria maluca, talvez. Notei que sua roupa não estava nas melhores condições. Parecia meio puída na gola.

— Não sou desta igreja — disse eu. — Só estou de visita.

Metade dela achou que isso era bom, metade não.

— Está com frio? — ela perguntou.

— Na verdade, não.

— Você não tem casaco? — ela sorriu.

— Tenho, mas não aqui comigo.

— Oh — fez ela, balançando a cabeça.

— Tenho um monte de casacos — falei.

Ela continuou a sorrir para mim.

— É que temos alguns lá nos fundos — disse. — Se você achar que está com frio. É só pedir.

Perguntei-me se ela estaria pensando que eu não tinha teto. O que era hilário. Indaguei-lhe se ela conhecia alguma oração. E isso a fez rir, por algum motivo.

— Oh, sim — respondeu. Disse que conhecia um bom número. Foi até uma das fileiras e tirou um livro vermelho de um suportezinho de livros embutido no próprio banco. Abriu o livro vermelho numa dada página e apontou para alguma coisa. — Esta aqui é boa — disse.

Cheguei um pouco mais perto. Ela me entregou o livro, mas eu não estava ali para fazer audições pra ela.

— A senhora nunca diz nada que não venha do livro? — eu indaguei.

— Como o quê?

— Só uma coisa que a senhora tenha inventado. Uma coisa sua. Como histórias.

— Não — ela respondeu. — Que tipo de histórias?

— Sei lá. Sobre o que a estiver incomodando.

— Se você disser as palavras da oração, as coisas não a incomodarão tanto. É para isso que as pessoas rezam.

— Mas elas não são palavras minhas.

— São, sim — retrucou ela —, são palavras de todo mundo.

Ela era pirada, concluí. A pessoa era quase obrigada a sê-lo, na profissão dela.

— A senhora faz pedidos? — perguntei. Percebi que ela estava chegando ao limite da paciência comigo. Seria de se supor que a paciência das freiras fosse maior que a da maioria das pessoas, mas acho que não.

— Algumas pessoas fazem pedidos, imagino. Eu não — disse ela. De repente, ficou meio muda. Você já notou como as pessoas tendem a ficar assim quando a gente faz certas perguntas? Fazemos uma pergunta simples e elas se portam como se o sujeito estivesse invadindo sua casa, ou coisa parecida.

— Por que não vamos pegar um casaco para você? — ela disse.

Nem me dei o trabalho de discutir.

— É claro — respondi. Eu gostei um pouco dela. A roupa preta era bem legal. E o cabelo dela era branco, curto, mas não tanto quanto o meu. Era de um branco interessante, tinha umas sombras. Como o branco de uma nuvem de tempestade.

\* \* \*

Nos fundos da igreja havia cômodos com paredes, bancos e estantes de madeira. Parecia uma mansão, lá atrás. Esperei ver uns gordões fumando charutos. Mas estava tudo praticamente deserto, nem padres havia por lá. Talvez fosse o dia de folga deles. Talvez eles ainda estivessem dormindo. Exceto pelos domingos, provavelmente a vida deles é uma moleza.

Segui a cabeça branca por um corredor que ligava a igreja a outro prédio. Vou dizer que o lugar parecia um labirinto. Eu não sabia ao certo no que estava me metendo. Só torci para conseguir me lembrar do caminho de volta. Quando chegamos à famosa sala dos casacos, era um monte de porcarias, pior do que o nosso porão. Paramos na porta, olhando para aquele lixo. A Branquinha sorriu para a tralha como se fosse o ouro dos piratas.

— Pode escolher o que quiser — disse-me. Apontou para uma prateleira na parede: — Temos uns casacos de criança ali.

— Eu não sou sem-teto — afirmei.

— Que tal este? — disse ela, pegando um treco laranja, que parecia de feltro. — Ou este. Oh, este aqui seria bem quentinho — e tirou um segundo casaco da prateleira. Parecia feito de porquinhos-da-índia.

— Não — respondi, mas ela me entregou o casaco assim mesmo. Tinha três cores diferentes, preto, marrom e branco. Era repulsivamente macio.

— Oh, eu acho que é este! — fez ela.

— De quem é este casaco? — perguntei.

— É um donativo — ela me contou.

— É de alguém que morreu?

— Oh, isso eu não sei. Acho que não — disse ela. — Está limpo — acrescentou —, se é isso que a preocupa. É um bom casaco — disse. Estava realmente me empurrando aquela droga.

— Quanto é? — perguntei.

— Oh, não, é só você levar.

Com ela era tudo Oh. Oh, isto, Oh, aquilo. Era até engraçado, de certo modo. Contribuía para o seu charme.

— Experimente-o — ela disse.

— Quando eu sair — respondi. Não estava a fim de vestir um casaco de cabelo.

— Você vai ficar bonita com ele — disse a freira. Como se fizesse a menor ideia da arte de ficar bonita.

Mas o que havia mesmo nela era um sorriso que mexia com a gente.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — pedi. Ela parecia a pessoa certa a quem perguntar, já que era uma religiosa profissional e tudo o mais. E, apesar de ter me dito "sim, é claro", de repente eu não consegui. Foi como se houvesse cadeados dentro de mim. Eu tinha ouvido falar que suicídio era pecado, mas, apesar disso, queria fazer outras perguntas. Queria saber se brigar com uma pessoa antes de ela se matar tornava a gente meio

responsável. Era uma pergunta que andava na minha cabeça fazia muito tempo, na verdade.

Tive vontade de perguntar se alguém podia se matar e ser morta por outra pessoa ao mesmo tempo. Se tinha sido Louis ou eu. Porque a questão é que Helene e eu tivéramos uma briga danada naquela manhã. Já lhe contei isso? Nem o Árvore sabe dessa história. Como posso ajudá-la, se você se recusa a falar comigo?, ele costumava dizer. Mas nem tudo que a gente carrega no coração chega até a boca. Muita coisa se perde no caminho.

A freira estava esperando pela minha pergunta e eu tinha de dizer alguma coisa. Seu sorriso pairava sobre mim como uma ameaça.

— Os terroristas vão arder no fogo do inferno? — indaguei.

— Que terroristas?

— Os homens-bomba e o povo lá deles. Do deserto.

— Oh, certo. Eu não acompanho muito essas coisas.

Fiquei pensando em onde devem dormir essas freiras. Num subsolo? Talvez não se interessassem por jornais nem televisão. Talvez isso fosse contra as regras.

— É muito importante — disse eu. — O irmão da minha amiga Anna está lá.

— Oh, céus! — ela exclamou. — Aquilo lá é terrível. Vamos rezar por eles.

Eu não soube dizer se ela se referia aos soldados ou aos terroristas, mas não me dei o trabalho de perguntar. Provavelmente seria melhor eu conversar com um Hare Krishna, eles costumam ser mais jovens, só que eu não sabia onde ficavam por aquelas bandas, a não ser do lado de fora dos supermercados, volta e meia. Ouvi dizer que eles têm uma cabana em algum lugar da floresta. Parece que criam pavões por lá.

— Você quer ligar para a sua mãe? — perguntou a Branquinha, de repente. Fiquei sem saber se eu estaria fazendo alguma careta engraçada.

— Não — respondi, mas ela não desistiu.

— Você tem mãe? — perguntou.

Que espécie de pergunta era essa?

— Ah, sim. Ela é candidata ao Pulitzer.

A Branquinha me olhou como se estivesse confusa.

— Obrigada pelo casaco — eu disse, e lhe dei um sorriso.

— Por nada, criança — ela retrucou. E, antes que eu pudesse correr, um raio luminoso disparou direto do coração dela e me acertou em cheio no peito. *Jesus!* Por pouco não me derrubou no chão.

Era uma boa caminhada até a estação e não tive alternativa senão vestir o casaco de porquinhos-da-índia. Alguma coisa estava realmente para acontecer. As últimas folhas caíam aos montes. Você já notou como tudo é falso, até as árvores? Depois que a gente saca isso, a coisa quase nunca volta a ser real. Até a mulher da avenida George Stanton que levava o lixo para o lado de fora estava representando. Seu traje perfeito era um roupão de banho cor-de-rosa, estampado com umas margaridonas amarelas. Devia haver uma plateia de estúdio de televisão para rir dela. Ou isso, ou uivos de dor. Seu roupão com jeito de cobertor lhe esvoaçava ao redor das pernas feito o Sino da Liberdade.

— Bom dia — disse eu.

— Bom dia — retrucou ela, e a plateia foi ao delírio com nosso número. Nosso modo perfeito de proferirmos as falas. Alguns quarteirões adiante, um homem juntava folhas com um ancinho, mas o vento teimava em tirá-las do monte. A pilha não crescia nunca, mas o sujeito continuava a recolher as folhas, como se tivesse todo o tempo do mundo. Não me dei o trabalho de lhe informar outra coisa. Quando cheguei ao bairro com barracos nas imediações de Monroe, duas criancinhas, bebês, na verdade, brincavam no quintal com uma casa de boneca toda estropiada. Parte de mim quis bater palmas e espantá-las para longe dali, feito gatos de rua. Depois disso, meio que recomecei a correr, por alguma razão.

A estação de trem era um prédio velho com dois guichês e outras tantas máquinas automáticas de coisas para beliscar. Havia uma sala de espera com bancos de madeira e um quadro de horários feito de tabuinhas

giratórias. Quando os horários mudavam, parecia um jogador profissional embaralhando cartas. Vi que haveria um trem para Desmond dali a uma hora.

— Quanto é a passagem para Desmond? — perguntei no guichê.

— Só de ida? — perguntou o homem, e eu lhe disse que não, que também gostaria de voltar.

— Quatorze e oitenta — disse ele, sem fazer nenhuma consulta. Provavelmente já tinha dito a um milhão de pessoas que a passagem de ida e volta para Desmond era quatorze e oitenta. Era óbvio que não se tratava de nada que ele achasse tremendamente interessante.

— Minha mãe mora em Desmond — contei-lhe.

— É uma boa cidade — ele comentou.

— É, é, sim — concordei. Mesmo que a verdade seja que nunca estive lá. O vidro atrás do qual se postava o homem estava um pouco manchado. Não exatamente imundo, mas, ainda assim, dava um certo impulso de limpá-lo. Não há nada mais deprimente do que uma janela suja.

— Vai querer o bilhete? — ele perguntou.

— Não, obrigada — respondi. Só tinha uns cinco dólares no bolso.

Perguntei-lhe se havia trens para Desmond todos os dias.

— Todo dia, mocinha — disse ele. Às vezes os velhos nos chamam assim. Volta e meia Mool me chama assim, quando está num dos seus dias de humor matreiro. O velho Mool, rei da batata frita. Fiz uma anotação mental para me lembrar de visitá-lo. De repente, senti uma saudade incrível dele.

Não havia mais ninguém na fila, por isso fui ficando por ali. O que eu mais queria era dizer ao homem do guichê quem eu era. Queria contar-lhe a verdade sobre a ida a Desmond. Minha irmã é que estava indo lá, tive vontade de dizer.

*Ah, sim, a ruiva.* Eu quase podia ouvi-lo dizer exatamente essas palavras. Ele parecia ser o tipo de pessoa que teria uma memória excelente.

Já lhe contei que o bilhete de Helene para Desmond, o que encontraram no bolso dela, era só de ida? Aparentemente, ela não



pretendia voltar, houvesse o que houvesse. Talvez não estivesse cem por cento certa de que o faria. Pular, quero dizer. Nem gosto dessa palavra. Talvez o outro plano fosse saltar do trem em Desmond e começar toda uma vida nova. Mas esse é o tipo de ideia que não leva a parte alguma. Porque a verdade é que, para os mortos, o futuro tem bem pouca esperança.

Só que também ficamos pensando na teoria de que, quando as pessoas morrem, a última ideia em sua cabeça é o lugar para onde elas vão. Logo, se Helene estava pensando em viver em Desmond, talvez seja exatamente isso o que está fazendo. Pode ser até que nem saiba que morreu. Uma vez eu assisti a um programa de televisão em que um cara morria e simplesmente continuava a ir para o trabalho todos os dias e a voltar para casa, para sua mulher. A mulher não estava muito satisfeita com o fantasma do marido sentado à mesa todas as noites, esperando o jantar, mas o homem parecia feliz que nem pinto no lixo. Quando o médium finalmente conseguiu entrar em contato com o sujeito e lhe disse que ele estava morto, o cara ficou muito surpreso. Foi um despertar rude, com certeza. O que eu quero dizer é que, se Helene não souber que morreu, torço para que ninguém nunca lhe diga.

Depois de me despedir do homem do guichê, comprei dois sacos de batata frita e arriei num banco da sala de espera. Embora não fosse pegar o trem, tive vontade de me sentar ali. Volta e meia um trem expresso passava depressa do lado de fora, e o vento deslocado por ele empurrava as portas de vidro que davam para as plataformas. As portas se abriam um pouquinho, sem que ninguém as tocasse. A pressão na sala mudava e havia um barulho de sucção, feito um ataque de asma. Era um som bem desagradável, e eu não era a única a achar isso. Toda vez que acontecia, as outras pessoas na sala de espera levantavam os olhos e ajeitavam o casaco, ou punham as malas mais perto dos pés. Pelas portas de vidro eu via as pessoas esperando nas plataformas. Não vi uma garota de casaco azul e cabelo ruivo. Não que esperasse vê-la. Só estou dizendo que não vi. O trem para Desmond sempre parava na plataforma número dois. Para chegar lá, porém, era preciso ir pelo subsolo, atravessando um túnel. Mamãe e papai

costumavam ir de trem para o trabalho, mas agora vão de carro. Basta aparecer um trem na televisão que mamãe sai da sala.

Obriguei-me a entrar no túnel. Minha respiração ficou engraçada, mas não me dei o trabalho de fazer meus exercícios. Apenas descí a escada, com minha respiração idiota chiando feito um cachorro suarento. O túnel cheirava a xixi e água sanitária e havia um pinga-pinga de alguma coisa que gotejava do teto. Ouvi um trem passar trovejando acima da minha cabeça, e depois outro, mais silencioso, se aproximar e parar. Meu plano era fazer toda a travessia e sair do lado oposto. Mas aí um homem desceu a escada no outro extremo do túnel. Provavelmente acabara de descer do trem. Só consegui enxergar um casacão e um chapéu. Não pude ver seu rosto naquela luz lá de baixo. Não vi se era moço ou velho e não quis esperar para descobrir. Girei nos calcanhares e voltei correndo no sentido inverso, antes que ele se aproximasse de mim.

No caminho de casa, senti que ele me seguia. A verdade é que, com o vento no rosto e as árvores dançando, eu mais parecia nadar do que andar. Tentei nadar mais depressa, mas não consegui. Estava meio exausta. Quando cheguei mais perto de casa, finalmente olhei para trás, mas o homem tinha sumido. Ou isso, ou estava escondido atrás de uma árvore.

No restante do trajeto para casa, avancei sem pressa e andei pelos jardins para poder dar uma espiada nas janelas das pessoas. É uma boa maneira de tirar coisas da cabeça. O que acontece na casa dos outros é uma grande interrogação para mim. Sei que provavelmente acontece de tudo, desde crimes sexuais até cantigas natalinas, mas às vezes seria bom dispor de provas.

Passei pela casa de Anna, que é branca e tem uma torrezinha falsa. É praticamente um castelo. A parte externa tem muitos arbustos. Meticulosamente cuidados, poderíamos dizer. É o tipo de lugar que fica lindo quando neva. É mesmo. Às vezes, quando vou à casa da Anna e os pais dela estão lá, procuro ficar invisível por uns segundos, para poder observá-los, ver como são as outras famílias. Se vou ao banheiro, demoro lá dentro e escuto o que eles dizem uns aos outros. O que fica óbvio é que o Sr. e a Sra. McDougal gostam muito da Anna. Eles a adoram. Ela é o que

se chamaria de orgulho e alegria dos pais. O Sr. McDougal ainda pega Anna no colo, às vezes. Gira a filha no ar e a põe no chão num lugar diferente, como se jogasse xadrez com ela. Acho que é uma espécie de brincadeira entre os dois, provavelmente algo que costumavam fazer quando ela era pequena. E, mesmo sendo grande demais para isso agora, Anna não parece se incomodar. Às vezes, até dá risada.

Quando olho para a casa da Anna, não consigo imaginá-la pegando fogo nem toda desfeita em cacos. Não consigo imaginar os três vasculhando os escombros à procura de uma fotografia antiga ou de uma colher de prata para bebê. Por mais que eu me esforce na tentativa de destroçar a casa, a coisa toda permanece firme. E acho que chego a ouvir meus pensamentos, porque, quando fico parada ali, contemplando a casa branca e perfeita, ela praticamente rosna para mim, feito um urso polar.

Luke está na porta dos fundos com a cara mais triste que já se inventou. Levanta os olhos para mim como se eu fosse a pintura de um santo. Eu me pergunto se às vezes ele pensa numa vida diferente. Nas vidas que poderia ter tido. Correndo numa fazenda, perseguindo galinhas. Como um cão selvagem na floresta ou vivendo no alto de um despenhadeiro, onde ficaria mais perto da lua, com a qual todos os cães têm uma relação especial. Ela seria como que a dona deles num filme de terror, mas só é assustadora do ponto de vista dos seres humanos. Para o cachorro, aquilo é uma história de amor. Fico pensando em até que ponto ele terá sido feliz, trancado por todos estes anos numa casa com seres humanos e biscoitos intermináveis.

Para a sorte de Luke, ele tem a mim para lembrá-lo que ele é um leão. Não faz muito tempo, lembro-me de um dia em que papai e eu estávamos chegando depois de dar uma volta com ele, e mamãe saiu de casa para nos receber. Ela usava o avental estampado com cerejas. Estava com as mãos molhadas e as enxugava nas cerejas. Parecia comum e linda. Como se pudesse ser a mãe de qualquer pessoa, até a minha. Quando a vi, meu coração disparou e fiquei animada. Soltei a guia da coleira de Luke e corri pelo jardim, batendo palmas. Luke veio pulando atrás de mim e praticamente me derrubou no chão. Gritei por socorro, como se estivesse sendo atacada por um leão. Mas ninguém riu, ao contrário do que sempre tinha sido a reação típica ao meu número "Luke, o leão, ataca Mathilda na selva". É um número antigo, mas ainda é engraçado, na minha opinião. Luke estava me babando toda. Socorro!, gritei. Salvem-me! Talvez eu tenha encenado um ataque violento demais, sei lá, porque mamãe tornou

a entrar em casa e papai a seguiu. Luke e eu apenas fomos em frente com o espetáculo. Isso foi só umas duas semanas depois do H.S.S.H. e acho que ninguém estava muito bem-disposto. Talvez eu devesse apenas ter andado até mamãe e segurado a mão dela, em vez de agir feito uma idiota.

— Não morra — eu lhe digo, ao vê-lo junto à porta dos fundos. — Está bem, Lukinho? — insisto, meio que implorando. Agacho-me no chão onde ele está deitado e lhe faço um monte de festas, apesar de ele ainda não estar com um cheiro lá muito bom. Fico pensando no que os cachorros comem quando vivem em estado selvagem. Coelhos, talvez. Nos rochedos, é provável que comam os ossos dos pássaros, quando conseguem achá-los. Na França, comem cogumelos. Luke é preto, se eu ainda não lhe contei, mas, sob a luz certa, parece quase prateado.

Eu o estou afagando quando o treco acontece. A sensação começa na barriga e sempre me surpreende. É só a minha quinta vez e, por isso, no começo, nunca tenho certeza do que é, e aí me lembro de que é sangue. Ainda é um choque sangrar entre as pernas. Significa que somos férteis, Anna e eu. Chega quase a dar a sensação de que a gente não quer nem uma gota de chuva entrando lá, embora, segundo dizem, seja só o esperma que pode nos causar problemas. *Fértil* é uma palavra um bocado repulsiva para nos rotularem. É meio degradante. Lembra fábrica. Quando eu era pequena, perguntava a mamãe se ela ia ter mais filhos e ela sempre dizia que duas já chegavam. Eram mais do que suficientes, disse, umas duas ou três vezes. Provavelmente, não fora fácil ir à escola com Helene pendurada nas costas, mas talvez tenha sido por isso que elas ficaram tão unidas. Dou um beijinho no Luke e vou cuidar de mim no banheiro, do jeito que ela me ensinou. Não é grande coisa, na verdade, mas também não chega a ser propriamente nada.

Depois de me ajeitar, penso em dar uma olhada nas portas e janelas, para ter certeza de que estão todas trancadas. Sozinha numa casa, sangrando e, possivelmente, com um homem me seguindo: é uma situação perigosa, pensando bem. Ligo para o gabinete do papai na faculdade, mas ele não está. Depois, liguei para o da mamãe, e é com certo alívio que ouço a voz dela, mesmo sendo só uma gravação. Meio que resmungo um

recado. Não é propriamente um pedido de desculpas. Eu realmente pareço uma retardada. É quase engraçado.

Levo água fresca para Luke e subo. Louis está à minha espera. Quando leio sua mensagem, é quase demais para mim, sinto o sangue correr mais depressa. Adivinhe onde ele mora! Em *Desmond*. Ele me dá seu endereço: *Larson Court n°28*.

*Como você pôde esquecer?*, escreveu. Tornou a dizer quanto me ama. *Que vai tomar conta de mim. Eu juro*, escreveu. *Cuidarei de tudo*.

Será possível que ele realmente não saiba que Helene morreu? Aquilo parece um jogo, mas eu não sei quem está ditando as regras, se eu ou Louis. Quem está tentando enganar quem? Meu cérebro voa de um lado para outro. Eu me sinto péssima e maravilhosa ao mesmo tempo. Mas não me esqueci de quem sou. Sei que sou Mathilda. Não é como se eu achasse que sou Helene. Não mesmo. Se há alguma confusão, é bem pequenininha.

É como se eu fosse um personagem e uma pessoa real ao mesmo tempo. A coisa toda dá uma sensação suspeita de ser uma história. Eu gostaria de poder conversar com mamãe sobre isso, ela é boa mesmo em matéria de tramas e tudo o mais. Costumava explicar a grandeza de Jane Austen a nós duas, tim-tim por tim-tim. Era boa para nos ajudar a compreender como uma coisa levava a outra, todas as complexidades psicológicas e tudo o mais. Eu sempre me admirava de um autor poder estar na cabeça de tanta gente ao mesmo tempo. Ir flutuando de uma pessoa para outra, apesar de geralmente haver uma que é a mais importante. Quando a gente lê um livro dessa maneira, tem mesmo uma ideia de como são os vigias. E o engraçado é que eles gostam de todo mundo, até mesmo das pessoas horríveis, até dos bobos. Mal dá para compreender como conseguem. É quase um tipo de magia. Helene e eu lemos todos os grandes clássicos quando éramos pequenas. Eles nos foram meio empurrados, mas não foi exatamente uma tortura. Mamãe e papai têm uma biblioteca excelente. Têm mesmo. E mamãe parece ter escrito uns contos quando era mais jovem. Eu já lhe disse isso? Ela os publicou em revistas antes de se casar com papai, e depois continuou por um

tempinho, quando eles eram recém-casados. Uma vez pedi para vê-los, mas ela disse que não tinha nenhum exemplar. Disse que não eram grande coisa. Juvenília, falou. O que significa as coisas que a pessoa fez quando era criança, e, a menos que tenha sido um gênio, elas costumam acabar no lixo.

*Eu vou*, escrevo para ele. *Irei a sua casa*. Simplesmente finjo que é uma história. *Amanhã*, escrevo, e assino *Com amor, H*. Não posso evitar.

\* \* \*

Afora as do Louis, não há outras mensagens. Mamãe não tinha respondido ao e-mail que eu lhe enviara. O da Helene. Só o mandei ontem, de modo que é provável que ela nem o tenha lido ainda. É provável que ainda esteja dirigindo. Ela tem uma irmã que não mora muito longe, mas tenho certeza de que papai já telefonou para ela. Não somos propriamente uma família muito unida nem nada, mas uma irmã pode ser a pessoa a quem recorrer quando se está em apuros. Marie, é esse o nome dela. Muito tempo atrás, ela nos trouxe uns chapéus de algum lugar, acho que foi do Peru. Eram listrados, cheios de cores e tinham mil metros de comprimento. Chapéus de elfos, disse Helene. Tinham pompons brancos na ponta. Toda vez que os colocávamos, ficávamos falando com a voz esganiçada, feito *Alvin e os Esquilos*. Não sei por que nunca tiraram uma foto de nós duas com aqueles chapéus ridículos. Eram realmente geniais. A foto teria ficado hilária. Eu me pergunto se Anna e Carol Benton estarão sentadas em algum lugar da escola, tendo mais uma das suas famosas conversas. Rindo do meu nariz ensanguentado, que tenho certeza de que é uma grande novidade, a esta altura.

Desço e pego um copo de leite. Ligo a televisão e há um programa vespertino idiota, com mulheres reclamando da vida. O meu marido faz isto, o meu filho faz aquilo, blá-blá-blá. Se vocês têm tanto horror a suas famílias, por que não pulam de uma ponte?, tenho vontade de gritar. Mas

nem desperdiço meu fôlego. Vou zapeando até chegar num noticiário sobre a guerra e o terrorismo. Prenderam outro homem. Estava envolvido de algum modo com uma das tragédias. Não consigo descobrir se era com o primeiro edifício bombardeado ou com o segundo, ou se tinha a ver com as cartas envenenadas, ou com o teatro de ópera ou o metrô. Na minha cabeça, tudo se confunde. Uma voz na televisão diz alguma coisa sobre uma execução. Mamãe e papai não querem mais que eu assista a esses troços. Desde o H.S.S.H., papai fica maluco com as coisas a que costumo assistir. Será que acha mesmo que o problema é a televisão? O que eu vejo na televisão não é nada se comparado ao que vejo na minha cabeça. Sim, às vezes o que eles mostram é terrível. Mas a verdade é que eu consigo aguentar. Cresci numa época de terrorismo. A pessoa se acostuma. Na escola, vivem nos instruindo a informar, a eles ou aos nossos pais, se temos dificuldade para dormir, se sentimos medo ou se temos pesadelos. Os quais eu tenho, é claro, mas por minhas próprias razões. Não por causa desta ou daquela guerra idiota. De qualquer jeito, eu jamais procuraria a enfermeira da escola. A Sra. Melfino é italiana e sempre exagera nas reações. Se visse um corte causado por papel num dedo da gente, provavelmente falaria em amputação.

Embora o último ataque terrorista tenha sido bem ruim, houve outros piores no passado. Lembro-me de uma coisa ou outra, de quando eu era pequena. Dos aviões, por exemplo. Além disso, houve uma porção de guerras durante a minha vida, meio que perdi a conta. É mais ou menos a mesma guerra, só que em versões diferentes. Grande parte dela acontece nos desertos. Grande parte acontece com barbudos e famílias em casebres de cimento e mulheres que batem com os punhos na cabeça, e é claro que um grande problema são as crianças fanáticas, com armas que praticamente lhes são enfiadas nos berços. Mamãe e papai faziam grandes cruzadas contra essa coisa toda. Antigamente, iam a passeatas de protesto e tudo o mais. Só que a verdade é que mamãe e papai não se incomodam mais com o mundo. Depois de Helene, basicamente desistiram.

Mas, durante algum tempo, foram pacifistas militantes. Minha irmã também. Acho que se poderia dizer que Helene tinha bom coração.



Importava-se com uma porção de coisas, não apenas com a paz. Bichos, africanos e florestas virgens. No quarto, Helene tinha cartazes que ela mesma fizera com caneta hidrocor, e ela ia a passeatas mesmo depois de papai dizer que talvez isso já não fosse uma ideia muito boa, porque a polícia estava começando a fichar as pessoas. E houve até um professor da faculdade dos meus pais que foi detido por causa do seu programa de rádio. Mas a minha irmã não se deixava levar pelas ideias dos outros. Era fissurada na Petronella Peacock, a cantora. Particularmente, não gosto dela, acho sua voz lamurienta demais. No momento, ela está fazendo greve de fome por causa da guerra. Posso imaginar Helene fazendo a mesma coisa, trancada em seu quarto, passando fome e com lágrimas escorrendo pelas faces. Às vezes era difícil saber se ela era fraca ou forte. Isso ainda me confunde.

A verdade é que prefiro os velhos tempos. Antes de toda essa besteirada de política e de Helene ficar tão séria. Porque, no começo, quando nós duas éramos pequenas, era uma risadaria sem parar. A gente andava para lá e para cá de bunda empinada, revirando os olhos para ficarmos vesgas. Eu fazia umas caretas que eram mesmo geniais. Minhas caretas deixavam Helene doidinha. Ela segurava a barriga de tanto rir, como se fosse explodir. Quando a gente consegue fazer as pessoas rirem, é a melhor sensação que existe, de verdade. A gente se sente como um mágico. Agora, quando tento fazer as pessoas rirem, já não me sinto inspirada. Hoje em dia, quando experimento o velho truque de empinar a bunda e ficar zarolha, metade das vezes me dá vontade de chorar.

— Ponha a mão na minha cabeça. Pai, ponha a mão na minha cabeça — peço, puxando a mão dele para a minha testa. — Acho que posso estar com febre.

Ele mal pusera os pés para dentro da porta e eu já o acoitava.

— O que você está fazendo em casa? — ele pergunta. — Não são nem duas horas.

— A enfermeira me mandou para casa.

— Não minta.

— Não estou mentindo.

Eu lhe digo para se sentar e pergunto se quer beber alguma coisa. Sei ser a anfitriã perfeita quando me esforço. Estou apenas contente por ele ter chegado.

— Onde você arranhou esse casaco? — pergunta papai.

Baixo os olhos e me dou conta de que ainda estou com o casaco de porquinhos-da-índia. Meu chapéu também ainda continua na cabeça.

— Deve ser por isso que eu estou com tanto calor — comento. Tento fazer piada, mas não funciona. Eu não tenho um controle completo do meu rosto.

Tiro meu casaco e papai tira o dele. Ambos nos sentamos no sofá. Como se estivéssemos num primeiro encontro. Sem muito contato visual.

— Falei com ela — anuncia.

— Com quem? — pergunto.

— Com quem diabos você acha?

Pergunto se ela estava na casa da irmã, mas papai apenas olha para mim, como se estivesse confuso.

— Da tia Marie — explico.

— Não — diz papai. — Do que você está falando?

— Daquela que nos deu os chapéus.

— Marie está morta. Você sabe disso.

— Eu não sabia que ela havia morrido — retruco.

— Faz cinco ou seis anos — comenta papai.

— Ninguém me contou.

Sinto o calor me subir pelo pescoço. Eu sei que a questão não é tia Marie, mas, mesmo assim, alguém devia ter me contado.

— Você mal a conhecia — argumenta papai, como se isso fosse algum consolo. — Por que está ficando tão transtornada?

— Eu fui ao enterro?

— Não me lembro. Você era um bebê, Mathilda.

— Eu não era um bebê, cinco ou seis anos atrás — rebato. Faço as contas nos dedos, na cara dele.

— Está certo. Está certo — concorda papai.

— Então, onde ela está?

— Não grite — pede ele, apesar de eu não estar gritando. Só estou enunciando. Papai leva a mão à testa, como se agora fosse ele que estivesse com febre. Seu rosto muda mesmo de cor.

— Ela está num hotel — informa.

— Onde?

— Ao norte daqui.

— Nas montanhas?

— Não sei qual é a cidade.

— Desmond? — pergunto.

— Não. Santo deus, Mathilda! — exclama ele e vira o rosto, enojado. Por um segundo, seu rosto é o rosto de um assassino. Acho que a violência está em toda parte, por baixo de tudo. Até mesmo num pai.

— Você é tão parecida com ela! — faz ele, balançando a cabeça. E eu não sei se isso é um elogio ou um insulto. Não sei nem de que "ela" ele

está falando.

— Eu vou com você — declaro. — Papai, eu vou com você.

— E aonde nós vamos?

— Ao hotel — respondo.

Papai me olha e enxuga as lágrimas do meu rosto. Não pode evitar.

— Vai ficar tudo bem — diz.

— Não minta — retruco. — E se ela não voltar? Ela nem deixa mais você encostar nela — lembro.

É como se eu houvesse disparado uma flechada em seu coração. O rosto dele engole a dor, mas assim mesmo eu a vejo. Minha vontade é de puxar a flecha, de algum modo, dizer alguma coisa que desmentisse o que eu tinha dito. Mas a verdade é que, quando a gente tenta arrancar uma flecha, só faz piorar as coisas. Muitas vezes, acaba matando a pessoa. Já vi isso acontecer com um milhão de caubóis.

— A sua mãe tem suas oscilações de humor. Vocês todas têm — explica ele, baixinho. Bufa pelo nariz, como se tivesse acabado de ouvir a piada mais triste do mundo. Pobre papai. Fico pensando em como teria sido para ele, durante todos aqueles anos, viver numa casa com mulheres. Pergunto-me se algum dia ele teve vontade de fugir e largar todas as *femmes fatales*.

— Quando você vai? — indago.

— Só vou até lá para conversar com ela.

— Hoje, não — digo, mas ele retruca:

— Hoje, sim.

— Vai chover.

— E o que tem isso?

— Você não pode me largar aqui.

Ele diz que telefonaria para a Sra. Frisk e eu falo que não preciso de babá. Lembro-lhe das bandeiras idiotas no jardim da Sra. F.

— Só por uma noite — argumenta ele. É o que as pessoas sempre dizem, e aí vira o infinito. Fico pensando se ele também vai desaparecer, mamãe e papai nas montanhas. Ele estende a mão e tira o chapéu da

minha cabeça. Afaga o meu rosto, embora faça séculos que eu tenha parado de chorar.

— Está chegando o seu aniversário — diz. É um comentário confuso, mas, pensando bem, é verdade. — O que você vai querer? — pergunta. Por alguma razão, aquilo me deixa nervosa, falar de aniversários. Papai mantém os olhos cravados em mim. De repente, fica com a visão perfeita, e quase torço para que torne a ficar cego. — Vamos, o que você vai querer?

— Não sei. Nada.

Tive vontade de dizer "uma máscara contra gases", porque foi isso que Kevin me disse que ia pedir no seu próximo aniversário.

— Não preciso de nada — insisto.

Então, tudo fica quieto. Papai olha para o chão e sorri. É o sorriso de um astronauta que olha para a Terra azul onde antes vivia. É triste, por ele não saber se algum dia voltará.

— Que tal uma boneca para sua coleção? — pergunta.

— Não. Eu já não coleciono bonecas. Isso foi há um milhão de anos. E depois, tenho todas elas.

— Você nunca conseguiu a japonesa — argumenta papai. — Como era o nome dela?

Mal acredito que ele se lembre. Porque a verdade imbecil é que nunca consegui a boneca japonesa, ela estava sempre esgotada. As bonecas foram um artigo e tanto para colecionadores, uns anos atrás; todos eram loucos por elas.

— Já não sou muito fissurada nelas — explico.

Mas papai continua esperando.

— Talvez um peixe — digo. — Um aquário.

— Vocês duas nunca tiveram peixes — responde ele. Refere-se a Helene e eu. E é verdade. Tivemos tudo, menos peixes. Tivemos uma tonelada de bichos ao longo dos anos. Em matéria de animais de estimação, fomos bem mimadas. Mimadas mesmo. Coelhos, pássaros, um sapo, tartarugas e hamsters. Tivemos uma salamandra. Tivemos até uma dioneia, uma planta insetívora. E Luke, é claro. Primeiro e único.

— Tinka — digo.

— O que é isso? — pergunta papai.  
— Era o nome dela. Da japonesa — respondo. — Mas um peixe seria melhor — acrescento.  
— Está velha demais para bonecas, né? — comenta papai.  
E dou de ombros, embora quisesse dizer que sim.  
De repente, papai pega meu chapéu e o repõe na minha cabeça.  
— Você detestou o meu cabelo? — pergunto.  
— Que cabelo? — responde ele. E nós dois meio que rimos. De verdade, só um pouquinho.

Há cavalos correndo pela terra. Muita poeira, nenhum ser humano. É basicamente um deserto. Os cavalos correm em direção à linha do horizonte, mas, na verdade, é um despenhadeiro. Um cavalo salta e os outros o seguem. Por um segundo, ficam correndo no ar; por um segundo, parecem capazes de voar. E então caem. Despencaram. Há pelo menos uma centena de cavalos, talvez sejam mil.

Não sei onde vi esse filme, ou se algum dia o vi. Acordei achando que tinha sido um sonho, mas não era o tipo de coisa com que costumo sonhar. E acho que não era um filme, porque quem faria uma coisa dessas com os cavalos só para produzir um filme? Na minha cabeça, não se trata de um efeito especial, é completamente real. Provavelmente, a coisa mais assustadora que eu já vi. Isto é, se é que a vi. Tenho a *sensação* de tê-la visto, só não sei *onde*.

Quando o carro do papai se afastou, eu estava parada na escada, do lado de fora. Papai levantou a mão do volante e acenou para mim. Eu podia ter começado a gritar, mas apenas engoli em seco. Mamãe é a mulher do papai, e isso significa mais do que ser mãe de alguém. Mãe é só a primeira parte, mas ser esposa é algo mais próximo ao fim. Mãe a gente acaba dispensando, mas esposa é outra coisa. Especialmente quando ela é o amor da vida de alguém que lhe prometeu ficar a seu lado para sempre, o que acho que papai fez. Se eu pudesse ter um poder mágico, seria o de entrar na cabeça das outras pessoas, nem que fosse só por um segundo, para poder saber o que é importante para elas, o que elas amam e o que

odeiam. A gente poderia tratar certas pessoas de outra maneira, se soubesse o que elas realmente trazem no coração.

Na última vez que vi mamãe, ela meio que acenou para mim também. Na manhã anterior ao episódio do porão, Anna e eu estávamos sentadas no quintal, nas espreguiçadeiras amarelas. Notei que mamãe nos observava de dentro de casa. Estava no andar de cima, atrás de uma janela. Foi bem surreal. Ela parecia uma pessoa retardada, trancafiada num presídio. Não tinha a menor expressão no rosto. Levantou a mão, mas não me dei o trabalho de retribuir o aceno. Não quis que Anna a visse.

O negócio é que eu quero que ela vá embora, mas, por outro lado, não quero. São esses pensamentos duplos de novo, que estão virando um problemão. Que negócio é esse das coisas e seus inversos? Amor e ódio, por exemplo. Às vezes eles se enroscam de tal jeito que é como se estivessem praticamente transando. É de enojar. A verdade é que sinto vergonha dela. Tanta, que não quero que me vejam com ela em público. E me preocupo toda vez que trago Anna para dentro de casa. Sempre imagino mamãe entrando na sala com aquele seu roupão chinês idiota, o qual, se eu não o mencionei, é curto demais. Além disso, e se ela estiver bêbada ou fazendo aquele seu número de zumbi? Tenho medo de que ela passe a mão na cabeça de Anna como faz comigo. Com aquela expressão estranha no rosto. Ou diga coisas que ninguém quer ouvir. Como numa ocasião em que Anna estava aqui em casa e mamãe lhe deu um sorriso e disse que ela era muito bonita. *Que rosto!*, disse mamãe. *Que rosto*. Como é que ela pode dizer essas coisas na minha frente? Dizê-las a uma pessoa, e não a outra? É como se ela estivesse de novo falando com você-sabe-quem. Até mesmo as mães representam. Não pense que não.

Às vezes acho que ela devia ser trancafiada, e não só numa sala com o Árvore, mas com tiras e correntes e alguma coisa para tapar sua boca. Ninguém quer a própria mãe andando pela casa com um robe de piranha, ou afagando a cabeça das amigas da gente, ou olhando da janela sem a menor expressão no rosto. Não é natural.

O que piora ainda mais as coisas é quando, no passado, a pessoa quase se orgulhava de dizer que aquela era sua mãe, especialmente quando ela ia



buscá-la na escola naquele antigo carro azul. Ela arriava a capota quando fazia calor, e depois buscávamos Helene, e aí nós três voltávamos para casa com o cabelo esvoaçando, como se fôssemos sereias. Às vezes eu penso nessas coisas e gosto tanto dela que sinto vontade de arrancar até meu último fio de cabelo só para provar que é verdade. Mas, a rigor, o único jeito de crescer é não olhar para trás. A gente tem que bancar as próprias convicções. E as minhas convicções são adeus e já vai tarde.

— Venha sentar-se — diz a Sra. Frisk. — Para o que é que está olhando com esse olhar fixo?

Afasto-me da janela e lá está a Sra. Frisk, sentada na poltrona grande com um livro. A poltrona de papai. Luke está deitado a seus pés. Ela parece bastante inofensiva, mas na verdade é professora aposentada, de modo que sempre desconfio um pouco. Esta cidade tem um montão de professores. Depois das igrejas, as escolas são sua atração principal. Toda cidadezinha por aqui tem uma pequena faculdade ou um internato. Há uma escola de padres lá em Lackton. Tem até um lugar para pessoas com necessidades especiais, não muito longe daqui, que é uma espécie de fazenda para surdos.

— Por que você não faz seu dever de casa? — pergunta a Sra. Frisk. Diz que podemos fazê-lo juntas, se eu quiser. Tenho certeza de que ela adoraria. Dever de casa é bem a praia dela. É provável que ela tenha uma caneta vermelha presa ao sutiã. Eu não duvidaria. É assim que essas pessoas são. Sua grande missão na vida é descobrir todos os erros da gente, especialmente os de gramática. Elas querem que todo mundo se pareça com um robô. E só sabem falar de escola. É o seu único ponto de referência. O que você tem feito na escola?, essa é sempre a grande pergunta. O que está estudando? O que está lendo? Eles são muito tacanhos, os professores. É quase como se fossem retardados, de certo modo. Se eu tivesse que lhes dar um nome, não os chamaria de Mundo Acadêmico, mas de Mundo Retardêmico. Chamaria mesmo. Isso não tem nada a ver com ficar comendo frutas e tagarelando nu numa encosta, como nos tempos da Grécia Antiga. São salas abafadas e livros que fedem como se tivessem sido retirados do mar. Para que você está cheirando seu

livro?, a Sra. LaSalle me perguntou, uma vez. Eu tinha acabado de receber um livro novinho de ciências e juro por deus que ele cheirava a sanduíche de atum. Quase vomitei.

E me lembro de uma vez em que a velha Joycie Andrews serviu de babá para Helene e para mim, e nos contou que ia fazer uma viagem de barco. Fiquei um bocado surpresa ao saber que uma professora aposentada de oitenta anos partia para uma aventura dessas, mas aí ela nos contou que o barco era uma escola. Dá para acreditar? Com aulas e tudo, sete dias por semana. O que vocês vão comer no barco: livros?, Helene perguntou. Não, disse a velha Joycie, eles têm comida. Ela não tinha mesmo o menor senso de humor. Mas Helene e eu quase fizemos xixi nas calças, e a velha Joycie ficou nos olhando como se fôssemos nós as retardadas. Mas gostávamos da Sra. Andrews, não me entenda mal. Ela sempre dizia *Me chamem de Joycie*, e era o que fazíamos. Era um tipo bem moderninho. E tinha um rosto bonito para uma senhora idosa. Não era encarquilhada demais, como ficam algumas delas. A gente torcia para que ela pudesse pegar um barco para a França, para as Bahamas ou coisa parecida. Uma última grande emoção antes da morte.

Às vezes, eu simplesmente queria que a pessoa pudesse aprender alguma coisa. Uma coisa de verdade. Uma coisa para ajudá-la a falar com outras pessoas. A maioria do que a gente tira dos livros é porcaria, na minha opinião. Uma pessoa como Jane Austen nos diz uma coisinha ou outra, mas os romances são outra história. Além disso, não são romances que eles nos enfiam goela abaixo na escola. Na escola tem mais a ver com informações. Matemática, datas e nomes de navios. E quem é que está ligando para Eli Whitney, o inventor do descaroçador de algodão? Não se aprende nada sobre como entender os próprios pensamentos secretos. Escreva-os, disse uma professora. O que não foi má ideia. Acho que foi a Sra. Massitelli, uns anos atrás. Escreva os seus pensamentos, ela disse, crie uma história. É um bom exercício, mas o problema são os tempos verbais. Presente, passado, na minha cabeça fica tudo para lá e para cá. Era ou é? Nunca sei qual dos dois usar. Na minha cabeça, é uma guerra. A guerra entre o é e o era. Quando se tem uma irmã que morreu, isso bagunça

todos os tempos verbais. E depois, a pessoa não pode mesmo ganhar a vida escrevendo seus pensamentos secretos. É óbvio que mamãe não conseguiu.

— Vou fazer um chocolate quente — diz a Sra. Frisk.

— Não tem nenhum marshmallow em casa — observo.

— Nós sobreviveremos — ela retruca.

Luke vai atrás dela até a cozinha. A Sra. Frisk não é má pessoa. Aliás, trouxe um prato de biscoitos, que não eram feitos em casa, eu acho, mas ainda assim foi um gesto bonito. E Luke parece gostar dela, o que é um bom sinal. Os cachorros sabem diferenciar as pessoas reais das impostoras. Curvei-me para dar uma boa esfregada nele.

— Ele andou doente — comento —, mas agora melhorou. A senhora tinha um cachorro, não é?

— É — confirma a Sra. Frisk. Mas obviamente não é uma coisa sobre a qual queira falar. Acho que é um assunto delicado.

— O Ferrugem — digo eu. Conte-lhe que me lembrava do velho Ferrugem. De como ele ficava agitado e babava toda a janela da frente quando via alguém se aproximar da casa.

— Ele era um bom cachorro — comenta, encerrando a conversa. Praticamente se pode sentir o ponto no final da frase. Senhoras idosas com cães e sem marido são uma coisa séria, pensando bem. A Sra. Frisk é viúva. As viúvas são como rainhas, em matéria de morte. Elas não têm mesmo nada para perder. Fiquei observando enquanto ela preparava o chocolate quente. Não usou a mistura pronta, fez tudo à moda antiga, com a lata de chocolate em pó, o açúcar, o leite e o sal. Ela está usando muita maquiagem só para trabalhar de babá. É mesmo uma camada grossa. Ela parece estar pronta para alguma coisa, mas não sei o quê. Para a ópera, talvez. Penso em soltar um agudo bem ali na cozinha. Por algum motivo, meu coração está começando a disparar de novo.

— A senhora se lembra dos meus pais? — pergunto. — De quando eles eram mais novos?

— Sim, é claro — ela responde. — Antes de vocês duas nascerem — acrescenta. E então vejo seu rosto crisar-se. Ela sabe que disse uma

bobagem. Sinto a eletricidade escoando do seu corpo e correndo para o meu. De repente, eu é que passo a deter todo o poder.

— A senhora tem uma porção de bandeiras no jardim — comento, e ela sorri e serve o chocolate quente em duas canecas brancas.

— Vamos nos sentar à mesa? — convida. — Cuidado para não derramar.

Dá-me outro sorrisinho e acho que talvez seus dentes sejam postiços. Parecem perigosos, na verdade.

— Com todas as suas bandeiras — prossigo —, aposto que sua opinião sobre os terroristas é que devemos matá-los.

— Bem, não sei de nada disso — responde.

— Quantas bandeiras a senhora tem? Pelo menos cinco, não é?

— O seu pai quer que você durma cedo.

— Lá na escola — continuo —, nós entramos no portal BetsyRoss.com e, em matéria de desfraldar bandeiras, isso é uma coisa que não se deve fazer vinte e quatro horas por dia. De acordo com o BetsyRoss.com, é ilegal.

— Eu não sabia — diz a Sra. Frisk, sorrindo.

— Quando a pessoa as exhibe nas horas em que está escuro — explico —, elas têm de ser adequadamente iluminadas.

A Sra. Frisk balança a cabeça, sempre presa a seu sorriso.

Conto-lhe ainda que os guardanapos estampados com a bandeira nacional, aqueles que as pessoas usam no Dia da Independência, também são ilegais, tecnicamente. Porque a gente limpa a boca com eles e depois os joga no lixo.

— Não uso guardanapos estampados com a bandeira — informa ela.

— Não, eu só estou comentando. Isso é considerado um sacrilégio.

Meu coração estava mesmo batendo a um quilômetro por minuto.

— Tome o seu chocolate enquanto está quente — ela diz.

Bebo um gole, mas aí me levanto. Às vezes eu realmente tenho formigas nas calças.

— Aonde você vai? — pergunta a Sra. Frisk.

— Eu tinha esquecido que preciso ir à casa da minha amiga Anna.

— Não — censura ela. — Seu pai disse que você não pode sair de casa.

— Tenho que encontrar o meu namorado. Ele está me esperando — retruco. Tento passar por ela e noto que a mulher está ficando meio nervosa.

— Sente-se, por favor — pede ela. — Estou muito velha para isto. Quer fazer o favor de sentar? — insiste, e já está quase implorando. — Mathilda — diz, balançando a cabeça.

É engraçado. Às vezes, quando as pessoas dizem o nome da gente, é como se nos enfeitiçassem.

— Venha sentar-se aqui para terminarmos nosso chocolate — ordena ela. Põe a mão do lado de fora da caneca branca e acrescenta: — Ainda está morno. Venha.

E, quando dou por mim, estou sentada à mesa, tomando o chocolate quente.

Mais tarde eu saio de fininho, resolvo, depois que ela dormir.

— Pobre criança — diz a Sra. Frisk. O que não me incomoda nem um pouquinho, para falar a verdade. E depois, vindo de uma viúva, é praticamente um elogio.

Fui deitar cedo, por volta das oito horas, e devo ter adormecido. Não era esse o meu plano, mas, de repente, lá estava eu, bem no meio da manhã. O sol tinha nascido e o vento cessara. Era um tanto estranho ter dormido a noite inteira e eu me perguntei se, quem sabe, a Sra. Frisk teria posto alguma coisa no chocolate quente.

Tive a nítida sensação de que mamãe e papai tinham voltado para casa. Estariam de roupão, assistindo a desenhos animados. Essa era a imagem na minha cabeça. Os pés na mesinha de centro e, entre os dois, um bolo de nozes-pecãs da confeitaria Kroner. Mas eu sabia que a imagem verdadeira era, provavelmente, a dos dois me esperando na cozinha de braços cruzados. Espicho a cabeça no corredor e praticamente sinto o cheiro dela. Dou uma olhadela no espelho para ver como está. Olho para meu corpo todo. Decididamente, há coisas acontecendo. Eu pareço mais magra. Não digo *sexy*. Até porque quem decide isso são os outros. Mamãe ainda nem tinha visto o meu cabelo, eu me dou conta. Mexo nele diante do espelho, para fazê-lo ficar espetado feito tufinhos de grama.

Quando entro flanando na cozinha, lá está ela preparando o café da manhã, cantarolando baixinho, toda prosa. Está usando o avental de cerejas da mamãe.

— Está com fome? — pergunta a Sra. Frisk. — Estou fazendo ovos.

— Eles não voltaram? Meu pai telefonou? — pergunto.

— Sim. Não se preocupe, eles estão bem.

Pergunto-lhe quando, quando ele havia telefonado, e ela responde que tinha sido agorinha mesmo, não fazia nem cinco minutos.

— Por que a senhora não me chamou?

— Achei que você estivesse dormindo — é a desculpa dela. — Está tudo bem — diz ela. Como se lhe competisse decidir. — A amiga deles está passando muito melhor — acrescenta.

— Que amiga? — pergunto, e então me lembro da mentira.

Papai tinha dito à Sra. Frisk que mamãe fora visitar uma amiga doente e que era para lá que ele também iria. Além disso, antes de a Sra. Frisk chegar, papai me fizera prometer não lhe contar nada. Isso é assunto nosso, disse. Normalmente, papai não é mentiroso, e aquilo me fez pensar em quanto toda essa situação era grave, com mamãe indo para um hotel no norte, sabe-se lá onde.

— Eles disseram quando vão voltar? — pergunto.

— Posso ficar aqui enquanto você precisar de mim — diz ela.

Os professores sempre fazem isso, invertem as coisas, respondem às perguntas com reviravoltas suspeitas. Nem que fosse uma vez, eu adoraria ouvir um professor dizer *não sei*. Não sei quando eles vão voltar, porra. E pronto, deixe para lá.

— Venha sentar-se — convida ela.

A mesa está posta com pratos, guardanapos e copos de suco. Ela me diz para ficar à vontade. É hilário. Ficar à vontade na minha própria casa. Sinto cheiro de torrada queimando, mas, quando o pão sai da torradeira, está perfeito. Os ovos deslizam para os pratos sem resistência. É mesmo um trabalho de mestre.

— Mais devagar — recomenda ela. Eu já estou enfiando toda a comida na boca.

— Estou com um pouco de pressa. Muita coisa para fazer na escola — explico. O que a atrai no mesmo instante:

— No que você está trabalhando? — pergunta-me, e respondo que é no projeto de outono. Conto que estou montando um esqueleto de pássaro. Com palitos.

— Parece difícil — ela comenta.

— E é. É mesmo.

As pessoas acreditam praticamente em qualquer coisa que você diga, se você falar da maneira certa. É incrível. Elas querem acreditar, especialmente se você for criança. Elas meio que precisam acreditar.

— Preciso ir à casa da minha amiga Anna. Estamos fazendo esse projeto juntas. — informo à Sra. Frisk. — Anna McDougal — acrescento, para o caso de ela achar que eu estou falando de outra Anna. — Somos melhores amigas.

A Sra. Frisk senta-se à mesa comigo e come seu ovo com as menores garfadas que eu já vi. O que é surpreendente numa pessoa de dentes tão grandes. Era de se esperar que ela fosse mais comilona.

— Que tal? — pergunta, e sou obrigada a admitir que o ovo estava muito bom. Não consigo me lembrar da última vez que comi ovos no café da manhã. Nos últimos tempos, tinha sido só cereal com leite gelado, ou então uma barra de cereais própria para o café matinal, mas não lhe conto isso. Apenas dou de ombros, como se não tivesse muita importância, como se um desjejum fumegante deslizesse para o meu prato todos os dias da semana.

— Você cortou o cabelo — comenta ela.

Eu já me perguntava quando o assunto viria à tona. A Sra. Frisk vinha olhando para o meu cabelo desde que chegara.

— Curtinho, não é? Mas acho que agora a moda é essa — acrescenta.

— Na verdade, não é.

— Uma vez eu fiz um corte joãozinho — diz ela. Sei lá de que diabo estava falando.

— Além disso, não fui eu que escolhi esse corte. Foi mamãe quem cortou — prossigo — Contra a minha vontade — acrescento.

— Ele cresce de novo — consola a Sra. Frisk. Mas percebi que tinha ficado meio surpresa com o ato de selvageria da minha mãe.

— Ela também me bateu — declaro. A coisa simplesmente me saltou da boca. E nem era mentira. Ela me dera um tapa, sim, no dia do vestido amarelo. No dia H.S.S.H., se você não se lembra. — Ela vive me batendo — continuo, falando um pouco mais alto, porque a Sra. Frisk parecia não me ouvir.



— Bem, é... — começa ela, sem conseguir terminar a frase. Vira a cabeça e olha para o nada através do vão da porta. — Bem, você com certeza sabe ser uma figurinha difícil.

Quase tenho vontade de lhe dizer mais coisas, de dizer que ele também tinha me batido. E não só me dado um tapa, mas me surrado com paus e cintos e até queimado minha mão no fogão. Eu levantaria a blusa para mostrar os machucados e as marcas à Sra. Frisk, se ao menos eles existissem. Quero inventar coisas, porque as coisas de verdade que eles tinham feito comigo eu não sei explicar. Como é que se fala de zumbis? Como falar do jeito que eles a trancaram num caixão e não deixaram que ninguém a visse, nem mesmo sua própria irmã?

— Sei que você passou por muitas coisas — diz a Sra. Frisk. Pega o bule de chá para se servir de um pouco mais. Está com a mão meio trêmula e o chá produz uma enorme onda na xícara.

— Xi! — exclama ela.

Xi, dá para acreditar? É o melhor que ela sabe fazer?

Ponho meu guardanapo sobre o chá derramado. Não é minha intenção ajudar, trata-se apenas de um reflexo imbecil.

— Obrigada — agradece ela.

— Na verdade, ela só me deu um tapa uma vez — explico, para não haver mal-entendidos. Eu não quero que a Sra. Frisk denuncie minha mãe às autoridades. Já temos problemas demais.

— Posso tomar um pouco de chá? — pergunto.

— Sim, é claro. Você gosta de chá? — diz ela, enquanto o serve em minha xícara. O líquido vermelho estabelece uma ponte entre nós duas.

— Vocês todos vão morrer — afirmo. Falo bem baixinho, como se fosse uma oração.

— Como disse? — pergunta a Sra. Frisk. Mas eu sei que ela me ouviu. Todo mundo conhece as palavras do terrorista de olhos azuis. — Você precisa esquecer essas coisas todas — recomenda ela. Põe outra torrada com manteiga no meu prato. — Quer geleia?

Pergunto se ela se lembra da minha irmã.

— É claro — ela responde. — Olhe — continua —, daqui a alguns anos, você não vai... — mais uma frase interrompida. — Agora não há nada que você possa fazer a esse respeito — diz. E então, de repente, sua mão voa na minha direção e começa a dar tapinhas nos meus dedos. Sua voz eleva-se, como se fosse hora de contar histórias às crianças. — Quando você era pequenininha, eu me lembro de como fazia caminhadas com os seus pais, está lembrada? — pergunta. Eu sei que está tentando me distrair, mudando de assunto. — Você só queria saber de andar. Assim que se firmou sobre os dois pés, ninguém conseguia detê-la. Quando Donald e eu ficávamos na porta de casa, lá vinha você marchando, com sua mãe e seu pai atrás. A menininha marchadora, era assim que o Don a chamava.

Parte de mim queria que ela parasse, mas, para falar a verdade, eu estava um tanto fascinada. E depois, provavelmente não conseguiria mesmo fazê-la calar a boca, porque ela havia pegado o embalo e falava da grande caminhante que eu era, e da minha vozinha, e do meu andar gingado, e ah, como você era decidida, disse-me, era um soldadinho perfeito!

— Para onde eu ia? — pergunto. — Para onde eu queria ir?

— Ah, não tinha importância. Ia até a esquina e voltava. Nem a chuva lhe fazia parar. Você tinha o seu guarda-chuvinha e tudo.

Ouvi-la me deixa sonolenta. Fico pensando se a Sra. F. era, secretamente, uma hipnotizadora. Tive de fazer um esforço para sair dali.

— Obrigada pelo café — agradeço.

A Sra. Frisk se levanta e me acompanha até a porta. Antes de eu sair, dá um beijo em minha testa. Não é grande coisa. É o equivalente a colar um selo numa carta. É basicamente um bota-fora. E nem é o da pessoa certa. O beijo que eu queria era o do Kevin. E talvez Anna ainda estivesse na disputa. Ou eu teria de ir até Desmond para recebê-lo, quem sabe. Só quatorze e oitenta, ida e volta.

— A senhora pode me emprestar vinte dólares? Era para o papai ter me dado o dinheiro — explico. Digo que haveria uma feira de livros na escola e que eu queria comprar umas coisas para ler no feriado de Ação de Graças.

— É claro — concorda a Sra. Frisk. — Deixe eu buscar minha bolsa.

Conforme vou me afastando, não posso evitar. Viro para trás e olho para a casa. Para o seu rosto. Seus olhos e sua boca. Às vezes sinto pena da casa, tanto quanto de qualquer outra coisa. Postada ali, completamente imóvel e tendo de aguentar todos nós. Algum dia você já pensou na vida das casas? Eu me refiro às paredes e portas em si, não às pessoas dentro delas. Sei que são apenas tijolos, madeira e metal, mas a casa não parece morta. Tem uma espécie de personalidade. Às vezes me pego pensando até na vida das cadeiras. Cadeiras, sapatos e mesmo garfos e colheres, quando ficam de um certo jeito na gaveta. Às vezes olho para duas colheres juntas e elas me parecem o casal perfeito.

O negócio é que não quero acabar como mamãe e papai. Numa casa cheia de livros e poeira, de onde todo o amor foi embora. E mais a escada que range e um raio de cachorro bonachão que fica andando em círculos, à procura da porta invisível que o levará sabe deus para onde. Quero outra coisa, mas ainda não existem palavras para explicar isso. Por enquanto, são só um monte de resmungos na minha barriga. Quando sigo pela rua, imagino o marido morto da Sra. Frisk espiando por trás das cortinas de sua sala. A menininha marchadora, ele diria, olhem só para ela agora.

Quando me aproximo da casa de Anna, consulto o relógio. É cedo o bastante para eu saber que ela ainda não saiu. Paro a duas casas de distância, atrás de uma árvore. As pequenas lâmpadas do jardim dos McDougal estão apagadas e há um pombo no telhado. Talvez seja uma pomba. É engraçado, enquanto eu observo a casa da Anna, percebo que os vigias me observam. E não estão apenas acima de mim, mas em toda a

minha volta. Eu praticamente ouço seus pensamentos. *Será que ela vai mesmo? Vai cumprir sua missão?* Esse parece ser o dia certo. Eu me sinto como se estivesse sendo guiada. Chego quase a achar que seria famosa no fim do dia. Estou com o endereço de Louis no bolso. Talvez Anna queira ir comigo, penso. Eu não faço propriamente muita questão de pegar o trem sozinha. Na verdade, toda vez que penso nisso, começo a bater queixo.

E então, quem me sai da casa se não a mãe da Anna? Eu me abaixo atrás da árvore antes que ela me veja. Ela usa casaco branco, luvas brancas e adivinhe de que cor é o chapéu. Penso nela acenando de um carro alegórico no desfile de Natal. Está toda embonecada só para vender casas, que é o seu trabalho. Eu me pergunto se ela só vende casas brancas. Não ficaria surpresa.

Ela entra no carro, que já está estacionado na entrada da garagem. Liga o motor, mas não sai. É meio suspeito. Vejo que examina uns papéis. Eu sei com certeza que a Sra. McDougal não gosta de mim, apesar de eu sempre ter sido supergentil com ela. Toda vez que falo com ela, é engraçado, pareço um passarinho. Fico meio que chilreando. Por alguma razão, ela me deixa nervosa. A primeira vez que tive certeza de que me detestava foi quando ela nos apanhou, Anna e eu, brincando de Cafajestes. Cafajestes é um jogo que eu inventei. Não brincamos mais disso, mas, no verão em que nos conhecemos, brincávamos o tempo todo. O jogo é inspirado basicamente em Michael Flatmore. As regras são simples. Uma de nós finge que é menino e a outra é a menina. O garoto diz coisas para tentar seduzir a garota, mas ela não quer nada com ele. Às vezes o garoto tem que ser muito persistente. Às vezes, quase tem de ameaçar a menina. Sou muito melhor nisso do que Anna. Em bancar o garoto, quero dizer.

Na verdade, no dia em que a mãe da Anna nos flagrou, eu estava bancando o cafajeste. Tentava chamar a atenção da Anna porque ela andava me ignorando, o que fazia parte do jogo. Ei, vamos lá, eu disse, você tem um corpo gostoso. Saia daqui, disse Anna. Você tem uma bela bunda, retruquei. Anna me olhou e jogou o cabelo de lado e começou a se afastar, mas eu não deixei. Qual é, porra, está se achando boa demais para

mim?, provoquei. Olha para mim, eu disse e a agarrei pelo braço. *Olha para mim*. Eu soava um bocado ameaçadora, e foi justo nessa hora que a Sra. McDougal entrou. Anna correu para o sofá, para se afastar de mim. Ficou com as bochechas completamente vermelhas. Era como se alguém houvesse espirrado tinta nelas. A gente só estava brincando, chilreei, mas a Sra. McDougal não tirou os olhos de mim. É sério, aquele jeito como ela me olhou foi impróprio. Além disso, todo o corpo dela enrijeceu. Anna me contou que ela faz levantamento de peso. Tentei imaginar a mamãe fazendo isso e me deu vontade de rolar no chão de rir. Mamãe e seus halteres. Era hilariante só de pensar.

*Fon-foooooon!* O barulho é suficiente para acordar os mortos. A Sra. McDougal fica com a mão na buzina e, respondendo prontamente, Anna sai correndo de casa. É nessa hora que me afasto da árvore. Levanto a mão e abro o melhor sorriso que posso. Ela me vê e, no começo, não acontece nada. Mas depois também mexe a mão. Só um pouquinho. Percebo que não pode fazer mais que isso, por causa de sua mãe no carro. Começo a andar em sua direção e ela meio que balança a cabeça para me alertar. Eu estou bem atrás do carro quando cruzo com o olhar da Sra. McDougal no retrovisor.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela. Desce do carro de um salto e se posta exatamente entre mim e Anna.

— Quero falar com Anna. Só por um segundo — respondo, tentando não chilrear.

— Eu disse a seu pai que não quero que você venha aqui — declara.

— Desculpe-me pelo porão. Por favor, Sra. McDougal. Será que Anna e eu podemos conversar só dois segundinhos? — peço. Preciso me beliscar para não chorar na frente dela.

A mulher consulta o relógio.

— Já estou atrasada — diz.

Manda Anna entrar no carro. Quando ela passa por mim, sua mão toca na minha. Não sei se é de propósito ou não. As duas fecham as portas. O carro começa a se afastar. Mas aí, para. Devagar, a janela da frente baixa. O rosto da Sra. McDougal fica parado lá, feito a lua.

— Você está indo para a escola? Precisa de carona? — pergunta ela.

Acho que não quer ser responsável por abandonar uma criança na friagem. Age com boa educação, mas dá para perceber que aquilo é um desgaste para ela.

Torna a consultar o relógio e diz: — Sim ou não?

Eu mal entendo o que está acontecendo. Entro no carro, no banco de trás. O ar está abafado. Anna está sentada na frente. Olha para mim de relance por um segundo e vira a cabeça. Eu não me surpreenderia se as duas estivessem me levando para a polícia. Ninguém fala durante o trajeto. Parte do cabelo da Anna está caído sobre as costas do assento e fixo minha atenção nisso. Por sorte, eu estou de chapéu para cobrir meu cabelo e não uso o casaco de porquinhos-da-índia. Visto minha japona azul-marinho e até estou usando meias. É uma roupa boa, mas, mesmo assim, eu não me sinto apresentável. O carro desliza pelo espaço sideral. Parece um cortejo a caminho de um enterro. Eu quero dizer alguma coisa, mas não consigo pensar em nada. Do lado de fora, tudo vai ficando pequeno como casa de boneca, e eu sou o gigante no banco de trás, medonho, com chifres brotando da cabeça.

Ao entrarmos na rua onde fica a escola, a Sra. McDougal reduz a velocidade, por causa de toda a criançada. Vejo umas pessoas conhecidas, das quais, na verdade, não conheço nada. Fico contente pelo fato de as janelas do carro serem escuras. Quando paramos junto ao meio-fio, ninguém se mexe. Anna mantém a cabeça virada para a frente. Por fim, a Sra. McDougal volta-se para mim no banco de trás. Lança para mim um olhar severo, mas que não me parece completamente errado.

— Comecei a frequentar a igreja — eu solto.

A Sra. McDougal balança a cabeça para mim e, ao mesmo tempo, Anna me lança um olhar desconfiado.

— Não estou mentindo — insisto. Sei que a Sra. McDougal acredita em Jesus. Sei que ele é uma parte importante da sua vida. E sei que ela também o plantou dentro da Anna.

— Você não devia inventar histórias sobre a sua irmã — diz a Sra. McDougal. Quando ela fala, Anna baixa os olhos, envergonhada. Acho

que ela conta tudo à mãe. Tenho vontade de levar Kevin bem ali para dentro do carro, porque aposto que essa foi uma coisa que Anna se esqueceu de mencionar.

— Eu sei que tenho que cuidar da minha alma — afirmo. Digo isso principalmente por causa da Anna.

— É, tem, sim — diz a Sra. McDougal.

— Eu sei que tenho — repito. E aí é a Sra. M. que parece ter que se beliscar para impedir o vexame da cascata de lágrimas.

— Está bem — diz ela. — Vocês não devem se atrasar — acrescenta. Vira-se para Anna e lhe dá um beijo. — Amo você — diz. *Amo você*. Soa engraçado. Mas acho que esse é o jeito de algumas pessoas se despedirem.



— Meu irmão vai voltar para casa — é a primeira coisa que ela diz. Estamos paradas na calçada em frente à escola, em silêncio, com as mãos nos bolsos.

E o que me importa?, tenho vontade de dizer. Por alguma razão, o retorno do irmão dela me deixa furiosa.

— Quando? — pergunto. — Quando será o grande dia?

— Daqui a duas semanas.

— Ele está legal? Está todo inteiro?

Anna espreme os olhos para mim. Cubos de gelo azuis.

— Achei que você ia ficar contente — diz, e eu pergunto:

— Por quê? Por que eu ficaria contente?

Calma, eu digo a mim mesma, não estrague tudo.

— Para o que você está olhando? — pergunta Anna.

— Para nada — respondo. Mas a verdade é que estava somando os números de uma placa de automóvel. É só uma coisa que eu faço de vez em quando para conferir minha sorte.

— Por que você está zangada *comigo*? Eu *não fiz nada* lá — diz Anna. Pelo modo como ela fala, num sussurro, eu sei que está falando de Kevin.

— Você o ama? — pergunto.

— Quê? Você está doida?

Eu lhe digo que a vi conversando com Carol Benton.

— Você está pretendendo virar uma piranha? — indago.

Anna começa a se afastar, mas seguro seu braço, como se estivesse brincando de Cafajestes:

— Qual é, porra? Está se achando boa demais para mim?

— Mattie, pare. O que você está fazendo?

Ela acha que sou eu, Mathilda, que a estou agarrando. Não se lembra da brincadeira.

— Cafajestes — digo.

Ela se solta e endireita o corpo, empertigando-se toda. E daí, se está ficando mais alta que eu? Ainda sou eu o gigante por estas bandas.

— Eu vi. Vi você no escuro trepando com ele.

— Você é uma mentirosa! — Anna grita na minha cara. Por alguma razão, ouvir alguém dizer isso me deixa feliz. — O que você viu? Você não viu nada — diz ela. Pergunto-me quando se tornou tão forte. Pergunto a mim mesma se a causa disso teria sido o dedo de Kevin. Se ele teria plantado um tipo de confiança dentro dela. Quando o dedo de um garoto entra na gente, a gente se torna outra pessoa.

— Não estou interessada nele — Anna diz. — E, se você o viu, por que não o deteve? Podia tê-lo feito parar. Você podia ter me ajudado, Mattie.

Tenho de engolir em seco quando ela diz isso. E, pegando a deixa, uma lágrima rola prontamente em sua face.

— Desculpe — digo, e é nessa hora que vem a segunda lágrima. Anna é tão minha irmã quanto qualquer pessoa, e volta tudo numa enxurrada. É óbvio que ainda gostamos uma da outra.

— Você vai comigo? — pergunto.

— Aonde?

Mas tenho medo de lhe dizer.

— Vamos à lanchonete do Mool — respondo. Se eu conseguir levá-la ao Mool, penso, conseguirei levá-la até o trem.

— Tire o chapéu — ela diz.

— Por quê? — pergunto.

— Deixe eu ver seu cabelo — é a resposta. Fico pensando se seria de novo algum tipo de truque, com Carol Benton esperando atrás das moitas. Mas não me importo. Tiro o chapéu assim mesmo.

— Ai, meu deus! — exclama Anna. — Nós fizemos mesmo isso!

— Você não fez nada.

— Eu devia tê-lo impedido — ela insiste.  
— Você tentou — contraponho.  
Passei a mão no cabelo e senti a lanugem.  
— É como se ele tivesse me estuprado — comento.  
E então o silêncio recai sobre nós, como às vezes acontece.  
— Preciso terminar o trabalho de inglês — diz Anna.  
— Eu ajudo. Qual foi o dever?  
— Uma redação. Sobre aquela história estúpida.  
— Que história?  
— A do homem na banheira. Coloque de novo o chapéu na cabeça —  
ela diz.  
— Eu tenho milhares de ideias sobre aquela história. Posso ajudá-la.  
Anna balança a cabeça e começa a andar em direção à escola. Vou  
atrás.  
— Não. Estou falando sério — ela diz. Mantém a distância. — Minha  
mãe não quer.  
— Não quer *o quê?* — pergunto. Procurei não gritar.  
— Não ande junto comigo. Por favor — diz ela. — Até mais tarde.  
— Espere — peço. Corro atrás dela. — Tome isto — e lhe entrego o  
papel que estava no meu bolso. Já tinha decorado o endereço.  
— Se eu não te ligar logo à noite, dê isso ao meu pai.  
— O que é isso? — ela pergunta. — Aonde você vai?  
Mas não respondo, apenas saio marchando. Atravesso a rua e, quando  
olho para trás, vejo Anna fazer a coisa mais incrível. Ela joga o papel com o  
endereço do Louis numa lata de lixo. No começo, chego a sentir náusea,  
mas aí me dou conta do que ela está fazendo. Também tinha decorado o  
endereço e agora estava se livrando da prova. Boa menina, penso. Muito  
bem!

Sabe aquelas meninas que inventaram as fadas? As que recortaram imagens e as prenderam em flores, e todo mundo acreditou? Isso foi há algum tempo, na Inglaterra, acho. Na época do Sherlock Holmes. Às vezes, as meninas punham as fadas nos próprios ombros e alguém tirava uma fotografia. Olhando para elas agora, para essas fotos, elas parecem completamente falsas. Mas e daí? Foi uma boa tentativa, na minha opinião. E o que há de tão terrível, afinal, em mentir sobre fadas? É o tipo de coisa em que a gente *quer* acreditar. Ainda há quem acredite naquelas fadas de mentirinha, mesmo agora que as meninas estão mortas e enterradas, com a palavra *impostora* gravada na lápide.

O negócio é que vi duas garotinhas no caminho para a estação. Estavam de mãos dadas, andando depressa para a escola, e me fizeram pensar numas coisas. Eram bem bonitinhas e usavam aquele brilho labial cintilante que as crianças pequenas costumam passar. Aposto que tinha gosto de morango. E elas davam uma porção de risadinhas agudas e usavam luvas de lã. Não é fácil dar as mãos com aquelas luvas que só têm duas divisões para os dedos, mas elas o faziam. Ao observá-las, eu me senti um pouco como se fosse mãe delas, como se as duas tivessem saltado direto da minha barriga. Senti como se estivesse rasgada ao meio, com o mundo inteiro a se derramar de mim. Quase me deu vontade de segui-las, de ver se elas conseguiriam me levar para o passado, para o lugar onde seriam apenas duas meninas rindo feito idiotas, sem a menor preocupação no mundo. Perguntei a mim mesma se as meninas das fadas teriam

continuado amigas durante a vida inteira. Aposto que sim. Aposto que até foram enterradas na mesma sepultura.

— Para Desmond? — diz o homem, sorrindo para mim. É o mesmo bilheteiro, com o mesmo colete. Quase tenho vontade de beijá-lo por ter se lembrado.

— Ida e volta — respondo. Entrego-lhe o dinheiro.

— Vinte minutos — diz ele. — Plataforma dois.

Essa seria a hora de lhe fazer perguntas sobre Helene.

— Precisa de mais alguma coisa? — diz ele.

— Não.

— Então, tudo certo com você.

E me dá uma piscadela. Ele sabe.

Na sala de espera havia uma porção de homens de sobretudo preto debruçados sobre jornais. Tinham mesmo uma postura horrorosa. Era meio deprimente, e por isso decidi simplesmente sair em disparada. Desci a escada correndo e atravessei direto o túnel. Quando emergi do outro lado, estava completamente sem fôlego. Foi quase uma sensação de que eu ia desmaiar, por isso apenas me concentrei em *inspirar pelo nariz, expirar pela boca*.

Mal pude acreditar que finalmente estava ali. Bem no lugar onde ela estivera. Foi como entrar num filme. O engraçado é que, assim que recobrei o controle da respiração, o sol deslizou para trás de uma nuvem e o filme passou de colorido a preto e branco. Havia umas pessoas na plataforma, porém não tive vontade de olhar para elas. Vi um telefone público e resolvi ligar para o celular da mamãe. Antigamente eu também tinha um celular, mas papai o tirou de mim depois que eu lhe disse que estava esperando uma ligação de Helene. Nos primeiros meses, eu tinha dormido com o telefonezinho na mão, por medo de que ela telefonasse depois de eu pegar no sono. Os mortos cuidam de quase todos os seus assuntos à noite. Não têm hora de dormir como o restante de nós.

Fico pensando se mamãe teria ido embora por não poder lidar com a ideia de eu também desaparecer. Tenho vontade de lhe deixar um recado de verdade, um pedido verdadeiro de desculpas. Além disso, para falar a

verdade, parte de mim torce para que ela tivesse me impedido de ir a Desmond. Eu não estava exatamente eufórica para entrar num trem e partir montanha acima para a florestaazul.com. Respiro fundo, para não acabar resmungando feito uma retardada. Quando o telefone da mamãe começa a tocar, por pouco não desligo, mas resolvo esperar a gravação da caixa postal.

— Alô — ela atende. Isso me pega desprevenida, porque não é a gravação, é ela mesma. Por um segundo, eu não sei o que dizer. Meus dentes recomeçam a bater.

— Você está em casa? — pergunto.

— Mathilda? — diz ela. Do jeito como fala, quase dá a impressão de que passou a vida inteira esperando o meu telefonema.

— Onde você está? — pergunto.

— Escute — diz ela. — Pare de gritar.

— Papai está com você?

— Quer parar de gritar? Benzinho, quer me ouvir, por favor?

Antes que eu possa responder, no entanto, acontece o pior. Um apito de trem grita e um expresso passa trovejando pela estação. Tenho certeza de que mamãe pôde ouvi-lo. Ela faz um ruído pavoroso, como se houvesse acabado de vir à tona depois de prender a respiração embaixo d'água. Eu não sei o que fazer e, por isso, apenas desligo. Fecho os olhos até o trem acabar de passar.

— Está se sentindo bem?

É uma mulher de terninho verde, carregando uma maleta.

— Estou ótima — respondo, embora mal consiga respirar. Ando em direção aos trilhos por ter visto outro trem aproximar-se na curva. O meu. Está exatamente no horário. E, nesse momento, não são apenas os meus dentes que tremem.

Na manhã do dia em que aquilo aconteceu, Helene estava chorando em seu quarto e eu entrei num rompante e a mandei calar a boca. Estava farta de vê-la receber todas as atenções. Ela tentou segurar minha mão, mas não deixei. Quando me disse que queria se matar, praticamente ri na cara dela. E por que não faz isso?, perguntei. *Por que simplesmente não se mata?*

Penso em voltar correndo pelo túnel, mas é tarde demais. Fecho os olhos. Talvez eu já tenha morrido, penso. Talvez eu é que esteja morta. Talvez eu tenha confundido tudo e esteja falando com você de dentro do meu caixão. Dou dois passos à frente, bem em direção ao trem, mas não sinto nada. Ninguém põe as mãos em mim. Ninguém me puxa para trás nem me empurra. Eu estou por minha própria conta. Bem ali, na beirada. Sinto o vento do trem batendo em meu rosto. É morno como uma pessoa.

Quando abro os olhos, estou parada bem diante da porta. Ela se abre com um sibilo, feito uma nave espacial. Mas não sai ninguém. *Desculpe*, digo.

— Está esperando o quê? — grita alguém atrás de mim. — Entre logo!

# PARTE QUATRO



— O senhor tem uma caneta? — pergunto ao homem.

Na verdade, ele estava mais para garoto, mas carregava uma neném, o que o fazia parecer mais velho. A neném estava embrulhada numas vinte camadas de tecido felpudo e mastigava a manga da camisa do garoto.

Ele me olha como se eu não estivesse falando inglês.

— Quê? — pergunta.

— Preciso de uma caneta. Se você tiver.

Conto a ele que em geral eu tenho uma porção de canetas, mas achava que havia esquecido de pôr algumas na mochila nessa manhã.

— Tenho não — diz ele. E volta a olhar para o mundo que corre do lado de fora da janela. Era mesmo uma correria danada. O trem devia estar a uns trezentos quilômetros por hora.

Nem sei por que eu tinha falado com o garoto, para começo de conversa. Ele usava o cabelo à escovinha e tinha um narigão. Era meio abrutalhado, nada a ver com o tipo que carrega canetas. E se via que era pobre, pelas roupas e pelo modo de falar, além do jeito em geral.

— Talvez ela esteja com fome — comento.

— Quê? — faz o garoto. Com certeza era a sua palavra favorita.

— Eu tenho biscoito.

— E o que é que eu quero com biscoito? — pergunta o garoto, exatamente como um garoto.

— Para a neném. Se ela estiver com fome, não é?

— Ela não está com fome — é a resposta. Ele ia dar uma mãe e tanto. Uma verdadeira provedora. Acho que ele pensa que a neném está

chupando a manga da camisa dele para se exercitar.

— Também tenho chocolate — insisto, e tiro do bolso um Star Bar parcialmente comido.

— Não se pode dar chocolate para bebês — diz ele.

— Eu não sabia. É que nem os cachorros?

— Que nem os cachorros o quê?

— A gente pode matá-los com chocolate — respondo. — Eles não têm tolerância ao chocolate — explico. — E, mesmo que não morram, passam muito mal.

— A-hã — diz o garoto.

E, já que estávamos começando a ter uma conversa de verdade, pergunto se a neném é dele, e o garoto faz que sim com a cabeça, e eu lhe digo que ela é muito bonita. E era mesmo, mais ou menos, mesmo não sendo aquele tipo que deixa a gente sem fôlego, como alguns bebês. A neném tinha um rostinho tranquilo e agradável. Era difícil acreditar que tivesse vindo daquele garoto. Era umas dez vezes mais especial que ele. Por um segundo, cheguei quase a achar que aquela neném devia ser minha. Ainda mais que o garoto tinha o hábito nervoso de balançar a perna para cima e para baixo. Acho que nem sabia que estava fazendo isso, mas o problema era que estava chacoalhando um pouco o bebê.

— Ela não está chorando — eu lhe digo.

O garoto me olha e eu aponto para a neném:

— Você não precisa chacoalhá-la.

— Vá se foder — diz ele, enquanto se levanta, pega suas coisas e troca de lugar.

Sinto meu rosto quente. Tenho vontade de pedir desculpas, apesar de nem ter certeza do que fiz de errado. Chego quase a querer me casar com aquele garoto imbecil e ajudá-lo a tomar conta da neném idiota, para você ver como me senti mal.

E depois, o *vá se foder* foi chocante. Eu mesma já o disse algumas vezes, mas não cresci com esse tipo de linguagem. Mamãe e papai nunca a usam. Mas sei que há um mundão de gente pobre e enraivecida por aí que usa bastante esse linguajar. Muitos moram nos arredores da cidade e ali

naquelas montanhas. Comunidades inteiras. Tribos inteiras de pessoas que vivem de cupons de alimentação e pequenas hortas. Às vezes elas passam a noite toda em claro quebrando garrafas de cerveja, por desespero.

Finalmente arranjo uma caneta com o condutor e a pouso sobre meu caderno de anotações. Resolvo tentar escrever a redação de inglês, a que Anna disse que tínhamos de fazer. Nossas impressões sobre a história do homem na banheira e do menino na bicicleta. Vasculho a mochila, mas não tenho uma cópia comigo. De repente, morro de vontade de relê-la. Chama-se "O primeiro e o último". A história oscila o tempo todo entre o velho e o garoto, e a gente se pergunta qual é a ligação entre eles. O menino tem uma mensagem, uma carta, e a gente pensa que talvez ele pretenda entregá-la ao senhor, mas a minha teoria é que eles são a mesma pessoa. O velho está adormecendo numa banheira, ou talvez se afogando. A narrativa toda é meio confusa, mas é de propósito. Também é possível que o velho esteja bêbado.

Quando li o conto, tive a ligeira impressão de que as lembranças do afogado eram as minhas, apesar de eu não me lembrar de uma casa num morro, cercada de flores cor de púrpura ou de pedras escuras da cor de cinzas. Mesmo assim, ao ler o conto, eu tivera a sensação de eu mesma haver escrito metade dele, enquanto o fulano que era o autor respondera pela outra metade. E quando as duas metades se juntaram, foi como o fim da amnésia, todas as lembranças voltaram numa enxurrada. As melhores histórias são assim. Parecem naves espaciais. Elas nos levam para um lugar distante e ficamos pensando, puxa, que lugar esquisito. Mas aí pensamos, espere aí, pode ser que eu já tenha estado neste lugar. Talvez tenha até nascido aqui.

Minha mão voava pela página, para acompanhar meus pensamentos. Além disso, o trem também voava, e para onde era mesmo que eu estava indo? Para Louis, isso. Mas quem é ele?, pensei. Eu realmente não fazia ideia de quem era esse tal de Louis, nem sabia se ele era mesmo tão importante assim. E depois, onde ficava Helene nisso tudo? Mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria que ela me visse nesse trem. Mas será que ela sequer queria que eu fosse a Desmond, ou estaria pensando: cai

fora, vai cuidar da tua vida? Talvez toda essa viagem fosse uma grande perda de tempo e o principal fosse voltar para casa. Talvez mamãe, papai, Anna e Kevin fossem os personagens centrais. Mas eu não podia simplesmente fazer o trem virar para o outro lado. Aquilo não era um livro que eu pudesse apenas parar de ler. Eu precisava terminar o que havia começado. É assim que eu sou. A maioria das pessoas começa uma coisa e depois desanima. Mamãe é um ótimo exemplo. Fico pensando se ela destruiu mesmo todos os seus contos, aqueles que escreveu quando era moça. É como quando incendiaram aquela biblioteca no Egito. Quando a Sra. Veasey nos contou do incêndio da biblioteca de Cleópatra, ficou com os óculos todos embaçados. Parece que se perdeu uma porção de coisas importantes. Um montão de tragédias gregas e mais uma miscelânea de outras coisas. E quando a mamãe morrer, acho que também será o fim. Quaisquer que sejam as histórias que restem dentro dela vão apenas desaparecer. Mas acho que isso acontece com todo mundo. Por que hei de me incomodar com a história da Helene? Será que ela perderia tempo contando a minha, se fosse eu que tivesse partido?

Quando paro para respirar e levanto os olhos, estava tudo diferente. Fora da janela ia ficando mais e mais cheio de árvores. O trem atravessou uma ponte com água embaixo. Eu não soube dizer se isso era sorte ou azar. Mas não havia como voltar atrás, isso era certo. Agora era uma daquelas coisas gravadas na pedra. *Ela atravessa a ponte*, rabisco no meu caderno. *Está no arvoredos*. Parte de mim teve a sensação de que talvez eu não estivesse mais entre os vivos, talvez houvesse cruzado para outro lugar. O lugar onde moram os vigias e todas as pessoas que eles levaram embora.

Estávamos num ponto bem alto das montanhas. A janela corria um tanto depressa demais e a terra lá fora era um festival de borões. Eu estava um pouco nervosa e por isso resolvi levantar e esticar as pernas. Desloque-me entre os vagões, apesar de haver um cartaz dizendo que isso é proibido. Passo por uns cinco vagões, e então a vejo. Uma mulher com um lençol na cabeça. Não um fantasma, mas uma estrangeira. Está recurvada, falando com alguém. Quando chego mais perto, vejo que são crianças, um menino

e uma menina. Penso em recuar, mas ela levanta os olhos. É a mãe de Eyad Tayssir. Vejo que ela me reconhece, porque sorri.

— Você não é da turma do meu filho? — pergunta.

Tem um sotaque engraçado, que exagera um pouco a pronúncia de tudo. De perto, noto que o pano preto que lhe cobre a cabeça é perpassado por fiozinhos brilhantes, o que me faz lembrar do vestido de flores prateadas de mamãe.

— Quer comer alguma coisa conosco? — pergunta a Sra. Tayssir. Dispõe uns embrulhinhos de papel-alumínio na mesa dobrável. Fico pensando se ela planeja explodir o trem.

— Não — respondo. Digo a ela que tinha acabado de comer um chocolate.

As crianças já estão atacando a comida. Ambas têm olhos pretos e lindas sobrancelhas em forma de asas de pássaros. Comem com as mãos alguma coisa meio fibrosa.

— O que é isso? — pergunto.

— Prove — sugere ela.

Eu não quero ser grosseira, por isso dou uma provadinha, mas, assim que engulo, tenho uma sensação esquisita. Veneno, penso. Era algum tipo de carne muito condimentada.

— Pensei que vocês todos fossem vegetarianos — comento, quase engasgada.

— Quem? — ela indaga.

— Não sei — respondo.

Na minha cabeça, acho que eu a estou confundindo com os adeptos do Hare Krishna. Há tipos demais de pessoas que usam lençóis, e todas têm regras diferentes.

Por sorte, a Sra. Tayssir não me pergunta por que eu não fui à escola. Fica apenas sorrindo para mim. Ambas sorrimos ao ver as crianças comerem, só que eu apenas finjo. Eu não sei quanto ela sabe a meu respeito. Nem sei se ela sabe o meu nome.

— Eu sou Mathilda — informo, por alguma razão.

— Eu sou Aneesh — diz ela. Tem um sorriso lindo, como o de Eyad.  
— Significa "amigo" — acrescenta. É uma coisa suspeita para me dizer. —  
E estes são Azhar e Perizad — diz. Não sei como pode continuar a sorrir,  
considerando o que as pessoas tinham feito com ela.

— O que significam os nomes deles? — pergunto.

Ela gosta da minha pergunta. Seu sorriso torna-se sobre-humano e ela  
põe a mão na cabeça do menino:

— Azhar é rosto cheio de luz. E Perizad... é, você mesma — diz,  
porque a menina abre-lhe um largo sorriso —, Perizad significa nascida  
das fadas.

— O quê? — pergunto, e ela repete. A sensação é de que a polícia  
invadiu minha cabeça. Por pouco não tornei a ficar nauseada.

— O que significa Mathilda? — ela quer saber.

— Não sei — respondo. — Tenho que ir embora.

— O que houve? Sente-se aqui conosco. Chegue para lá, Peri, dê um  
espaço.

Eu nem devia estar conversando com ela. Não queria ser presa nem ter  
meu nome incluído numa lista. O governo podia acabar me torturando.  
Antigamente a tortura era ilegal, mas acho que agora não é mais. Fiquei de  
olho na menina, que brincava com uma girafa de plástico. Estava fazendo  
o bichinho cantar uma música e, embora agisse com timidez, vi que fazia  
aquilo para mim. As crianças pequenas sempre querem mostrar quando  
sabem uma música, mesmo que fiquem sem jeito. A Sra. Tayssir cantou  
um pouquinho com a menina, para incentivá-la. Tinha a voz bonita e  
deixei que ela me inundasse. É só uma musiquinha boba sobre colher  
maçãs, uma canção para se aprender a contar, e havia umas palmas que a  
acompanhavam e eram, obviamente, a parte favorita da menina. Obriguei-  
me a comer um pouquinho mais da comida enquanto elas cantavam. O  
gosto não era tão ruim depois que a gente se acostumava.

Eu sei que, quando um terrorista morre, sua mãe tem de chorar em  
sigilo. Tem que sorrir no enterro e levantar a mão e dar vivas, como se  
estivesse num jogo de futebol. Pelo menos, foi o que ouvi dizer. Mas o  
negócio é que não consegui imaginar a Sra. Tayssir fazendo isso. Ela tem

jeito de quem teria um infarto duplo se acontecesse alguma coisa com aqueles dois.

Pelos alto-falantes, uma voz anuncia a parada seguinte e a Sra. Tayssir dá um pulo, como se alguém a houvesse beliscado.

— Ah! Essa é a nossa — exclama. Arruma rapidamente suas coisas. — Vou deixar isso para você — diz, referindo-se à comida. — Até logo. Vou dizer a Eyad que a vi.

Uns dois homens erguem os olhos quando ela passa. Torço para que ninguém a derrube, principalmente por ela estar com crianças. Mas, para ser sincera, sinto certo alívio quando ela se vai. Quando sai pela porta, espio embaixo do banco para ter certeza de que não deixou nenhum embrulho suspeito. Não é minha intenção ofendê-la, é só que foi isso o que me treinaram para fazer.

Quando olho pela janela, nascida das fadas me olhava, levantando a girafa de plástico. Como podia ter aquele nome? Era como se o tivesse roubado de mim. E, de repente, fiquei furiosa com mamãe e papai por nunca terem me dito o que o meu nome significa. É provável que nem saibam, e é provável que tenham apenas gostado do som. Mas o engraçado é que só fiquei com raiva por uns dois segundos, porque aí me lembrei do *Levirroh* e do jeito da Anna me dizer esse nome, e tudo o que eu queria era morrer nos braços dela. Foi toda uma repetição da flechada do amor me atingindo como um raio. Perguntei-me exatamente o que a freira grisalha teria posto dentro de mim e quanto tempo aquilo duraria. Será que de cinco em cinco minutos eu teria uma recaída desses estúpidos ataques cardíacos amorosos? Eles não eram muito agradáveis, considerando-se que todas as pessoas em quem eu pensava tinham sido basicamente arrancadas da minha vida.

Lá fora, a Sra. Tayssir e as crianças estão agora cercadas por outras mulheres de roupa igualzinha à dela. Pergunto-me se seriam suas irmãs vindo a seu encontro. O trem começa a se afastar e eu as vejo desaparecerem. Que iriam fazer?, penso comigo mesma. Curvar-se e orar em algum lugar nas montanhas? Tramar seus planos secretos? Ou apenas

voltariam para a casa de alguém, assistiriam à televisão e contariam piadas, como as pessoas normais? Como irmãos em qualquer lugar.

Eu estava quase chegando. Fecho os olhos e deixo o trem me levar. Para cada vez mais longe de todos. Sozinha, penso. Em inglês, A.L.O.N.E. Enola, se lido de trás para frente. Como o nome do primeiro avião do mal, há muito tempo. A primeira bomba importante caiu do seu bojo. Mas aquela foi uma guerra diferente, é história antiga. Tudo era em preto e branco. O que a tornava muito mais fácil de assistir.



Apesar de não possuir uma girafa, eu tinha muitos bichinhos de plástico na idade dela. Vacas, porcos e cavalos, todos em miniatura. Havia leões, ursos e até dinossauros e mamutes peludos. Além disso, eu tinha dois homenzinhos, um vaqueiro e um homem das cavernas. Acho que devia ser uma porção de conjuntos diferentes, todos misturados. Eu os dispunha na mesa da cozinha e, às vezes, quando me dava na telha, fazia montanhas e cavernas de barro. Uma vez, mamãe estava cozinhando e fincou uns pedaços de brócolis nos montes de argila e eles compuseram árvores perfeitas.

No dia da descoberta dos brócolis, mamãe sentou-se comigo e inventamos juntas um mundo totalmente novo para os bichos. Mamãe pôs o homem das cavernas perto do cavalo, de um jeito que a gente quase os ouvia falar um com o outro. Ela também fez um brontossauro se apaixonar por uma porca. Deitei uma ovelha de lado e pus o leão junto dela. Eram a selva, a fazenda e a terra esquecida pelo tempo, tudo num lugar só. Mamãe e eu não conversamos, apenas trabalhamos como deus e seu ajudante, fazendo o que tinha de ser feito. Trabalhamos durante um tempão. Quando papai chegou, deu três voltas ao redor da mesa, de tanto que ficou impressionado. Helene disse que eu poderia arranjar um emprego de arrumadora de vitrines no Museu de História Natural, onde tinha ido com uma excursão da escola e que sempre dizia ser um lugar que eu adoraria. "Você tem muito bom olho", comentou minha irmã, e eu lhe contei que tivera uma ajudinha. Quando eu disse isso, mamãe se aproximou e passou

o braço em volta de mim. Senti-me como se fôssemos Lewis e Clark, ambas famosas, na primeira página.

Nessa noite, nós quatro jantamos na sala de estar, porque ninguém quis destruir o mundo dos animais. Mais tarde, quando todos estavam dormindo, eu me levantei e fui à cozinha dar outra espiada no trabalho. Não acendi a luz. Em vez disso, peguei uma lanterna e a acendi sobre a mesa. Pareceu um milagre. Foi como contemplar o mundo a partir do espaço sideral, pelos olhos dos alienígenas, e ver a vida secreta de todas as criaturas. Pensei em subir para acordar mamãe e lhe mostrar como aquilo tudo ficava à luz da lanterna. Mas não queria bancar a criancinha, por isso a deixei dormir sossegada.

De manhã, tudo havia desaparecido e o café estava servido na mesa. Não fiquei com raiva, porque pensei comigo mesma: mamãe e eu faremos outro. Mas nunca o fizemos. Simplesmente nunca mais tivemos disposição. Eu mesma fiz alguns mundos depois disso, mas eles nunca tiveram a marca do gênio, e por isso sempre os destrocei logo depois de terminá-los.

Desmond parece ser feita de argila e brócolis. Há montanhas e árvores, mas alguma coisa não é como devia ser. Parece um conto de fadas passando por uma fase difícil. Até os velhos casarões parecem barracos. O ar é puro, mas todos os automóveis são caminhonetes peidorreiras. Não sei por que Helene quereria ir para lá. Se eu viesse a contar a história da vida da Helene, não poria um bilhete para Desmond no seu bolso. Poria uma passagem para Paris, ou Hong Kong, ou algo assim. Um lugar interessante. Sabe aquela brincadeira sobre o que você faria se ganhasse um milhão de dólares? Helene e eu costumávamos brincar disso, de vez em quando. Metade das vezes, as respostas da Helene eram bem chatas, todas sobre como usaria o dinheiro para ajudar outras pessoas, até mesmo estranhos. Mas uma vez, quando ela estava fazendo uma trança no meu cabelo, perguntei-lhe como gastaria aquele dinheirão e ela disse que iria morar no andar mais alto de um arranha-céu envidraçado, e pediria todas as refeições por telefone, quer se tratasse de um *milk-shake* de baunilha ou de um frango à francesa, que era um dos pratos com a marca registrada da

mamãe. Parecia mesmo o paraíso. Helene disse que não haveria nenhuma parede, só janelas. Perguntei se eu poderia morar lá com ela e a resposta foi sim. "Mas, quando eu me casar, terei de mandá-la embora", respondeu. Tudo bem, retruquei. Disse-lhe que eu me mudaria para o apartamento logo abaixo do dela, no 99º andar, e concordamos em que isso seria um arranjo perfeito.

Não havia nenhum arranha-céu em Desmond, com certeza. Aliás, não havia muito de coisa alguma. As ruas eram razoavelmente desertas e não consegui decidir se isso as tornava perigosas ou seguras. Fiquei oscilando entre uma coisa e outra. Num minuto era *Sexta-feira Treze*, no outro, *Vento nos salgueiros*. Entrei numa lojinha de doces porque precisava pedir informações. Na vitrine estava pendurado um coração de cartolina feito à mão, onde alguém escrevera ABERTO com uma caneta hidrocor preta. Quando entrei, uma sineta tocou. Uma sineta de verdade, não uma campainha. Estou lhe dizendo, era a loja de doces esquecida pelo tempo. Todas as balas e confeitos ficavam em potes de vidro e todo o lugar tinha um cheirinho meio desagradável, por causa daquelas frutas cristalizadas que os donos tentavam vender.

Um senhor saiu de trás de uma cortina. Na verdade, era só um lençol pendurado num vão de porta e, quando ele o atravessou, vi uma senhora idosa nos fundos, tomando uma xícara de alguma coisa e assistindo à televisão. A seus pés brilhava um aquecedor elétrico. Ela estava grudada na televisão e percebi que era bem o comecinho do programa sobre a guerra, porque ouvi o tema musical.

Quando pedi ao velho informações sobre o caminho, ele me olhou como quem já tivesse visto muitos tipos como eu. Calculei que eu também devia comprar umas balas, para o caso de eles estarem na miséria.

— Também vou levar umas daquelas — peço, apontando para umas bolas de gude vermelhas.

— "Bolas de Fogo" — diz ele. — Quantas?

— Harold! — Vem o grito da senhora de trás da cortina. — Quem está aí?

— Uma freguesa — grita Harold de volta. Aqueles dois gostam de gritar.

— A previsão do tempo vai começar daqui a um minuto — diz ela. Fico contente por vê-la estabelecer prioridades. Quem se importa com a guerra, quando se dispõe da previsão do tempo?

— Vou levar cinco — informo, e Harold tira a tampa do pote.

— Você não vai gostar disso — sentencia a voz da senhora, parada no vão da porta. — Não dê isso a ela, Harold — e vem arrastando os chinelos, fazendo uma careta para mim. — Arde na boca.

— Por que você não volta lá para dentro? — pergunta-lhe Harold. — Veja a previsão do tempo para mim.

Mas a anciã não se mexe.

— Que tal esses aqui? — sugere ela, batendo com o dedo ossudo num pote de vidro cheio de peixinhos pretos esponjosos.

— É claro — respondo. — Eu quero cinco — acrescento, torcendo para não serem de alcaçuz.

E, apesar de eu só ter pedido cinco, a velha senhora pôs uns cem peixinhos pretos num saco. E ainda por cima acabou só me cobrando cinquenta centavos. Acho que meio que gostou de mim, para falar a verdade. Sorria para mim como se eu tivesse acabado de nascer. Ponho duas moedas de 25 centavos no balcão.

— Tenho mais dinheiro — declaro, para o caso de eles quererem me vender mais alguma coisa.

— Então, vá dá-lo aos pobres — diz a velha senhora, com uma piscadela. Era mesmo o tipo glamoroso, com seu roupão e suas chinelas. Mas, falando sério, poderia ter sido atriz do cinema mudo, em sua época. Tinha o rosto certo. Apesar de todas as rugas, era um rosto muito expressivo. É incrível como as pessoas envelhecem e, mesmo assim, não somem por completo. Continuam com alguma coisa lampejando nos olhos caídos. Dei uma olhada boa e demorada no casal. Estudei-os. A mulher era um pássaro, decididamente. E o homem, um lagarto.

Perguntei o nome dela e soube que era Lily Gold. Achei que lhe caía como uma luva.

Quando ela perguntou meu nome, respondi que era Aileen. Era um nome feio, mas foi o primeiro que me veio à cabeça. Engraçado, durante todo o tempo em que conversei com Lily, Harold pareceu meio embaraçado. Não sei por quê. Ficou nos rondando, fingindo polvilhar os pretzels. Acho que talvez sentisse uma pontinha de vergonha da mulher.

Antes de sair, pergunto como chegar ao número 28 da Larson Court.

— Tenho uma amiga lá — explico.

— É fácil — responde Lily Gold. — Harold, desenhe um mapa para a menina.

O velho pega outro saco de papel e começa a rabiscá-lo com uma caneta. Quando redige os nomes das ruas, noto que é a mesma letra que escreveu ABERTO no coração de cartolina. Ele me entrega o mapa e eu o fito. É praticamente ilegível.

Na saída, ponho alguns dólares na caixa de correio dos dois. A única coisa que havia lá dentro era uma aranha marrom morta. Torno a olhar para o mapa e meu estômago dá uma espécie de volta. O Harold tinha posto um ponto de exclamação depois do endereço: Larson Court, 28!

Vou andando pela rua, seguindo as setas feitas por ele. Ao chegar ao final da Mercer, percebo que a curvinha engraçada que o Harold desenhara pretendia ser uma ponte, porque levanto os olhos do mapa e lá está ela. É só uma pontezinha sobre um riacho, mas ainda assim me faz hesitar. A água corre com força. Além disso, a ponte é toda de pedra. Não dá para ter certeza de que não desmoronaria quando a gente estivesse bem no meio.

Proteja-me, peço, sem me dirigir a ninguém em particular, e sigo adiante. Exatos trinta e sete passos para atravessá-la. Três e sete somavam dez, o que é um número de sorte, segundo as minhas regras. Mesmo assim, estou com os nervos em frangalhos quando chego ao outro lado.

De acordo com o mapa do Harold, eu não estou nada longe, mas paro um instante numa loja de ferragens, só para me aquecer. Há uma agência postal do lado de dentro e, com meu último dólar, compro um cartão-postal com uma fotografia de cavalos. Endereço-o a mamãe e papai, mas não sei o que escrever no espaço em branco.

— Ele vai dizer que é de Desmond? — pergunto à senhora do balcão, e ela responde:

— Vai, no carimbo do correio.

E assim, apenas o envio daquele jeito, sem mensagem alguma.

Vejo o número 28 do outro lado da rua. Pintado em vermelho na caixa do correio. Nas árvores, pombos que fazem barulhos como os de um cachorro quando sonha. Um pássaro gordo está parado na rua e, quando um carro se aproxima, nem se dá o trabalho de voar. Só sai rebolando para o outro lado o mais depressa que pôde. Não entendo por que não usa a porcaria das asas. Se eu fosse um pássaro, usaria as asas em todas as oportunidades que tivesse, mesmo que não estivesse indo muito longe.

Ao andar em direção à casa, desejo me tornar invisível. Ir ficando com o corpo cada vez mais branco, até desaparecer. E então eu atravessaria as paredes e iria direto ao quarto dele. Quem está aí?, ele perguntaria, e começaria a tremer.

É uma casa grande, meio marrom, nada de especial. Decididamente, uma nova demão de tinta lhe cairia bem. Por alguma razão, não bato. Só fico ali parada feito uma idiota. Quando enfim encosto o punho na porta, é ridículo, completamente sem forças. Não sei qual é o meu problema. Dou a mim mesma a ordem de bater. Passados alguns segundos, minha mão obedece. Bate uma, duas, três vezes, porém até mais alto do que eu havia pretendido. Quando ouço o trinco girar na porta, tenho medo de desmaiar.

— Pois não?

É uma mulher de cabelo comprido e sujo. Parece gorda, mas talvez seja apenas impressão por estar com uma porção de roupas. Meio que embrulhada feito uma trouxa. No mesmo instante, penso numa morsa.

— Quem está aí? — ela pergunta, olhando de um jeito engraçado não propriamente para mim, porém mais para o meu lado. Apesar de não haver

óculos escuros, percebo que ela é cega.

— Desculpe-me — digo. — Eu só... Acho que estou no endereço errado — completo.

— Helene? É você? — pergunta ela. De repente, seu rosto se ilumina e ela se torna outra pessoa.

— Não — respondo, mas a palavra trava na minha garganta.

— Você veio visitar Louis? — diz ela, e sua mão voa para o peito, como se a mulher tivesse acabado de ganhar na loteria.

— Desculpe — repito. Afasto-me da porta.

— Não se desculpe — rebate ela. — Ele vai ficar muito contente por vê-la.

Balança a cabeça e ri:

— Milagre dos milagres!

Eu recuo com passinhos miúdos pelo jardim, tentando não produzir nenhum som.

— Você está aí, benzinho? — pergunta ela, os braços gordos flutuando na soleira, como se ela os estendesse para mim. Foi nessa hora que eu soube onde estava. Na terra dos mortos. Com tudo de cabeça para baixo.

— Ele está lá nos fundos, você sabe onde — informa a morsa. — Helene? — chama.

Tento falar, mas não sai nada, só um barulhinho esquisito, pior do que Lucy Moon.

— Vá logo — diz ela. — Pode ser que ele esteja dormindo, portanto, bata com força. — Seu sorriso é trêmulo como uma vela. — Ele tem passado maus pedaços ultimamente.

*Fuja!* A palavra crava-se como uma facada no meu crânio. Mas o engraçado é que começo a contornar a casa em direção aos fundos.

— Isso mesmo, menina — incentiva a morsa. Acho que ouve meus passos sobre as folhas mortas.

Vou andando devagar e ela me observa, do jeito que os cegos nos observam. Com seus tentáculos invisíveis, seus sentidos secretos.

— Está frio aqui fora — comenta, saindo da casa. Fica parada na varanda, com a porta da frente escancarada. Do interior de suas dobras de



morsa tira um maço de cigarros. Levanta os olhos para as árvores em que estão os pombos. Risca um fósforo e o aproximou do rosto.

— Sentimos sua falta — diz, soprando fumaça pela boca. Eu não sei dizer se falava comigo ou com os pombos. Será que minha voz se parecia tanto assim com a da Helene?, penso.

À medida que contorno a casa, a paisagem ganha cada vez mais um aspecto de matagal. Faz muito tempo que ninguém corta a grama, que está alta e queimada. Plantas estranhas e espinhosas pipocaram por toda parte. E também há arbustos e árvores grandes demais. Alguns chacoalham feito cobras à minha passagem. Por trás da bagunça da vegetação há algo branco. Atravesso um trecho enorme de ervilheiras ossudas e é nessa hora que vejo o casebre. Um barraco escondido atrás de tudo.

Então encontro a trilha. Não uma trilha de verdade, apenas um lugar onde alguém tinha pisoteado a grama e as ervas daninhas para lá e para cá. Quanto mais perto vou chegando, menos me agrada a aparência daquilo. Por trás da casinha não há nada além de montanhas e pedras. Não é um lugar seguro para uma menina. Um forte na floresta não era nada, comparado àquilo. Mamãe ficaria furiosa se soubesse. Eu podia ouvir sua voz na minha cabeça: *Por que você não fica em casa? Fique no quintal. Brinque no seu quarto.* Agora que era tarde demais, percebi que aquilo não era um castigo. Ela só estava tentando me proteger.

O casebre é cercado de rosas, que não entendi como podiam estar florescendo. Nessa época do ano, seria de se supor que morressem. Rosas cor-de-rosa e brancas, e de um vermelho vivo. Roseirais enormes, terríveis, crescendo em completo descontrole. Dou mais um passo à frente e, súbito, por trás de mim, alguém me arranca o chapéu da cabeça. Solto um grito. Viro-me, já batendo com os punhos fechados, mas era só um galho idiota de árvore que tinha me prendido. Meu chapéu estava pendurado no ar. Pego-o de volta e o recoloco na cabeça. Por pouco não começo a chorar. Mordo o lábio para ficar quieta, mas exagero na força e sinto gosto de sangue.

Quando torno a me virar para a casa, há um homem parado na soleira. Descalço e com a camisa toda aberta. Noto uns pelinhos no seu peito. O

pior foi que só consegui ver uma das mãos.

— Quem é você? — pergunta o homem.

— Ninguém.

— Por que está gritando? Hein? O que faz aqui?

Há algo desagradável nele, algo nervoso. Procuro não vomitar na grama morta.

— Isto aqui é propriedade privada.

— Eu só...

— O que você quer?

Respiro fundo. Ainda sinto o gosto de sangue na boca.

— O seu filho está? — pergunto, apesar de ele não parecer velho o bastante para ter um filho da idade da Helene. Mas eu sei que o homem à minha frente não é Louis. Porque não era só a mão que estava faltando. Toda a manga esquerda tinha uma aparência meio vazia, simplesmente pendurada.

— Quem é que você veio procurar?

Fecho os punhos e os aperto contra as pernas.

— Louis — respondo.

— Não estou ouvindo — diz o homem. Fecha a camisa e me olha de maneira dura, mas não recuo.

— Sou irmã da Helene.

Ele dá um passo atrás. É um daqueles milhões de anos que acontecem num segundo. Nós dois vivemos e morremos mil vezes.

— Onde ela está? — pergunta. — Onde ela está? — repete, e dessa vez, quando o diz, percebo que treme de frio.

— Onde você acha que ela está? — pergunto.

*Por favor, por favor diga a resposta certa, é o que me vem à cabeça.*

— Não sei. Não tenho a menor ideia, porra.

Dessa vez, é ele quem fica com passarinhos na voz. Toda a rispidez se esvai de seu rosto. Ele afasta o cabelo dos olhos.

— Por que ela não...? — pisca os olhos, como se acabasse de acordar. Esfrega-os. Ele está visivelmente confuso. — Passei a noite toda esperando — diz. — Porra.

Mas a verdadeira pergunta é: quem ele havia esperado? Os vivos ou os mortos?

O homem começa a abotoar a camisa. Não sei como consegue, só com uma das mãos. É como um truque de mágica. Ele fica olhando para além de mim, como se tivesse medo de haver alguém nos observando.

— Você está sozinha? — pergunta.

Como acontecem as coisas? Como acontece a vida da gente? Na maior parte do tempo, ela anda muito devagar e, vez por outra, chega até a andar para trás. Mas aí, um belo dia, você é atirado no futuro e se descobre lá, bem no meio dele. Devia ser feito água, o futuro, mas parece lama, na verdade. A pessoa como que afunda nele.

Louis está me fazendo uma xícara de chocolate quente, apesar de eu ter dito que não estava com frio. Atrapalha-se com as xícaras e colheres e seu corpo está pior que o meu, sacode-se todo. Enquanto espera a água ferver, vira as costas para mim. Tira disfarçadamente uns comprimidos de um frasco de remédio e os engole com uma lata de Coca-Cola.

— Só vai levar um minuto — informa.

Agora está tentando ser meu amiguinho, como se minha presença ali fosse a coisa mais natural do mundo.

A casa é surpreendentemente limpa. Há muitas coisas, mas tudo está em pilhas bem-arrumadas: CDs, roupas dobradas e jornais. Brochuras empilhadas na mesa como sanduíches de desenho animado, da altura de arranha-céus. A única coisa errada é a cama. As cobertas estão jogadas por toda parte, como se alguma coisa tivesse acontecido. Um pesadelo, uma noite de sexo ou algum tipo de luta. Os lençóis estão tão retorcidos que parecem cordas.

Antes de entrarmos, ele disparou um milhão de perguntas. Não entendi metade delas, por isso apenas fiquei de boca fechada. Além disso, por alguma razão, não estava mesmo muito disposta para conversas. Louis ficou olhando ao redor o tempo todo, como se temesse que alguém

estivesse escondido nas moitas. É engraçado, eu tinha certa esperança de que houvesse alguém. Qualquer pessoa. Alguém que o contivesse, se ele se aproximasse demais. Quando finalmente entrei, foi só por ele ter me convidado dez vezes. E eu estava com frio, para ser sincera. Meus pés estavam tão dormentes que pareciam ter ido ao dentista.

— Sente-se — oferece ele, mas não me sento. Apenas paro junto à porta. Não há parede entre o ponto em que estou e a cozinha, por isso eu posso ver todos os seus movimentos. Penso em pousar a mochila, mas não quero ficar à vontade.

Sou capaz de reconhecer um sorriso falso, e o de Louis já estava fazendo hora extra. Ele continua a falar comigo como se eu tivesse uns cinco anos. *Gostei do seu chapéu. É legal. Quer que eu ligue o aquecimento? Tudo bem com você? Os seus pais sabem que você está aqui?* É chato quando as pessoas falam desse jeito, mas, por outro lado, ele tinha uma voz agradável. Grave e algo ribombante, mas também meio baixa. Como um trovão ao longe.

Fazer chocolate quente com um braço só demora muito. Apesar de ele estar usando um pacote de mistura pronta, ainda é uma trabalhadeira. Em alguns momentos, ele tem de usar os dentes ou o queixo. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. E por que ele ainda está nervoso? Eu havia deixado perfeitamente claro que tinha ido sozinha. Por que ele teria medo de uma criança? Derrama a água quente na xícara tão devagar que parece estar conduzindo um experimento. Quando vejo como é cuidadoso, me sinto um pouco menos tensa. Na verdade, consigo respirar fundo.

— Ela me mostrou as suas cartas — afirmo.

Louis continua concentrado em seu experimento e não me responde.

— Ela me conta tudo — insisto.

Tão logo faço essa afirmação, me sinto uma idiota. Nem consigo lembrar por que estou ali. De repente, eu não quero saber mais nada sobre a minha irmã. Já tinha histórias suficientes na cabeça.

Mas o engraçado é que eu não consigo parar de falar. Quando a pessoa se sente uma idiota, espera-se que cale a boca, mas às vezes eu faço o contrário.

— Eu sei tudo sobre você — afirmo.

Louis vira-se, com a xícara na mão, e me olha de frente. Abandona o sorriso. Surge algo novo em seus olhos. Algo mais incisivo. Eles são verdes e, como os da Anna, não são humanos. Fitando-os, a gente quase se esquece de que Louis não é perfeito. Quando a gente o olha nos olhos, seu outro braço torna a crescer.

Eu não sei se estamos nos apaixonando ou nos preparando para a guerra.

— Ela mandou você aqui? — pergunta Louis.

Dou um sorriso, mas tenho a sensação de que saiu meio torto.

— Ela nem sequer me contou que tinha uma irmã.

Quando ele diz isso, sinto meu rosto enrubescer. Meus joelhos quase se dobram. Mas, antes que eu possa me defender, ele recomeça a falar. As palavras saem tão depressa que mal consigo acompanhá-las. Só sei que alguma coisa não está certa no seu jeito de falar comigo. Ele praticamente grita. E uma palavra sim, outra não, é Helene. Diga a Helene isto, diga-lhe aquilo, ele dá ordens. Quem ele estava pensando que eu era: secretária dela?

— Eu sei que ela está zangada — diz.

Quando me entrega a xícara de chocolate, deixa respingar um pouco no tapete. Corre para buscar um pano de prato e, quando eu menos espero, está ajoelhado bem na minha frente. A mão esfrega, e a outra manga, toda molenga, apenas encosta no chão.

Como é que aquele podia ser Louis?, penso. E não só por causa do braço. Ele é muito velho. Tem pelo menos vinte e cinco anos, talvez mais. Pode ter trinta. Já tem rugas no rosto. Torço para que se levante do chão. Por que todo adulto tem que virar um bicho?

É nessa hora que ela me ocorreu, a história perfeita. Quase caio no chão, de tão horrorizada. Louis é o namorado e o assassino. Ele a havia empurrado e se jogara atrás dela. Tinha pulado. Só que não havia morrido. Apenas perdera parte do corpo nas rodas. Sinto um bolo no estômago ao olhar para a prova, bem diante de mim. Quando ele se levanta com o pano

sujo de achocolatado na mão, nem posso encará-lo. Recuo, mas não há para onde ir. Ele dá um passo e fico com medo de que me bata.

— Eu vou cuidar de tudo — afirma. — É só dizer a ela para me telefonar.

Torna a fazer sua cara de amiguinho, só que a estraga por trincar os dentes. Percebo que está tentando se acalmar e montar a encenação certa para mim. Mas o que há dentro dele é grande demais, impossível de controlar. Ele atira o trapo molhado no outro lado da sala, onde o pano bateu contra a parede.

— Puxa, por que ela me ignora? Um ano, faz a porra de um ano que eu estou esperando!

É como ouvir minha própria fala. Como me olhar no espelho. As mesmas mentiras estúpidas. Só que Louis não está mentindo. É pavoroso. Ele realmente não sabe que Helene morreu. Isso o transforma num monstro, pior do que se a *tivesse* matado. É como se ele fosse uma criança e um monstro ao mesmo tempo. Terrível, burro e cheio de esperanças. Tive vontade de matá-lo. Tive vontade de empurrá-lo para dentro do chão, para que ele calasse a boca.

— Eu amo a Helene — anuncia. *Eu amo a Helene.*

E então eu ajo. Dou-lhe um murro no estômago, com toda a minha força. Mas não funciona. É como se eu apenas caísse em cima dele.

— Você não sabe? — grito. — Não sabe?

— O quê? — ele pergunta. E então seus olhos enlouquecem.

Por um segundo, Louis não consegue falar.

— Ela se livrou dele? *Foi isso?* — indaga. — Puta que pariu! — exclama. — Eu disse para ela só conversar com aqueles caras. Não disse para ela...

Antes que eu possa perguntar do que estava falando, Louis aproxima-se da cama com passos pesados e agarra os lençóis com sua única mão. Vejo os músculos se retesarem por debaixo da camisa. Ele arrasta os lençóis pelo chão.

— Ela o matou? — pergunta, olhando para mim com todas as partes do seu corpo.

De repente, sinto muito calor. Como se o cômodo estivesse pegando fogo, a mil graus de temperatura. Eu não quero desmaiar, e por isso deixo meu casaco cair no chão. Louis fixa os olhos em mim como se eu estivesse nua.

— Que diabo é isso? — pergunta. — Por que você está usando essa roupa?

O vestido amarelo. O que eu tinha usado no dia H.S.S.H. Eu me esqueci de que o vestira de novo nessa manhã.

— Isso é alguma espécie de brincadeira? — indaga Louis. — Eu dei esse vestido a ela. Que porra é essa que está acontecendo? — fala, jogando o monte de lençóis no chão, e corre para a porta.

— Helene! — grita para o quintal, chamando-a pelo nome, e depois corre para o lado de fora, descalço. — *Helene!*

Um pai ou mãe aborrecidos, procurando uma criança travessa. É o que isso parece.

Fico parada na soleira, observando-o. Não há nada que eu possa fazer. Eu sei que entrei num outro mundo. Obscenidades, mentiras e lençóis retorcidos. É nesse mundo que vivem os adultos, e sinto um medo súbito de ter que ficar ali para sempre. Tenho medo de que não me deixem voltar para o outro lugar. *Um bebê, ah, meu deus, um bebê!*

— Onde você está? — grita Louis.

Vou atrás dele lá fora, no jardim horroroso. Passo pelas rosas malucas e pelas ervas daninhas. É pior que um terrorista, um morto escondido entre os arbustos. Vejo a mulher cega na janela do casarão. Uma reprodução da minha mãe.

Louis e eu nos embrenhamos mais e mais no jardim, mas, na verdade, apenas andamos em círculos. Penso em detê-lo, mas não o faço. Se uma pessoa pensa que seu amor está vivo, escondido atrás de uma árvore, é um crime dizer-lhe outra coisa. Eu não digo uma palavra. Faço por ele o que ninguém fez por mim. Deixo-o acreditar. E talvez esse seja o truque perfeito para trazê-la de volta. Talvez a magia do amado seja mais forte que a de uma irmã ou uma mãe. É minha última chance e por isso apenas fico parada. Deixo que Louis a chame e espero acontecer. Espero que minha



irmã saia dos arbustos e caminhe direto para nós, com uma maçã ou uma nota de um dólar na mão. Mesmo sabendo que ela nunca o fará. Não sou imbecil.

Um bebê. Dentro dela. Um dia, não fazia muito tempo, quando Helene se aprontava para sair com um garoto, eu lhe dissera que ela estava parecendo uma prostituta. Mas não era verdade. Ela estava linda. É só que eu estava com ódio dela, por algum motivo. Às vezes a gente ama tanto uma pessoa que acaba se voltando contra ela. Sei que não faz o menor sentido, mas é verdade.

Não consigo mais olhar para Louis e volto para dentro da casa. Foi naquela cama que aconteceu. Apanho os lençóis no chão. Estão frios. Levo-os para a cama. Quando me viro, Louis está parado na porta. Tem os olhos rasos d'água.

— Ela se livrou dele, sim. Tinha de se livrar — afirmo.

O que mais eu poderia lhe dizer? Se eu deixasse o bebê vivo, Louis teria que ser o pai. Ia querer procurar Helene e ajudá-la a criar a criancinha. O que seria impossível, de umas cem maneiras diferentes.

— O bebê se foi — informo.

Louis fecha os olhos e um sopro sai de sua boca. De repente, todo o seu rosto se desfaz. Ele geme, mas o gemido se transforma em outra coisa. É um som familiar, e eu me pergunto onde o ouvira antes. E então me lembro. "Uivos de dor quando a cidade enterra as crianças." É estranho, eu sempre quis ouvir esses uivos, só nunca havia imaginado que eles sairiam da boca de um estranho.

Eu o vejo se desmanchar e me pergunto: por que não é mamãe que está ali, chorando desse jeito?

Aproximo-me e toco sua mão. É incrível eu mesma não começar a chorar. Mas é como se Louis o fizesse por mim. Fico um pouco trêmula e, quando me sento na cama, penso com meus botões: para quem é pior, para mamãe, para mim ou para Louis? Quem perdeu mais e quem saiu ganhando? Isso porque, em matéria de morte, o maior perdedor é o campeão, o que leva a coroa de espinhos e as gotas de sangue escorrendo pela face.

— Você tem que esquecê-la — digo.

Louis chega um pouquinho mais perto da cama.

— Por que ela tem me ignorado? — pergunta, a saliva a lhe voar da boca.

— Ela funciona assim. Ignora as pessoas. Num minuto ela ama você, no outro, não lhe dá a mínima — explico. E Helene realmente era assim. Dava um beijo de boa-noite em alguém, mas, na manhã seguinte, agia como se a pessoa fosse uma estranha. Uma vez, eu estava sentada com ela no café da manhã e ela disse: "Eu não vivo aqui, sabe, nenhum de nós vive aqui." Até aquele momento, estivéramos apenas comendo nosso cereal e tudo parecera perfeito, as duas vestidas para a escola e cheirando a sabonete. Quando ela se levantou da mesa, nem me disse até logo.

— Você não foi o único namorado dela — declaro, embora, considerando como tudo havia terminado, ele provavelmente tivesse sido o que Helene mais havia amado e mais havia odiado.

Louis me olha e eu me pergunto se ele seria capaz de enxergar a verdade. Será que tem visão de raio X? Será que consegue enxergar os ossos e as penas dentro da minha barriga?

Mas ele não consegue. É completamente cego, igualzinho à mãe. Só que está cego de amor. Quando alguém está apaixonado, não fica muito surpreso ao perder tudo de repente. Está sempre um pouco à espera disso. E depois, Louis tem que acreditar em qualquer coisa que eu lhe diga. Não pode revidar, porque a verdade é que o que andara fazendo com Helene é ilegal. Ele não poderia ir buscá-la lá em casa, mesmo que ela ainda existisse. Por outro lado, uma pessoa como ele talvez fosse capaz de tudo. Percebia-se que era meio doido. Sei reconhecer malucos, por ter convivido com eles. Uma porção de gente tem ideias engraçadas. Inclusive homens adultos que se apaixonam por meninas de dezesseis anos. Definitivamente, homens como esses vivem numa espécie de mundo da fantasia. Ficam meio fora da realidade, pensando bem.

Eu preciso fazer Louis esquecer Helene. É o único jeito de detê-lo.

— Ela vai se casar — revelo.

— O quê? — diz Louis. — Isso é...

Balança a cabeça. No começo, penso que não acreditava em mim, mas vejo seus olhos se embotarem.

— Como? Com quem? — pergunta.

— Com um vizinho da casa ao lado — respondo. É a primeira coisa que me vem à cabeça. — Um garoto que ela conhece há muito tempo. Colega de escola.

Súbito, o rosto de Louis crisa-se como um punho. Ele parece prestes a destroçar alguma coisa com o crânio. Quando dá um passo em direção à cama, quase solto um grito. Mas ele apenas se senta a meu lado. Cobre o rosto com a única mão que tem. O som que produz é miúdo, como um pássaro fazendo um ninho. Se está chorando de novo, é apenas consigo mesmo. Isso quase me dá vontade de buscar outro comprimido para ele, mas fico com medo de me mexer.

É mesmo um som parecido com quebrar gravetinhos na boca. Bem desagradável. Sinto um nó na garganta e pergunto a mim mesma se aquilo é uma maldade. Dizer a ele que Helene está apaixonada por outra pessoa. Mas, pensando bem, não é maldade alguma. Pelo menos, para Louis ela não estaria morta. Mesmo que ele nunca mais a visse, não teria de pensar nela num caixão embaixo da terra, sem sequer saber que sapatos ela estava calçando lá embaixo. Ele nunca teria de saber a verdade. Todo ano fazem um programa de televisão no aniversário das torres gêmeas, mas não haverá nada disso para Helene. Mamãe e papai conseguiram até mesmo manter o nome dela fora dos jornais quando aquilo aconteceu. Por isso, não existe história da morte de Helene, a não ser para nós. À outra história, da Helene viva, Louis poderia dar continuidade agora. Seria tarefa dele mantê-la intacta. E era provável que ele se saísse melhor do que eu, porque não ficaria confuso toda vez que visse um trem. Talvez pensar em trens fosse triste para ele, porque era assim que Helene costumava visitá-lo, mas pelo menos não seria insuportável.

— Ela me pediu para vir lhe contar — digo. — Não podia mesmo encará-lo.

Louis me olha, e não vou mentir para você: é lindo. Baixo os olhos para seus pés descalços. Ele e Helene realmente teriam formado o par perfeito,

mesmo havendo leis contra aquela união. Eu podia imaginar os olhos verdes contemplando o cabelo ruivo, e os dois descalços pela casinha. Helene vivia andando descalça, até do lado de fora, por mais que mamãe a alertasse sobre farpas, infecções cutâneas, micoses e cacos de vidro. E aposto que os dois passavam um tempão naquela cama, seminus, tentando compor a música triste perfeita que os fazia tocar no rádio. Via-se que Louis era muito parecido com ela, uma dessas pessoas destrambelhadas que ficam famosas ou então acabam morando na garagem de alguém. Detesto dizer isso, mas o provável é que Helene nunca se tornasse cantora, não de verdade. Quem é que vai contratar uma pessoa se ela não consegue ficar de olhos abertos quando apresenta o seu número? Mas é provável que tenha sido exatamente esse tipo de coisa que fazia os meninos se apaixonarem por ela. Eu não me surpreenderia se Louis pensasse nela toda vez que se enfiava embaixo das cobertas. Ele está tão perto de mim que chego a sentir o calor do seu corpo. Penso em tocar outra vez sua mão, só que o braço que está do meu lado é o que não existe. Tenho vontade de lhe fazer perguntas sobre o braço, de perguntar como aquilo havia acontecido. Passamos um longo tempo sentados ali. Um carrilhão se intromete no silêncio e faz dele uma bomba.

Pergunto a mim mesma se Louis estaria aliviado. Por ela haver finalmente acabado, a espera. Aposto que não devia ser fácil ficar apaixonado por Helene. Devia ser uma trabalhadeira apaixonar-se por uma criança, e a verdade é que isso é o que ela ainda era. Dezesesseis anos não têm nada de muito grande, pensando bem. E foram me parecendo cada vez menores, enquanto eu permanecia sentada ali ao lado de Louis. Mas o engraçado é que ela o teria alcançado, mais cedo ou mais tarde. É o que as crianças sempre fazem.

Sinto que ele continua a olhar para mim, mas mantenho a concentração em seus pés. Tento adivinhar o que os vigias pensariam dessa cena. Seria isso o que queriam: Mathilda e Louis sentados juntos numa cama, tão perto que praticamente se tocavam? Ou será que me querem numa história diferente, com alguém da minha idade?

— Você se parece um pouco com ela — declara Louis.

— Com quem? — pergunto, apesar de saber de quem ele está falando.  
— Não sou nada parecida com ela — rebato. Tiro o chapéu e lhe mostro meu cabelo horroroso. — Ainda pareço com ela? — pergunto. Não sei por que a pergunta sai num tom zangado.

— Eu saberia que você é irmã dela.

Provavelmente, foi a coisa mais triste que alguém já me disse. Depois que Louis fala, nem me sinto mais dentro do casebre. Sinto-me no espaço sideral, onde chove loucamente. De um milhão de quilômetros de distância, Louis toca meu rosto, mas as lágrimas continuam a brotar. Quando dou por mim, estamos abraçados. Eu o abraço como nunca abracei ninguém, nem mesmo minha mãe. Abraço-o como se tivesse garras. Depois de algum tempo, as lágrimas vão para o subsolo, entram numa caverna. Louis me dá um tapinha no ombro e apenas ficamos sentados ali, na lama. Toco por acaso na manga vazia.

— Você nasceu assim? — pergunto.

Ele ri. Não é realmente uma risada, foi outra coisa.

— Não — responde.

— O que aconteceu?

Ele apenas balança a cabeça.

— Não tem importância.

E não tem. Ele está certo. Não tem a menor importância. Deito minha cabeça em seu travesseiro.

— Você devia ir embora — diz Louis. Mas percebo que não fala sério.

Praticamente nenhuma pessoa no trem. O vagão é quase todo meu. Alguns homens de casacão preto, mas que não me incomodam. Eu vou rabiscando coisas ocorridas, coisas ditas. Mas agora são apenas palavras, não podem magoar ninguém. Pelo menos, não *mortalmente*. Ouvi dizer que as palavras podem matar, mas não é verdade. Não se pode matar algo que já está morto. Como o passado. Não se pode desacontecer o que aconteceu. Só temos de viver com isso, quer se trate de uma coisa que fizemos, quer seja algo que fizeram conosco.

A pena é mais poderosa que a espada, eis outra expressão famosa. Já ouviu essa? Que tremenda besteirada! As palavras têm lá seu lugar, mas não suplantam a espada, isso é certo. A espada nos pega, de um jeito ou de outro. Às vezes, a sensação é que tudo que a idiota da pena faz é *correr* da espada, tentar ficar um passo à frente dela.

Quando acordei no casebre, continuava na cama de Louis. Ele estava sentado no outro lado do cômodo, perto da mesa. Havia alguma coisa diferente, e então notei que a manga vazia estava presa por um alfinete. Ele havia dobrado cuidadosamente o tecido solto e o prendera no ombro, para que não ficasse pendurado. Achei que tinha sido uma delicadeza, mas o problema era que, com a manga daquele jeito, via-se que não era o braço inteiro que faltava. Ainda havia sobrado um bom pedaço perto do ombro. Olhei para meu próprio corpo, mas continuava tudo lá. Eu ainda estava vestida. Nem meus sapatos tinham sido tirados.

Perguntei a Louis por quanto tempo eu havia dormido e ele disse que não muito. Estava com uma caixa de sapatos aberta à sua frente. Sentei-

me, mas não sabia exatamente como iria embora. Não podia simplesmente sair pela porta e deixá-lo. Eu já lhe tirara minha irmã e a casara com o garoto da casa ao lado. Senti que precisava lhe dar alguma coisa. Além disso, ele tinha se arrumado todo, com a manga presa daquele jeito. Havia até penteado o cabelo. Não achei correto simplesmente sair correndo. Não que eu quisesse morar ali nem nada, mas sabia que já estaria escurecendo quando eu chegasse à estação, e não há nada pior do que esperar um trem quando é quase noite, principalmente quando faz frio do lado de fora. E aí chega o trem com aqueles fachos de luz acesos e, mesmo possuindo um bilhete para um determinado lugar, você nunca tem mesmo certeza de para onde o estão levando. Li tudo sobre isso nos meus livros de história. As coisas escusas que acontecem nos trens à noite.

— Acho melhor eu ir andando — disse, com um sorrisinho.

Creio que estava flertando um pouco, mas não foi fingimento. Pela primeira vez, senti-me completamente natural. Louis não disse nada e, sendo assim, não tive escolha. Andei em direção à porta. Meu casaco ainda estava no chão e eu o apanhei. A mão de Louis se mexia preguiçosamente dentro da caixa de sapatos, de um lado para o outro, como se ela estivesse cheia de areia. Ou como se ele afagasse alguma coisa, talvez um animal de estimação. Mas vi que eram fotografias.

Eu estava abotoando o casaco quando Louis me perguntou, de repente:

— Por que você veio aqui?

A essa altura, eu estava bem segura da minha história, de modo que só fiz me ater à resposta antiga:

— Ela queria que você soubesse.

Louis me lançou um olhar engraçado, como se não acreditasse muito.

— Por que você estava chorando, agora há pouco? — perguntou.

Fiquei sem saber o que dizer.

— Não aconteceu nada com ela, aconteceu? — disse ele.

Mal ele falou, minhas mãos começaram a tremer. Baixei os olhos e notei que estava abotoando todos os botões nas casas erradas.

— Como assim? — indaguei.

— Durante a operação — veio a resposta.

— Não, ela está legal. Só precisou descansar, depois — informei.

Os botões idiotas não ajudavam e eu estava fazendo uma zona com a minha roupa.

Louis continuou a me olhar, e por isso acrescentei que ela se sentia muito mal com aquilo tudo, de verdade. Respirei fundo e resolvi que era legal ser secretária da Helene. Sabia exatamente o que ela queria que eu dissesse:

— Ela sente muito mesmo.

Os olhos de Louis estavam mais verdes que antes. Normalmente, a gente não pensa no choro como um segredo de beleza, mas acho que às vezes ele é. Tinha como que aperfeiçoado a cor dos olhos de Louis. Isso era ligeiramente medonho. Se aqueles não eram os olhos de Jesus, eram os olhos do Diabo. Louis me olhava como se estivéssemos no fim do mundo. O Louis de um braço só, olhos verdes e músculos de nadador. Quem era ele, de fato? Não era minha mãe e não era meu pai. Não era Anna nem Kevin nem ninguém que eu conhecesse. Era um estranho. O que significava que estava vazio. Como um bebê. E eu queria enchê-lo de coisas.

Não queria que Helene morresse de novo.

— Ela passou uma fase muito boa com você. Por que não pode apenas ficar feliz por ela?

É uma idiotice para se dizer. Não funciona. Louis dá sua risada que não é uma risada de verdade. Chego dois passos mais perto e vejo as fotografias um pouco melhor. São todas coloridas, e cada uma de uma garota diferente. Sorrindo, mandando beijinhos ou apenas olhando para o espaço. Todo tipo de poses. Pergunto quem são e Louis me empurra a caixa por cima da mesa. Meu coração pula direto para minha garganta. Não são garotas diferentes. Todas são Helene. Em seus muitos estados de espírito. As fotos estão misturadas, parecem um aquário mágico de rostos. Penso em Rose, Violet e Daisy, todas cobertas de poeira no porão.

Eu sabia que era errado um homem ter uma caixa de fotografias de uma garota de dezesseis anos que ainda frequentava a escola. Parte de mim



ficou assustada, mas outra parte se manteve estranhamente calma. Vi um dos rostos sorrindo para mim. Vi que Helene tinha sido feliz ali.

E então uma espécie de nuvem passou por Louis. Ideias secretas moveram-se dentro dele. Seus lábios resmungaram durante alguns segundos, antes que saísse alguma palavra de verdade.

— Eu fiquei confuso — diz.

Não lhe pergunto com o quê.

— Eu teria mudado de ideia. Se ela me desse ao menos meia chance. Ela nem sequer... quer dizer, nós poderíamos, ela poderia...

Eu sabia que ele estava falando do bebê e percebi que estava com raiva. Não era um assunto que eu quisesse realmente discutir, por isso apenas balancei a cabeça. A ideia de um bebê dentro de uma pessoa morta é pior do que pensar na alma dela. Mamãe teria matado Helene. Mamãe a teria assassinado. Mamãe jamais quisera filhos. Não no começo, pelo menos. Tivera Helene quando era nova demais e nos dizia isso na cara, se a gente perguntava. Esperem, esse era sempre o seu conselho de mestre. Esperem até ficarem mais velhas. Não estraguem sua vida, eis a mensagem secreta. Tenho sempre uma sensação meio esquisita quando penso que talvez mamãe tivesse desejado outra coisa. Helene nunca poderia ter-lhe contado a verdade. Mamãe esperava que a filha fizesse todas as coisas geniais que ela própria nunca tinha feito. As aulas de canto, o piano, as aulas de arte no museu, mamãe é que havia incentivado isso tudo. Depositava todas as suas esperanças e sonhos em Helene. É claro que sim, quem mais existia?

E assim, ao empurrar minha irmã, eu havia empurrado a mamãe também. Matei as duas. Quase caí no chão ao pensar nisso.

*Por que não faz isso? Por que simplesmente não se mata?* Na minha cabeça, ouvi-me proferindo as mesmas palavras outra vez. Mas me diga, me diga, como é que eu ia saber que Helene não estava mentindo quando disse que queria se matar? Como é que uma coisa dessas podia ser verdade? A questão é que existem pessoas fracas e pessoas fortes no mundo e, se há pelo menos uma regra que tem validade, é que a pessoa deve proteger o que é mais fraco do que ela, quer se trate de animais, quer se trate de seres humanos. É preciso zelar por eles, haja o que houver. Não

vem ao caso se você os inveja ou se gostaria que eles lhe dessem mais amor. Esse foi meu grande erro e, se você quiser desenhar um E gigantesco na minha blusa, vá em frente, eu lhe dou a caneta.

Quando Louis levantou a cabeça com aqueles seus olhos terríveis, tive medo de que me reconhecesse. De que soubesse a verdade. Era eu quem tinha dado o empurrão. No fim do mundo, é essa que eu serei. O homem que fugiu. O coração de uma pessoa é um negócio nojento. Quase não se consegue olhar para ele.

— Desculpe-me. Eu não devia ter vindo — falo. Estou de novo com a respiração toda desencontrada.

Louis coça seu cotoco de braço e, em seguida, afasta a mão depressa, constrangido. Tudo é vergonha. Mas, por alguma razão, não conseguimos parar de olhar um para o outro.

— Como foi que aconteceu? — pergunto.

Não me refiro ao braço, mas é disso que ele acha que eu estou falando. Torna a tocá-lo. E dessa vez não o solta.

— No Exército.

O que não faz o menor sentido. Helene odiava a guerra. Estava sempre do lado da Petronella Peacock. Nunca se apaixonaria por um soldado. De repente, Louis volta a ser perigoso. Chamo-o de mentiroso. Digo-lhe que Helene era contra a guerra, tinha horror a ela. Achava o Exército a pior coisa do mundo. Com seu jeito de pegar garotos inocentes e transformá-los em criminosos. Em assassinos, ela dizia. Animais!

— Calma! Por que você está gritando? — ouço-o dizer. — Eu a conheci numa passeata. Em Corinth.

Que é a cidade onde mamãe e papai lecionam, é onde fica a faculdade deles.

— Em Corinth eles só fazem passeatas *contra* a guerra! — grito, e Louis berra de volta:

— *E o que é que você está pensando, porra? Eu tenho cara de quem voltou para casa dando vivas à guerra?* — e aponta o coto de braço na minha direção.

Ai, meu deus, penso, por que nada faz sentido? O casebre dá a impressão de estar voando. E até onde eu saiba, podia ter sido apanhado por um tufão. Podia ser a casa arrancada do Kansas em preto e branco. E eu só queria aterrissar. Queria estar no chão.

— Desculpe — peço.

Não quero Louis gritando comigo. Se Helene se apaixonou por ele, eu também poderia me apaixonar. Faço o gesto da Anna, empurrando o cabelo para trás da orelha, embora não tenha muito com que trabalhar. Olho bem dentro dos olhos de Louis. Seguro sua mão.

— Está bem — sussurro.

No princípio, eu não sabia o que estava dizendo. Não conseguia realmente raciocinar direito. Parecia que alguém arrebentara uma colmeia dentro da minha cabeça.

Aperto mais forte a mão dele e penso que talvez devesse deixá-lo possuir-me. Ali mesmo, no chão. Deixar que ele pusesse um filho dentro de mim. Talvez fosse essa a razão de eu estar ali. Talvez fosse esse o plano grandioso dos vigias.

— Está bem — murmuro de novo e, apesar de estar toda trêmula, chego mais perto dele.

Louis me olha como se eu fosse uma água-viva grudada na sua perna. Afasta-se. Não está minimamente interessado. Sinto meu rosto ficar vermelho. Baixo os olhos e vejo a caixa de fotografias. Fico pensando se haveria fotos de Helene nua enterradas no fundo.

— Eu poderia mandar prendê-lo.

Ele não diz nada. Sabe que eu poderia.

Mas, para falar a verdade, eu estava mesmo torcendo para que *houvesse* fotos de Helene nua no fundo da caixa de sapatos. Quem sabe, talvez ela fosse lá nos dias em que estava triste e talvez ele a deixasse alegre. Ouvi dizer que existe um momento, durante o sexo, que faz a pessoa gritar. No final. Ela explode e, segundo consta, essa é uma sensação que leva o sujeito direto ao paraíso. Só que não é preciso abandonar o corpo para chegar lá. A pessoa vai para o céu com o corpo ainda preso, mas só por uns

segundos. Eu me pergunto se ela teria vislumbres de gente morta ao transar. Vou ficar de olhos abertos quando chegar a hora. Juro que vou.

Quem sabe, um dia, alguém tire fotografias de mim nua e as guarde numa caixa de sapatos. Não agora, porém mais tarde, quando eu for bonita. Se é que algum dia vou chegar lá. Por um lado, isso é nojento, mas, visto de outra maneira, é uma espécie de gesto gentil.

— Você vai queimá-las? — pergunto.

— Queimar o quê? — retruca Louis.

— Nada.

Eu sabia que ele não as queimaria. O provável é que as guardasse para sempre. As pessoas vivem fazendo isso, guardando coisas em caixas de sapatos, quase sempre para provar a maravilha que foi a vida delas, um dia. Quando era moço, papai foi a Stonehenge, e ainda tem um pedacinho de lasca de pedra que encontrou no chão. E, embora nunca os use, sei que mamãe ficou com aqueles brincos da Helene que têm pedras cor de alga marinha. Ela os guarda em sua caixa de joias, numa gaveta só para eles.

Viro-me ao chegar à porta. Não sei o que dizer, como concluir as coisas. Pergunto se lhe dariam um postiço.

— Um o que postiço? — questiona ele.

— Um braço postiço.

— Não quero braço nenhum.

— Eu quereria, se fosse você. É provável que eles o deem de graça.

E então se faz silêncio.

E aí ele fala:

— Diga para ela não me escrever mais.

E seu rosto fica cheio de um orgulho imbecil.

Assinto com a cabeça.

E então eu digo adeus e ele diz adeus, e acabou-se. Abri a porta e não olhei para trás. Eu sabia que provavelmente nunca mais voltaria a vê-lo e fiquei um pouco triste com isso, para falar a verdade.

Do lado de fora, passo pelos arbustos e vejo a senhora cega ainda na janela. Talvez fosse o seu lugar favorito. De frente para o casebre onde o filho morava. Talvez ela nem soubesse que ele perdera o braço. Saberá, se

o abraçasse, mas podia ser que ele não a deixasse fazê-lo. Podia ser que achasse melhor deixá-la no escuro.

Tudo está escuro e eu posso me ver na janela do trem. Vejo meu rosto, redondo e frio como a lua, refletido no vidro. Devia ter feito perguntas a Louis sobre os terroristas. Para saber se o haviam torturado. Ou teria sido uma bomba? Ele teve sorte de não perder mais coisas. Alguns rapazes voltam sem pernas ou até sem rosto. Talvez ele tivesse sabido me dizer se eu devia odiá-las ou não, as pessoas que vinham fazendo isso conosco. Nós é que estamos fazendo isso a nós mesmos, diria Helene. Mas, às vezes, é muito mais fácil acreditar que existe um inimigo, e não apenas uma guerra estúpida dentro da gente.

*Vocês todos vão morrer.* Pergunto-me o que Louis pensaria disso.

Em nenhum momento eu lhe fizera cerca de um milhão de perguntas. Em nenhum momento lhe perguntara pelos poemas. Os da Helene, que ele tinha mencionado nos e-mails. Eu deveria ter perguntado, pois o que é que eu realmente sabia sobre minha irmã? Provavelmente, aquilo era apenas a ponta do iceberg. Quando uma pessoa é bonita, a gente nunca acha que ela está mesmo sofrendo, ainda que esteja. Os doentes deviam ter cara de doentes, como nos contos de fada ou na televisão. Não deviam usar vestidos sensuais nem raspar as pernas. Como é que eu havia de saber que ela estava prestes a sumir? Às vezes me pergunto, em segredo, se sou idiota. Pior do que Lucy Moon. Quero dizer, o que são as pessoas? O que elas são? Mamãe, papai, Louis, Anna, Kevin. Minha irmã apaixonada por um soldado de um braço só. O que significa isso? A maioria das pessoas vive muito distante. Pior do que nas estrelas. Pensando bem, o espaço sideral fica bem aqui. O espaço sideral é a nossa sala de estar. A gente praticamente tem que ser astronauta para viver numa casa na Terra.

A ideia de um amor traz grandes esperanças para mim. Porque essa pessoa é alguém que nunca nos fará sofrer. Mesmo que ela seja uma cama de pregos, ainda poderemos dormir nela sem sentir coisa alguma. Porém não sou romântica nem nada. Sei que talvez a gente nunca encontre essa pessoa e, mesmo encontrando, pode acabar por detestá-la.

Eu realmente não sei coisa alguma. Sou muito burra. Sou mesmo.

Você já pensou na eternidade sem os seres humanos? Como seria? Ainda seria o futuro? O infinito sem ninguém para medi-lo. Nem chega a soar muito mal.

Deito a cabeça no assento vazio a meu lado e apenas deixo o trem seguir para onde quer que estivesse indo. Para casa, se eu tivesse sorte. É meu desejo secreto. Chego até a desejar que a idiota da minha mãe estivesse no trem comigo. Eu nem me incomodaria se ela carregasse uma garrafa enfiada no bolso, feito um bebum.

Apenas me deito ali, afagando meu cabelo, e quase tenho a sensação da mão de outra pessoa. Porque ela me toca de um jeito suave e sereno. E não puxa um único fio.

Eu não sabia para onde ir. Era a mesma cidade que eu deixara poucas horas antes, mas parecia um país estrangeiro. Os postes de luz da avenida Liberty, com seu brilho alaranjado, e os velhos edifícios de pedra dormindo a sono solto. Quase desejei ter uma máquina fotográfica. *Onde você nasceu?* Certamente vão me perguntar isso algum dia, e seria muito mais fácil se eu pudesse apenas mostrar uma foto. Porque o provável é que a gente esqueça muita coisa. O provável é esquecermos quase tudo.

Quando passei pela lanchonete do Mool, vi-o lá dentro, esfregando um pano no chão. A loja estava fechada, mas grudei o rosto no vidro. Mool veio até a porta e apontou para o cartaz. DESCULPE, ESTAMOS FECHADOS. Mas acabou me dando uma Coca para viagem, grátis, porque eu disse que estava com sede. Mool me perguntou onde estava a minha amiguinha loura e eu respondi que não sabia; dormindo, eu imaginava. Ele disse que eu devia fazer o mesmo. Chamou-me de mocinha. O bom e velho Mool. Direto para casa, disse ele, e retruquei que era exatamente para onde eu estava indo.

Mas não pude propriamente ir para lá. Desci a alameda Ehler e vi a Sra. Bender limpando a janela da sala de estar. As luzes estavam acesas do lado de dentro e ela era perfeitamente visível por entre as cortinas. Borrifava uma coisa na janela e depois a enxugava em grandes círculos borrados. Sua mão espalmava-se no vidro e ela parecia estar dando adeus a alguém, mas de um jeito exagerado, como quem falasse com um surdo. E aí pensei, não, ela está dando adeus do convés de um navio. E minha última ideia foi um musical da Broadway. Adeus, meus velhos camaradas!

O grande final, antes de descer a cortina. Por pouco não toquei a campainha dela para lhe dar o prêmio de melhor atriz num musical para surdos.

A casa da Anna estava totalmente adormecida por dentro, mas as pequenas lâmpadas do jardim continuavam acesas. Se a gente espremer os olhos, elas parecem estrelas. Sentei na grama fria entre duas delas e levantei os olhos para o céu. Dizem que as estrelas se afastam constantemente de nós, embora, daqui de baixo, nunca imaginemos isso. A gente pensa que está tudo fixado no lugar, mas isso é praticamente o oposto de como as coisas realmente são. Minha única esperança era que, de algum modo, Anna estivesse sonhando comigo, com meus grampos em forma de borboleta e meu cabelo antigo. Nós duas nas cadeiras amarelas do jardim, esperando uma coisa estupenda acontecer. Fico pensando em como seria quando eu a encontrasse na escola. A imagem que eu tenho na cabeça é a de nós duas cruzando uma com a outra no corredor, sem dizer uma única palavra. Parece inacreditável, mas o que haveríamos de dizer? Ficaríamos envergonhadas demais para falar alguma coisa. Apenas torci para ela saber que, durante algum tempo, tinha sido o grande amor da minha vida. Tivera um grande efeito em mim. Mesmo. Quando se está loucamente apaixonado por alguém, isso é um verdadeiro analgésico. A gente chega quase a se perguntar por que os médicos não recomendam com mais frequência que a gente se apaixone.

Quando estou a meio quarteirão de casa, uma luz na janela da cozinha. Era estranho pensar na vida continuando a correr lá dentro. De certo modo, era como se tudo que já havia acontecido naquela casa ainda estivesse acontecendo. Cada cômodo tinha cem, mil filmes diferentes. Como eu na banheira, com a cabeça inclinada para trás, enxaguando o cabelo. Fechei os olhos e deixei a água fazer cócegas nas minhas orelhas. Quando ergui o corpo, Helene estava lá, parada junto à porta. Entrou direto e se sentou no cesto de roupa suja. Não se incomodou por eu estar nua, mas eu, sim, por isso me cobri.

— Qual lado do meu rosto é o melhor? — ela perguntou. Mostrou-me o esquerdo, depois o direito. Não vi diferença nenhuma, e foi isso o que



lhe disse.

— Olhe de novo. Um deles é pior — insistiu ela. Ajoelhou-se ao lado da banheira e tornou a me mostrar os dois. Não era brincadeira. Ela estava mesmo angustiada e percebi que eu teria de escolher. Ela não me deixaria em paz enquanto eu não escolhesse.

— O esquerdo — eu disse. — Seu lado esquerdo é melhor.

Ela se levantou e foi até o espelho.

— É o que eu também acho — disse.

Continuou fitando o espelho, como se houvesse perdido alguma coisa lá dentro. Não entendi qual era a grande questão. Olhando para ela da banheira, achei que era apenas vaidosa. Mas agora percebo que havia mais que isso. Vejo que ela estava assustada. Helene ficava meio doida nas noites em que não saía para se encontrar com ninguém. Mas aquilo tinha que ter a ver com algo mais do que os garotos, pensei. Minha irmã tinha um lugar para onde ia de vez em quando, dentro dela mesma, e que não era todo de janelas, como a sua casa dos sonhos. Era todo de espelhos. Quando uma garota começa a pensar demais nos lados do rosto, a gente sabe que ela está encrencada. Eu queria poder voltar e lhe dizer que ela era perfeita. E o que me dá mais raiva ainda é que, durante todo o tempo em que ela permaneceu no banheiro, eu fiquei me cobrindo. O que estava tentando esconder? Por que não deixei minhas mãos flutuarem para longe na água e permiti que a minha irmã me visse?

Desloco-me em direção à casa, mas mudo de ideia. Faço um desvio pelo grande carvalho e entro no quintal de Kevin. Eu me esgueiro até os fundos. A lua sobre o gazebo branco é outro instantâneo perfeito. Por algum motivo, as coisas ficam mais importantes no escuro. Além disso, a lua é um grande lustrador, você já reparou? A nova piscina dos Ryder também está um bocado teatral. Ela tem forma de ampulheta, e há uma luz fraquinha embaixo d'água, que confere a tudo um belo efeito enluarado. A água é da cor dos olhos de Anna. Mergulho minha mão e vejo que estava quente. O pai de Kevin gosta de nadar até no inverno. É médico, e por isso pode bancar o aquecimento. Deve custar um braço e uma perna, era esse o famoso comentário de papai.

Na hora que eu atravesso o jardim, a lua escorrega para trás de uma nuvem e fico imóvel. Quando ela torna a sair, recomeço a andar. O que sou eu?, penso. Uma espécie de robô lunar, controlado pela lua? Rio um pouquinho comigo mesma. Aposto que eu daria uma tia genial. Ensinaria minha sobrinha a brincar de robô lunar no jardim, depois que todos os chatos tivessem ido dormir. Que nome Helene lhe daria? "O que você acha?", perguntaria minha irmã, e eu responderia sem hesitar: "Perizad." *Nascida das fadas.*

A janela de Kevin está apagada. A casa toda está às escuras. Pergunto-me se ele estaria na cama, pensando em você-sabe-quem. Quase bato na porta dos fundos, mas não quero ter que lidar com os pais dele. Por que não fazer como fazem nos filmes?, penso. Assim, acho uma pedrinha pequena o bastante para ser segura, mas grande o bastante para dar conta do recado. O primeiro lançamento não chega nem perto da janela e o segundo é um desastre completo. Quebro o vidro, na verdade. O robô lunar fica imóvel e uma luz se acende no quarto de Kevin. De repente, lá está ele na janela, de camisa branca.

— Mathilda? — sussurra baixinho, lá do alto. — Que diabo você está fazendo?

— Não tive a intenção de quebrá-la — respondo.

— Psssiu! — faz ele.

— Você estava dormindo?

— Fique quieta — diz ele, parecendo confuso e cego. Lanço-lhe o meu melhor sorriso de Romeu, mas não me estendo sobre o assunto, embora pudesse fazê-lo. *Desponta, belo sol, e mata a invejosa lua, que já adocece, pálida de tristeza, por ter visto que tu, sua serva, és mais formosa que ela. Essa é a minha dama. Oh, sim! Esse é o meu amor!*

— O que foi? — pergunta Kevin.

— Nada. Meu pai vai pagar a janela.

Ele leva o dedo à boca, como um bibliotecário danado da vida. Psssssiu! E então aponta para si mesmo e para mim. O que quer dizer que ele vai descer.

A luz de seu quarto apaga-se e ele leva uma eternidade para chegar à porta dos fundos. Quando sai, está usando chinelos e uma parca azul.

— Você estava dormindo? — pergunto. — É cedo.

— Não, não é. Estamos no meio da noite.

É uma coisa engraçada para se dizer vestido de parca azul, e começo a rir um pouco. Apenas me sinto feliz por ter chegado em casa.

— Você está legal? — cochicha Kevin. — O que andou acontecendo na sua casa?

Pergunto-lhe o que quer dizer e ele se refere à polícia. Viu a polícia na minha casa, mais cedo. Meu coração dá uma cambalhota, como um peixe fora d'água. Sinto medo de que tenha acontecido alguma coisa com mamãe. Ao adormecer no trem, eu tinha sonhado que ela era picada por uma cobra. E depois, começara a me preocupar com o e-mail que eu lhe mandara em nome de Helene. E se mamãe acreditasse? Tentaria seguir minha irmã, mesmo que isso significasse fazer alguma coisa terrível?

— E então, o que aconteceu? — repete Kevin.

— Ah, não foi nada. Alarme falso — respondo. — Foi o cachorro. Pensamos que alguém o tivesse envenenado, mas ele está bem. Só comeu um pedaço de chocolate.

Kevin balança a cabeça e fecha o zíper da parca até o pescoço. Eu não sei direito se acredita em mim.

— Podemos ir ao gazebo? — pergunto. — Eu só... eu gostaria muito de ir lá em cima.

Ao luar, o gazebo parece um bolo de noiva. E o seu jeito de flutuar no alto do morro, acredite, é tão lindo que deixa a gente doida.

— Vamos — insisto.

— Está muito frio — ele diz.

— Pegue as minhas mãos — peço. Tiro as luvas e ele tocou em meus dedos. — Estão dormentes — informo.

— O que você veio fazer aqui? — pergunta Kevin.

Não tenho uma boa resposta.

— Ah, eu trouxe um presente para você — respondo. Ajoelho-me no gramado e começo a vasculhar a mochila. Tiro o saquinho de papel. —

Não é nada especial, é só, sei lá, isso me fez pensar em... — por algum motivo, não consigo me fazer dizer "você".

— O que é? — indaga ele.

— São de comer. Você pode comê-los.

No trem para casa, eu me dera conta de que os peixinhos pretos seriam um presente perfeito para Kevin.

— Onde você os arranjou?

— Numa espécie de museu das guloseimas — respondo, e acrescento que é uma longa história.

Ele torna a balançar a cabeça. Não agradece.

— Você não é obrigado a comê-los. Se não quiser. Não estou tentando envenená-lo.

Depois, ri:

— Ai, meu deus, estou congelando.

Kevin vira-se e olha para sua casa. A lua faz uma espécie de barulho. Ruge. Ou talvez seja um avião, ou um helicóptero da polícia. Não me dou o trabalho de olhar para cima.

— Posso subir? — indago.

Nenhum de nós diz nada depois disso.

— Só para me aquecer — completo.

De repente, Kevin fica muito interessado no saquinho de peixes. Pega um deles e o põe na boca.

— Que nojo! — comenta, e o cospe fora.

— Eu posso ficar quieta — insisto —, se é com isso que você está preocupado.

Kevin cospe um pouco mais do peixe que ficara na boca. Limpa o rosto. Vejo sua mente fazer os cálculos sobre me deixar entrar.

— Você não pode fazer barulho — ele me diz. — Não pode nem respirar.

— Não respiro.

Fazemos o pacto visual de uma equipe da S.W.A.T. e deslizamos para dentro. Na subida, só carpetes felpudos e nenhum degrau rangendo. No corredor, passamos pelo quarto dos pais dele. A porta não está toda fechada

e o casal parece dois náufragos na cama imensa. A Sra. Ryder tem o braço jogado sobre o peito cabeludo do Sr. Ryder. Kevin me cutuca e continuo a andar. Quando entramos em seu quarto, a luz do aquário está acesa, exatamente como eu sempre havia imaginado.

— Tranque a porta — digo eu, e ele o faz.

Kevin faz menção de um abajur, mas eu lhe digo que não. Digo que a luz dos peixes é suficiente. Depois de algum tempo, os olhos começam a se adaptar, e é um bom exercício, de qualquer jeito. Para os dias negros de poeira e fumaça, os quais eu ouvira dizer que estavam chegando. A Escuridão Perpétua, é assim que a chamam. Percebo o pôster do ASTO na parede.

— *Arnold Schwarzenegger é Tecnicamente Obeso* — observo, e Kevin ri. Isso desfaz a tensão. Temos um miniacesso de riso. Quando se diz uma coisa como *Arnold Schwarzenegger é tecnicamente obeso* depois de falar de luzes de aquário, isso é o que chamam de observação desconexa, e é comum as pessoas acharem-na engraçada, mesmo que você não tenha tido a intenção de que fosse.

Digo a Kevin que gostaria de ouvir uma música do ASTO.

— Agora não. Depois eu faço um CD para você, se quiser.

— Seria ótimo — digo. Tiro o chapéu e meu cabelo fica todo arrepiado. Finjo que alguém acabou de ligar a cadeira elétrica, mas Kevin não entende a piada. Ele volta a bancar o bibliotecário malvado. Depois de me recompor, começo a relaxar um pouco. Às vezes, simplesmente conversar baixinho com alguém da nossa idade de fato nos acalma.

— O que os seus pais acharam do seu cabelo? — Kevin pergunta.

— Eles gostam. Adoram.

— Aposto que sim! — diz ele, com um sorrisinho.

— Eu achava que se podia matar gente usando o cabelo — comento.

— Vodou — diz Kevin.

— Exato — respondo.

— É verdade — confirma ele, e me fala de um programa que vira na série "Mistérios e segredos" sobre pessoas que matavam bodes. Elas não

eram piradas. Aparentemente, precisavam do sangue para desfazer um feitiço.

— Você sabia que o irmão da Anna está voltando para casa? — pergunto.

— Isso é bom — diz Kevin.

Espero que ele faça mais perguntas sobre a Anna, mas ele não faz.

— Você gostaria mesmo de entrar no Exército? — pergunto.

— Sim. Mas eles nunca me deixariam.

Pergunto-lhe se seus pais são pacifistas.

— Não. Mas eles dizem que há outras pessoas para fazer esse serviço.

Fico me perguntando se ele se refere aos pobres.

Passa outro avião. Mais perto, dessa vez. Pergunto a Kevin se ele se lembra das torres, de quando éramos pequenos.

— Não muito bem. Mas eu vi o filme.

Pergunto-lhe se acha que fariam um filme sobre a última bomba, a de uns meses atrás.

— Com certeza — diz ele. — Foi muita gente.

— Quem seria o astro? — pergunto. Mas não conseguimos nos decidir por ninguém. O terrorista de olhos azuis era parecido demais com ele mesmo para ser interpretado por outra pessoa. Era o que chamam de inimitável. Fico com vontade de saber se Kevin também tem pesadelos com ele.

— Você viu algum outro filme bom ultimamente? — indago, e ele diz ter gostado do filme da cidade que é dominada por anjos, só que depois se descobre que, na verdade, eles eram vírus de computador que provocavam delírios em todo mundo. Perguntei-lhe como eram os anjos e ele disse que, no começo, tinham lindas plumas brancas, mas depois, mais tarde, ficavam pretos e verdes, e mais parecidos com metal.

— Deu medo?

— Mais ou menos. Algumas partes — responde Kevin.

— Estou com medo de ir para casa — digo. Finjo que são os anjos que estão me inquietando.

— No fim eles são destruídos e todo mundo acorda — conta Kevin.

— Você se incomoda se eu deitar embaixo das cobertas? Ainda estou com frio.

Kevin não diz sim nem não. Vira-se para o outro lado, para alimentar os peixes. Enquanto está de costas para mim, tiro o casaco e puxo a colcha. Os lençóis são lisos. Azul-bebê.

Kevin larga a ração dos peixes:

— Eu devia... devia trancar a porta.

— Você já a trancou — lembro.

Aos poucos, ele chega mais perto da cama, não pode evitar. Toca em minha mão:

— Puxa, você está mesmo gelada.

— Será que estou com febre? — pergunto, e ele põe a outra mão na minha testa. Passamos um bocado de tempo nessa posição.

— Acho que não — ele acaba dizendo.

Quando se deita, chego um pouco para o lado. No começo, só ficamos deitados de barriga para cima, lado a lado. Depois, rolo em direção a ele e encosto o rosto em seu pescoço. Ele cheira a lápis de cor. Sua mão acaba achando o caminho do meu peito, mas só por fora do vestido da Helene. Kevin não aperta, apenas mantém a palma da mão ali e faz um pouco de pressão. Como se tentasse impedir meu coração de saltar para fora. Ou daquele jeito que os médicos de "Campo de fogo" às vezes têm que ficar com a mão sobre um ferimento a bala.

Quando encosto na barriga de Kevin, ele faz um barulhinho, feito uma menina. Depois, há muita atrapalhão e movimentação e, quando ele enfim põe a pontinha dentro de mim, sinto sua pulsação entre minhas pernas. É como se ele tivesse posto o coração dentro de mim, e não o pênis. Começo a chorar.

— Está doendo? — ele pergunta, e recua prontamente.

— Não — respondo.

— Preciso tirar este vestido — acrescento. Está todo engorovinhado e meio que me estrangulando. Desgrudo-me da cama. Levanto e tiro a roupa toda.

— Não quero fazer um filho — eu digo.

— Não temos que fazer nada — retruca Kevin. Parece aliviado. — Não quero machucar você — acrescenta. — A gente pode simplesmente dormir.

— Eles não vão entrar? — pergunto. — De manhã?

— Não. Eles nunca entram.

Kevin levanta-se e também tira a roupa. É engraçado. No escuro, seu corpo todo parece azul, não apenas o cabelo. Torno a pensar em Krishna e em sua compaixão esmagadora por todos os seres vivos. Quando voltamos para baixo das cobertas, volto a aninhar o rosto no pescoço de Kevin. Beijo-lhe o pescoço e ele faz novamente aquele som de garotinha. Encosta-se mais em mim. Seu corpo está tão quente que nem dá para acreditar. Sinto seu pênis ereto pressionando minha perna, mas ele só fica descansando ali, Kevin não o enfia. Pergunto-me se os peixes estariam dormindo em sua caverna. Os peixes têm hábitos engraçados. Eu gostaria de saber se eles se apaixonam. Provavelmente, não. Provavelmente, com eles só há desejos biológicos. Mas, quem sabe? Como não somos peixes, jamais saberemos o que os faz felizes, o que os deixa tristes. Jamais conheceremos uma história saída da mente de um peixe. Nem daqui a um milhão de anos.



Quando acordei, havia alguma coisa errada com a luz. Estava estranhamente branca. E o modo como entrava pela janela quebrada me deu calafrios. Kevin ainda dormia e saí da cama de mansinho. Tive certeza de que havia acontecido algo terrível. Fazia um silêncio insano. Minha primeira ideia foi o terrorismo, aquela luminosidade branca depois de uma bomba nuclear, ou ruas cheias de gás ou de fumaça. Mas, quando cheguei à janela, vi que era neve. *Neve*. Não pude tirar os olhos dela. Seu jeito de cair, ah, meu deus. Caía como se estivesse dormindo.

Eu ainda estava nua e, quando me vesti, pus a roupa de Kevin, em vez da minha. Não consegui tornar a pôr o vestido amarelo. Mas levei-o comigo, e saí de fininho do quarto para o corredor, descí a escada de carpete felpudo, entrei direto na cozinha e saí pela porta dos fundos, delicada como uma corça. Sou mesmo muito graciosa, quando quero ser.

Do lado de fora estava tudo branco. Já devia fazer algumas horas que nevava. O sol não saía por completo, mas era possível senti-lo escondido logo atrás das montanhas. Os flocos de neve derretiam-se na piscina. Olhei para minha casa e rezei para deus.

E então corri para o bosque. Procurei o antigo forte, mas não consegui encontrar o menor vestígio dele. Sabia muito bem onde ele devia ficar e me ajoelhei no chão, começando a cavar, primeiro com as mãos, depois com um graveto. A terra estava mais quente por baixo. Continuei cavando, sem nem saber o que fazia, até que parei e vi o que tinha feito. Cavara uma sepultura. Não muito grande, mas capaz de acomodar um cachorro pequeno ou um bebê. Ou um vestido amarelo. Dobrei-o bem dobradinho

e o depusitei no fundo da cova. *Enterre-o*, disse uma voz, só que não a minha. Eram os vigias, em quem eu sabia que podia confiar por completo. Cobri o vestido com neve, terra e folhas, depois finquei no chão o graveto que usei para cavar, de modo a marcar o lugar. Um pássaro negro passou voando, mas não lançou nenhuma sombra. Ele *era* uma sombra.

E nesse momento eu soube que minha mãe tinha morrido. Levantei-me e sacudi a poeira e a neve. As pegadas que eu deixara no caminho já haviam sumido. A neve as preencherá como se eu nunca houvesse estado ali. Como se eu nunca tivesse nascido. Nessa época do ano, quando as folhas se vão, é possível ver as casas diretamente por entre as árvores. Voltei para minha casa sem pressa. A luz da cozinha ainda estava acesa e eu me perguntei o que diria a meu pai. Como faria para ajudá-lo? Pobre papai. Eu sabia que ele acabaria me fazendo um sanduíche. Era o seu jeito de ser. Mas, quando olhei pela janela, papai não estava lá. Ela estava. Sentada à mesa, no velho lugar de sempre. Fumando os cigarros de sempre. Inclusive com as pontes e os dragões enrolados nela. No começo, não acreditei que fosse mesmo seu corpo que estivesse na cozinha, e sim outra coisa. Era mais como se fosse a ideia dela. Seu rosto estava branco. Devia ter caído neve em cima dele.

O cabelo fora puxado para trás num rabo de cavalo. Ela parecia quase uma garota. *Quando Helene tiver vinte e seis anos, terei quarenta e seis.* Quantos anos isso lhe daria agora? Meu cérebro era um zunido só e não consegui fazer as contas. Ela continuou a fumar e eu me perguntei por que não me via. Estaria esperando que eu lhe oferecesse uma maçã? Se ela não olhasse logo, eu ia virar um boneco de neve. Iria embora. Porque, afinal, por mais quanto tempo eu moraria nessa casa? Cinco anos, talvez. Cinco anos, no máximo. Não era realmente muito tempo. *Mãe.*

Mal cheguei a pronunciar a palavra, mas ela fez sair fumaça da minha boca por causa do frio. Mamãe levantou os olhos e de sua boca também saiu fumaça. Com o vidro entre nós, foi como olhar num espelho. Olhar para o que a gente será, para o que já foi. Mamãe viu uma coisa e eu vi outra. A fumaça branca pairou diante de nossos rostos, depois se dissolveu.

A mão de mamãe se ergueu lentamente. Foi a única parte dela que se mexeu. Quando entrei, mantive a distância, a princípio. Não perguntei onde ela fora e ela também não me perguntou. Eu não disse nada, porque não queria dizer as coisas erradas e fazer tudo recomeçar mais uma vez. Será que ela havia passado a noite inteira esperando por mim? Desde o momento em que ouvira o trem pelo telefone? Teria sido isso que a fizera voltar para casa?

Não pedi desculpas. Ajoelhei-me diante dela e pus a cabeça entre suas pernas, bem perto da sua genitália. Era uma coisa terrível para se fazer, mas não pude evitar. Mamãe não tocou em mim nem me empurrou para longe. Quando olhei para cima, estava chorando. Não eram nem de longe os uivos de dor. Mas, pensando bem, os uivos de dor não faziam mesmo o estilo dela. Em vez disso, havia apenas umas gotas, alguns diamantes rolando por seu rosto. Alguém devia embrulhá-los, pensei. Colocá-los numa caixinha azul, como aquela em que viera o anel de noivado dela.

Tornei a me sentir como a ajudante do Houdini. Talvez ela fosse a pessoa que eu viera salvar. Talvez fosse por isso que me mandaram para esse lugar. E pouco me importava se algum dia ela me contaria seus segredos. Eu, com certeza, não planejava contar-lhe os meus. Sobre H e Louis e o bebê. Eu mesma guardaria o bebê. *Para mim.*

Todo mundo tem duas vidas. A vida em meio às outras pessoas e a vida secreta. A vida de peixe. Perguntei-me se papai estaria lá em cima, dormindo, sonhando com os mortos.

Pressionei minha cabeça contra a barriga da mamãe. E aí, finalmente, ela tocou meu cabelo. Quando ela morrer, estarei presente. Já tenho tudo planejado. Estarei bem junto a sua cama. Onde está o seu pai?, ela perguntará, mas papai já terá partido, seremos apenas nós duas. Acariciarei seu braço e levarei um copo de água a seus lábios, mas ela não conseguirá beber. Olhará para o meu rosto.

Quem é você?, será sua grande pergunta.

Sou eu, mamãe, direi. Sua filha. Não darei nome a essa filha. Assim, ela poderá escolher. Ou ficar com nós duas no final, se quiser.

Levantei-me e mamãe me olhou e fez que sim com a cabeça. Retribuí o gesto. Concordamos a respeito de alguma coisa. Eu só não soube o quê.

Queira você o que quiser, mamãe, a resposta é sim. Sim, mamãe, até o último instante.

O Árvore me disse que eu não devia pensar nesse tipo de coisa. Não devia pensar no fim nem na morte da minha mãe e do meu pai, nem em não ter ar suficiente para respirar. Pensamentos sombrios, foi assim que os chamou. Mas ele não seria capaz de reconhecer um pensamento sombrio mesmo se ele lhe mordesse o traseiro. É velho, cresceu quando o mundo era todo feito de jantares de Ação de Graças e longas caminhadas ao luar. Agora é uma época diferente. Ele não pode comparar sua infância com a minha. Já vi muitas coisas. Todos vimos. Kevin, Anna e eu, e todo o resto de nós que está preso no futuro. Nós somos diferentes. Não somos você.

Mas cuide de mim, está bem? É só o que eu peço. Por favor, cuide de mim.

Porque ninguém sabe o que vem por aí. Nem mesmo mamãe. O futuro é o maior segredo de todos e, falando sério, qual é a pressa? Talvez não seja tão ruim alguém pôr a mão no braço da gente e dizer *pare, quer parar, por favor?*

## Agradecimentos

Quero agradecer às seguintes pessoas por seu auxílio e generosidade inestimáveis: Courtney Hodell, David McCormick, P. J. Mark, Honor Molloy, Lynn Freed, Alden Borders, Sandra Lackenbauer, Michele Conway, Karson Liegh e Chris Rush.

Pela dádiva do tempo e por um belo lugar em que escrever, sou grato a The Bogliasco Foundation e a The Camargo Foundation.

V. L.

# Sobre o autor

© Michael Crouser



VICTOR LODATO é dramaturgo e poeta. Recebeu o Guggenheim Fellowship e o National Endowment for the Arts Fellowship. Suas peças ganharam diversos prêmios, entre eles o Kennedy Center Fund for New America Plays. *Mathilda Savitch*, seu primeiro romance, foi publicado em onze países. Lodato divide seu tempo entre Tucson, no Arizona, e Nova York.